



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ROCHELLY RODRIGUES HOLANDA**

**AUTORITARISMO CALCULADO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE PÁGINAS  
BRASILEIRAS DE DIREITA E DE ESQUERDA NO *FACEBOOK***

**FORTALEZA**

**2020**

ROCHELLE RODRIGUES HOLANDA

**AUTORITARISMO CALCULADO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE PÁGINAS  
BRASILEIRAS DE DIREITA E DE ESQUERDA NO *FACEBOOK***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Sujeito e cultura na sociedade contemporânea.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deborah Christina Antunes.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- H669a Holanda, Rochelly Rodrigues.  
Autoritarismo calculado : uma análise crítica de páginas de Direita e de Esquerda no Facebook /  
Rochelly Rodrigues Holanda. – 2020.  
174 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020.  
Orientação: Profa. Dra. Deborah Christina Antunes.
1. Autoritarismo. 2. Facebook. 3. Fascismo. 4. Personalidade autoritária no Brasil. I. Título.
- CDD 150
-

ROCHELLE RODRIGUES HOLANDA

**AUTORITARISMO CALCULADO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE PÁGINAS  
BRASILEIRAS DE DIREITA E DE ESQUERDA NO *FACEBOOK***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Sujeito e cultura na sociedade contemporânea.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deborah Christina Antunes.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deborah Christina Antunes (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Aluísio Ferreira Lima  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Helena Sousa Ferreira Gomes  
Universidade Federal do Ceará (UFC) – Campus Sobral

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roselaine Ripa  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Aos meus pais, que na infinitude do seu amor me ensinam que ainda é possível olhar o mundo com delicadeza.

## AGRADECIMENTOS

Penso que iniciar meus agradecimentos seria algo vago sem reconhecer que existe divindade na materialidade dos afetos, a qual em seus muitos nomes tem se mostrado de forma generosa no percurso que trilho diante de tudo aquilo que posso e não posso compreender. Nos dois anos de dedicação a este trabalho, muitos foram os que colaboraram com sua realização e tão importante quanto o final desse caminho é relembrar aqueles que contribuíram para que este fosse possível. São muitos a quem agradecer.

Em primeiro lugar, à minha família, pela inestimável compreensão, suporte e cuidado. Pelos laços de amor mais bonitos que se construíram a minha volta. À Luzimar, minha mãe, inteiramente responsável pelo *aponte* que me norteia a vida. Por não desacreditar em mim e me dar asas para conquistar tudo aquilo que desejo. Pela infinitude de um amor maior do que acredito que mereço. Pela força que só reconheci no seu olhar. Ao meu pai, Juarez, por confiar que minha maturidade seria suficiente para sustentar meus anseios. Ao senhor devo boa parte do que sou e daquilo que almejo ser. Pela hombridade incomparável e pelo ensino constante dos valores que formam a pessoa que intento ser. À minha irmã, Richelly, que, em sua doçura e companheirismo, compreendeu que a distância não se tornou empecilho pra construção dos nossos afetos.

Aos meus avós, pela tentativa constante de se fazerem presentes. A Jaqueline e Nivaldo, meus tios, e Juliana e Samuel, meus primos. Por serem família no acolhimento e cuidado para os dias bons e ruins longe de casa. Seria infinitamente mais difícil sem vocês.

À Marcela, com quem tenho aprendido o *continuum* do amor como verbo, construído ao sabor do cotidiano. Por nos últimos anos ter me ensinado a paciência, o carinho e a beleza que se pode encontrar quando se encara a vida com afeto. Agradeço pela leitura atenta e cuidadosa do que sou e do que escrevo, caminhar de mãos dadas com você é privilégio.

À Hariadna, com quem há tantos anos tenho aprendido que viver é mais importante que sobreviver. Por construir comigo a amizade que é porto seguro às intempéries da vida, que por vezes não é justa, mas é possível. Sigamos juntas.

À Deborah, pela amizade construída com a benção do tempo e o cuidado mútuo nos anos compartilhados. Por me ouvir e enxergar em mim potência de crescimento. Por não desistir mesmo quando eu acreditei que deveria. Pela figura indispensável que se tornou em minha vida. Agradeço pela orientação cuidadosa, que sempre me incentivou e moveu a busca por novos caminhos.

À Vilkiãne, por me ensinar que (re)existência se faz necessária com força, resiliência, mas também com tranquilidade. Tua chegada em minha vida é atravessamento de sensatez e integridade. À Tadeu, que me acolheu em sua amizade e tem profunda responsabilidade sobre a leveza possível no dia-a-dia. Seu carinho e parceria são fundamentais para o caminho que finda e começa a partir daqui. À Roger, por me mostrar que o mundo não precisa pesar em minhas costas e que não ando só. Por toda a paciência, cuidado e ensinamento. Pelos abraços que acolhem o cansaço da alma. Por todos os momentos de crescimento e angústia compartilhados, sem vocês eu não teria conseguido.

Aos amigos que se fazem presente mesmo na distância, em especial: Shamara, Souza, Ulyane e Brenda, pelo companheirismo e parceria de longa data. Pelo carinho e por acreditarem em mim mesmo quando esqueci que isso fosse necessário.

Aos alunos e professores que integram o LAPSUS, em especial na figura das amigas Lara e Mayara por todo carinho.

Às colegas Natacha, Stephanie e Aline, pelas discussões e parceria, essenciais para os momentos finais da escrita.

Aos colegas de turma de Mestrado, que travaram as próprias batalhas para escrever sua história, em especial os nomes de Meury Gardênia, Ingrid Sampaio, Larissa Ferreira, Tatiana Lourenço, Evelyn Cristina e Quésia Cataldo.

Aos professores que compõem esta banca, que aceitaram prontamente contribuir com este trabalho. Ao Prof. Aluísio Ferreira Lima, com quem tenho começado a entender as diferentes metamorfoses sofridas para trilhar o caminho. À Profa. Rita Helena Ferreira Gomes, profundamente responsável pela minha insistência em questionar o mundo. À Profa. Roselaine Ripa, que me inspira em sua delicadeza e olhar atento, por acreditar na maturidade do meu trabalho.

Ao grupo de Pesquisa Nexos – Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar, em especial na figura de minha orientadora Profa. Deborah Antunes e das queridas Profa. Roselaine Ripa, Profa. Marília Pisani e Profa. Isabella Fernandes, que há muito tornaram-se referência para meu crescimento. Aqui incluo o Prof. Silvio Carneiro, responsável por novas e importantes perspectivas para o continuum deste trabalho.

Aos queridos Eveline Assunção e René Feitosa, que, em contínua colaboração, cuidado e competência, tornam possível o crescimento e o desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Obrigada pelo auxílio mesmo nos momentos mais difíceis.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(FUNCAP), pela concessão de bolsa de estudos que me permitiu com dedicação exclusiva a pesquisa e escrita desta dissertação.

De modo carinhoso me foram apresentadas as palavras de Calvino e as reituro nesse momento: “o inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”.

Para que eu lembre que trilho o caminho com meus próprios pés, mas jamais solitária. A todos, meu mais sincero agradecimento.



Não há nenhuma vida correta na falsa. (Theodor W. Adorno – Minima Moralia)

Desculpai-me, mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?

(Clarice Lispector – A hora da estrela)

## RESUMO

Este trabalho objetivou analisar traços de uma mentalidade potencialmente autoritária a partir do discurso de usuários do *Facebook* vinculados a páginas de cunho político autodeclarado de direita e de esquerda no Brasil. Metodologicamente, a Netnografia oferece aporte para inserção e observação participante no meio online. Para tanto, foram selecionadas as páginas “Eu era Direita e não sabia” e “Jovens de Esquerda” por meio da *Facebook Audience Insights* (FAI), ferramenta usada por empreendedores que se valem de dados sociodemográficos disponíveis para melhorar o alcance dos seus produtos na referida rede social. Utilizamos ainda a *Netvizz*, aplicativo que utiliza a interface de programação do *Facebook* para mostrar dados de páginas, grupos e eventos. Através dela foram coletadas oito postagens – quatro em cada uma das páginas estudadas aqui – com maior engajamento de comentários. Por fim, foram coletados 3489 comentários dessas oito publicações entre agosto e novembro de 2018, período correspondente ao início da propaganda eleitoral presidencial até o mês posterior ao resultado do segundo turno. Esses comentários foram organizados em um *corpus* textual submetido ao programa *Iramuteq*, um *software* livre que permite realizar análises de dados textuais por meio de lexicografia. Comentários carregados de preconceito e intolerância protagonizaram os discursos analisados neste trabalho. Sob o viés da Teoria Crítica, com base na análise crítica imanente deste objeto, evidenciam-se aqui aspectos que concernem a forma do pensamento autoritário nas práticas discursivas em redes sociais online e enraizado no âmbito sociopolítico brasileiro. Como resultado deste trabalho é apresentado como a discussão do pensamento autoritário se manifesta na racionalização da sociedade contemporânea, ameaçando o processo democrático e a construção de uma sociedade plural e liberta.

**Palavras-chave:** Autoritarismo; Facebook; Fascismo; Personalidade autoritária no Brasil.

## ABSTRACT

This study aimed to analyze traces of a potentially authoritarian mentality from Facebook users speech linked to self-declared right and left political pages in Brazil. Methodologically, Netnografia offered input for inset and participant observation in the online environment. To this purpose, the pages “Eu era Direita e não sabia” and “Jovens de Esquerda” were selected through Facebook Audience Insights (FAI), a tool used by entrepreneurs who use available sociodemographic data to improve the reach of their products on said social network. We also use Netvizz, an application that uses the Facebook programming interface to show data from pages, groups and events. Through it, eight posts were collected - four on each of the pages studied here - with greater comments engagement. Finally, 3489 comments were collected from these eight publications between August and November 2018, a period corresponding to the beginning of presidential election propaganda until the month after the second round results. These comments were organized in a textual corpus submitted to Iramuteq, a free software that allows analysis of textual data through lexicography. Comments loaded with prejudice and intolerance led the speeches analyzed in this work. Under the bias of Critical Theory, based on the immanent critical analysis of this object, are evident here aspects that concern the form of authoritarian thinking in the discursive practices in online social networks and rooted under Brazilian sociopolitical scope. As a result of this work, it is presented how the discussion of authoritarian thinking is manifested in the rationalization of contemporary society, threatening the democratic process and the construction of a plural and free society.

**Keywords:** Authoritarianism; Facebook; Fascism; Authoritarian personality in Brazil.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Publicações selecionadas .....	30
Tabela 2 – Temas centrais das classes analisadas nos três <i>corpora</i> textuais .....	140

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crescimento das páginas durante a coleta de dados.....	27
Gráfico 2 – Dendrograma da divisão na CHD do <i>corpus</i> “Eu era Direita e não sabia” .....	93
Gráfico 3 – Dendrograma da CHD do <i>corpus</i> “Eu era Direita e não sabia” .....	94
Gráfico 4 – Análise de Similitude da Classe 1 .....	96
Gráfico 5 – Análise de Similitude da Classe 2 .....	98
Gráfico 6 – Análise de Similitude da Classe 3 .....	101
Gráfico 7 – Análise de Similitude da Classe 4 .....	103
Gráfico 8 – Dendrograma da divisão na CHD do <i>corpus</i> “Jovens de Esquerda” .....	108
Gráfico 9 – Dendrograma da CHD do <i>corpus</i> da página “Jovens de Esquerda” .....	109
Gráfico 10 – Análise de Similitude da Classe 1 .....	113
Gráfico 11 – Análise de Similitude Classe 2 .....	118
Gráfico 12 – Análise de Similitude Classe 3 .....	123
Gráfico 13 – Análise de Similitude Classe 4 .....	127
Gráfico 14 – Dendrograma da divisão na CHD do <i>corpus</i> Misto .....	131
Gráfico 15 – Dendrograma da CHD do <i>corpus</i> Misto.....	132
Gráfico 16 – Análise de Similitude da Classe 1 .....	133
Gráfico 17 – Análise de Similitude Classe 2 .....	137

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Folha Política era a página com maior engajamento no descritor política em 2018 no <i>Facebook</i> .....	72
Figura 2 – Seção de transparência da página “Eu era Direita e não sabia.” .....	79
Figura 3 – Seção de transparência da página “Jovens de Esquerda” .....	80
Figura 4 – Página inicial de criação de uma nova no Facebook.....	81
Figura 5 – Dados sociodemográficos sobre a página “Eu era Direita e não sabia” .....	83
Figura 6 – Dados sociodemográficos sobre a página “Jovens de Esquerda” .....	84
Figura 7 – Publicação de Agosto selecionada na página “Eu era Direita e não sabia” .....	90
Figura 8 – Publicação de setembro selecionada na página “Eu era Direita e não sabia“ .....	90
Figura 9 – Publicação de outubro selecionada na página “Eu era Direita e não sabia” .....	91
Figura 10 – Publicação de novembro selecionada na página “Eu era Direita e não sabia” .....	91
Figura 11 – Publicação de agosto selecionada na página “Jovens de Esquerda” .....	105
Figura 12 – Publicação de setembro selecionada na página “Jovens de Esquerda” .....	105
Figura 13 – Publicação de outubro selecionada na página “Jovens de Esquerda” .....	106
Figura 14 – Publicação de outubro selecionada na página “Jovens de Esquerda” .....	106

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

API	Interface de Programaco, provm do inglês <i>Application Programming Interface</i>
CHD	Classificaco Hierárquica Descendente
FAI	<i>Facebook Audience Insights</i>

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Aspectos metodológicos e o primado do objeto na contemporaneidade.....	19
1.2 Uma compreensão crítica das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação .....	20
1.3 Estratégias de imersão no objeto: a Netnografia como aporte metodológico e os instrumentos para pesquisa e seleção dos dados no meio online .....	24
1.4 Diário de campo ou perspectivas iniciais sobre o objeto de pesquisa.....	27
1.5 Aspectos éticos da pesquisa.....	30
1.6 Por uma bússola que mostre novas direções .....	31
2 AUTORITARISMO À BRASILEIRA: CRISE DEMOCRÁTICA E ELEIÇÕES NA IDADE MÍDIA .....	33
2.1 Notas sobre a constituição psicossocial do pensamento autoritário .....	33
2.2 Para além de Esquerda e Direita: a emergência de uma polarização no cenário político brasileiro .....	44
2.3 Semiformação subjetiva e a unidimensionalidade da esfera pública .....	51
3 ALGORITMOS, FILTROS INVISÍVEIS E A COMPLEXIDADE DAS TRAMAS TECNOLÓGICAS CAPITALISMO TARDIO .....	59
3.1 Quanto vale um <i>hater</i> ? Gerenciamento de discursos antidemocráticos em plataformas digitais .....	59
3.2 A democracia consegue sobreviver ao <i>Facebook</i> ? Entre algoritmos e <i>Big Data</i> .....	68
3.3 Entendendo o objeto: caracterização das páginas analisadas .....	76
3.3.1 A página “Eu era Direita e não sabia” .....	78
3.3.2 A página “Jovens de Esquerda” .....	79
3.3.3 Homens e universitários: caracterização do público das páginas analisadas .....	80
3.3.4 Material para análise lexical no Iramuteq.....	85
3.3.5 Construção do corpus textual .....	87
3.3.6 Variáveis utilizadas para análise no Iramuteq.....	87



4 RADICALIZANDO O OBJETO: ANÁLISES DOS COMENTÁRIOS DE PÁGINAS BRASILEIRAS DE DIREITA E DE ESQUERDA NO <i>FACEBOOK</i> .....	89
4.1 Publicações selecionadas da página “Eu era Direita e não sabia”.....	89
4.2 Análises do <i>corpus</i> “Eu era Direita e não sabia”.....	92
4.2.1 Classe 1: “Coroné Cirão da massa”.....	95
4.2.2 Classe 2: “Vota no Ciro”.....	97
4.2.3 Classe 3: Vai pra Cuba que pariu.....	99
4.2.4 Classe 4: #Bolsonaro2018.....	102
4.3 Publicações selecionadas da página “Jovens de Esquerda”.....	104
4.4 Análises do <i>corpus</i> “Jovens de Esquerda”.....	107
4.4.1 Classe 1: O Brasil não é a casa da “mãe Joana”.....	110
4.4.2 Classe 2: Não tomarás o nome de Deus no Facebook.....	117
4.4.3 Classe 3: Legaliza quem pode, obedece quem tem útero.....	121
4.4.4 Classe 4: “Já viu o kit gay?” Educação sexual com crianças e adolescentes.....	126
4.5 Análises do <i>corpus</i> Misto: para além da polarização entre esquerda e direita no Brasil .....	130
4.5.1 Classe 1: “Brasil acima de tudo”.....	133
4.5.2 Classe 2: “Deus acima de todos”.....	136
4.6 O outro como inimigo: o uso da polarização política a serviço da ideologia conservadora no Brasil.....	139
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICE A – RELATÓRIO DA COLETA DE DADOS.....	159
APÊNDICE B – DESCRIÇÃO DOS SEGMENTOS TÍPICOS DA CHD DO <i>CORPUS</i> “EU ERA DIREITA E NÃO SABIA”.....	161
APÊNDICE C – DESCRIÇÃO DOS SEGMENTOS TÍPICOS DA CHD DO <i>CORPUS</i> “JOVENS DE ESQUERDA”.....	163

APÊNDICE D – DESCRIÇÃO DOS SEGMENTOS TÍPICOS DA CHD DO <i>CORPUS</i> MISTO.....	165
ANEXO A – DADOS DAS PÁGINAS SEGUNDO O <i>FACEBOOK AUDIENCE INSIGHTS</i> (FAI) .....	166
ANEXO B – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE DIREITA REFERENTES A AGOSTO .....	167
ANEXO C – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE ESQUERDA REFERENTES A AGOSTO .....	168
ANEXO D – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE DIREITA REFERENTES A SETEMBRO .....	169
ANEXO E – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE ESQUERDA REFERENTES A SETEMBRO.....	170
ANEXO F – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE DIREITA REFERENTES A OUTUBRO.....	171
ANEXO G – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE ESQUERDA REFERENTES A OUTUBRO.....	172
ANEXO H – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE DIREITA REFERENTES A NOVEMBRO .....	173
ANEXO I – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE ESQUERDA REFERENTES A NOVEMBRO .....	174

## 1 INTRODUÇÃO

Esse texto refere-se à dissertação da minha pesquisa de mestrado na qual apresento uma discussão sobre as formas nas quais o pensamento autoritário tem se apresentado na contemporaneidade. Para tanto, a perspectiva neste trabalho leva em conta que a sociedade hodierna tem sido intermediada por uma organização social na qual a tecnologia tem papel significativo no debate de fenômenos sociais, culturais e subjetivos.

O advento da *internet*, bem como o das redes sociais online, proporcionou mudanças significativas no âmbito social, aproximando distâncias e modificando a interlocução entre sujeitos. Nesse sentido, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs)<sup>1</sup> se tornaram parte do nosso cotidiano e medeiam não apenas relações, mas também a construção de subjetividades (ABREU, 2009). Destaco aqui que o uso dos novos aparatos tecnológicos reconfigura também a forma de participação social e política, como acontecido nas manifestações sociais brasileiras desde 2013. Entretanto, ao passo que a *internet* surgiu como possibilidade de novos arranjos e formas de organização coletiva, esta constitui-se também um novo espaço para disseminação de discursos de ódio e para cometer crimes no meio digital (CASTELLS, 2017). Incitação ao ódio e à violência tomaram o meio online e adentraram no regime democrático brasileiro, mas não sozinhos. A motivação frequente para justificar esse discurso é de cunho político.

Em 2018, na disputa eleitoral brasileira, assistimos à ascensão messiânica de um dos candidatos, agora presidente eleito, que tem como força um discurso de ódio e preconceito às minorias. Tal expressão provoca em seu eleitorado muito mais que a esperança por um novo governo, mas a insatisfação com os anteriores e a raiva do que supostamente lhe é diferente. Esse tipo de discurso, outrora velado nas amarras ideológicas dos últimos governos, foi às ruas não apenas para reivindicar direitos, mas também para cercear o direito dos que não lhe são semelhantes. Gritos a favor de uma intervenção militar e pedidos de

---

<sup>1</sup> O avanço e expansão da tecnologia no âmbito comunicacional norteiam questionamentos a respeito das suas definições. Dadas as transformações em um mundo atravessado pelo âmbito digital, é oportuno que a terminologia das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) possa ser utilizada neste trabalho. Este conceito se diferencia das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pelo uso de elementos digitais, por meio das TDICs é possível processar qualquer informação, incidindo de forma exponencialmente maior no âmbito comunicacional e subjetivo (FONTANA; CORDENONSI, 2015; KENSKI, 2012). As TDICs se integram em bases tecnológicas que possibilitam a partir de softwares, mídias sociais e plataformas digitais, a associação entre diversos ambientes e indivíduos numa rede, ampliando a comunicação e possibilidades já garantidas pelos meios tecnológicos (SOARES, et. al. 2015).

retorno da ditadura<sup>2</sup> se tornam jargões corriqueiros na classe média brasileira que, inconformada, agora coroa seu representante ao menos até 2022. A respeito da discussão sobre o pensamento autoritário e a crítica ao uso de aparatos tecnológicos na contemporaneidade, busco – por meio do viés da Teoria Crítica da Sociedade, também conhecida como Escola de Frankfurt – aportes para que as contribuições de autores como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse fomentem novas reflexões sobre a sociedade hodierna.

Nesse sentido, o recorte dado neste trabalho emerge do meu percurso realizado durante a monografia e a iniciação científica, nas quais desenvolvi pesquisas sobre os possíveis traços de um pensamento autoritário no discurso de usuários brasileiros identificados com posicionamento político conservador na página do Movimento Endireita Brasil (MEB) no *Facebook*<sup>3</sup>. Nessa investigação, me deparei com discursos de ódio contra minorias e declarações consonantes aos aspectos relacionados ao pensamento antidemocrático, na perspectiva da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Para Adorno (1995b), quem defende ideais contrários à emancipação em um regime democrático é um antidemocrata mesmo quando seus ideais são difundidos dentro do seu plano formal. Considerando tais aspectos, esse trabalho delineou-se a partir da seguinte questão: Em que medida o autoritarismo se manifesta no discurso de usuários do *Facebook* identificados com a direita e com a esquerda política no Brasil?

Partindo desse questionamento e levando em conta o cenário sociopolítico brasileiro sob o recorte do período das eleições presidenciais de 2018, este trabalho teve como objetivo analisar traços de uma mentalidade potencialmente autoritária a partir do discurso de usuários do *Facebook* vinculados a páginas abertamente de posicionamento político, tanto de esquerda, quanto de direita, no Brasil. Para isso, buscou-se compreender criticamente a relação entre o autoritarismo e a ascensão das redes sociais online na contemporaneidade, discutir o atual momento político brasileiro considerando a polarização entre Esquerda e Direita e analisar os comentários e engajamento nas publicações selecionadas das páginas “Jovens de Esquerda”<sup>4</sup> e “Eu era Direita e não sabia”<sup>5</sup> no *Facebook*.

---

<sup>2</sup> FERNANDES, L.; BRAGA, I.; VENTURA, M. **Grupo pró-intervenção militar invade plenário da Câmara e sessão é suspensa**. O GLOBO. 16 nov. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/grupo-pro-intervencao-militar-invade-plenario-da-camara-sessao-suspensa-20474451>> Acesso em 19/02/2019.

<sup>3</sup> HOLANDA, R. R. **Eu, tu, ele, nós e redes**: uma crítica imanente do discurso de usuários da página do movimento endireita Brasil no Facebook. Monografia (Graduação em Psicologia) Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2017.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/>>

<sup>5</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/>>

## 1.1 Aspectos metodológicos e o primado do objeto na contemporaneidade

O percurso metodológico deste trabalho tem como fio condutor a perspectiva de primado do objeto na Teoria Crítica da sociedade. A relação estabelecida entre a produção do conhecimento científico e a sociedade estão entre as questões que concernem às bases da Escola de Frankfurt. Esta possui uma perspectiva crítica à produção do conhecimento sistematicamente organizado. Os teóricos frankfurtianos debruçaram-se particularmente ao exame da realidade social e cultural e, desde sua gênese, a Teoria Crítica se apresenta de forma dialética do mesmo modo que sua análise dos aparelhos sociais (JAY, 2008).

Em 1937, no célebre artigo *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, Horkheimer (1980) afirma que a teoria tradicional organiza a experiência baseada naquilo que é correlato à reprodução da vida na sociedade, formulando teorias gerais para descrever e hipostasiar o mundo. E, além disso, sujeito e objeto também são rigorosamente separados na teoria tradicional, mesmo que o acontecimento analisado tenha relação intrínseca com a ação humana. Já a Teoria Crítica tem como objeto os sujeitos enquanto produtores das suas formas de vida. Ou seja, a perspectiva da Teoria Crítica considera que o estado das coisas não advém apenas da natureza, mas também da ação humana sobre ela, não considerando o conhecimento como algo dissociado da práxis ou superior a ela. (HORKHEIMER, 1980).

Os esforços empreendidos pelo Instituto de Pesquisas Sociais centraram-se em problemas concernentes à superestrutura da sociedade moderna, tais como a estrutura autoritária do pensamento e a emergência e a disseminação da cultura de massa já no século XX. As análises realizadas sobre tais temáticas compreenderam uma perspectiva marxista e ainda uma análise psicológica por meio da contribuição de uma psicologia social psicanaliticamente orientada nesse contexto. A preocupação com os efeitos do modelo organizacional estratificado do pensamento científico é comum aos pensadores da Teoria Crítica seja na crítica à representação tradicional da teoria, na ideia de que a ciência é desprovida de interesses/ valores ou na dissociação entre o sujeito pesquisador e o objeto social (JAY, 2008). Mediante o diagnóstico de diferentes fenômenos sociais, espera-se que seja possível chegar a percepções que ajudem a esclarecer o todo. Dito isso, o caminho percorrido neste trabalho diz de uma perspectiva imanente ao objeto, orientando-se cada vez mais para a imersão neste que não se separa do sujeito, denotando aquilo que é mais intrínseco na relação entre sujeito e objeto: as suas contradições.

A fim de conduzir o processo da pesquisa de modo que esta se mantenha preservada às tentações do fetiche em torno da forma e do método que permeia o âmbito

acadêmico (ADORNO, 2003), bem como partindo da preocupação em torno da discussão que será apresentada aqui, para realizar a análise dos dados buscando melhor compreensão destes, o trabalho delinea-se a partir da concepção de análise imanente da Teoria Crítica. Imanente, do latim *immanens* (particípio presente de *immaneo*, -ere, ficar, parar em), é algo inseparável do sujeito, algo que não desaparece ou não se vai<sup>6</sup>. Para os frankfurtianos, o particular não é irrelevante, mas sim ele é a via pela qual se torna elemento representativo do todo no que se refere às possibilidades de elaboração de análises críticas. Rouanet (2001) aponta que é nesse sentido que a crítica, produzindo incômodo e inquietações no interior do objeto, consegue aceder à sua totalidade. Assim, a partir da análise crítica de um objeto em particular, no caso, práticas discursivas políticas em redes sociais sob uma suposta polarização política, podemos chegar a análises críticas de um todo, aqui uma análise diagnóstica da sociedade contemporânea e da dimensão subjetiva atravessada por meios de comunicação digitais.

A proposta de interdisciplinaridade para o programa de pesquisas em Teoria Crítica é proposta por Horkheimer (1931) em seu discurso inaugural como diretor do Instituto de Pesquisas Sociais como necessária de acordo com o primado do objeto (ANTUNES, 2012), justificando lançar diferentes olhares sobre este objeto, conferindo diversos procedimentos metodológicos oriundos de áreas como a psicologia, sociologia, ou como no caso deste trabalho, estudos sobre a comunicação e o meio digital.

## 1.2 Uma compreensão crítica das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

Com sua rápida expansão nas últimas décadas, bem como sua abrangência pelos provedores de serviços de redes e comunicações, ampliou-se o acesso à *internet*, fato responsável pelo aumento massivo do número de usuários pelo mundo. Segundo dados disponibilizados pelo relatório *Digital in 2018*<sup>7</sup>, atualmente temos 4,3 bilhões de pessoas com acesso à *internet*. O documento aponta também o exponencial aumento do uso de mídias sociais e reafirma a liderança do *Facebook* nesse cenário, atingindo cerca de 2,17 bilhões de usuários em janeiro de 2018. Seguindo dele aparecem o *Youtube* (1,5 bilhão) e o *WhatsApp* (1,3 bilhão), em segundo e terceiro lugares, respectivamente.

Já em uma comparação entre países, o Brasil aparece em terceiro lugar no *ranking* de perfis ativos na referida rede social, com pelo menos 130 milhões de usuários. Dada sua

---

<sup>6</sup> **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [online], 2008-2013. Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/imanente>>. Acessado em 24/01/2019.

<sup>7</sup> **Digital in 2018: world's internet users pass the 4 billion mark (p. 59)**. Disponível em <<https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>> Acesso em 15/01/2019.

relevância no meio online e o número significativo de brasileiros na rede, optamos por utilizar o *Facebook* como espaço de coleta de dados para esta pesquisa. Segundo a própria empresa, em novembro de 2016, a rede social contava com um fluxo médio diário de 1,19 bilhão de pessoas ativas mundialmente e cerca de 82 milhões no Brasil.<sup>8</sup>

Como muitos *sites* de rede social, o *Facebook* é uma ferramenta apropriada simbolicamente com o intuito de construir o espaço social no cotidiano dos usuários, ressignificando seu uso, como o que acontece com a conversação. Essa prática, geralmente focada nas trocas entre falantes, passa a ser mais um uso dessas ferramentas primariamente textuais e por vezes assíncronas, por meio da criação de novas convenções e sentidos entre os usuários (RECUERO, 2014). Castells e Cardoso (2005) afirmam que as pessoas integraram a tecnologia em suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação e articulando-as conforme suas necessidades. Sendo assim, já não é mais possível ignorar o impacto dessas tecnologias no âmbito particular/subjetivo e na vida em sociedade.

O arranjo interativo proporcionado pelo uso da rede na organização e na propagação de movimentos sociais, bem como sua importância no âmbito político, surgiu há algumas décadas. O desenvolvimento e a ampla utilização dos meios de comunicação ao longo do século XX modificou todo o ambiente político e tais transformações foram responsáveis pela maior aproximação entre líderes políticos e população, já que a relação dos cidadãos com as questões públicas e o processo de governo sentiu, e muito, o impacto da evolução tecnológica da mídia (MIGUEL, 2002). No Brasil, o intermédio da *internet* no contexto de organização política pode ser acompanhado de maneira mais clara a partir das manifestações que tomaram as ruas desde 2013. Sobre as manifestações do Movimento Passe Livre, que levaram milhares às ruas da capital paulista, Sakamoto (2013) relembra que o chamado via redes sociais levou as próprias redes às ruas, boa parte dos cartazes dos manifestantes eram comentários retirados do *Twitter* e do *Facebook*.

As redes sociais e o espaço proporcionado pelo meio online são também onde os usuários se sentem protegidos pelo suposto anonimato que existe em rede. Silva et al. (2011) afirma que a *internet* revolucionou os meios de comunicação da humanidade. Seus diferenciais são a extrema rapidez e a amplitude de suas operações, que permitem aos sujeitos que exteriorizem seus pensamentos, opiniões e escolhas. Os indivíduos externalizam a si

---

<sup>8</sup> Informações da empresa Facebook. Disponível em <<https://br.newsroom.fb.com/company-info/>> Acesso em 15/01/2019.

próprios das mais variadas maneiras, projetando-se assim no ciberespaço.

Assim, coexistem múltiplas possibilidades em um único espaço: ao mesmo tempo em que são oferecidos subsídios à reconstrução política e social, sob o véu do anonimato, existem aspectos de uma outra realidade na qual, através da rede, o homem comete crimes, propaga discursos de ódio e viola direitos dos demais usuários, quase sempre alegando defender a sua própria liberdade de expressão. Costa e Freitas (2017, p. 481) reiteram que “a proteção da liberdade de expressão está diretamente associada à garantia da dignidade da pessoa humana e da democracia” e que “as relações sociais, o ambiente democrático e o contexto multicultural impõem contornos ao direito de expressão, que – tal como os demais direitos fundamentais – conhece restrições”.

Sob essa perspectiva, a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, criada pela *Safernet*<sup>9</sup>, atua recebendo denúncias de crimes cibernéticos contra os Direitos Humanos e maus tratos contra animais no Brasil. A Central recebe cerca de 2.500 denúncias por dia envolvendo páginas com evidência dos crimes de Pedofilia, Racismo, Neonazismo, Intolerância Religiosa, Apologia e Incitação de crimes contra a vida e homofobia<sup>10</sup>. No *ranking* mundial que contabiliza o número de *hosts* (nome dado a dispositivos para identificá-los unicamente em uma rede) de páginas denunciadas, o Brasil aparece em terceiro lugar. Outro dado relevante é que o *Facebook* aparece em primeiro lugar na classificação de *hosts* com maior número de denúncias (17,3%), mais que o dobro que os sites pornográficos que também aparecem na lista<sup>11</sup>.

Números como esses são alarmantes e remetem à problemática em torno da disseminação de ideais e valores semelhantes aos que promoveram a conjuntura sociohistórica do fascismo. Nas pesquisas realizadas por teóricos críticos da Escola de Frankfurt, a preocupação com o fascismo já emergia como algo além do que se refere ao regime de Estado caracterizado como ideologia política totalitária, antissemita, nacionalista e militarista de extrema direita, mas enquanto traços/mentalidades fascistas presentes nas sociedades modernas democráticas (CARONE, 2012).

Em face da atual conjuntura política no país, em que o debate sobre diferenças ideológicas e o posicionamento dos partidos políticos é cada vez mais intenso no meio online, os discursos dos internautas são cada vez mais radicais e reacendem discussões como as

<sup>9</sup> Organização não governamental que tem como missão promover os Direitos Humanos na *internet*.

<sup>10</sup> **Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos**. Disponível em <http://www.safernet.org.br/site/institucional/projetos/cnd>> Acesso em 10/01/2019.

<sup>11</sup> **Indicadores da Central de Denúncias de crimes cibernéticos**. Disponível em <http://indicadores.safernet.org.br/index.html>> Acesso em 10/01/2019.



levantadas por Adorno e Horkheimer (1985) na *Dialética do Esclarecimento*, no que diz respeito à compreensão do antissemitismo. Já na década de 1950, em *The Authoritarian Personality*, Adorno et al. pesquisaram as predisposições psicossociais para o fascismo, não no sentido do regime político autoritário comandado na Itália de Mussolini, mas como a compreensão de que o sujeito antissemita é também um sujeito etnocêntrico, autoritário e antidemocrático (CARONE, 2012).

Sobre o antissemitismo, Adorno e Horkheimer (1985) acrescentam que este deixou de ser um impulso independente para se tornar parte de uma plataforma eleitoral. A convicção antissemita teria sido substituída por reflexos predeterminados dos expoentes despersonalizados de suas posições, tal qual como a máquina partidária impõe partidos aos seus eleitores. Na sociedade industrial avançada ocorre uma regressão no *modus operandi* relacionado ao poder de discriminação, e desse modo,

[...] quando as massas aceitam o ticket reacionário contendo o elemento antissemita, elas obedecem a mecanismos sociais nos quais as experiências de cada um com os judeus não têm a menor importância. A experiência é substituída pelo clichê e a imaginação ativa na experiência pela recepção ávida. Sob pena de uma rápida ruína, os membros de cada camada social devem engolir sua dose de orientações. Eles têm de se orientar tanto no sentido de se informar sobre os modelos de aviões mais recentes, quanto no sentido da adesão a uma das instâncias dadas do poder. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p. 165)

Já em sua época, Adorno e Horkheimer (1985) enxergaram que o crescimento do totalitarismo e do fascismo não era apenas um incidente histórico. Tomamos tal reflexão sobre o antissemitismo em seu caráter etnocêntrico para caracterizar o sujeito antidemocrático a quem nos referimos neste trabalho. A discussão sobre o sujeito autoritário e antidemocrático tem tomado maior espaço mediante o teor da polarização política no Brasil; entretanto, como Chauí (2006) aponta, há a suposição de que o autoritarismo é um fenômeno político que periodicamente afeta o Estado. Ou seja, não há o reconhecimento de que a sociedade brasileira é autoritária e que dela provêm diversas manifestações do autoritarismo político. Portanto, ao contextualizar as contribuições dadas pelos autores frankfurtianos no que se refere ao papel assumido pelas TDICs no âmbito social e subjetivo, torna-se possível ampliar o espaço de diálogo sobre esse aspecto social no momento em que acontecem importantes inflexões políticas e sociais no Brasil.

### 1.3 Estratégias de imersão no objeto: a Netnografia como aporte metodológico e os instrumentos para pesquisa e seleção dos dados no meio online

A proposta metodológica deste trabalho leva em consideração as particularidades do objeto no qual pretendemos imergir: o meio online. Para isto, tomamos a escolha da rede social *Facebook* como parcela da lógica de funcionamento dos novos aparatos tecnológicos presentes no meio contemporâneo. Este trabalho delinea-se como pesquisa qualitativa, sob a perspectiva de análise imanente do objeto e utilizando a Netnografia enquanto procedimento metodológico para imersão no meio online. Nesse sentido, a contemporaneidade propõe novos desafios dado que as configurações epistemológicas se moldam em entrelaçamentos que demandam reelaborações metodológicas importantes (ESTEBAN, 2003). Considerando as nuances do contexto social contemporâneo, permeado pelas novas TDICs, optamos pela netnografia (etnografia online) como parte do aporte metodológico para a coleta dos dados. Esta se mostra adequada para o presente trabalho uma vez que a pesquisa parte da análise das relações e dos comportamentos estabelecidos dentro de dois grupos no meio online.

Kozinets (2014) define a netnografia como uma pesquisa observacional, que se baseia no trabalho de campo online usando comunicações mediadas por computador como fonte de dados para compreender e representar determinado fenômeno cultural ou comunal. Embora a netnografia trate de uma transposição metodológica do espaço físico para o meio online, faz-se necessário considerar suas limitações e o seu caráter adaptativo. Nesse sentido, é necessário que sejam incluídos procedimentos específicos de acordo com a demanda da tipologia do que vem a ser estudado (AMARAL et al., 2017).

Assim, dentre as estratégias para pesquisar no âmbito digital, utilizamos ferramentas e aplicativos de pesquisa online para a construção deste trabalho. Desse modo, para delimitar quais páginas seriam utilizadas, recorreremos à ferramenta *Facebook Audience Insights* (FAI). Esta é uma ferramenta da própria rede social e disponibiliza informações sobre páginas com número significativo de adesões e os usuários vinculados a estas, possibilitando que tais dados sejam utilizados por empresas com o intuito de delimitar melhor seu público e assim direcionar sua publicidade<sup>12</sup>. Por meio dela foi possível escolher o Brasil como localização e os descritores Direita e Esquerda, referentes à política, para eleger as páginas a serem usadas neste trabalho.

A seleção das páginas para recorte da pesquisa ocorreu em 15 de junho de 2018 e

---

<sup>12</sup> **Facebook para empresas.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/audience-insights>> Acesso em 16/12/2018.

as páginas que possuíam maior relevância no que diz respeito ao posicionamento político de esquerda e de direita, respectivamente, eram: “Jovens de Esquerda” (864.765 usuários vinculados), e “Eu era Direita e não sabia” (460.064 perfis vinculados). O período escolhido para recorte na pesquisa é o início do período de propaganda eleitoral em 2018, que começou em agosto e estendeu-se até um mês após as eleições, novembro<sup>13</sup>. A escolha por esse período permitiu que os recortes nas duas páginas fossem atravessados por uma mesma temática, possibilitando melhor análise diante da atual polarização política no Brasil.

A cada mês duas publicações foram escolhidas (uma em cada página) mediante relevância do engajamento de comentários e curtidas. Além da seleção de quatro postagens em cada página nesse período, foram coletados os comentários dos usuários e reações ao *post* para posterior análise. Os critérios adotados pelo *Facebook* para nivelar maior ou menor engajamento de uma publicação não são apenas os números de reações ou comentários. A empresa utiliza algoritmos para avaliar quantas e quais postagens aparecem no *feed* de cada usuário<sup>14</sup>. A forma como esses algoritmos funcionam será discutida nos próximos capítulos.

Desse modo, criamos um perfil exclusivamente para a pesquisa e buscamos aplicativos de raspagem de dados na Interface de Programação (API) do *Facebook* que pudessem se adequar ao objetivo da pesquisa e permitissem que a seleção de publicações ocorresse sem a interferência do histórico e demais dados aos quais a rede social tem acesso. Utilizamos aqui a *Netvizz*, uma ferramenta desenvolvida no contexto do DMI – *Digital Methods Initiative* com a função de extrair diferentes tipos de dados no *Facebook*, sobretudo de Páginas, Grupos e Eventos. Com ela foi possível extrair o conteúdo de postagens, comentários, dados de *likes*, compartilhamentos e reações de forma retroativa (RIEDER, 2013).

A escolha por usar a *Netvizz* surgiu como demanda de inserção no *Facebook* durante o processo de observação das páginas e coleta das publicações. A fim de evitar possíveis distorções de relevância nas postagens das páginas delimitadas, escolhemos essa ferramenta que analisa os dados da API (Interface de Programação) do *Facebook* para nortear o critério de escolha dos *posts* e também para a coleta dos dados relacionados a postagens, comentários, reações e demais informações no intervalo de tempo adotado. Em cada uma das oito publicações, foram extraídos os 100 comentários com maior relevância na publicação,

<sup>13</sup> **Confira as principais datas do calendário eleitoral das Eleições Gerais de 2018.** Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2017/Dezembro/confira-as-principais-datas-do-calendario-eleitoral-das-eleicoes-gerais-de-2018>> Acesso em 12/12/2018.

<sup>14</sup> **Algoritmo do Facebook: como ele funciona e como aumentar seu tráfego orgânico.** Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/algoritmo-do-facebook/>> Acesso em 13/01/2019.

visto que estes possuem o maior número de reações/ respostas e são os mais visualizados quando o usuário acessa o *post*, e as suas respostas. Ao fim do trabalho foram coletados 3489 textos. Após a seleção de comentários, o *Iramuteq* foi utilizado como ferramenta para organizar a análise de comentários.

O *software Iramuteq (Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, versão 0.7) permite realizar análises textuais de material verbal transcrito por meio de lexicografia. Por se tratarem de dados verbais transcritos, os mesmos mostram-se relevantes para pesquisas que discutem conteúdos simbólicos relacionados a um determinado fenômeno (CAMARGO; JUSTO, 2013). Assim, o uso do *software* neste trabalho possibilitou a construção de classes comparativas de palavras presentes nos discursos dos usuários das referidas páginas.

Ao fim da coleta dos dados, foram realizadas as análises presentes no Capítulo 4 deste trabalho, de modo que o tratamento e a separação dos comentários ocasionaram na produção de um *corpus* textual que foi submetido à análise no *Iramuteq*. O *corpus* consiste no agrupamento dos comentários das oito publicações, após revisão gramatical e exclusão de *links* e imagens. Além disso, foram atribuídas variáveis a cada comentário durante a tabulação dos dados: número do comentário (1 – 3489); grupo (1, 2 ou 3); e publicação (1 a 8); seguidos pelo comentário na íntegra. A necessidade de atribuir variáveis é uma demanda de organização para melhor compreensão dos dados da pesquisa. No decorrer do texto a construção desse processo será melhor aprofundado.

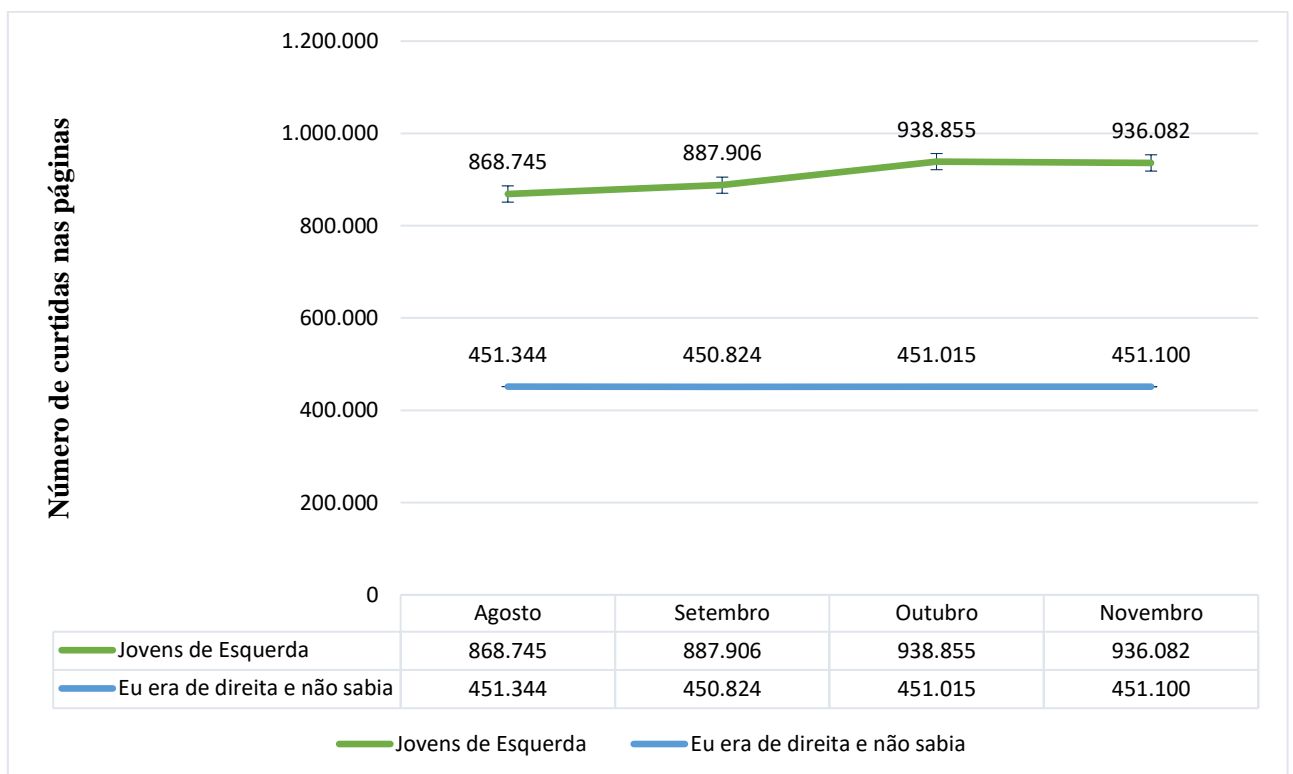
Ao fim da construção do *corpus*, o programa analisa a coocorrência de vocábulos no texto, categorizando relações de aproximação entre verbetes e construções verbais mais frequentes. Assim, foi possível observar quais temas são mais presentes nos discursos dos usuários de ambas as páginas. Entretanto, entendemos que o uso de programas que auxiliam a pesquisa em Teoria Crítica no contexto das novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação devem ser suporte e não determinante em nosso trabalho. Desse modo, as análises produzidas aqui pautam-se a partir da análise crítica imanente do objeto e também pensando a elaboração e o uso desse aparato de forma crítica em nossa pesquisa. Como maneira de traçar as primeiras impressões acerca do objeto discutido aqui, que é tão multifacetado, opto por trazer o diário de campo do período de coleta dos dados enquanto aporte introdutório a esse trabalho.

#### 1.4 Diário de campo ou perspectivas iniciais sobre o objeto de pesquisa

Optar por trazer o diário de campo na introdução, e não nos anexos ao fim do texto, diz de uma escolha sobre o impacto do objeto no movimento metodológico da presente pesquisa. O período de coleta dos dados findou, mas as escolhas tomadas nesse processo não se tornam menos importantes para análise do próprio objeto. Portanto, o texto a seguir trata-se de uma breve tentativa de enunciar as impressões iniciais desse percurso.

A fim de observar possíveis mudanças no número de curtidas nas duas páginas, mensalmente coletei os números referentes disponíveis no perfil de cada uma, isso foi feito ao fim de cada mês e no mesmo dia das coletas dos *posts* e respectivos comentários. Nesse sentido, o Gráfico 1 ilustra o comportamento individual e um comparativo em relação a *likes* em cada uma das páginas.

**Gráfico 1 – Crescimento das páginas durante a coleta de dados**



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

- Agosto

*Foram criados e-mail e perfil novos para aferir dados sobre páginas de esquerda e de direita em que as publicações seriam selecionadas, além de, subsequentemente, servirem à coleta das postagens selecionadas e seus comentários.*

*Inicialmente, o critério para escolher publicações é o de haver pelo menos cem comentários. Assim, o Iramuteq poderá fazer melhores análises. A primeira impressão é de que o número de reações e compartilhamentos é bem maior que o número de comentários em ambas as páginas.*

*Algo a ser observado também é que na página de esquerda os comentários possuem mais respostas e quase sempre de usuários que criticam a publicação, ou seja, daqueles que divergem das ideias defendidas pela página. O mesmo não ocorre na página de direita; nessa, inclusive, há pouco engajamento dos próprios seguidores.*

- **Setembro**

*A atividade na página de direita e nas publicações tem sido feita com muitas hashtags e memes. Penso que, embora tenha muitos seguidores, não há muita interação nas publicações da página e, a fim de aumentar o alcance na rede, os administradores começaram a utilizar desses artifícios para alavancar o engajamento.*

*Na página de esquerda, aparecem muitas hashtags, comentários de marcações e muitas pessoas contrárias ao post. Nessa coleta, me incomodei com o número de publicações limitadas que encontrei no feed e pensei na possibilidade de recorrer a algum aplicativo que pudesse, de maneira mais profunda na interface de programação do Facebook, me mostrar quais as publicações com maior engajamento independente do algoritmo que compromete cada perfil.*

*A coleta de agosto e setembro a priori se realizaram da seguinte forma: no último dia do mês e conectada ao perfil da pesquisa, visitei ambas as páginas e observei o feed de cada página até o primeiro dia de cada mês. Entretanto, ao buscar ferramentas que auxiliassem no processo de seleção das publicações e mostrasse o real engajamento de posts nas páginas, encontrei a Netvizz e refiz as coletas de agosto e setembro<sup>15</sup>. Desse modo, as postagens de agosto e setembro apresentadas aqui foram coletadas por meio da ferramenta.*

*Ao refazer essa coleta (ver anexo), apareceram publicações com massivo engajamento. Desse modo, o critério de seleção das publicações mudou para as que tivessem o maior engajamento no referido mês. A fim de filtrar os dados, estabeleci que seriam coletados os cem comentários mais relevantes e suas respostas. Além disso, comentários com memes, gifs e vídeos serão analisados à parte.*

---

<sup>15</sup> As imagens apresentadas no trabalho são apenas as escolhidas com suporte da Netvizz, visto os problemas ocasionados antes do uso dessa ferramenta.

- Outubro

*Em outubro refiz a coleta de dados dos meses anteriores e, ao fim do mês, logo após as eleições, me organizei para fazer a seleção das postagens nas páginas. No dia 1º de novembro, ao inserir os dados da página “Jovens de Esquerda” na Netvizz, percebo que os dados não aparecem corretamente, é mostrado o número de posts no período de 1º a 31 de outubro, mas os gráficos e o acesso às publicações com maior engajamento são limitados.*

*Nesse ponto, ficou a suspeita de que haveria alguma denúncia ou algum problema e que a página poderia ser desativada. Posteriormente, conforme o previsto, a página foi suspensa e, para minha surpresa, foi reativada na semana do dia 18 de novembro. Ao fim, a Netvizz só consegue informar corretamente os dados da publicação no intervalo de 1 a 23 de outubro.*

- Novembro

*Em novembro, mês após as eleições, há uma significativa diminuição no número de postagens e interações nos comentários nas duas páginas. Como previsto, houve considerável diminuição de publicações na página de esquerda devido a uma suspensão nos primeiros quinze dias do mês de novembro. A página de esquerda tem maior engajamento em publicações que atacam a direita, ou temas menos progressistas porque os que se sentem atingidos comentam e reagem. Na página de direita os que se identificam com a esquerda quase não aparecem.*

A fim de melhor organização para o texto e sua leitura, agrupei em formato de tabela a descrição enumerada das publicações, visto que posteriormente serão identificadas apenas pelo número da publicação, evitando demasiadas repetições no trabalho.

**Tabela 1 – Publicações selecionadas**

<b>Publicação</b>	<b>Mês</b>	<b>Página</b>	<b>Descrição da publicação</b>
1	Agosto	Eu era Direita e não sabia	Meme sobre uma mulher que pede indicação de países para onde ir, caso Bolsonaro ganhe.
2	Agosto	Jovens de Esquerda	Imagem de Venezuelanos sendo expulsos de Roraima ao som do hino nacional por brasileiros.
3	Setembro	Eu era Direita e não sabia	Meme do cantor Tico Santa Cruz anunciando que irá morar nos EUA caso Bolsonaro ganhe.
4	Setembro	Jovens de Esquerda	Imagem com a frase: Se Bolsonaro estiver certo, Jesus está errado.
5	Outubro	Eu era Direita e não sabia	Vídeo com declarações do candidato Ciro Gomes com provocações sobre machismo.
6	Outubro	Jovens de Esquerda	Imagem do filme O menino do pijama listrado.
7	Novembro	Eu era Direita e não sabia	Meme com desenho de Bolsonaro com munições e a bandeira presidencial.
8	Novembro	Jovens de Esquerda	Notícia - "Você tem que aguentar porque você é mocinha" dizia homem que abusava da filha de 3 anos.

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

### 1.5 Aspectos éticos da pesquisa

Conforme a resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, pesquisas que utilizem informações de domínio público não serão registradas/avaliadas pelo sistema CEP/CONEP. Essas informações são as que se encontram disponíveis ao acesso de pesquisadores e cidadãos em geral, embora, neste caso, residam em uma plataforma de rede social produzida e gerida por empresa privada.

A respeito dos termos de uso da rede social *Facebook*,

informações públicas podem ser vistas por qualquer pessoa, dentro e fora de nossos Produtos, inclusive se essa pessoa não tiver uma conta. Isso inclui seu nome de usuário do Instagram; qualquer informação que você compartilha publicamente; informações de seu perfil público no Facebook; e o conteúdo que você compartilha em uma Página do Facebook, conta pública do Instagram ou qualquer outro fórum público, como o Marketplace do Facebook. Você, outras pessoas que usam o Facebook e o Instagram e nós podemos fornecer acesso ou enviar informações públicas para qualquer pessoa dentro e fora de nossos Produtos, inclusive em outros Produtos das Empresas do Facebook, em resultados de pesquisas ou por meio de ferramentas e APIs. É possível também visualizar, acessar, compartilhar novamente



ou baixar informações públicas por meio de serviços de terceiros, como mecanismos de pesquisa, APIs e mídia offline como a TV, e por meio de aplicativos, sites e outros serviços que se integram a nossos Produtos.<sup>16</sup>

Considerando os termos de uso do *Facebook*, os dados utilizados podem ser considerados de domínio público, visto que são imagens e comentários publicados em páginas abertas e sem filtro de privacidade, diferente de grupos fechados existentes na mesma rede. Além disso, toda a coleta de dados foi realizada com um perfil novo e exclusivo para a pesquisa, sem histórico de busca ou perfis conectados, os nomes dos usuários que comentaram nas publicações selecionadas ou que aparecem como parte das postagens, foram omitidos.

### 1.6 Por uma bússola que mostre novas direções

Muitas vezes foram necessárias que me perdesse dentro da relação com este objeto. As primeiras impressões foram as estranhezas que deram sentido à percepção de que o objeto era o que não consegui ver à primeira vista. Para a construção desta pesquisa, foram consideradas as contribuições elaboradas por diversos autores da Teoria Crítica e de outras bases teóricas no que tangem aspectos psicossociais relacionados ao Autoritarismo como aporte à elaboração das análises.

Além disso, sob o recorte da contemporaneidade, considerada como Idade Mídia (RUBIM, 2000), foram elencadas diferentes perspectivas a componentes dessa estrutura social organizada pelo intermédio da tecnologia no cotidiano, tais como a discussão sobre algoritmos, redes sociais online e o(s) *Big Data*. Tais reflexões orientam ainda para debater a constituição polarizada do partidarismo político brasileiro, observando os novos contornos atribuídos a esse cenário pelo uso contínuo das plataformas digitais como meio para disseminação ideológica de valores, compreendendo assim as particularidades do atual contexto histórico, social e político brasileiro.

A partir deste ponto, discuto o que se apresentou por meio da imersão no objeto da pesquisa e utilizo das proposições suscitadas pelo referencial da Teoria Crítica para elaborar o que lhe é tão caro em sua construção: uma proposta diagnóstica da contemporaneidade. As interlocuções teóricas empreendidas visam atualizar tais perspectivas teóricas no intuito de atentar para o que promove e embota a emancipação humana neste contexto.

Portanto, apresento nesta dissertação uma proposta de articulação da temática, na

---

<sup>16</sup> **Facebook – Termos de uso.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/about/privacy/update>> Acesso em 15/01/2019.

qual o primeiro capítulo, intitulado “Autoritarismo à brasileira: crise democrática e eleições na idade média”, busca caracterizar, sob a perspectiva da Teoria Crítica, aspectos psicossociais que concernem o pensamento autoritário, enfatizando a discussão sobre o espaço democrático brasileiro e diferentes elementos que impactam a atual conjuntura política. Nesse capítulo, são abordadas ainda a discussão entre direita e esquerda no âmbito eleitoral e o gerenciamento de discursos de ódio no meio online, considerando o deslocamento do debate público para plataformas digitais e analisando quais os impactos desse processo.

O segundo capítulo é chamado “Algoritmos, filtros invisíveis e a complexidade de tramas tecnológicas no meio digital.” Aqui intento propor uma conexão entre o capítulo anterior sobre a discussão do autoritarismo e aspectos atrelados à lógica informacional em plataformas digitais, observando o papel que algoritmos e demais ferramentas tecnológicas assumem no âmbito social e subjetivo. Na última seção do capítulo são apresentadas caracterizações das páginas selecionadas para análise neste trabalho, bem como os detalhes do percurso realizado para coleta, organização e interpretação dos dados provenientes delas.

Por fim, enquanto último capítulo teórico-analítico, está “Radicalizando o objeto: análises dos comentários de páginas brasileiras de direita e de esquerda no *Facebook*.” Nesse último capítulo são apresentadas as publicações de onde foram retirados os 3489 comentários que formam o *corpus* textual analisado por meio do *Iramuteq*. Ao todo, três análises lexicográficas foram realizadas e por meio delas oriento a discussão acerca das particularidades nas quais se delineiam o discurso de usuários do *Facebook* que comentaram nas oito publicações selecionadas nas páginas “Jovens de Esquerda” e “Eu era Direita e não sabia”. A organização das duas primeiras análises transcorre em seções indicadas com o nome de cada página e nestas são aprofundados em maior medida os detalhes sobre a última análise, onde foram unidos os dois primeiros *corpora* textuais.

## 2 AUTORITARISMO À BRASILEIRA: CRISE DEMOCRÁTICA E ELEIÇÕES NA IDADE MÍDIA

### 2.1 Notas sobre a constituição psicossocial do pensamento autoritário

“Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que tem de fundamental, as condições que geram esta regressão.” Theodor W. Adorno, Educação e Emancipação

Para os gregos, o Deus da Guerra era Ares; para os romanos, se chamava Marte; na história recente, intolerância, violência e preconceito são aspectos correlatos ao Autoritarismo. Este que possui muitos nomes, protagoniza genocídios em massa e tem como braço direito o ódio ao diferente reaparece ainda mais forte no panorama sócio-histórico brasileiro, o qual tem assistido (nada passivamente) à ascensão do pensamento autoritário. Para além dos mitos, o filho da guerra nesse roteiro não descende dos deuses ou de algo para além da compreensão humana; são componentes da sua história e das condições que o constroem como sintoma latente da humanidade a qual nega sua própria história.

Diferem-se autoridade e autoritário. Autoridade, do latim *auctoritas*, *-atis*, é o direito legalmente estabelecido de se fazer obedecer; a pessoa que tem esse direito; valor pessoal, importância; autorização<sup>17</sup>. Autoritário seria aquele que se impõe pela autoridade que tem ou julga ter; partidário do princípio de autoridade; despótico, violento, dominador. É quando um regime político é exercido sem limitações por uma pequena elite que desconsidera direitos e liberdades individuais<sup>18</sup>. Destaca-se aqui que os estudos acerca do autoritarismo o tratam em mais de uma perspectiva: a da estrutura dos sistemas políticos (dos regimes e instituições autoritárias); a das disposições psicológicas a respeito do poder, como aparece nos Estudos Frankfurtianos; e a das ideologias políticas; a intersecção entre essas perspectivas é o que interessa à proposta dessa discussão.

Tendo em conta a discussão sobre o autoritarismo na contemporaneidade, não se almeja aqui guiar uma ratificação do que já se sabe, e sim direcionar a pesquisa através de um percurso fértil, com perspectivas interpretativas, abstendo-se de certezas enraizadas. Tais contribuições sobre o caráter histórico e social do autoritarismo junto ao atual panorama

---

<sup>17</sup> **Significado de Autoridade no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/autoridade>> Acesso em 12/12/2019.

<sup>18</sup> **Significado de Autoritário no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/autorit%C3%A1rio>> Acesso em 12/12/2019.

político do Brasil, que tem sido tomado pela crescente onda de discursos antidemocráticos<sup>19</sup> alavancados pela mídia, fomentam a busca por caracterizar o pensamento autoritário no cenário nacional. Não se pretende estabelecer, com o uso da Teoria Crítica da Sociedade, uma teoria determinista do autoritarismo, mas construir uma constelação acerca do tema.

Outrora, a ascensão do nazismo na Europa foi a provocação para diversos estudos realizados pela Escola de Frankfurt, denominação atribuída por Martin Jay (1973) ao Instituto de Pesquisa Social em seu livro *Imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950)*. A Escola de Frankfurt enfatizou a ameaça contínua do fascismo na dinâmica das sociedades industriais avançadas. Frente às novas configurações sociais, históricas e políticas nas quais estamos imersos, é imprescindível considerar a atualidade dos trabalhos produzidos por tais pensadores e reacender o debate que os cerca, a fim de trazer à tona as particularidades que envolvem nossa época.

Antes da emigração forçada, os integrantes da Escola de Frankfurt já trabalhavam para produzir contribuições importantes às pesquisas sobre problemas relacionados ao nazismo/fascismo. Sobre o fascismo, é importante esclarecer que não se trata aqui de pesquisas direcionadas ao regime totalitário, mas dos seus aspectos psicossociais, da tese de que este emerge das massas.

A partir de 1929, Fromm empreende com o auxílio da psicanálise um estudo empírico da mentalidade dos trabalhadores na República de Weimar. Esta é considerada uma das primeiras tentativas da Teoria Crítica de trabalhar com um problema empiricamente verificável. O trabalho de Erich Fromm (1929 - 1931) foi uma das primeiras pesquisas de opinião que aplicou métodos da Psicologia moderna para investigar comportamento político e eleitoral. Essa pesquisa pode ser tida como uma mudança no Instituto de Pesquisa Social como tentativa de demonstrar como pesquisas de opinião podem ser inspiradas por técnicas psicanalíticas sem que se adotem suposições não fundamentadas acerca de aspectos subjetivos (JAY, 1973).

Posteriormente, Horkheimer dirige o trabalho coletivo *Estudos sobre Autoridade e Família* (1936) no qual são elaborados entendimentos sobre a família e as relações de autoridade existentes na mesma. Conforme Antunes (2012), este trabalho foi realizado em conjunto e é fruto dos primeiros cinco anos de Horkheimer como diretor do Instituto de

---

<sup>19</sup> BARBOSA, B. A intolerância empoderada: Suásticas, tiros, agressões: expressões de preconceito ficam mais visíveis e violentas no Brasil. **UOL**. 6 jan. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/suastica-racismo-homofobia-ataques-a-terreiros-intolerancia-no-brasil-fica-mais-violenta-e-visivel/#a-intolerancia-empoderada>> Acesso em 17/01/2020.

Pesquisa Social. Teve como base a ideia do papel da família na mediação entre subestrutura material e superestrutura ideológica. Adorno (1985) considera a relevância do estudo enquanto trabalho que aponta a família como fator que coaduna a sociedade unida, desenvolvendo a tese que, tendo em vista a divergência entre o que é prometido pela sociedade aos seus membros e o que essa concede, dificilmente poderia preservar-se o mecanismo se não tivesse moldado subjetividades até o âmbito mais íntimo a fim de que se conformassem a ele.

Em 1937, Adorno relata em seu texto *Experiências Científicas nos Estados Unidos* (1995a) um telegrama de seu amigo Max Horkheimer, diretor do *Institut Für Sozialforschung* na Universidade de Frankfurt antes do nazismo e agora na Universidade de Colúmbia em New York. A correspondência tratava de um “convite” a emigrar para os EUA e colaborar em um projeto radiofônico, o qual Adorno aceitou logo em seguida, embora tenha confessado não saber bem do que se tratava até então.

Tais pesquisas sobre o projeto radiofônico e seus ouvintes fomentaram questões que, para Adorno (1995a), resultaram no interesse em meios de investigação empírica no campo subjetivo e na crítica ao positivismo metodológico que imperava no âmbito científico. Da inquietação do filósofo a respeito do método deriva a concepção crítica sobre o primado do objeto. Em 1941, é finalizada a pesquisa no *Princeton Radio Research Project* e, a partir de então, Adorno e Horkheimer dedicam-se a sua *Dialektik der Aufklärung* [A dialética do esclarecimento] (1947).

Os autores da Escola de Frankfurt há muito trouxeram a preocupação com a mentalidade fascista sob uma perspectiva que foi além do regime totalitário alemão, sendo percebida como traço que emerge socialmente das massas. Hoje, a partir de um contexto tecnologicamente mais avançado, observamos que o discurso autoritário pode ser amplificado nas redes sociais quando a disseminação de discursos de ódio chega ao meio online. Ao mesmo tempo em que o meio virtual surge como mecanismo que reduz distâncias e promove acesso mais viável à informação, é também através da rede que os internautas podem mais facilmente disseminar animosidades, cometer crimes e violar direitos de outros na internet.

No texto *Os Elementos do antissemitismo*, Adorno e Horkheimer (1985; 1995a) enquadram o preconceito racial no contexto de uma Teoria Crítica da Sociedade objetivamente orientada. Os autores ativeram-se à ideia de que na sociedade contemporânea,

[...] as instituições e tendências objetivas de desenvolvimento adquiriram tal predomínio sobre as pessoas individuais, que estas se transformam, aliás em medida visivelmente crescente, em funcionários da tendência que se impõe sobre suas cabeças. (ADORNO, 1985, p.160)

O conjunto de obras, estudos e pesquisas sobre o antissemitismo resultam nos *Studies in Prejudice* compostos por cinco volumes (*The Authoritarian Personality, Dynamics of prejudice, Anti-semitism and economical disorder, Rehearsal for Destruction e Prophets of deceit*), e fazem parte do esforço do Instituto de Pesquisas Sociais, que teve como objetivo aprofundar o conhecimento da gênese psicológica e social que mostram o antissemitismo como perigo latente até mesmo no seio das sociedades democráticas, evitando a crença errônea de que o preconceito existe apenas onde é abertamente expresso (HORKHEIMER, 1941).

Três volumes da série tratam dos elementos da personalidade que predisõem o homem moderno a reagir agressivamente diante de certos grupos sociais, tentando responder à questão: o que há psicologicamente no indivíduo que pode torna-lo ou não preconceituoso? O volume de *The Authoritarian Personality* de Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford, com base em uma combinação de técnicas de pesquisa, sugere a hipótese de que existe uma estreita correlação entre um certo número de traços de personalidade e preconceito evidente. O estudo também produziu um instrumento para medir essas características entre vários estratos da população (HORKHEIMER; FLOWERMAN, 1969).

Em 1950, Adorno (et al.) publicou *The Authoritarian Personality*, trabalho realizado em parceria com o Grupo de Pesquisa em Opinião Pública da Universidade da Califórnia em Berkeley nos EUA, a partir da aplicação da Escala F e incentivado por seus estudos anteriores sobre o sujeito etnocêntrico. Tal escala foi elaborada com o intuito de significar sua preocupação com tendências pré-fascistas implícitas e foi resultado da necessidade de aprimoramento das análises das escalas A-S (Antissemitismo) e E (Etnocentrismo). Segundo os pesquisadores, a escala F poderia apontar traços que não apareceriam nas outras escalas, dado que estas eram mais diretas em relação ao preconceito contra minorias. Conseqüentemente, a escala F é composta por nove variáveis: Convencionalismo, Submissão autoritária, Agressão autoritária, Anti-intracepção, Superstição e estereotipia, Poder e força, Destrutividade e cinismo, Projetividade e Sexo (ADORNO et al., 1969).

Ao contrário de períodos em que a violência e a violação eram predominantes, como no nazismo, a forma democrática contemporânea busca manter dentro de suas fronteiras diversidades culturais, religiosas e modos de vida singulares defendendo a harmonia entre valores conservadores e liberais. Entretanto, o discurso ideológico da tolerância, que outrora carregava o objetivo de permitir aos diferentes existir em espaços reservados às classes

abastadas, revela-se e equipara a luta por direitos e liberdade com a expressão da barbárie (ANTUNES, 2016).

Ao passo em que direitos têm sido conquistados por mulheres, negros e pessoas LGBTQ, que há muito são subjugados, discursos antidemocráticos questionam esse movimento e se posicionam de forma contrária a esse processo construtor de uma equidade social, inclusive no Brasil. Gradativamente as minorias sociais vêm ocupando espaços públicos com maior protagonismo - ainda que com muito custo e com um número consideravelmente menor que o necessário -, porém, intolerância e preconceito figuram no panorama político brasileiro, como exemplo desse processo pode-se apontar o resultado das eleições de 2018, cenário importante para as análises postuladas aqui, visto que o atual governo presidencial no país apresentou como uma de suas principais pautas a ameaça contra essas minorias.<sup>20</sup>

Outro apontamento relevante aos estudos sobre o autoritarismo é diferenciá-lo de Totalitarismo. O regime totalitário surge no século XX no período da 1ª Guerra Mundial, caracterizando-se como um sistema político comandado por um líder autoritário. *Esse modus operandi* governamental foi responsável pelo direcionamento dos meios de produção ao sustento de recursos bélicos para manutenção durante seus conflitos.

O fator ideológico é um traço característico importante à compreensão de que por meio dele foram propagadas ideias para orientar governo e o povo, ficando clara a distinção entre regimes totalitários de esquerda e de direita. Dentre seus marcos principais estão o nazismo (1933-1945), o fascismo italiano (1922 - 1945) e o stalinismo (1927 - 1953), sendo este último o único ideologicamente atrelado à esquerda (ROEBER et al., 2017). A discussão sobre a constituição de regimes totalitários conta com a exímia contribuição de Hannah Arendt em sua obra *Origens do Totalitarismo* (1989).

Aqui conhecemos divergência pessoal e epistemológica entre Hannah Arendt e Theodor Adorno, supostamente motivados por antipatia e inimizade fundamentados ou especulados por polêmicas relacionadas a Heidegger e à crítica feita pela autora quanto à suposta acriticidade do filósofo frankfurtiano no início da ascensão nazista (MENEZES, 2012). Entretanto, objetiva-se nesse ponto, com a contribuição da autora, tensionar perspectivas sobre os acontecimentos políticos autoritários que desafiam novas formas de análise.

---

<sup>20</sup> **MP assinada por Bolsonaro retira população LGBT das diretrizes dos Direitos Humanos.** Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2019/01/02/interna\\_politica,772675/mp-assinada-por-bolsonaro-retira-populacao-lgbt-das-diretrizes-dos-dir.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2019/01/02/interna_politica,772675/mp-assinada-por-bolsonaro-retira-populacao-lgbt-das-diretrizes-dos-dir.shtml)> Acesso em 20/01/2019.

Arendt (1989) propõe uma genealogia de formas de pensar o totalitarismo. No prefácio da obra *Origens do totalitarismo*, terminado na sua versão original em 1949 após a derrocada alemã e um pouco antes da morte de Stálin, a autora afirma que é perturbador o fato de que um regime totalitário em seu caráter evidentemente criminoso possa ter contado com o apoio das massas. Contrariando especialistas que atribuíam esse apoio à força da máquina de propaganda e à lavagem cerebral, relatórios de pesquisas de opinião pública alemã nos anos 1933 – 1944, colhidos sigilosamente pelo Serviço de Segurança alemão, Arendt demonstra que a população estava notoriamente bem informada sobre o antissemitismo, ou seja, sabiam sobre a barbárie que acontecia aos judeus sem que isso reduzisse o apoio dado ao regime.

Outro apontamento importante feito por Arendt (1989) foi conceber que eventos como o antissemitismo não podem ser considerados apenas resultados de uma cadeia de eventos históricos. Desse modo, a autora estabelece uma distinção fundamental entre antissemitismo pré-totalitário e antissemitismo totalitário. Essa diferenciação serve ao entendimento de que a contingência da "escolha" dos judeus como vítimas, pelo antissemitismo moderno, não pode ser explicada como causalidade histórica de um nacionalismo tradicional.

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. Esse foi o caso da Alemanha nazista, quando a campanha de terror foi dirigida contra os judeus, isto é, contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica (ARENDR, 1989, p.25).

Refletindo sobre as nuances que cercam a estrutura democrática brasileira, a ascensão do candidato eleito à presidência pelo Partido Social Liberal (PSL), Jair Bolsonaro, chama a atenção de analistas sociais. Reconhecido na mídia por diversas polêmicas acerca dos seus posicionamentos<sup>21</sup>, inclusive nos elogios direcionados à ditadura militar, o político possui um eleitorado com pelo menos 60% entre pessoas entre 16 e 34 anos. Destes, metade tem menos de 24 anos.<sup>22</sup> Mas o que faz com que uma parcela tão jovem da população, que não teve contato com o regime ditatorial brasileiro fora dos livros, apoie a candidatura de um político que defende valores antidemocráticos?

---

<sup>21</sup> **Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação.** Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415\\_bolsonaro\\_ongs\\_oab\\_mdb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb)> Acesso em 22/08/2018.

<sup>22</sup> **Por que 60% dos eleitores de Bolsonaro são jovens?** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41936761>> Acesso em 22/08/2018.



Em seu ensaio *Tolerância repressiva*, Marcuse (2007) aponta que, para realizar o objetivo da tolerância, é preciso que a sociedade seja intolerante a políticas dominantes e a extensão da tolerância às políticas e opiniões até então suprimidas. Conforme o autor, como alternativa para o processo semidemocrático existente até então, é necessário que se estabeleça uma luta real pela democracia e que essa se posicione contra a ideologia de tolerância, que, na realidade, favorece e fortalece a desigualdade e a discriminação presentes no *status quo*. Sobre a preocupação com o discurso antidemocrático, Antunes (2016) defende que a corrosão da democracia não é uma preocupação recente e que se apresenta desde que os EUA se estabeleceram como exemplar de sociedade democrática e servindo como modelo a reconstrução política dos países destruídos na Segunda Guerra. A questão crucial acerca desse processo é o quanto o pensamento conservador aparece no cotidiano e na própria democracia.

Em sua *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) questionaram o porquê de a humanidade, ao invés de se tornar cada vez mais humana, está se afundando em uma nova barbárie. Desse modo, orientam sua crítica ao Iluminismo, baseando-se em sua concepção dialética a respeito do conceito de racionalidade instrumental e, ao mesmo tempo, preocupando-se com o potencial contínuo do fascismo. Para os autores, o progresso do pensamento que tem como horizonte o esclarecimento objetiva livrar os homens do medo e do desencantamento do mundo – mitos se dissolveram para dar lugar ao saber. Entretanto, a racionalidade científica serve ao propósito da dominação humana sobre a natureza e sobre a própria humanidade. O esclarecimento se revela como substrato da própria barbárie (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

A reação contra o progresso científico também tende ao fascismo, a tentativa de superar a alienação moderna e a ansiedade pode conduzir ao autoritarismo. Atentando para a racionalização da sociedade e a dominação da natureza em aspectos subjetivos e sociais, Adorno e Horkheimer (1985) denunciam que o esclarecimento descreve uma dialética da razão que, embora concebido como processo supostamente emancipatório, se transforma no seu contrário: um processo de instrumentalização e da repressão humana (FREITAG, 1988). Em *The Authoritarian Personality*, foram abordadas a gênese psicossocial do sujeito autoritário. Historicamente, o estudo da personalidade autoritária liga-se à consolidação do fascismo. Seu pressuposto básico era a existência dos diferentes níveis de personalidade: manifestos e latentes; e consolidou-se como obra fundamental aos estudos sobre autoritarismo e preconceito (ADORNO et al., 1969).

Destarte, corroborando com a discussão elencada até aqui e tomando o autoritarismo enquanto um conceito psicossocial – que tem seu significado construído de

forma intrínseca ao contexto social na qual se apresenta (ADORNO, 2006), este trabalho discute a constituição dos aspectos psicossociais do autoritarismo na contemporaneidade. Estes têm seu desenvolvimento cada vez mais atrelado ao uso de aparatos tecnológicos no cotidiano, reiterando a noção de que estamos imersos na Idade Mídia.

Há décadas, a psicóloga estadunidense Sherry Turkle acompanha o advento da cultura computacional e percebeu que a linguagem dos computadores estava sendo utilizada para compreender diversas esferas, como a política e a educação, e seus questionamentos orientaram reflexões sobre seus impactos sociais e subjetivos (TURKLE, 2004). Compreender que as ferramentas utilizadas para pensar também modificam a forma que pensamos fornece reflexões importantes aos contornos da construção subjetiva dos sujeitos na contemporaneidade (TURKLE, 2005).

Como mencionado, Adorno integrou o *Princeton Radio Research Project* (1938-1941), que visava conhecer o “gosto” dos ouvintes de rádio por meio de um estudo encomendado pela *Rockefeller Foundation*. Adorno (1995a) relata que após sua chegada em *New Jersey* teve o primeiro contato com um “*administrative research*”, em que coletas de dados e demais informações sobre o gosto dos ouvintes e estratégias de sucesso programa de rádio eram utilizadas em benefício da indústria, expressando contratualmente que as pesquisas realizadas no projeto ocorreriam dentro do âmbito comercial estadunidense.

Mediante o estreito espaço para delinear uma investigação social crítica sobre a radiodifusão no trabalho para a *Rockefeller Foundation*, Adorno (1995a) empreendeu, no mesmo período, mas de modo mais independente, uma análise do já consagrado programa de educação de música pelo rádio, “A hora de apreciação da música da NBC”. Com esse estudo analítico o autor demonstrou que o fenômeno da radiodifusão, embora se apresentasse com o objetivo de levar ao ar programas “educacionais”, falhava em levar aos ouvintes uma experiência real com a música (CARONE, 2003). Para Adorno (1995a, p.156),

a ideologia difundida pela indústria cultural musical não precisa ser necessariamente a de seus ouvintes. Sirva de analogia a imprensa sensacionalista, a qual propaga amiúde ideias de extrema-direita em vários países, entre os quais os Estados Unidos e a Inglaterra, sem que durante decênios tenha tido consequências demasiado graves para a formação da vontade política nesses países.

O rádio ter sido convencionado enquanto mídia de comunicação de massa deve-se mais a questões políticas do que a limitações técnicas (COSTA; VICENTIN; LARA, 2018). Nesse sentido e traçando um paralelo com a contemporaneidade, em especial com a internet, que parte do seu caráter ubíquo para se anunciar como meio democrático de acesso à informação, a crítica ao uso cotidiano e despreocupado da tecnologia aparece como

importante auxílio às reflexões sobre o tecido social que nos transpassa (CASTELLS, 2017). Essa perspectiva nos permite também elaborar quais nuances responsáveis por atualizar o domínio da Indústria Cultural na sociedade industrial avançada.

O termo Indústria Cultural aparece pela primeira vez no texto *Art and Mass Culture* no vol. IX da *Zeitschrift für Sozialforschung (Studies in Philosophy and Social Science)* escrito por Horkheimer em 1941. Por Indústria Cultural, entende-se o conceito cunhado para desliga-lo da ideia de cultura de massa, contrapondo a aceção de que esta seria uma cultura que emerge espontaneamente do meio popular e apontando seu caráter de reprodução meticulosamente planejada para o consumo dos indivíduos, “[...] como se fossem “sujeito” pressuposto acriticamente, fora do alcance da totalização. Já o termo Indústria Cultural ressalta o “mecanismo” pelo qual a sociedade como um todo seria “construída” sob a égide do capital, reforçando o vigente” (MAAR, 2003, p. 460).

A produção da sociedade pela Indústria Cultural aponta que na formação social atual os conteúdos ideológicos determinados não são o que importa à reprodução vigente, mas sim a oferta de construções ideológicas substitutivas que preenchem o espaço das experiências autênticas, reais (MAAR, 2003). Em sua crítica à televisão no livro *Educação e Emancipação*, Adorno (1995b) atenta aos perigos da falsa experiência, do mundo dos modelos ideais de vida saudável, que dão a impressão de que as contradições presentes no meio social podem simplesmente ser solucionadas no plano das relações humanas.

As mercadorias produzidas pelo aparelho econômico já predizem sobre a conduta dos sujeitos, agenciando o embotamento da vida em sociedade inculcando modelos normativos e racionalizando indivíduos pelo padrão da autoconservação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A supressão da consciência promovida no seio da sociedade massificada representa a forma vigente da constituição social (MAAR, 2003) mediante a reprodução por meio da técnica em função do capital, denunciando uma sociedade ligada ao advento do consumo (CROCCO, 2009).

A crítica de Adorno e Horkheimer (1985) vai ao encontro da crítica da racionalidade instrumental. Para os autores, a técnica converge com a dominação da humanidade sob a justificativa do progresso. Assim, “a maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.40). Tais constatações sobre progresso e regresso seguem estudadas até hoje. Embora o conceito de progresso tenha reverberações em diferentes campos, Allen (2018) apresenta uma das perspectivas mais recentes sobre o mesmo em diálogo com a Teoria Crítica. Historicamente, o termo advém da tradição iluminista europeia no que concerne o avanço da humanidade frente à barbárie, sendo delineado por

estudiosos que visavam à compreensão do ser humano a partir de transformações econômicas e sociais no séc. XVII, tornando-se um parâmetro civilizacional por meio da racionalidade teórica, técnica e prática (SILVA, 2019).

Entretanto dentro de sua argumentação, Allen (2018) diferencia duas perspectivas convergentes: na primeira considera o progresso enquanto imperativo normativo de um futuro que se busca alcançar mediante a ideia de uma sociedade “minimamente mais justa”. Já a segunda, corresponde a um olhar sobre o passado, tomando o progresso como resultado do processo de aprendizado histórico que desemboca no presente. A compreensão do progresso histórico demanda contínua problematização da aceção de nós enquanto “herdeiros do projeto normativo do Esclarecimento” (ALLEN, 2018).

A modernidade calcada na ideologia burguesa e a razão instrumental como *modus operandi* do progresso têm se estabelecido como lente à compreensão da historicidade humana como aperfeiçoamento contínuo, mediante a crises e retrocessos, mas que retorna ao caminho melhor (SILVA, 2019). Todavia, em perspectiva antitética à sua fetichização, a crítica à ideologia do progresso é presente na obra de diferentes autores da primeira geração de frankfurteanos, referindo-se ao progresso enquanto um conceito que demanda correções, mesmo em sua perspectiva dialética de herança marxista e hegeliana (ADORNO, 1951; 1992). O pensamento de que após a guerra a vida poderia continuar normalmente, ou que há possibilidade de restauração social e cultural após eventos catastróficos como o antissemitismo que culminou no genocídio de milhões de judeus, é a sua própria negação. Desse modo, “a lógica da história é tão destruidora como os homens que produz: onde quer que prensa sua força de gravidade, reproduz o equivalente do infortúnio passado. O normal é a morte”. (ADORNO, 1951, p.46).

Em suas *Teses sobre a História*, Benjamin (1985, p.226) analisa o quadro de Klee, *Angelus Novus*, afirmando que este

representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e ilhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval.

A percepção crítica de Benjamin foi considerada pessimista sobre o progresso linear e o otimismo dos partidos burgueses da social democracia. De moto sintético, os ensaios

sobre a história escritos por Benjamin (1985) partem de ao menos três arcabouços reflexivos principais: o romantismo alemão, o messianismo judeu e o marxismo. (LÖWY, 2002).

No mesmo passo, ao reformular a fala hegeliana sobre a marcha da humanidade em direção à liberdade (LÖWY; VARIKAS, 1992), Adorno (1951) critica a irracionalidade da razão instrumental e a perspectiva positiva do progresso: “[..] unem a extrema perfeição técnica a uma total cegueira. Como aquele, suscitam um terror mortal e são de todo inúteis. – ‘Vi o Espírito do mundo’, não a cavalo, mas com asas e sem cabeça, e isto refuta a filosofia da história de Hegel” (ADORNO, 1951, p.45).

A relação estabelecida entre o esclarecimento e o domínio da natureza e da humanidade ocorre via controle e alienação sobre o que exercem poder, comportando-se como líderes autoritários. Aqueles que estão à frente da produção epistemológica e prática da ciência conhecem o mundo à medida que podem manipulá-lo, assim, “a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Nesse sentido, Adorno e Horkheimer (1985), no capítulo sobre os *Elementos do Antissemitismo* da *Dialética do Esclarecimento*, tratam da permanência latente da barbárie no seio da sociedade democrática. Apontam que a tendência à autodestruição caracteriza a racionalidade desde o seu início considerando que a irracionalidade do antissemitismo é derivada da própria razão. No centro da perspectiva dialética de Adorno está a crítica da *Aufklärung*, bem como as implicações epistemológicas, sociais, políticas e subjetivas dessa reflexão. Não são apresentadas críticas sistematizadas ao progresso, mas a tentativa analítica sucessiva de uma problematização dialética do progresso partindo da experiência histórica da sua geração, marcada pelo período entreguerras e as consequências do antissemitismo e, ao mesmo tempo, esperançosa por um futuro emancipado da “fatalidade progressista/regressiva” (LÖWY; VARIKAS, 1992).

Sob a justificativa do progresso técnico-científico e atrelada à ideia de desenvolvimento humano e das sociedades democráticas sob a alcunha da modernidade ideologicamente burguesa, diversas barbáries tem sido cometidas no percurso histórico da humanidade. Tragédias têm se configurado em todo o mundo, em países periféricos, fora do eixo do desenvolvimento europeu, o progresso significou o estabelecimento de uma relação de exploração da natureza e escravidão de indivíduos subjugados no colonialismo (SILVA, 2019).

O mundo permanece irracional, constituído e reconstruído sob as determinações objetivas do capital, resultando no prolongamento da produção nos termos da Indústria

Cultura e de sujeitos semiformados que reproduzem a realidade pré-existente (MAAR, 2003). Os meios para dominação humana se transmutam na contemporaneidade, assumindo diferentes formas sob o véu da neutralidade da tecnologia. Agora o eixo do desenvolvimento científico é o que pauta o regime do capital na sociedade hodierna.

## **2.2 Para além de Esquerda e Direita: a emergência de uma polarização no cenário político brasileiro**

“Aqui é o fim do mundo  
 Aqui é o fim do mundo  
 Aqui é o fim do mundo  
 Minha terra tem palmeiras  
 Onde sopra o vento forte  
 Da fome, do medo e muito  
 Principalmente da morte”

(Marginália II – Gilberto Gil & Torquato Neto)

A canção *Marginália II*, composta por Torquato Neto (1944 – 1972) e interpretada por Gilberto Gil data de 1967, e faz parte dos trabalhos de uma série de artistas, principalmente daqueles ligados à formação do grupo intelectual reunido durante 1967 e 1968 a partir do tropicalismo.<sup>23</sup> O Brasil cantado na música de Torquato Neto, que interpela a poesia de Gonçalves Dias, é o da fome e do medo no cotidiano violento vivido na ditadura militar. A canção denuncia que a ordem e o progresso representados na bandeira não mostravam a marginalidade vivida no país. Sob essa perspectiva, penso que o ponto de partida para a análise histórica do autoritarismo no Brasil não é correlato apenas ao período ditatorial.

A historiografia brasileira é extensa e não se pretende reconstruir aqui o processo histórico desde a sua ocupação territorial. Autores como Marilena Chauí (2006; 2016) desvelam traços da colonização de uma sociedade visceralmente autoritária, hierarquizada, escravocrata e genocida, que perpetua na contemporaneidade a barbárie residente no país desde sua fundação social.

A tradição portuguesa que consolidou parte significativa do povo brasileiro é responsável não apenas pela promoção da colonização territorial, mas também da sociocultural. O domínio conservador sobre as minorias sempre foi um traço tão significativo e contínuo que enfraquecia a luta da classe trabalhadora e fortalecia o domínio das classes

---

<sup>23</sup> **Tropicália: ruídos pulsativos.** Disponível em: <<http://tropicalia.com.br/ruídos-pulsativos/marginalia>> Acesso em 25/01/2019.

majoritárias. Segundo Rodrigues (1988), este é um aspecto social e psicossocial constituinte do Brasil.

Além das questões antropológicas que determinaram os rumos da miscigenação violenta que ocorrera no país, outros aspectos da colônia portuguesa no Brasil são significativos, como a regionalização da terra e sua relação mais próxima ou não com os centros administrativos de Portugal. Schwartzman aponta em sua obra *Bases do autoritarismo brasileiro* (1982) traços que marcam, desde a colonização, a fundação social do país, entre estes está a herança de um sistema político que não funciona de modo representativo para determinadas classes sociais.

Em uma perspectiva historiográfica, atenuantes como o caráter patrimonialista do Estado português no país colaboram com a reflexão de como se compõe o atual regime político, seu caráter nacionalista e a estratificação social que perpetua desigualdades sociais na contemporaneidade. Duarte (1939) considera que as relações entre setores públicos e privados na sociedade brasileira representa um dos extremos da interpretação do seu sistema político e de sua organização social. Mais do que a língua, outros elementos étnicos europeus teriam sido herdados, tais como a nossa organização civil e política que foi, para o autor, uma réplica do modelo feudal e considerado imutável até a independência.

O equilíbrio do Império devia sua paz em grande medida ao seu senhorio territorial, que detinha a força econômica e o poder estatal (DUARTE, 1939). Em outra perspectiva, Faoro (2013) aponta na história portuguesa as origens de um Estado centralizado e patrimonialista que, com auxílio britânico, foi transportado ao Brasil e já era presente na administração da colônia. Em suma, a ideia apresentada contribui ao entendimento do sistema político nacional como um sistema baseado em mecanismos de cooptação e representação de interesses. O Estado é então agente de setores da sociedade definidos em termos classistas e econômicos (SCHWARTZMAN, 1982).

Em sua obra *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*, Chauí (2006) considera que a narrativa edênica brasileira serve à manutenção do *status quo* que apazigua tensões e contradições com as quais nos deparamos no cotidiano. Desse modo, define ainda que o mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novas linguagens e ideias que, embora pareçam outra coisa, são os mesmos valores travestidos em novas roupagens que remetem a um momento de fundação imaginário.

O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm

se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimenta-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente. (CHAUI, 2006, p.10)

Ao elaborar algumas reflexões sobre a ideia romântica que o povo brasileiro persiste em manter, a autora mostra que a força persuasiva dessa representação no imaginário coletivo perpetua ideias sobre sua construção social e cultural, tais como o entendimento de que nossa história não se escreveu com sangue; que este é um país abençoado por Deus e “gigante pela própria natureza”; que temos um povo pacífico, hospitaleiro e generoso; ou, mais ainda, que este é um país sem preconceitos e que aqui se desconhece qualquer discriminação. No decorrer do trabalho, serão apresentados comentários das publicações coletadas nas páginas do *Facebook*, propondo interlocuções entre o conteúdo dos discursos enunciados e os referenciais teóricos apresentados, promovendo articulações com o objeto e denotando possíveis dissonâncias.

O hábito de supor o autoritarismo apenas como um fenômeno político que periodicamente afeta o Estado nos coloca frente a percepção errônea de que nossa sociedade não é autoritária e que dela não surgem corriqueiras manifestações de autoritarismo político. Resumidamente, alguns dos traços marcantes dessa sociedade são: ser estruturada pela matriz senhorial da Colônia; as divisões sociais são naturalizadas em desigualdades postas como inferioridade natural (ideias racistas, misóginas, xenofóbicas); diferenças também naturalizadas que tendem a aparecer como perversão ou monstruosidade, no caso de LGBTTs. Essa naturalização que sufoca a gênese histórica da estratificação social da desigualdade e da diferença possibilita a naturalização de todas as formas visíveis e invisíveis de violência, já que não são percebidas como tal (CHAUI, 2006).

Ainda por meio de uma perspectiva histórica, Codato (2005) descreve um dos marcos da barbárie que elenca a constituição política do autoritarismo no país, o regime ditatorial cívico-militar que durou 25 anos (1964 – 1989). A sua primeira fase corresponde, grosso modo, aos governos de Castelo Branco e Costa e Silva (1964 - 1968) e termina no governo Sarney (1985 – 1989), considerado o período de transição do regime ditatorial cívico- militar para um regime liberal-democrático. Dentre os aspectos a serem considerados nesse momento e apontados pelo autor, primeiro destaca-se que esse processo não decorreu de pressão da sociedade civil, apesar de sua influência decisiva nesse contexto, mas esse movimento foi iniciado e encabeçado pelos militares. Em segundo, deve-se atentar que os objetivos e o andamento desse processo também foram determinados pelos militares. E, por



fim, correspondeu à demanda resolutiva de problemas internos à corporação.

Um dos maiores problemas da ditadura militar para os governos da década de noventa foi sem dúvida a presença de núcleos de poder específicos no governo brasileiro, dotados de grande independência e ausência de controle político. No governo de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 1998 e 1999 – 2002) notam-se três clivagens desse fenômeno. Na área econômica, destaca-se o “superministério”, representado pelo Banco Central, Conselho de Política Monetária e Ministério da Fazenda. Na área militar, se mantiveram o Gabinete de Segurança Institucional, a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN, antigo Serviço Nacional de Informações) e a Justiça Militar. Por fim, na área empresarial, em que se administram os interesses do mercado (política de privatizações, transportes, comércio exterior, educação e comunicações), imperou a regra de contato direto entre grandes empresários com decisores estratégicos muito pouco transparentes (CODATO, 2005). Tais permanências e práticas desvelam traços constituintes da sociedade brasileira.

Outro aspecto a se tomar nota é o de que manifestações de movimentos sociais na cena pública são usuais no país desde o Brasil Colônia, entretanto ganharam maior visibilidade desde 1950. Após a década de 1970, essas manifestações ganharam novos contornos, corroborando com a construção da cidadania dos brasileiros e consolidação da democracia. As *Diretas Já* (1984) e o movimento dos *Caras Pintadas* (1992) são expoentes desse processo e tornaram-se marco histórico da luta democrática no país (GOHN, 2016).

Após esse período diversos movimentos sociais têm se organizado em prol de pautas identitárias, sindicais, políticas e de direitos utilizando as ruas como espaço para atrair visibilidade às suas demandas. Entretanto, novos atores têm mudado o panorama da organização desses movimentos, como o uso das redes sociais online, produzindo novas formas de movimentos sociais, caracterizadas pela organização supostamente horizontal e autônoma e crítica às formas tradicionais de política, especialmente frente à partidos e sindicatos (GOHN, 2014).

Os protestos que ocorreram no Brasil em 2013 foram exemplo do uso intenso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação como possibilidade de ampliar a participação na vida pública, com o intuito de gerar maior mobilização e articulação dos atores sociais (ARAÚJO; PENTEADO; SANTOS, 2015). Os novos arranjos interativos entre os pontos nodais na rede possibilitam novas formas de organização do embate político nas ruas. As redes de movimentos sociais desenvolvem sua mobilização em espaços locais ou regionais a partir do estabelecimento de vínculos sociais e políticos, mas também buscam impacto midiático e visibilidade na esfera pública ampliada, desenvolvendo estratégias

políticas e programáticas de acordo com suas necessidades, conectando espaços locais, nacionais ou internacionais.

As TDICs ampliam o acesso a informações em tempo real, bem como a aproximação entre os fornecedores de serviços online e usuários, que se comunicam através de novos arranjos interativos disponíveis na rede (SCHERER-WARREN, 2008). Nesse sentido, as últimas campanhas eleitorais brasileiras se caracterizaram pelo uso massivo da internet e mídias sociais como ferramenta para alavancar o discurso e a propaganda política. Nas eleições de 2014 e 2016 isso já podia ser observado, contudo em 2018 esse fenômeno teve proporções ainda mais extensivas (BRAGA; CARLOMAGNO, 2018).

Contrariando o que ocorreu no Brasil na década de 1980, quando manifestações sociais que lutaram pela redemocratização se identificavam majoritariamente como agrupamentos políticos de esquerda, a partir de 2013 os manifestantes cada vez mais se identificaram com o centro e direita no âmbito político. Se em 2013 o Movimento Passe Livre articulou seu discurso se declarando apartidário, em 2015 o cenário foi distinto. Organizações como o Movimento Brasil Livre (MBL) convocaram multidões, via redes sociais online, para irem às ruas entoando pedidos de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores - PT), intervenção militar e slogans antipetistas (PINTO, 2017). A polarização política do país foi acirrada nesse processo, visto que foram expostas nas ruas e na mídia justificativas contra e a favor do processo carregadas com o discurso anticorrupção (BECKER; CESAR; GALLAS; WEBER, 2017).

Em uma análise sobre o fenômeno político da extrema direita brasileira no cenário das eleições que elegeram Jair Bolsonaro, Fausto (2019) diferencia a atual onda conservadora de uma anterior, em meados da primeira metade do século XX. Dentre as características similares estão a situação de crise econômica com altas taxas de desemprego, com a diferença de que no século XX os poderes totalitários tinham um viés estatizante ao passo que a hegemonia econômica atual diz de um regime ultraliberal; a crise identitária, constituída ideologicamente, mas mote para o genocídio em massa; a revanche racista contra os progressos conquistados pelo movimento negro na luta emancipatória; o anti-intelectualismo; a banalização da violência por parte da população; e, por fim, um “neototalitarismo ocidental” religioso e reacionário. Outro fator de diferenciação que podemos elencar é que a ascensão do discurso da extrema direita na sociedade hodierna brasileira, entretanto, não surge de modo solitário, mas junto do crescimento do uso da mídia online no Brasil.

Ao mesmo tempo deve-se analisar a conturbada relação entre a hegemonia capitalista e o âmbito democrático remonta ao século XIX, quando a burguesia, junto da direita política,

se manifestava contraditoriamente à regra da maioria, temendo o predomínio de pobre sobre ricos e o fim da propriedade privada, buscando a manutenção da segregação socioeconômica. Em contrapartida, a classe proletária e a esquerda política aliavam-se, por sua vez, frente aos burgueses, receosos de que estes pudessem se aliar a forças reacionárias para extinguir a democracia e assim evitar a redistribuição econômica e social (STREECK, 2012).

Atualmente a vitória da extrema direita no Brasil é concomitante ao movimento mundial de forças repressivas à emancipação, visando a ocupação do meio democrático. A forma como as forças políticas têm se situado nesse espaço evidencia problemas crônicos que embotam o progresso social. A dicotomia político-ideológica Direita-Esquerda tornaram-nas categorias universais e parte da constituição democrática das sociedades contemporâneas (BOBBIO, 2001). Portanto, é necessário atribuir a devida atenção às acepções direita e esquerda nesse recorte. As intensas mudanças na realidade econômica, social e cultural brasileira fomentam questionamentos à adequação desta dicotomia e a sua capacidade em descrever de forma apropriada o objeto analisado neste trabalho.

Inicialmente, o uso das categorias Direita e Esquerda para indicar preferências políticas remonta à Revolução Francesa, mais especificamente à organização espacial na Assembleia Nacional (1789 – 1791), onde eram deliberadas as diretrizes para o processo revolucionário. Delegados mais moderados em seu viés reformista (*Feullants* e posteriormente os Girondinos) e identificados com a aristocracia e conservadorismo situavam-se à direita, ao passo que delegados mais radicais (Jacobinos) quanto à revolução, aliados das camadas populares (*sans-culottes*) identificados com o igualitarismo e reforma social sentavam-se à esquerda do rei (GAUCHET, 1997; BOBBIO, 2001).

Constantemente tais acepções são usadas para situar espacialmente a posição de diferentes partidos dentro de um sistema político, no entanto o sentido dos conceitos sofre variação com o tempo. Ao longo do século XIX a diferença presente nessa dicotomia assumiu novos contornos e a díade Direita e Esquerda passa a ser associada com a distinção entre conservadorismo e liberalismo. A expansão do movimento operário e a difusão do marxismo aliado à posição política de esquerda passa a incorporar a defesa das reivindicações do proletariado.

No fim do século XIX, e de modo concomitante à Revolução Russa de 1917, a burguesia se desloca para o posicionamento de direita, em defesa do capital. Após isso, a partir da década de 1930, os estados de bem-estar social que objetivaram estruturar políticas de redistribuição de renda reforçaram a oposição entre domínio estatal na economia e liberdade de mercado. Assim, as diferenças ideológicas que influenciam a configuração do

partidarismo brasileiro tornam-se ainda mais evidentes, indo além da presumida distinção conceitual entre direita e esquerda, facilitando o entendimento das coligações políticas partidárias e sua atuação nas políticas públicas (MADEIRA; TAROUÇO, 2011; 2013).

Observando a cena pública brasileira, com ênfase na polarização atual, pode-se afirmar que há na verdade uma unidimensionalidade nessa composição democrática. Direita e esquerda são termos antitéticos, reciprocamente excludentes e exaustivos, que indicam programas resolutivos com relação a diversas problemas sociais e nos quais os indivíduos tentam alinhar-se situacionalmente em um dos polos de uma determinada luta, como um “comportamento natural” da humanidade. Busca-se preencher a necessidade de identificação com um grupo, o que implica ainda na dicotomia nós e eles, ou direita e esquerda, por exemplo (BOBBIO, 2001).

Conforme o que pode ser observado ao longo deste trabalho, a polarização na política brasileira, ao menos em primeira medida, circunscreve-se em torno da figura do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT) e do atual ocupante do cargo, Jair Messias Bolsonaro (eleito estando filiado ao PSL e atualmente sem partido). Singer (2012) empreende forte análise para entender o lulismo, observando o realinhamento das bases sociais que contribuíram à chegada de Lula ao poder. A representação da classe que o elegeu gira em torno da expectativa de um governo que diminuísse a desigualdade social sem subversões à ordem social estabelecida.

A projeção de expectativas direcionadas à uma figura política acima das camadas popularizadas é apresentada por Marx (2011) no “18 Brumário de Luís Bonaparte” (*Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*), em sua análise do percurso entre a Revolução de 1848 ao domínio autoritário de Napoleão Bonaparte e prevendo o que seria a dinâmica da sociedade burguesa. A liderança de uma figura “carismática”, por vezes autoritária, condensa a ineficiência do aparato político de representação parlamentar, descrevendo o comportamento político no qual as classes sociais subalternas buscam ser representados no topo da hierarquia política. Tal representação, no entanto, incorre de modo ideológico, em pesquisas analisadas por Singer (2013; 2016) no que tange o espectro ideológico brasileiro, na coexistência das divergências políticas explodiu com as manifestações que tomaram as ruas do país em 2013.

A suposta tomada de consciência sobre a situação emergiu, evidenciando melhorias e também que ainda há muito a melhorar. Acerca do processo de expansão socioeconômica da égide capitalista no Brasil, Oliveira (2015) tenta escapar à tentação dualista em seu ensaio, tratando a sociedade brasileira como um ornitorrinco. O autor recorre

ao estranho animal – metade pássaro e metade mamífero – como metáfora à interpretação do Brasil enquanto embotamento evolutivo. O diagnóstico transita entre a análise econômica e social, desvelando uma estrutura permissiva ao impasse civilizatório brasileiro, no qual “o ornitorrinco capitalista é uma acumulação truncada e uma sociedade desigualitária sem remissão” (OLIVEIRA, 2015, p. 97). O fim do período lulista desemboca no acirramento de contradições, outrora escondidas por um fraco reformismo da realidade socioeconômica e cultural e a qual não sustentou o avanço de uma onda conservadora que cresceu exponencialmente no âmbito político.

### **2.3 Semiformação subjetiva e a unidimensionalidade da esfera pública**

A partir das considerações expostas, podemos compreender que as relações sociais no Brasil resultam de um modo da dominação do processo produtivo, como a conexão entre capitalismo e escravidão. Atualmente, sob a égide do capitalismo tardio, os indivíduos são ao mesmo tempo dominados por essa reprodução da realidade mediante o regime econômico e distanciados da realidade social. Ao mesmo tempo em que o processo de privatização da esfera pública ocorre, a constituição subjetiva no que concerne à opinião pública é gerada no âmbito de iniciativas privadas de grande porte. Tais iniciativas mantêm em seu domínio uma esfera pública midiaticizada, reificada por um esforço ideológico que permite a manutenção do *status quo*, reestruturando a sociedade capitalista em tendências totalizantes (MAAR 2016).

Nesse sentido, Adorno (1996) evidencia que o colapso da formação cultural é observado de diversas formas. As profundas articulações entre sujeito e crítica social no processo de reprodução ampliada do domínio das estruturas hegemônicas do capital sobre a sociedade é denunciado enquanto determinação social da Semiformação (*Halbbildung*). A formação cultural da humanidade é convertida em uma “semiformação socializada” sob o domínio do capital, resultando em uma experiência obstruída pela adequação ao consumo de mercadorias e necessidades, que se reproduzem sistematicamente por meio da Indústria Cultural (MAAR, 2000; 2003).

A reificação da consciência em um ciclo de consumo de necessidades retroativas lembra que a reconciliação entre o meio social e subjetivo ainda são ineficientes e nesse sentido a discussão do conceito da Indústria Cultural permanece em voga para o diagnóstico das condições sociais que permitem a semiformação subjetiva da humanidade (ZUIN, 2001). Considerando o conceito de mentalidade de *ticket*, Adorno e Horkheimer (1985) analisam a adesão dos indivíduos a blocos ideológicos de ideias, denotando a perda da experiência.

Embora os sujeitos escolham o *ticket* progressista, acabam sendo transformados em inimigos do que é diferente, ao passo que os que escolhem o *ticket* fascista adequam-se ao vazio. O assujeitamento dos indivíduos à semiformação revela a determinação objetiva que contribui à alienação.

Devemos ainda admitir que os aparatos tecnológicos da comunicação circunscrevem a tecnopolítica e transformaram-se em um dos aspectos mais importantes da geopolítica mundial. Portanto, fornecer reflexões sobre a sua infraestrutura permite a discussão do seu *modus operandi* desvelando o funcionamento da estrutura técnica que delinea a contemporaneidade. Como exemplo da análise da comunicação de massa no presente, Adorno (1994) elaborou forte crítica ao uso do rádio enquanto suposto aparato democrático de horizontalização de acesso à cultura.

A manipulação do espaço público remonta à crise democrática vivida no país e no mundo atualmente e para introduzir esse debate, é importante ressaltar o conceito de democracia. Adorno (1995b), defende que a exigência emancipatória parece óbvia em um regime democrático por meio da retomada da acepção kantiana de “esclarecimento” (*Aufklärung*), com a qual Kant (1985) o apresenta como “a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado”. Em outras palavras, a menoridade do sujeito diz respeito a (in)capacidade de pensar por si mesmo; o meio pelo qual essa tutela pode ser contrariada é “atrevendo-se a saber” (*Sapere Aude*), atingindo a maioria pelo exercício do uso livre da razão. Desse modo, o regime democrático representativo sintetizaria institucionalmente o suposto exercício da razão autônoma

Tratando ainda sobre a questão democrática, Adorno (1986) analisa as mudanças que vêm ocorrendo ao longo do processo histórico no texto *Liderança democrática e manipulação das massas*, obra na qual é feita a análise da obra freudiana *Psicologia das massas e análise do Eu*. O autor frankfurtiano chega à conclusão de que organizações hierárquicas como exércitos e igrejas funcionam como mecanismos de identificação e introjeção autoritários os quais se impõem massivamente sobre um grande número de pessoas, inclusive dos grupos anti-autoritarismo, como partidos políticos. Esse perigo é a contrapartida dos procedimentos com os quais uma liderança procura se autoperpetuar. A observação de que a democracia hoje fomenta os movimentos e forças antidemocráticas é uma das demonstrações mais claras da iminência desse perigo.

Em sua reflexão sobre as tendências antidemocráticas no contexto dos Estados Unidos na década de 1970, Marcuse (2018a) analisa o desenvolvimento regressivo da democracia burguesa. Para o autor, a democracia burguesa tem como fim a sua transformação

em uma sociedade estática, reacionária e conservadora, tendo como únicas alternativas possíveis o neofascismo em uma escala global ou a transição ao socialismo. Em sua concepção, o capitalismo perpetua sua dominação extensiva da sociedade por meio da apropriação do capital, do trabalho e dos meios de produção. A sociedade que projeta e empreende a transformação tecnológica da natureza adultera a base da dominação ao gradualmente substituir a dependência individual (do servo pelo senhor feudal) pela dependência da “ordem objetiva das coisas” (leis de mercado e políticas). Esta última é o resultado da dominação, que agora gera uma racionalidade maior: a de uma sociedade que sustenta sua estrutura hierárquica enquanto explora fontes naturais e mentais (MARCUSE, 2015).

Em nosso tempo, a nova faceta do capitalismo tardio circunda a mediação tecnológica do mundo, cooptando dados, relações, interpelando a relação entre sujeitos e o meio social, econômico e político em larga medida por meio de *smartphones*, *smartwatches*, computadores e todos os seus periféricos que monetizam cada ação humana – neologismo atual para a ideia de que transformam cada ação humana em lucro. No pensamento de Adorno (1985), a composição do regime democrático ocorre de modo conectado à formação de indivíduos autônomos. Sem isso, a constituição das subjetividades torna-se massificada.

Nesse cenário, a compreensão do lugar ocupado pela comunicação na contemporaneidade incide de forma diversa nas novas formas de sociabilidade. Destarte, a compreensão das novas estruturas sociais mediadas pela comunicação como uma “Idade Mídia” tem atendido discussões em diversos campos e fornece subsídio às reflexões elencadas neste trabalho. Essa denominação advém de uma perspectiva marxista que atenta à articulação da atualidade da comunicação e da infraestrutura econômica, observando que a comunicação tem protagonizado um dos setores mais lucrativos da sociedade capitalista hodierna. Desse modo, entende-se por Idade Mídia a circunstância societária profundamente estruturada e ambientada pelo espectro midiático (RUBIM, 2000).

A fim de depreender aspectos desta Idade Mídia, procedemos a uma breve incursão nos estudos de mídia. Apenas em 1920 o termo “mídia” começou a estar em voga no âmbito social, entretanto, os estudos interessados pela comunicação humana vêm de longa data, como na Grécia e Roma antigas, Idade Média e Renascença (BRIGGS; BURKE, 2016). A associação entre estudos comunicacionais e a abordagem da retórica tem sido motor para discutir a sua incorporação a pesquisas de mídia na contemporaneidade. Todavia, existem concepções diversas a respeito dessa relação (LOPES, 2012).

Remonta-se o surgimento da retórica as colônias gregas em meados de 485 A.C.

sendo desenvolvida como meio de persuasão usado pelos sujeitos como conjunto de técnicas discursivas. De modo significativo, a retórica é mencionada em diversos diálogos na cultura grega, como *Górgias* de Platão, no qual é feita uma crítica aos sofistas por meio do personagem de Sócrates, apontando que a preocupação do discurso retórico seria maior com a aparência do que com a verdade (PINTO, 2009). É sabida a preocupação dos filósofos gregos com a Verdade, todavia, os textos de Aristóteles sobre a *Retórica* (2005) trazem uma perspectiva que propõe uma elaboração conceitual da prática retórica, um saber interdisciplinar que se afirmou enquanto arte de comunicar o pensamento. Entretanto, não pretendo elencar aqui sua gênese histórica, já há muito discutida, mas sim sua relação com a opinião pública e com o espaço midiático.

No pensamento de Barthes (2001), a retórica é enunciada enquanto metalinguagem, um discurso que envolve práticas polissêmicas que podem ou não ocorrer simultaneamente, são elas: (i) técnica, enquanto forma persuasiva do discurso; (ii) ensinamento, enquanto sentido pedagógico, o *retor* ensinando seus discípulos; (iii) ciência, como campo que estuda certos efeitos dessa metalinguagem; (iv) moral, regras como código de prescrição com intuito da vigilância; (v) prática social, técnica ensinada à classes abastadas, que garantia para si “a propriedade da palavra”; (vi) prática lúdica, uma retórica fora da norma, como jogos ou alusões obscenas. A percepção da prática retórica enquanto prática social oferece subsídios à discussão de acontecimentos que impactaram mudanças na história da esfera midiática.

A prática retórica foi componente curricular em escolas e universidades ocidentais até meios do século XVIII e mantém forte impacto cultural na contemporaneidade (PINTO, 2009). Eventos como a Reforma Protestante e a Revolução Francesa apontam para o surgimento da esfera pública e do que seria compreendido enquanto política cultural: a informação política, as atitudes e os valores compartilhados no meio social. Além disso, tais eventos incorreram significativamente na mudança política europeia, as disputas burguesas demandavam cada vez mais apoio popular e para persuadir esse grupo foi necessário criar meios, como a promoção de debates públicos (BRIGGS; BURKE, 2016). A reflexão da retórica enquanto uma dimensão da mídia defende que os espaços midiáticos construídos nas esferas pública e privada, construídos retoricamente do mesmo modo que a linguagem midiática, têm se fragmentado frente a liberalização dos mercados midiáticos (SILVERSTONE, 2002).

O crescimento exponencial dos sistemas midiáticos no Brasil ocorreu após o golpe de 1964, durante o período da ditadura militar, no qual houveram investimentos significativos



em uma política comunicacional voltada ao desenvolvimento da lógica pertinente à indústria cultural (AZEVEDO; RUBIM, 1998). Assim, foram delineadas interações entre mídia e política, possibilitando a expansão de mídias como a televisão. Todavia, tal crescimento ocorreu mediante a lógica da censura que cerceava o conteúdo difundido de acordo com os interesses ideológicos do regime militar.

O sistema de telecomunicações criado no período ditatorial auxiliou a campanha de Fernando Collor de Melo durante as eleições presidenciais de 1989, visto que 90% da população tinha acesso à televisão, meio que se tornou a principal fonte de acesso à informação na época. Construída em golpes de marketing e uso constante da mídia, financiados por grandes grupos econômicos, tornaram este o marco inicial da relação entre comunicação e marketing no ambiente político brasileiro (MIGUEL; BIROLI, 2011).

Analisando o mercado midiático brasileiro, Azevedo (2006) descreve quatro características: o surgimento tardio da imprensa, baixa circulação dos jornais, orientação às elites e centralidade da televisão no sistema de mídia. Após denúncias de corrupção os interesses econômicos e políticos convergiram junto aos veículos tradicionais de imprensa que promoveram Collor, e assim movimentaram o jogo político e deram tom ao pedido de *impeachment* que o tiraram da presidência (MIGUEL; BIROLI, 2011).

Atualmente a disputa entre os veículos tradicionais da imprensa e a visibilidade em mídias sociais online independentes ameaça à hegemonia da concentração da atenção pública. A assimetria do consumo de informações no meio digital e em veículos como a televisão suscita uma perspectiva crítica. Com mídias sociais extremamente concentradas e relações econômicas e políticas intrínsecas à comunicação, as transformações no sistema midiático subsidiam a reconfiguração do ambiente social (SANTOS JR; ALBUQUERQUE, 2019).

Embora o consumo tecnológico seja global, aqueles que desenham o aparato tecnológico residem principalmente em um mesmo lugar, o Vale do Silício (MOROZOV, 2018). Tais produtores de tecnologia não visam apenas o lucro com a venda de tecnologia, mas justamente o poderio de controle atrelado a ela, os rastros digitais que alimentam o Big Data e delineiam os âmbitos sociais, políticos e subjetivos. Morozov (2018) afirma que a luta global pelos dados e pela supremacia da inteligência artificial escancara a premissa, há muito descoberta pelas grandes empresas, de que quem domina a tecnologia mais avançada, domina o mundo.

As eleições brasileiras de 2018 mostram o quão alto pode ser o preço pela dependência de plataformas digitais sem se dar conta de que redes sociais online são também agentes políticos. O modelo da *Big Tech* funciona de tal modo que não é mais relevante saber

quais informações são verdadeiras, tudo que importa é o quanto viralizam, já que as *fake news*<sup>24</sup> nesse contexto são apenas as notícias que mais viralizam. A comunicação passa a se tornar a estrutura que ambienta a sociabilidade porque torna-se dispositivo fundamental para a objetividade do capital na contemporaneidade. Tal onipresença dos aparatos comunicacionais se evidencia através da constante mediação de sentidos pela mídia na tessitura do mundo atual (RUBIM, 2001). Algoritmos são criados com competências para mensurar, analisar e processar informações valiosas, os dados, uma matéria prima privilegiada economicamente, equivalente ao capital e ao trabalho (CÁDIMA, 2015).

O discurso autoritário não ameaça somente o meio social, mas a própria democracia. Desse modo, é importante analisar o advento das TDICs no contexto sociopolítico brasileiro atual, considerando o uso de plataformas digitais como meio de suposta horizontalização entre políticos e sociedade civil. Essa caracterização fornece aporte para se questionar a relação desse aparato tecnológico no cotidiano enquanto agente social transformador.

Transformar a humanidade em relações mediatizadas e mensuráveis responde à demanda do capitalismo digital que almeja operacionalizar o humano, para que tudo que é subjetivo possa ser calculado e até mesmo premeditado, inclusive o preconceito. As consequências do Big Data, do uso de algoritmos e da análise preditiva na consolidação do digital nas vias de sociabilidade alertam ao controle e vigilância constante, que resultam em um apagamento progressivo dos cidadãos, seus direitos e da própria democracia. Frente à automação da vida, que reconfigura os sujeitos e assim embota a capacidade de uma reflexão estética possível, é imprescindível adotar uma perspectiva crítica imanente ao projeto social que envolve a contemporaneidade.

Tais contribuições sobre o caráter social do autoritarismo junto ao atual panorama político do Brasil, que tem sido tomado pela crescente onda de discursos antidemocráticos alavancados pela mídia, fomentam a busca por caracterizar o pensamento autoritário hodierno. Portanto, sob a perspectiva de que os discursos conservadores em ascensão no âmbito político, dizem de uma nova roupagem da lógica do capital, que coopta discursos preconceituosos em favor da tomada do poder no jogo democrático o cenário nacional tem

---

<sup>24</sup> Embora haja inúmeras divergências na literatura a respeito da definição do que são as fakes news, opto pela definição apresentada pelo Facebook em seu relatório *Information operations and Facebook* publicado em 2017, no qual o termo "notícias falsas" surgiu como "uma frase geral para se referir a tudo, desde artigos de notícias que são factualmente incorretos a artigos de opinião, paródias e sarcasmo, hoaxes, rumores, memes, abuso on-line e distorções factuais de figuras públicas que são relatados em notícias de outra forma precisas. O uso excessivo e indevido do termo "notícias falsas" pode ser problemático porque, sem definições comuns, não podemos entender ou resolver completamente esses problemas" (WEEDON; NULAND; STAMOS, 2017).

nos apresentados escolhas políticas perigosas à estrutura democrática contemporânea. Conforme a ascensão do conservadorismo toma a frente de disputas eleitorais, dissemina consigo valores semelhantes à conjuntura social que antecedeu regimes totalitários ao redor do mundo. Entre discursos antidemocráticos e ausência de forças que se contraponham a esse processo de maneira efetiva, a sociedade tem delineado um percurso perigoso de encontro ao autoritarismo e, nesse sentido, propor discussões como esta podem auxiliar na construção de enfrentamento a esse processo.



### 3 ALGORITMOS, FILTROS INVISÍVEIS E A COMPLEXIDADE DAS TRAMAS TECNOLÓGICAS CAPITALISMO TARDIO

Trama (latim, *trama*, *-ae*): tecnologia denominada pelo conjunto de fios que tecelões fazem passar com a lançadeira entre os fios estendidos do urdimento e transversalmente a estes. O tecido formado pelo entrelaçamento dos fios; tela. Rede cuja estrutura é formada por elementos que se cruzam e se interligam. Enredo, desenrolar de acontecimentos em uma produção artística. Maquinação com o objetivo de prejudicar alguém. Complô contra a segurança de pessoas e instituições<sup>25</sup>.

A definição trazida acima fornece subsídio ao pensamento que será desenvolvido aqui. Corriqueiramente, a definição de rede interpela discussões sobre o contexto da sociedade da informação e da conjuntura social na qual está imersa. Na mitologia, o termo “rede” fazia referência ao imaginário da tecelagem e do labirinto; na Medicina de Hipócrates era uma metáfora sobre o entrelaçamento e comunicação das veias no corpo humano. Existe, portanto, uma diversidade de definições que parecem conter um núcleo semelhante relacionado à imagem de fios entrelaçados, redes, malhas para pesca, teias que formam um tecido comum. Entretanto, embora a ideia de entrelaçamento seja comum em ambos os termos, rede e trama, a ambiguidade presente na palavra trama parece fornecer melhor analogia neste trabalho. Trama remete à conexão, mas também denota que há algo por trás das ligações visíveis. É sobre essa percepção que esta discussão se constrói aqui, sobre a opacidade da tecnologia.

O uso da expressão “capitalismo tardio”, é oriunda do trabalho crítico de Adorno (1986c), no qual o autor analisa um novo estágio do capitalismo no séc. XX a partir das transformações desse sistema econômico, sustentando um diagnóstico social de sua época frente ao crescimento exponencial das forças produtivas. Dadas as transformações significativas desde então, essa acepção é tomada como reflexão para orientar as discussões sobre a hegemonia do capital na sociedade hodierna estruturada como Idade Mídia.

#### 3.1 Quanto vale um *hater*? Gerenciamento de discursos antidemocráticos em plataformas digitais

Um novo paradigma sócio-histórico foi inaugurado na década de 1970, organizado com base na tecnologia da informação e no qual existiram grandes progressos

---

<sup>25</sup> **Significado: trama. Dicionário Michaelis online.** Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/trama/>> Acesso em 07/12/2019.

tecnológicos, principalmente nos Estados Unidos. A internet originou-se de um projeto de pesquisa do Departamento de Defesa dos E.U.A. (DARPA) para impedir a destruição do sistema norte-americano de comunicação em caso de guerra nuclear. Como resultado desse trabalho, surge uma arquitetura em rede (ARPANET) que não poderia ser controlada por nenhuma central, composta por milhares de computadores autônomos e conectados (CASTELLS, 1999).

A partir de então, e cada vez mais, a sociedade em rede denomina o paradigma tecnológico derivado do uso das TDICs e orienta uma nova configuração da estrutura social, que pauta relações de produção, consumo e experiência. Dentre as características dessa sociedade, a base microeletrônica organizada por meio de redes tecnológicas fornece novas facetas à antiga organização social evidenciando-se na história humana (CASTELLS, 2005). Levy (2010) compreende essas mudanças estruturais enquanto ciberespaço e cibercultura. O primeiro diz de um espaço comunicacional “aberto” na internet, incluindo diversos aspectos do meio físico (computadores e demais dispositivos conectados à internet) e virtual desde que transmitam informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Já a cibercultura seria o conjunto de técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que se desenvolvem junto a esse ciberespaço.

Em 2010, a internet já havia se tornado uma rede universal para todo e qualquer dado, substituindo grandes conglomerados midiáticos da informação do século XX. A internet foi concebida para ser indiferente ao conteúdo que transportaria, entretanto, a disputa de mercados por empresas como a *Google*, o *Facebook* ou a *Amazon* têm determinado o que é a internet, mostrando que a estrutura monopolista não ficou no século passado (WU, 2012).

As tramas que se entrelaçam no aspecto mercadológico das mídias digitais corroboram com iniciativas que inflamam cada vez mais o engajamento online. Assim, como uma dessas estratégias, a rentabilização de discursos de ódio em redes sociais online tem sido debatida de modo significativo nas últimas décadas e fomentado discussões acerca da circulação do ódio online e seu gerenciamento em plataformas digitais (BANKS, 2010; HELMOND, 2015; BEN-DAVID; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, 2016; SILVA; BOTELHO-FRANCISCO, PONTES, 2019). O avanço das TDICs levou à produção e utilização de vários dispositivos de comunicação, corroborando com a demanda de grandes empresas em incluir plataformas digitais em seus planejamentos de marketing. Conforme a *Pesquisa Global de Entretenimento e Mídia 2019-2023*, fornecida pela PwC Brasil, empresa dedicada à prestação de serviços de auditoria e consultoria de negócios, a internet já era o maior segmento de publicidade em 2018, representando 40,6% de toda a receita publicitária

naquele ano. Até 2023, a perspectiva é que os profissionais de marketing alocarão mais de 50% de seus orçamentos à publicidade digital<sup>26</sup>.

Ao mesmo tempo, estima-se que em 2050 a população mundial deverá atingir 9,7 bilhões de pessoas, apontando um aumento de cerca de 2 bilhões em 30 anos, e que até 2022 os dispositivos móveis globais crescerão de 8,6 bilhões em 2017 para 12,3 bilhões<sup>27</sup>. Ou seja, haverá um número consideravelmente maior de dispositivos móveis conectados à internet do que o número o contingente populacional mundial. Entretanto, a variabilidade desse crescimento é grande entre as regiões, as projeções populacionais indicam que em 2027 a Índia vá superar a China como país mais populoso no mundo. E, além disso, estima-se que a África Subsaariana dobre seu tamanho atual (aumento de 99%)<sup>28</sup>. Embora no meio online a clientela esteja a um clique de distância, frente a um crescimento contingencial da população mundial, cada vez mais as plataformas digitais têm desenvolvido estratégias para transformar cidadãos em consumidores (não só de produtos, mas também de valores e ideologias).

Visando o crescimento de público, o *Facebook* tem delineado ferramentas voltadas à otimização publicitária em suas plataformas (*WhatsApp*, *Messenger*, *Facebook* e *Instagram*). O marketing digital em diferentes nichos de mercado movimenta o investimento em anúncios com base em objetivos comerciais, permitindo que os anunciantes alcancem seu público-alvo e otimizem seu desempenho. Veicular propagandas publicitárias em várias plataformas tem sido incentivado sob a justificativa de que as campanhas expostas em mais de uma rede social impulsionam a “conversão” do público para quem a publicidade é direcionada<sup>29</sup>.

Assim, empresas como o *Facebook* acumulam uma quantidade massiva de dados que quantificam em números as reações dos usuários de plataformas digitais a determinados estímulos, recomendando-os em estatísticas às empresas que desejam investir em publicidade em sua plataforma a melhor maneira de “converter” prospecções em lucro. Como exemplo desse processo, por meio do *Insights to go*, é possível saber que 80% dos brasileiros nascidos entre o começo dos anos 1990 e 2010 e com dados acessados via Facebook, “[...] afirmam se

<sup>26</sup> PWC. **Predictions for 2020**. Disponível em <<https://www.pwc.com/gx/en>> Acesso em 06/01/2019.

<sup>27</sup> CISCO. **Visual Networking Index: Forecast and Trends, 2017 – 2022**. Disponível em <<https://www.cisco.com/c/en/us/solutions/collateral/service-provider/visual-networking-index-vni/white-paper-c11-741490.html>> Acesso em 06/01/2019.

<sup>28</sup> ONU. **População mundial deve chegar a 9,7 bilhões de pessoas em 2050, diz relatório da ONU**. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/populacao-mundial-deve-chegar-a-97-bilhoes-de-pessoas-em-2050-diz-relatorio-da-onu/>> Acesso em 06/01/2019.

<sup>29</sup> Facebook for Business. Disponível em <<https://www.facebook.com/business>> Acesso em 06/01/2019.

sentir mais confiantes em relação a uma marca quando ela promove a igualdade de gênero nas redes sociais”<sup>30</sup>.

Kotler e Keller (2006) afirmam que marketing são o conjunto de técnicas, modelos e processos que viabilizam que transações comerciais entre organizações, atuando junto à obtenção de informações sobre uma determinada marca por meio da análise de variáveis econômicas, sociais, políticas e tecnológicas. Essas técnicas tratam ainda da identificação de grupos da sociedade que tenham comportamento e interesses semelhantes, facilitando que o direcionamento de uma campanha publicitária possa ser realizado de modo eficaz. Dentre os principais objetivos do marketing, estão as operações comerciais nas quais duas ou mais partes oferecem mercadorias com o intuito de “satisfazer necessidades e desejos” (COBRA, 2009). O conhecimento dos clientes é feito de tal modo que os produtos são vendidos com base neles próprios, nos valores de sua marca, contribuindo com a identificação e a satisfação de “necessidades” que são supridas de modo lucrativo (SILVA, 2016).

A competição pela atenção dos possíveis clientes no meio online demanda um processo de otimização da persuasão no processo de compra e venda. Nesse sentido, entende-se por “conversão” o processo de transformar um cliente em potencial (*prospects*) para um cliente comprador por meio de uma campanha de marketing, fato que ocorre mais rápido na internet, constantemente cheia mensagens publicitárias, do que por meio de outras mídias. Todavia, com a mesma rapidez que se pode ganhar compradores, é possível perde-los. Portanto, para otimizar a conversão, é analisado o comportamento dos clientes com base em dados que sugerem o que motiva a compra em um nicho específico do mercado a reagir de uma forma determinada (SALEH; AYAT, 2011).

O conceito de *Brand Community* (Comunidade de marca) subsidia a compreensão dessa aproximação entre público e marcas publicitárias. Muniz e O’Guinn (2001) introduzem o conceito como uma comunidade que não necessariamente diz de uma organização geográfica, mas de relações sociais entre admiradores de uma marca. Para que essa estratégia comercial possa se desenvolver, precisa apresentar dentre as suas características o compartilhamento de determinados hábitos e costumes, um senso de responsabilidade moral e estar situada em seu “próprio *ethos* comercial” (AMINE; SITZ, 2004). A construção de uma comunidade de marca envolve um grupo de consumidores que se organizam em torno de

---

<sup>30</sup> Facebook IQ: Insights to Go. Disponível em <<https://www.facebook.com/iq/insights-to-go/tags/brazil>> Acesso em 06/01/2019.



atividades e até mesmo um estilo de vida inspirado por uma marca (FOURNIER; LEE, 2009).

A ideia de consumo enquanto mecanismo de controle e produção da sociedade e de modos de vida é pertinente nos estudos da Teoria Crítica da Sociedade. Assim, pode-se dizer que a produção da Indústria Cultural sob a égide do capital age de tal modo que as massas sucumbem sem maiores resistências à ideologia que legitima a alienação propositalmente produzida e inculcada em mercadorias, que reforçam a totalidade da indústria cultural por meio da repetição. A mecanização desse poderio social perpetua a ideologia do negócio, aprimorando a identificação entre as necessidades fabricadas, prolongando seu domínio e reduzindo a humanidade à repetição de fórmulas operacionalizadas (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Nesse sentido,

é com razão que o interesse de inúmeros consumidores se prende à técnica, não aos conteúdos teimosamente repetidos, ociosos e já em parte abandonados. O poderio social que os espectadores adoram é mais eficazmente afirmado na onipresença do estereótipo imposta pela técnica do que nas ideologias rançosas pelas quais os conteúdos efêmeros devem responder (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 111).

Entretanto é importante mencionar que a ideia do consumo coletivo de produtos não é uma característica pertencente apenas às *Brand Communities* (como no caso de comidas e bebidas) e que estas não se tratam de subculturas marginais ou uma cultura popular. Ao invés de apresentarem traços particulares as comunidades de marca não rejeitam aspectos da ideologia dominante, pelo contrário, elas os assimilam (MUNIZ; O'GUINN 2001), e são usadas como estratégias de negócios nos quais identificam e comunicam valores que conectam cada vez mais os consumidores com a marca de um determinado produto (FOURNIER; LEE, 2009).

Embora as múltiplas reverberações que tornam o conceito de ideologia multifacetado, aqui emprega-se o termo conforme Adorno (1973), ou seja, analisado como compreensão da realidade dependendo daquilo que atua como produto ideológico. O enrijecimento do pensamento que domina a sociedade hodierna é fundamentado ideologicamente, impedindo assim o desvelamento de mecanismos de controle social. Quanto mais os bens culturais são ideologicamente moldados à imagem e semelhança dos sujeitos, mais estes são convencidos de que o mundo lhe é familiar. A ideologia da cultura de massa consolida a existência humana com base em um conjunto de modelos comportamentais adequados às condições sociais vigentes.

Portanto, a produção de novas estratégias para fomentar cada vez mais o consumo de mercadorias se transmuta por meio do avanço da produção tecnológica delineada pelo

capital. Retomando a ideia de *Brand Communities* percebe-se como têm sido realizados novos agenciamentos para manter consumidor e produto em uma relação constante (MUNIZ; O'GUINN 2001). Essa perspectiva atravessa não só nichos de mercado como bens e produtos, mas também o contexto do marketing político com a gestão de grupos eleitorais.

O marketing político no meio digital tem obtido maior visibilidade nos últimos anos, em especial na campanha de Barack Obama à eleição presidencial dos Estados Unidos em 2008 (LEARMONTH, 2009). Dentre as características específicas da campanha, percebeu-se que ¼ dos internautas americanos que acessavam a internet faziam algo relacionado às eleições pelo menos uma vez por semana e 8% fazia todos os dias. Entre as atividades que mais impulsionaram a campanha no meio digital, as que protagonizaram o panorama político foram o consumo e a produção de vídeos online e o uso cada vez maior de redes sociais online (GOMES; FERNANDES; REIS; SILVA, 2009).

Na atualidade o uso de mídias digitais no âmbito político está em voga não só pelo uso em prol de alavancar partidos e candidatos políticos, mas pelo uso de dados ilegalmente. O caso da *Cambridge Analytica*, detalhado no próximo tópico, tomou grandes proporções na mídia apenas quando foram vazadas informações sobre a manipulação do plebiscito que decidiu pelo BREXIT ou nas eleições americanas que elegeram Donald Trump à presidência<sup>31</sup>. Todavia, a atuação da empresa ocorreu em pelo menos 68 países, incluindo regiões consideradas periféricas, como Malásia (junto ao partido do atual primeiro-ministro, Najib Razak, em 2013), México (onde a empresa lançou o aplicativo *Pig.gi*, que coletou informações do eleitorado mexicano para oferecer posteriormente aos partidos no país), Nigéria (trabalhando com o candidato à presidência Goodluck Jonathan em 2015), Quênia (nas campanhas de Uhuru Kenyatta em 2013 e 2017) e Brasil (onde uma filial da *Cambridge Analytica* foi aberta em 2017 para atuar na campanha presidencial de 2018, mas que até o momento não foi confirmada sua participação, que segue sendo investigada no país)<sup>32</sup>. Embora há anos estratégias de marketing político por meio do uso indevido de dados pessoais estejam sendo realizadas, a devida atenção foi dada apenas quando chegou no centro da produção tecnológica e da democracia burguesa.

Desse modo, pode-se entender que a relação entre política e comunicação tem

---

<sup>31</sup> CADWALLADR, C. **Fresh Cambridge Analytica leak 'shows global manipulation is out of control'**. The Guardian. 4 jan. 2020. Disponível em <<https://www.theguardian.com/uk-news/2020/jan/04/cambridge-analytica-data-leak-global-election-manipulation>> Acesso em 07/01/2020.

<sup>32</sup> MONTESANTI, B. **Além dos EUA: Como a Cambridge Analytica atuava em eleições pelo mundo**. UOL. 24 mar. 2018. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/03/24/como-a-cambridge-analytica-atuava-para-alem-dos-eua.htm>> Acesso em 07/01/2020.

sido definida e mantida sob às regras mercadológicas que emergem a partir da monetização de dados pessoais de milhões de usuários nas redes. As estratégias para alcançar cada vez mais consumidores e informações sobre seu mercado são inúmeras, indo desde a *Social Media Marketing* (SMM) na propaganda publicitária em sites e redes sociais como o *Facebook*, o *mobile marketing*, englobando tecnologias de realidade aumentada e ainda combinando estratégias de marketing de busca, a fim de elaborar ações que conectem público-alvo e marcas publicitárias no ambiente digital (SILVA, 2016).

O *microtargeting* outra das estratégias utilizadas pela *Cambridge Analytica*<sup>33</sup>, e atua em microalvos, utilizando algoritmos e computadores para tentar analisar e prever os interesses dos eleitores. Partidos e candidatos políticos segmentam o eleitorado, ou seja, definem e direcionam os sujeitos identificados alocando-os de modo mais eficiente aos seus interesses. No marketing político os recursos de comunicação incidem no objetivo mais básico da campanha, identificando audiências e persuadindo-a para votar. Assim, para atingir sua meta, as campanhas tendem a abranger seu alcance sobre os sujeitos, concentrando-se em variáveis que vão além de sexo ou classe, mas informações sobre hábitos de consumo, escolhas de vida e comportamento (DAVIDSON; BINSTOCK, 2012).

Dentro desse processo, Bannon (2004) identificou quatro métodos para identificar segmentos eleitorais: geográfico, baseado em eleitores que se reúnem na mesma região; demográfico, que se baseia em dados como idade, sexo e relacionamento; comportamental, que agrupa o eleitorado com base em suas ações, como quais benefícios esperam de um governo; psicográfico, que engloba o desenvolvimento de segmentos através da combinação de informações sobre estilos de vida, lazer. Entretanto, o uso indevido dessas informações segmenta desigualdades e desconsidera necessidades, produzindo assim uma alienação política.

Para que tais estratégias sejam cada vez mais efetivas, é necessário obter grandes quantidades de dados e para obtê-los é preciso provocar reações (*likes*, comentários, compartilhamentos) nas plataformas digitais. Se são discursos de ódio o que muitas vezes desperta os usuários das redes sociais a gerarem maiores engajamentos, então por quê seria interessante contê-los? Para o mercado, não é interessante conter ou banir tais conteúdos.

Ao mesmo tempo, a massificação de sistemas sociotécnicos e plataformas digitais na *World Wide Web* (www) possibilitou novos caminhos entre produtores e consumidores de

---

<sup>33</sup> Como é feito o uso político dos dados roubados nas redes sociais. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/plinio-fraga/2020/01/06/como-e-feito-o-uso-politico-dos-dados-roubados-nas-redes-sociais.htm>> Acesso em 07/01/2020.

informação, alterando o modo como os usuários são informados, debatem e formam suas opiniões. Desse modo, os geradores de informação são descentralizados e a intermediação de conteúdos viabilizados e consumidos online dificulta a identificação e controle do tipo de informações disseminadas (DEL VICÁRIO et. al. 2016).

O aumento de grupos que disseminam discursos de ódio contra minorias se tornou uma realidade preocupante nas últimas décadas, tornando as discussões no meio online, que como dito são uma tendência crescente, cada vez mais conservadoras e combativas. Por esse motivo as plataformas de redes sociais têm preocupado com o uso da internet como meio de disseminar discursos preconceituosos e discriminatórios (BEN-DAVID; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, 2016).

Em plataformas digitais como o *Facebook* têm sido desenvolvidos “padrões da comunidade”, como suposta tentativa de eliminar abusos do meio dentro da rede social e em aparente concordância em garantir o cuidado com todos os pontos de vista políticos ou crenças, em especial às pessoas que possam ser marginalizadas<sup>34</sup>. A ascensão dessas mídias sociais online impõe novos desafios à regulação de práticas discursivas online, por vezes discriminatórias, a fim de distinguir ainda o que seria criminalização desses tipos de discurso e o que é liberdade de expressão (TOQUERO; MORETON, 2012). Com a ineficiência das políticas de privacidade no âmbito digital, plataformas hospedam conteúdos controversos que não são considerados prejudiciais.

Portanto, embora os termos de uso do *Facebook* funcionem como premissa, a lógica corporativa é quem decide qual conteúdo é permitido, possibilitando a circulação de discriminações sob o véu algorítmico da comunidade (ROSEN, 2011). As políticas ineficientes de privacidade são mais analisadas do que maneiras pelas quais certas decisões no design da tecnologia e dos algoritmos presentes em plataformas digitais podem habilitar e até mesmo incentivar esses espaços a se tornarem cada vez mais antidemocráticos (MASSANARI, 2017).

O advento da internet proporcionou mudanças significativas no âmbito comunicacional e foi acompanhado de perto por líderes de grupos conservadores extremistas com posicionamentos racistas, xenofóbicos e estavam entre os primeiros a utilizar a internet, utilizando esse aparato tecnológico como ferramenta de recrutamento de novos membros e disseminação de discursos de ódio, a fim de construir comunidades cada vez maiores no meio

---

<sup>34</sup> **Padrões da Comunidade no Facebook.**

Disponível em: <<https://www.facebook.com/communitystandards/>> Acesso em 16/12/2019.

online (LEVIN, 2002).

A criação e o extremismo cada vez mais forte em guerras ideológicas provenientes de bolhas virtuais são resultado da formação de grupos separados, alimentados por informações ideologicamente personalizadas (sugestões de conteúdo para cada indivíduo), que se encontram em conflitos cada vez maiores, contribuindo com a construção de grupos polarizados. O prospecto tecnológico vai além, algumas empresas de *software* têm estudado a possibilidade de que as plataformas possam orientar desde a programação de computadores à programação de pessoas. (HELBING *et. al.* 2019). A concepção de que a mente humana funciona do mesmo modo que um computador digital advém da década de 1940, antecedendo até mesmo o termo inteligência artificial (IA). Pesquisadores da cibernética afirmavam que a atividade psicológica humana poderia ser estudada via fórmulas matemáticas, tornando a Psicologia uma ciência nos moldes das ciências naturais. A concepção de “mente” introduzida pela inteligência artificial é tratada como um dispositivo que pode ser descrito por meio de suas propriedades formais simbólicas. Ou seja, a mente operaria como um sistema de propriedades sintáticas, regido por símbolos e regras operacionalizadas, mas a semântica (sentido) dada a esses símbolos é estabelecida por operadores externos, os programadores (TEIXEIRA, 1998).

Ao discutir porque as políticas de plataformas favorecem a manutenção do status quo por meio do privilégio aos desejos de grupos majoritários em detrimentos de grupos minoritários e marginalizados, oferece subsídio à compreensão de como agentes tecnológicos podem moldar e ser moldados pela interferência humana, desmistificando a tão falaciosa ideia de ausência de valor e interesses na produção da tecnologia.

### 3.2 A democracia consegue sobreviver ao *Facebook*? Entre algoritmos e *Big Data*

Acordar. Abrir os olhos. Olhar para a janela. Verificar se há luz do dia. Tatear a cama. Buscar o celular. Olhar as horas: 6h15 da manhã. Desbloquear o celular. Abrir o *WhatsApp*. Ler o grupo da família. 6h16: Enviar bom dia. Ler o grupo de amigos. Ver um *meme*. 6h17: Enviar bom dia. Ler o grupo do trabalho. 6h20: Enviar bom dia. Abrir o *Instagram*. Ver uma publicação. Curtir outra publicação. Comentar a terceira publicação. Ver um, dois, três, quatro, cinco *stories*. Soltar o celular. Bloquear a tela. Sentar na cama. Ligar o celular. Ver notícias no *Google*: “A alegria de Bolsonaro – Revista Fórum”. Passar. “*Google Nest Mini* chega ao Brasil” – G1. Passar. Horóscopo 2019: confira a previsão de hoje para o seu signo – Metrôpoles. Corpo de mulher é encontrado fora do túmulo um dia após a morte – *Blasting news*. Passar. “A principal reforma que o Brasil precisa é a moral”, afirma Eduardo Girão – O Antagonista. 6h45 da manhã. Fechar as notícias.

O cotidiano tem sido tomado por aparatos tecnológicos que medeiam nosso tempo e sociabilidade de diversas formas. O parágrafo acima foi propositalmente descrito em forma sequencial, como um algoritmo para realizar um processo corriqueiro como o começo de um dia, que é vivido de forma conectada via *smartphones*, *smartwatches*, *tablets* e outros aparelhos tecnológicos atrelados à nossa rotina. A palavra “algoritmo” origina-se de um matemático chamado Al-Khowarizm, dono de importantes escritos algébricos no século IX (TEIXEIRA, 1998). Um algoritmo pode ser considerado um conhecimento lógico e controlado que tem como objetivo a solução de um determinado problema (KOWALSKI, 1979). Algoritmos são ainda o conceito que unifica todas as atividades nas quais cientistas da computação descrevem tarefas a serem realizadas. Entretanto, algoritmos tem uma existência real e incorporada em linguagens de programação, que vão desde códigos para renderizar o navegador da *web* em uma tela, a modelos para simular processos evolutivos e até a capacidade de aprendizado. Os algoritmos têm efeitos em seus usuários e isso vai muito além da mineração de dados para prever quais suas preferências de compras (GOFFEY, 2008).

Embora a linguagem algorítmica seja entendida como o conjunto de instruções matemáticas fornecidas pela máquina para resolver um problema de forma “abstrata”, suas conotações da materialidade são reais. Algoritmos são criados para solucionar problemas reais e possuem uma relação crucial, embora problemática, com a realidade material. Geralmente são expressos na solução computacional em termos de conhecimento sobre o problema e de estratégias para resolver o problema, o que leva à fórmula: “algoritmos = lógica + controle” (INTRONA, 2013). Uma das implicações de caracterizar o algoritmo como uma soma da

lógica e controle é o vínculo entre algoritmo e a ação. A linguagem de programação é um artefato sintático baseado em uma série de etapas controladas para a realização de uma tarefa, que é sua a indicação pragmática. Entretanto, por mais ineficientes que sejam sistemas de GPS, bancos de dados e testes biométricos, eles comprovam a ligação entre as construções sintáticas e sua existência efetiva em máquinas de concreto (GOFFEY, 2008).

Na Idade Mídia, a produção cada vez mais automatizada de dados tem crescido exponencialmente nas últimas décadas, corroborando à demanda de que haja novas formas de processar o máximo de informações. Conglomerados midiáticos inauguraram o fenômeno dos “agentes intermediários digitais”, estes atuam com filtros cada vez mais cognoscentes para as empresas, influenciando cada vez mais sobre quais conteúdos chegam aos indivíduos conectados. Os algoritmos mais avançados organizam, caracterizam esses dados de diversas formas corroborando com mecanismos de pesquisa cada vez mais autoritários. A relevância de conteúdo é decidida mediante sua “viralização”, que favorece uma rasa diversidade de temáticas frente à pluralidade democrática desejada. Tal fato contribui com a submissão do discurso democrático aos interesses de mercado, favorecendo a disseminação de conteúdos despreocupados com a sua veracidade ou qualidade (PASQUALE, 2006; 2017).

Entender o papel assumido das redes sociais online no âmbito político contemporâneo demanda que as TDICs sejam analisadas em diferentes perspectivas. Os interesses econômicos de grandes empresas como a *Alphabet* (conglomerado da *Google*) ou o *Facebook* (que comanda *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*, e etc.) envolvem também interesses políticos. A convergência “tecnológico-midiático-política” precisa ser discutida considerando sua “economia midiática do reconhecimento”. Com isso, a popularidade em redes sociais online é disputada por meio de interatividade e recompensa àqueles que influenciam digitalmente o maior número de usuários (MACHADO; MISKOLCI, 2019).

A última *Digital News Report*<sup>35</sup>, baseada em dados coletados em mais de 40 países, apresentou um cenário que aponta a expansão do uso da internet e plataformas digitais pelo mundo. Conforme os dados da pesquisa, os brasileiros continuam sendo os usuários de mídia social que mais crescem no mundo, e ainda, dentre os aplicativos de mídia social e mensagens que mais crescem no país, o *Facebook* (54%) continua na liderança, seguido pelo *WhatsApp* (53%), *Youtube* (42%) e *Instagram* (26%), respectivamente (NEWMAN, et. al.

---

<sup>35</sup> A *Digital News Report* é uma publicação anual do Instituto *Reuters* de pesquisa para o estudo do jornalismo na Universidade de *Oxford*. Disponível em: <<http://www.digitalnewsreport.org/about-us-2019/>> Acesso em 08/12/2019.

2019). Embora que o *Facebook* registre possível tendência à queda no Brasil<sup>36</sup>, os aplicativos de mídia social e mensagens tem protagonizado articulações em movimentos políticos desde 2013.

A eleição à presidência do Brasil em 2018 é mais um dos expoentes da relação entre mídia e política. O processo eleitoral foi tomado pelo uso das plataformas digitais em campanha política, utilizadas estrategicamente pelos candidatos, inclusive como subsídio àqueles que teriam pouco tempo de propaganda para campanha na televisão.<sup>37</sup> Entretanto, a propaganda política veiculada não só durante o período das eleições movimentou mais que propostas políticas, mas alavancou o debate sobre as *fake news* no âmbito político.

Só no primeiro turno, a agência Lupa, especializada em *fact-checking*, apontou um número colossal de notícias falsas disseminadas no *Facebook*. Ao todo, dez notícias falsas contabilizaram juntas um total de 865 mil compartilhamentos de informações truncadas, fotos e vídeos adulterados. Dentre as mais compartilhadas estavam: 1) “Ato pela saúde de Bolsonaro em Campinas”, que na verdade era um vídeo do jogo da Copa do Mundo de 2014 (238,3 mil compartilhamentos); 2) Fernando Haddad convida Jean Wyllys para ser ministro da Educação (219,8 mil compartilhamentos e 3) “Manifestação do #elesim em Copacabana”, onde foi utilizada imagem do protesto em março de 2015 contra Dilma Rousseff (Vem pra Rua) (90,9 mil compartilhamentos).<sup>38</sup> Além de notícias compartilhadas via *WhatsApp* ou *Facebook*, o *Youtube* foi fundamental na viabilização de conteúdo durante as eleições de 2018. Em análises recentes da produção de conteúdo online nesse período, foi constatado que dos dez canais do *Youtube* que mais cresceram durante o segundo semestre de 2018, cinco tinham audiência voltada à extrema-direita e dedicavam-se à promoção da candidatura de Jair Bolsonaro.

O algoritmo da plataforma de vídeos teve papel significativo nesse processo ao recomendar o conteúdo desses sites na seção “Em alta”, que aparece logo na página inicial do site<sup>39</sup>. Conforme a Central de Ajuda do *Youtube*, a seção “Em alta” tem como objetivo destacar

---

<sup>36</sup> **Facebook registra tendência de queda no Brasil, diz Datafolha.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/facebook-registra-tendencia-de-queda-no-brasil-diz-datafolha.shtml>> Acesso em 08/12/2019.

<sup>37</sup> **Bolsonaro aposta em ‘horário eleitoral do B’.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/bolsonaro-aposta-em-horario-eleitoral-do-b.shtml>> Acesso em 15/11/2019.

<sup>38</sup> **Dez notícias falsas com 865 mil compartilhamentos: O lixo digital do 1º turno.** Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cristina-tardaguila/dez-noticias-falsas-com-865-mil-compartilhamentos-lixo-digital-do-1-turno-23129808>> Acesso em 15/11/2019.

<sup>39</sup> **Cinco dos dez canais que explodiram no ranking do Youtube durante as eleições são de extrema direita.** Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>> Acesso em 16/11/2019.



vídeos que podem interessar a diversos espectadores, alguns desses destaques são previsíveis e outros não, entretanto, essa não é uma sessão personalizada e mostra a mesma lista de indicações em alta em cada país para todos seus usuários. Ainda conforme o site de suporte do *Youtube*, como critérios de inserção, são utilizados: a quantidade de visualizações; a velocidade com que o vídeo gera visualizações; a sua origem (dentro e fora do *Youtube*) e há quanto tempo o vídeo foi enviado à plataforma.<sup>40</sup>

Dentre os canais citados na pesquisa, que trata informações do segundo semestre de 2018, o canal Folha Política foi de zero aparições no ranking de canais na seção “Em alta” em agosto (início da campanha eleitoral) para 2.747 aparições em outubro (mês das eleições do primeiro turno). O canal tem ligação com escândalos que envolveram desde pagamento de dinheiro pelo deputado Delegado Francischini (PSL) para atuação em suas redes sociais, até remoção de 63 páginas e 43 contas removidas pelo *Facebook* por veicularem *fake news*.<sup>41</sup>

Em 2018, durante a primeiro ano da minha pesquisa de mestrado, utilizei a ferramenta *Facebook Audience Insights* (FAI) para delimitar quais páginas seriam analisadas neste trabalho. Neste interim, ao usar o descritor “política” na categoria de pesquisa disponibilizadas pela ferramenta do *Facebook*, foi possível apontar que nesse período a Folha Política (1.934.898 de usuários) era a página que apareceu com maior engajamento na rede social (HOLANDA; LAVOR FILHO; ANTUNES, 2019).

---

<sup>40</sup> **Em alta no Youtube. Dados da Central de Ajuda.** Disponível em: <<https://support.google.com/youtube/answer/7239739?hl=pt-br>> Acesso em 16/11/2019.

<sup>41</sup> **Folha Política, famosa por espalhar fake news, só foi banida hoje no Facebook.** Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com/br/tatianafarah/folha-politica-famosa-por-espalhar-fake-news-so-foi-banida>> Acesso em 16/11/2019.

**Figura 1 – Folha Política era a página com maior engajamento no descritor política em 2018 no Facebook**

Curtidas na Página				
Páginas do Facebook com maior probabilidade de serem relevantes ao seu público com base nas curtidas da Página do Facebook.				
Página	Relevância <sup>i</sup> ▼	Público	Facebook	Afinidade <sup>i</sup>
Folha Política	1	1,5m	1,8m	97x 
MCC - Movimento Contra Corrupção	2	1,9m	3,3m	66x 
MBL - Movimento Brasil Livre	3	1,5m	2,5m	66x 
Senado Federal	4	1,7m	3m	65x 
Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga	5	2,3m	4,1m	65x 
Gifs pra galera de humanas	6	1,3m	2,4m	63x 
Pensador Sincero	7	1,3m	2,3m	62x 
que me transborde	8	1,4m	2,6m	60x 
Polícia Federal - PF	9	1,2m	2,3m	60x 
POETAstro	10	1,5m	2,8m	59x 

Fonte: Facebook Audience Insights, 2019.

Entretanto, o objetivo aqui vai além de nomear páginas ou organizações que tem tomado a cena pública das mídias sociais na atualidade e sim discutir os contornos moldados pelo uso de plataformas digitais. Ainda em 2019, foi divulgado que um grupo de blogueiros com produção de conteúdo antipetista foi recebido na sede da *Google* Brasil em 2016. Em linhas gerais, o grupo foi orientado sobre como impulsionar seus ganhos com o *AdSense*, programa da empresa voltada ao aluguel de publicidade em sites online. Conforme os dados disponibilizados, a consultoria ocorreu desde dicas para otimização dos anúncios, estatísticas sobre engajamentos, *views* e assuntos que rendiam mais cliques.<sup>42</sup>

A *Google* buscou na produção de conteúdo antipetista meio para alavancar a venda de anúncios<sup>43</sup>, tal informação contribui à reflexão sobre como as plataformas digitais não fornecem subsídios apenas à organização de manifestações sociais, mas também lucram com isso. Conforme a Central de ajuda do *Google AdSense*<sup>44</sup> à medida que o usuário utiliza sites como *Google* ou *Youtube*, a empresa armazena cookies de publicidade no navegador,

<sup>42</sup> **Grana por cliques: Fake news a R\$25 mil por mês: Como o Google treinou e enriqueceu blogueiros antipetistas.** Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/11/19/fake-news-google-blogueiros-antipetistas/>> Acesso em 08/12/2019.

<sup>43</sup> **Página Inicial do Google AdSense.** Disponível em: <[https://www.google.com/intl/pt-BR\\_br/adsense/start/](https://www.google.com/intl/pt-BR_br/adsense/start/)> Acesso em 08/12/2019.

<sup>44</sup> **Segmentação de anúncios: Como o Google deduz as categorias demográficas e de interesse do usuário.** Disponível em: <<https://support.google.com/adsense/answer/140378?hl=pt-BR>> Acesso em 08/12/2019.

este tem como função entender que tipos de conteúdo estão sendo visualizados. Todas essas informações são usadas para exibir anúncios que atraem usuários com base nos seus interesses durante a navegação e em suas informações demográficas.

Os últimos anos têm sido marcados pela instabilidade da cena político-econômica, alavancando a preocupação sobre o impacto social causado pelas grandes empresas de tecnologia. Casos como o que envolveu a “Folha Política” ou dos blogueiros antipetistas suscitam o debate a respeito do quanto a contemporaneidade enquanto Idade Mídia (RUBIM, 2000) tem sido moldada sob novas diretrizes interpeladas por fenômenos como o *Big Data* no âmbito social, subjetivo e político.

Para Silverstone (2002) a política, do mesmo modo que a experiência, já não pode ser compreendida fora de uma estrutura midiática e, nesse sentido, as sociedades democráticas têm se tornado “tecnopolíticas”. Parcelas do setor público acreditam na hegemonia do saber técnico-científico e em ideologias neoliberais intrínsecas aos discursos de empresas de *softwares*. Tais empresas são as mesmas criadoras de algoritmos que “funcionam perfeitamente”, desenvolvendo dispositivos tecnológicos de governo e se afirmando apolíticos (SILVEIRA, 2017). Em 2019, a *Federal Trade Commission* (FTC), órgão responsável por regular direitos dos consumidores nos Estados Unidos informou, conforme seu julgamento, que a empresa de análise de dados *Cambridge Analytica* enganou usuários do *Facebook* sobre o extravio na coleta dos dados de milhões de pessoas. As informações coletadas foram utilizadas para definir perfis políticos e transformá-los em nichos de mercado para campanhas, influenciando as eleições presidenciais americanas em 2016 e, no mesmo ano, na saída do Reino Unido da União Europeia<sup>45</sup>.

A *Cambridge Analytica* é uma empresa britânica que afirmava ter como objetivo analisar grandes quantidades de dados pessoais para empregar estratégias de marketing com maior eficiência, desde o âmbito comercial ao campo político. Em 2016, um aplicativo inspirado nas ciências comportamentais foi usado pela empresa para identificar parâmetros de personalidade que influenciariam nos votos. O professor Aleksandr Kogan criou em 2014 um teste de personalidade no *Facebook* que supostamente seria usado para um estudo psicológico dos usuários da rede social; no entanto, as informações foram repassadas à *Cambridge Analytica*.<sup>46</sup> Aproximadamente 270 mil pessoas fizeram o teste, por meio do aplicativo

---

<sup>45</sup> **Investigação nos E.U.A. aponta que Cambridge Analytica enganou usuários do Facebook.** Disponível em: <<https://istoe.com.br/investigacao-nos-eua-aponta-que-cambridge-analytica-enganou-usuarios-do-facebook/>> Acesso em 07/12/2019.

<sup>46</sup> **Entenda o escândalo do uso de dados do Facebook.**

*thisisyourdigitallife*, e ao todo foram acessadas informações pessoais de pelo menos 87 milhões de usuários<sup>47</sup>. Segundo confirmação do *Facebook*, por meio da Interface de Programação (API) da plataforma, foram acessados dados sobre os perfis conectados aos usuários que responderam o teste.

Tais dados foram empregados para endereçar campanhas publicitárias específicas para cada usuário do *Facebook*, cercando os indivíduos em bolhas ideológicas de conteúdo. Tais circunstâncias põem em risco o âmbito democrático, ao passo que, como no exemplo da propaganda eleitoral dirigida, apresenta aos usuários candidatos fabricados com base em seus interesses e não em aspectos condizentes com a realidade (MARTINS, TATEOKI, 2019).

Falar de forma particular de uma das maiores empresas de tecnologia do mundo sem mencionar, mesmo que brevemente, sua relação com os conglomerados midiáticos que cresceram de forma concomitante ao *Facebook* seria ocultar parte relevante das motivações e influências que fizeram chegar a esse momento. Uma das primeiras empresas a lucrar com o poder da relevância no meio online foi a *Amazon*. Em 1994, Jeff Bezos, presidente da empresa, investiu em inteligência artificial para criar correspondências entre consumidores e livros, criando uma livraria personalizada. Para isso, Bezos contatou um grupo de engenheiros do MIT que desde 1950 trabalhavam em uma área chamada “cibernética”, palavra que advém da obra de Platão e denotava um sistema de autogerenciamento e retroalimentação, similar a “uma democracia”. O código de personalização funcionava bem, mas a busca por mais dados influenciou em grande medida os contornos do mercado digital.

Larry Page e Sergey Brin, fundadores do Google concentraram-se em outro problema: como usar algoritmos para pesquisar na internet, visando extrair uma quantidade ainda maior de dados. Além dos dados fornecidos pelos mecanismos de busca, outros serviços como o *Gmail* subsidiaram a estratégia de fazer com que as pessoas precisassem se conectar às suas contas de usuário para obter serviços, oferecendo cruzamento de dados sobre os usuários, desde e-mails até comportamento em sites de buscas. Entretanto, a *Google* precisava convencer seus usuários a revelar seus interesses. Mark Zuckerberg encontrou um meio mais fácil, ao invés de adivinhar seus gostos, o *Facebook* iria perguntar a elas: “No que você está pensando?”. Fundada em 4 de fevereiro de 2004, a empresa define-se em sua página oficial como um serviço/produto que tem como missão “dar às pessoas o poder de compartilhar e

---

Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/entenda-o-escandalo-do-uso-de-dados-do-facebook.shtml>> Acesso em 07/12/2019.

<sup>47</sup> **Dados de 87 milhões foram usados pela Cambridge Analytica, diz Facebook.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/dados-de-87-milhoes-foram-usados-pela-cambridge-analytica-diz-facebook-22556605>> Acesso em 08/12/2019.

tornar o mundo mais aberto e conectado.”<sup>48</sup> (PARISER, 2012).

O *Facebook* se apresenta enquanto uma nova forma de comunicação entre pessoas, tal como foram o e-mail, ou o telefone. Com o advento da internet, cada indivíduo agora tem sua própria página na web, mas fazendo parte de uma mesma rede social, na qual “você pode se conectar às pessoas por meio de coisas” (KIRKPATRICK, 2011). A criação do *Feed* de Notícias levou a rede social a outro patamar. O algoritmo responsável por essa ferramenta recolheu atualizações da base de dados do *Facebook* e as colocou em um só lugar, tornando-se um jornal personalizado e baseado nas conexões com nossos amigos. Em seu início o *Feed* de notícias mostrava quase tudo que as pessoas conectadas ao site faziam, mas quando esse volume de informações aumentou, isso tornou-se praticamente impossível (PARISER, 2012).

A contemporaneidade tem vivido uma avalanche de dados. Os *bytes* de informações são cada vez maiores e ainda em expansão e o mercado têm desenvolvido métodos cada vez mais complexos para prever e controlar a economia. Para esse desafio em um mundo imerso no meio digital, é necessário extrair um número ainda maior de dados. A Expressão “Big Data” reside na maneira como as informações são processadas (TOLE, 2013). O *Big Data*, análise de grandes conjuntos de dados, sustenta novas ondas produtivas de crescimento, tornando-se crucial para concorrência mercadológica, podendo ser usado em análises preditivas (MANYKA et. al. 2006; MANOVICH, 2011).

Discussões na mídia normalmente não trazem definição precisa ao termo *Big Data*, mas na indústria da computação é um conceito representado pelo conjunto de dados cujo tamanho supera a capacidade de *softwares* que gerenciam e processam dados em tempo real (MANOVICH, 2011). Laney (2001) aponta três características do *Big Data*: Volume, que refere-se à quantidade de dados analisados; Velocidade: que diz da velocidade com que os dados percorrem o caminho entre usuários e o servidor; e Variedade, que corresponde aos tipos de dados armazenados, que vão desde coordenadas de localização até dados de navegadores.

O armazenamento e o processamento de *Big Data* têm sido uma das maiores preocupações de grandes empresas de tecnologia, visto que dados têm se tornado um bem mais valioso que o petróleo, inaugurando um mercado interessado em suas análises para usá-

---

<sup>48</sup> **Página da empresa Facebook.** Disponível em:  
<[https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page_internal)> Acesso em 08/12/2019.

los até seu potencial máximo<sup>49</sup>. Para o *Facebook*, esse interesse não seria diferente. Por isso, o armazenamento de dados em grande escala, está entre os pontos mais importantes da empresa de Zuckerberg, atentando ao diferencial de que esses bancos se caracterizam por também processar análises. Dentre os tipos de armazenamento estão: o *Operational Data Store (ODS)*, mais utilizado pra mensurar as métricas da solução de problemas; O *Scuba*, que é o armazenamento rápido do *Facebook*, que tem a capacidade de armazenar milhões de dados por segundo e excluí-los com a mesma rapidez e o *Hive* que armazena e organiza dados como relatórios (WIENER; BRONSON, 2014)

Para lidar com a quantidade massiva de dados, os filtros em redes sociais estão constantemente decidindo o que é (in)visibilizado em nosso feed, por exemplo no Instagram, *Youtube* ou *Facebook*. O algoritmo do *Facebook* trabalha para resumir, do fluxo total de informações compartilhados pelos seus amigos, quais postagens seriam mais interessantes para o usuário e assim mantê-lo conectado (LUCKERSON, 2015).

A solução para esse problema no *Facebook* veio por meio do *EdgeRank*, algoritmo que classifica todas as interações ocorridas no site com base em alguns fatores, tais como a frequência em que você interage com determinada página pública ou perfil, o engajamento nas referidas postagens (*likes*, compartilhamentos e comentários), o quanto seu perfil interagiu com o mesmo tipo de postagem no passado, ou o quão recente é a postagem. Além da discussão que se forma acerca de como e o quanto o conteúdo disseminado no *Facebook* é controlado, outras questões tem emergido a respeito da manipulação deliberada de informações na rede social. Profissionais que trabalham com marketing têm apontado a queda de visibilidade e engajamento em suas páginas de produtos, apontando que o *Facebook* têm diminuído propositalmente seu alcance a fim de que empresas paguem mais para autopromoção na rede (DREDGE 2014; PARISER, 2012).

### 3.3 Entendendo o objeto: caracterização das páginas analisadas

Neste trabalho não foi aprofundada a divergência entre o que é considerado direita e esquerda, no âmbito político brasileiro. Isso decorre do fato de que a percepção inicial deste objeto, que em primeiro momento considerei como a polarização entre esses espectros políticos, mudou. Após a leitura, a organização e a tabulação dos 3489 comentários coletados nas duas páginas analisadas aqui, bem como a análise lexical feita por meio do *Iramuteq*, fez

---

<sup>49</sup> **Dados são ainda mais valiosos que o petróleo.** Disponível em: <<https://cio.com.br/dados-sao-ainda-mais-valiosos-que-o-petroleo/>> Acesso em 14/12/2019.

menos sentido a preocupação em elaborar um capítulo ou seção para conceituar polos extremados – embora a discussão sobre a origem dos termos direita e esquerda tenha sido apresentada no capítulo anterior

O objeto sobre o qual me debruço diz da forma assumida pelo discurso autoritário externado em plataformas digitais, que não são apenas o entremeio desse processo, mas participam ativamente do acirramento de polarizações, envolvendo uma guerra cultural e ideológica baseada em clichês, como será discutido no próximo capítulo. Entretanto, como tentativa de aprofundamento neste objeto, aproveito este espaço para caracterizar as páginas selecionadas por meio do *Facebook Audience Insights* (FAI) e, assim, discutir o seu posicionamento político.

Recentemente o *Facebook* tem mostrado uma seção chamada “Transparência da página”<sup>50</sup>, com o objetivo declarado de aumentar a “responsabilidade e transparência” das páginas. Isso tem sido feito, conforme o *Facebook*, para ficar claro de quem são as páginas ou anúncios vistos pelos usuários no seu *feed*. Essa mudança em prol de maior “transparência” começou em outubro de 2018 para que apenas anunciantes autorizados pudessem exibir anúncios de cunho político e eleitoral. Entretanto, esses requisitos estão sendo estendidos aos próprios usuários, permitindo que qualquer um que deseja promover anúncios, como discussões políticas do país, o faça.

Na seção, localizada do lado direito da tela abaixo das seções “Comunidade” e “Sobre”, apresenta informações como a data de criação da página, mudanças de nome da página, pessoas que a gerenciam, países de localização principal de tais pessoas e anúncio veiculados pela página. Todavia, para que isso seja possível, é preciso que tais informações sejam disponibilizadas pelos seus gerenciadores. A seção não pode ser removida ou ficar oculta, entretanto é possível remover ou solicitar a remoção de algumas informações, como o país de localização principal devido a circunstâncias especiais, incluindo riscos à segurança pessoal.

Além de disponibilizar mais informações, o *Facebook* tem feito testes que incitam que as pessoas denunciem páginas/perfis que tenham exibido anúncios de forma irregular. Tudo isso sob a justificativa de reparar os danos causados pelo escândalo da *Cambridge Analytica* nas eleições de 2016 nos Estados Unidos<sup>51</sup>. Por meio da seção “Transparência da

---

<sup>50</sup> **O que é a seção Transparência da Página nas páginas do Facebook?**

Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/323314944866264>> Acesso em 11/12/2019.

<sup>51</sup> **Making Ads and Pages More Transparent.** Disponível em: <<https://about.fb.com/news/2018/04/transparent-ads-and-pages/>> Acesso em 11/12/2019.

página” e demais informações públicas, buscamos caracterizar as duas páginas selecionadas para este trabalho mediante a importância da produção de conteúdo de ambas durante o processo das eleições à presidência do Brasil em 2018, bem como caracterizar seus seguidores e a metodologia utilizada para a construção e para a análise dos *corpora* textuais.

### 3.3.1 A página “*Eu era Direita e não sabia*”

Em 2017, um movimento assíduo de voluntários de um “movimento bolsonarista”, que se organizavam em grupos do *WhatsApp* e *Facebook*, começou a crescer exponencialmente no Brasil via redes sociais. Em reportagem para a BBC Brasil, um dos seus apoiadores disse que conheceu Jair Bolsonaro em meios de 2014 por meio da internet e que havia se aproximado por ter conhecido suas opiniões. O apoiador afirmou que “Bolsonaro é um dos poucos políticos que têm uma militância voluntária. Eu fazia uma lista de apoiadores e pedia a ele que mandasse um recado para cada um. As pessoas gostavam e criavam outros grupos em suas cidades”<sup>52</sup>.

Dentre esses apoiadores, estava o administrador da página “*Eu era Direita e não sabia*”. Criada em 2016, a “*Eu era Direita e não sabia*”, agora com 452.189 de curtidas no *Facebook*, declara em sua página que foi feita para todos aqueles que eram direita e não sabiam. Acrescenta ainda em sua descrição:

Declaração de autoria: "Eles" foram espertos, nos enganaram na sala de aula e transformaram nossa cultura em um comunismo disfarçado. #Seja bem-vindo a realidade#. Chegou a hora, ou levantamos e vamos para cima dessa minoria barulhenta e nojenta, ou estaremos condenados a viver em um país que o errado virou certo e o certo virou errado. Somos maioria, a direita conservadora é maioria no Brasil, infelizmente um pouco adormecida, mas nesses últimos dias tem acordado para enfrentar esse MONSTRO que se encontra na esquerda marxista.<sup>53</sup>

Em declaração na referida página em 2019, o administrador afirma que “[...] foi uma satisfação termos conhecido o nosso capitão quando ele ainda só era um sonho, agora continuamos a luta pois essa esquerda medíocre juntamente com mídias jornalística tipo rede Globo e Folha de São Paulo, tentam a todo custo nos trazer desordem e caos. Vencemos a batalha, mais a guerra ainda está longe de acabar”. Além de sua página no *Facebook*, a página conta com site (atualmente desativado), perfil no *Instagram* (atualmente desativado) e canal

---

<sup>52</sup> **Como exército de voluntários se organiza nas redes para bombar a campanha de Bolsonaro a 2018.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-39837332>> Acesso em 11/12/2019.

<sup>53</sup> **Informações sobre a página *Eu era Direita e não sabia* no Facebook.** Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/eueradireitaenaosabia/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/eueradireitaenaosabia/about/?ref=page_internal)> Acesso em 11/12/2019.



no Youtube<sup>54</sup>.

Conforme a seção “Transparência da página”, a “Eu era Direita e não sabia” foi criada em 02 de fevereiro de 2016 com o nome: “Eu era esquerda e não sabia”. A página teve uma mudança de nome desde sua criação, em 21 de março de 2016 alterando para seu nome atual: “Eu era Direita e não sabia” e é gerenciada por sete perfis localizados no Brasil. Ainda sobre a mudança de nome e âmbito político, um dos criadores da página, que se identifica enquanto ex-seguidor do marxismo, afirmou na entrevista à BBC anteriormente citada que passou a se identificar mais com bandeiras levantadas por Jair Bolsonaro, como a castração química para estupradores e que “Marx pregava união e igualdade, fui percebendo que era utopia. Quando você conhece a natureza humana, vai ficando cruel.”

**Figura 2 – Seção de transparência da página “Eu era Direita e não sabia.”**

The image shows a screenshot of the Facebook page transparency section for the page 'Eu era direita e não sabia'. The title of the section is 'Transparência da Página para Eu era direita e não sabia.' Below the title are three tabs: 'Resumo', 'Histórico da Página', and 'Pessoas que gerenciam esta Página'. The 'Resumo' tab is selected. The summary text reads: 'O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo. Saiba mais'. To the right of the text is an illustration of a person reading a book. Below the summary are two main sections: 'Histórico da Página' and 'Pessoas que gerenciam esta Página'. The 'Histórico da Página' section lists three actions: 'Página criada em 3 de fevereiro de 2016 — Eu era esquerda e não sabia.', 'A Página mudou de nome uma vez.', and 'Mesclada com outras 0 Páginas.'. The 'Pessoas que gerenciam esta Página' section shows 'País de localização principal das pessoas que administram esta Página: Brasil (7)'. A 'Ver mais' link is located at the bottom right of the 'Histórico da Página' section.

Fonte: Reprodução. Facebook, 2019.

### 3.3.2 A página “Jovens de Esquerda”

Atualmente a página “Jovens de Esquerda” tem 965.282 curtidas no Facebook. Em sua pequena descrição, a página afirma: “Estamos na luta por justiça social, contra o racismo, machismo, homofobia e contra qualquer tipo de opressão. Na luta por justiça social,

<sup>54</sup> Canal do Youtube: Eu era Direita e não sabia. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCdDxkW0GBoVkgY7eTzBwLWQ>> Acesso em 11/12/2019.

contra o racismo, machismo, homofobia e contra qualquer tipo de opressão”<sup>55</sup>. Conforme a seção de Transparência da Página, a página foi criada em 5 de junho de 2017 e mudou de nome um dia depois de sua criação, de “Jovens de Esquerda 1” para “Jovens de Esquerda”. A administração da página é feita por dois perfis que aparentemente residem no Brasil.

**Figura 3 – Seção de transparência da página “Jovens de Esquerda”**

The image shows a screenshot of the Facebook page transparency section for 'Jovens de Esquerda'. At the top, there is a title bar 'Transparência da Página para Jovens de Esquerda' with a close button. Below it are three tabs: 'Resumo' (selected), 'Histórico da Página', and 'Pessoas que gerenciam esta Página'. The 'Resumo' section contains the text: 'Resumo da transparência da Página. O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo. Saiba mais'. To the right of this text is an illustration of a person reading a book. Below the summary are two main sections: 'Histórico da Página' and 'Pessoas que gerenciam esta Página'. The 'Histórico da Página' section lists three events: 'Página criada em 5 de junho de 2017 — Jovens de Esquerda 1', 'A Página mudou de nome uma vez.', and 'Mesclada com outras 0 Páginas.' with a 'Ver mais' link. The 'Pessoas que gerenciam esta Página' section shows 'País de localização principal das pessoas que administram esta Página: Brasil (2)'.

Fonte: Reprodução. Facebook, 2019.

Como relatado no diário de campo do capítulo introdutório, a página passa por constantes quedas, não justificadas aos usuários. Esse processo ocorre tanto por meio de denúncias de usuários contra a página<sup>56</sup>, como por invasões de hackers, que comumente têm ocorrido nos últimos anos, em especial em páginas de cunho político. Nessas invasões, o espaço da página já foi utilizado para disseminação de conteúdos odiosos<sup>57</sup>. Além da página pública no *Facebook* não são disponibilizados outros endereços em redes sociais.

### 3.3.3 Homens e universitários: caracterização do público das páginas analisadas

Por meio da ferramenta FAI é possível acessar dados estatísticos sobre cada uma das

<sup>55</sup> **Informações sobre a página Jovens de Esquerda no Facebook.** Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/jovensdeesquerda/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/jovensdeesquerda/about/?ref=page_internal)> Acesso em 11/12/2019.

<sup>56</sup> **Como faço para denunciar uma página do Facebook?** Disponível em <<https://www.facebook.com/help/355811251195044>> Acesso em 11/12/2019.

<sup>57</sup> **Jovens de Esquerda: página do Facebook foi invadida por hackers.** Disponível em <<https://www.facebook.com/help/355811251195044>> Acesso em 11/12/2019.

páginas selecionadas para análise e também sobre o público que utiliza o *Facebook*. Por meio de tais informações é possível caracterizar os usuários da rede no que se refere a informações sociodemográficas (faixa etária, gênero, relacionamento e escolaridade), à localização geográfica e até mesmo sobre o tipo de engajamento (curtidas, comentários, compartilhamentos) dos usuários ou em que dispositivo estão conectados.

As informações apresentadas são coletadas pelo *Facebook* e disponibilizadas em seu site visando à delimitação de audiência para publicidade em sua plataforma. Desse modo, a apresentação de informações como gênero, corresponde a delimitações estipuladas pela empresa durante a criação e edição de perfis dentro da rede.<sup>58</sup>

Conforme a página do *Facebook*, o usuário deve optar por gênero feminino, gênero masculino ou então gênero personalizado, podendo selecionar “neutro”, informar outro ou não o informar (vide Figura 4). Entretanto nas informações disponibilizadas pela empresa os perfis estão divididos de forma binária entre mulheres e homens. Ademais, essas e outras informações utilizadas em processos que viabilizam a operação do *Facebook*, do *Instagram*, do *Messenger* e de outros produtos da empresa, conforme seus Termos de Serviço e Políticas de Dados<sup>59</sup>. Tais esclarecimentos são necessários a fim de uma caracterização mais profunda das páginas selecionadas para análise, por meio das informações deliberadas pela própria rede social por meio da ferramenta *Facebook Audience Insights*.

---

<sup>58</sup> Facebook for Business. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/audience-insights>> Acesso em 06/01/2019.

<sup>59</sup> Termos de Serviço do Facebook. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/legal/terms/update>> Acesso em 06/01/2019.

**Figura 4 – Página inicial de criação de uma nova no Facebook**

facebook

Email ou telefone

Senha

Entrar

Esqueceu a conta?

## Criar uma nova conta

É rápido e fácil.

Nome  ! Sobrenome

Celular ou email

Nova senha

Data de nascimento

9 Jan 1995 ?

Gênero

Feminino  Masculino  Personalizado ?

Você poderá alterar quem vê o gênero no seu perfil posteriormente. Selecione Personalizado se você deseja escolher outro gênero ou preferir não informá-lo.

Fechar

Selecionar seu pronome  !

O seu pronome fica visível para todos.

Gênero (opcional)

Ao clicar em Cadastre-se, você concorda com nossos Termos, Política de Dados e Política de Cookies. Você pode receber notificações por SMS e pode cancelar isso quando quiser.

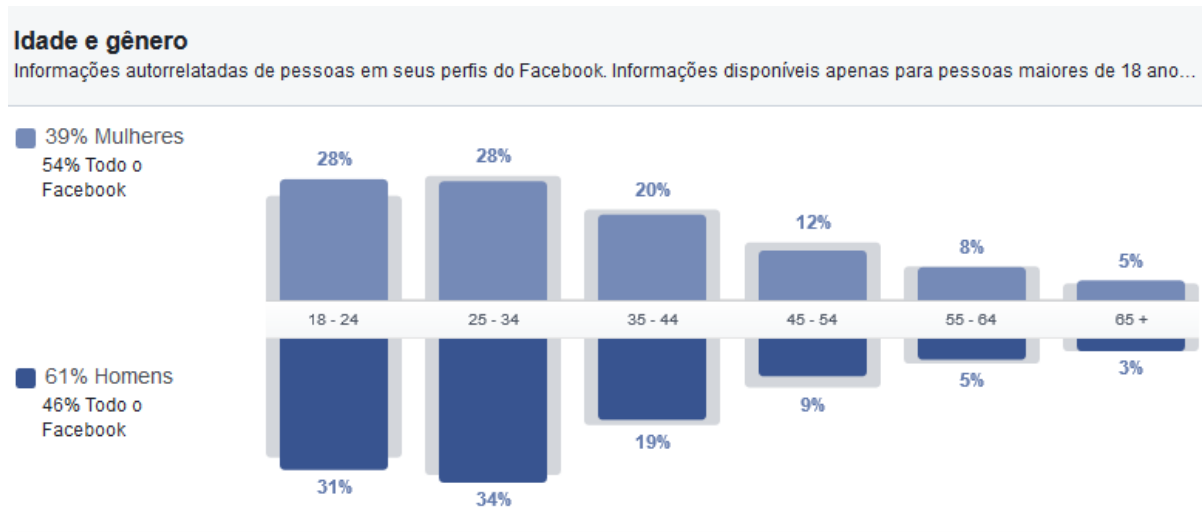
**Cadastre-se**

Fonte: Reprodução da página de login do Facebook. 2019.

No Brasil o número de perfis de usuárias do *Facebook* que se declaram como mulheres é de 54% sendo que 28% desses perfis declara ter entre 25 e 34 anos. Em comparação com o público delimitado à página “Eu era Direita e não sabia”, existem diferenças significativas. A porcentagem de mulheres que se interessa pela página cai em 15% se comparado com o público geral de mulheres, totalizando 39%. Sob esse recorte, o Facebook apresenta que as mulheres adeptas à referida página estão em uma faixa etária mais abrangente, entre 18 e 34 anos, somando 56% do público de “gênero feminino” que curte a página.

O número de usuários do Facebook que se declaram como “homens” no público geral é de 46% em uma faixa etária predominantemente composta por perfis que vão de 25 a 34 anos, somando 32%. Já entre aqueles que são adeptos da página “Eu era Direita e não sabia” é apresentado um público masculino consideravelmente maior, chegando aos 61% de perfis jovens, que seguem o mesmo intervalo de idade que o público geral da rede social, apresentando 34% entre 25 e 34 anos.

**Figura 5 – Dados sociodemográficos sobre a página “Eu era Direita e não sabia”**



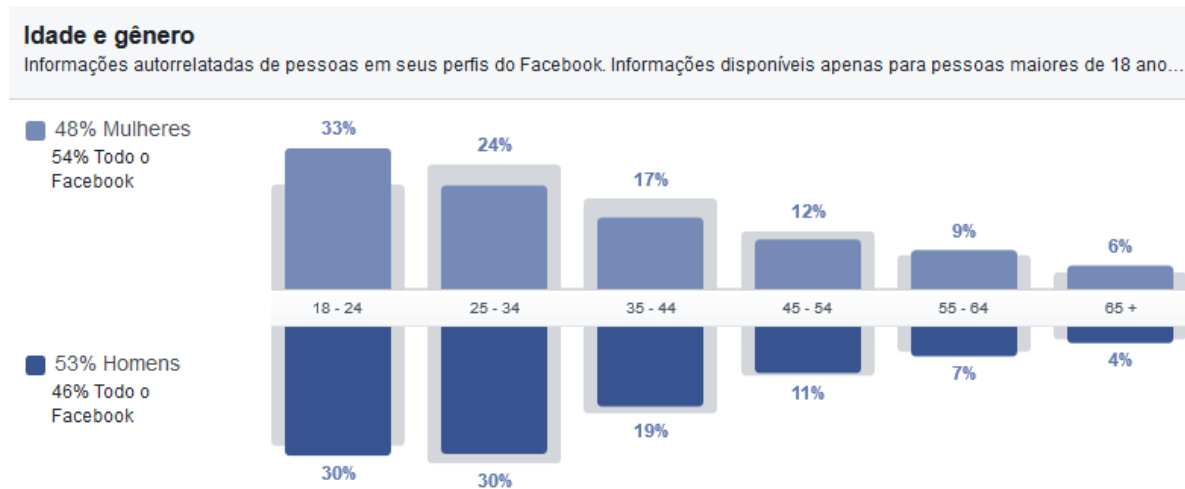
Fonte: Facebook Audience Insights, 2019.

Assim, mediante as informações apresentadas pelo FAI para disseminação de propagandas na plataforma do *Facebook*, pode se dizer que o público na página “Eu era Direita e não sabia” é massivamente de homens jovens. Desse contingente, a ferramenta informa que a maioria dos usuários conectados à página seja casado (41%) e estejam cursando nível superior (67%).

Ainda mediante dados disponibilizados pela FAI, é possível saber quais outras páginas também despertaram o interesse daqueles que são adeptos a “Eu era Direita e não sabia”, são elas: Os Honrados; Canal da Direita; Flávio Bolsonaro Senador RJ 177; Bolsonaro Opressor 2.0; Eduardo Bolsonaro; Socialista de iPhone; SomostodosBolsonaro; Rio Conservador e Alexandre Frota.

Dentro do recorte de usuários do *Facebook* que curtem a página “Jovens de Esquerda”, 48% aparecem como mulheres e possuem em sua maioria a faixa etária de 18 a 24 anos, chegando aos 33%. Já seu público composto por homens (53%) que possui uma faixa de idade mais ampla, entre 18 e 34 anos (30% entre 18 e 24 anos e outros 30% entre 25 e 34).

**Figura 6 – Dados sociodemográficos sobre a página “Jovens de Esquerda”**



Fonte: Facebook Audience Insights, 2019.

Dentro dos perfis adeptos à página “Jovens de Esquerda”, o número de solteiros e casados é o mesmo, 37% cada um. Quanto ao nível educacional, 69% do público cursa nível superior. Dentre as páginas que aparecem correlacionadas à “Jovens de Esquerda”, as que aparecem como mais relevantes para seu público são: Meu Professor de História; Desmascarando; Jornalistas Livres; Jandira Feghali 6565 Federal; Verdade sem manipulação; Manuela D’Ávila; Lindenbergh Farias; Deboas na Revolução e Conversa Afiada Oficial.

Tais informações subsidiam uma perspectiva sobre qual é o público das páginas analisadas neste trabalho. Elas indicam também quais dados são relevantes estatisticamente para que o *Facebook* tenha cada vez mais eficácia em produzir e direcionar conteúdos com base em informações deliberadas pela empresa e voltadas à venda para interessados em estimar e prever o comportamento dos usuários dentro da rede social.

Conforme a descrição dos dados disponibilizados sobre ambas as páginas e o público geral do *Facebook*, o número de homens nas páginas escolhida para análise é maior que o número de mulheres, embora no *Facebook* em geral o número de mulheres seja o maior. Pode-se inferir ainda que a faixa etária na página “Eu era Direita e não sabia”, em ambos os gêneros, é de pessoas mais velhas, ao passo que na página “Jovens de Esquerda”, em ambos os gêneros, o público é mais jovem. Quanto à escolaridade, nas duas páginas o número de perfis que declara estar na faculdade é maior do que os que estão na pós-graduação e ensino médio.

### 3.3.4 Material para análise lexical no Iramuteq

Os dados apresentados neste trabalho subsidiaram a construção de um *corpus* textual que serviu para as análises realizadas aqui. O *Iramuteq* (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, versão 0.7)<sup>60</sup>, é um *software* gratuito que realiza análise de dados textuais. Desenvolvido pelo pesquisador francês Pierre Ratinaud, o *software* utiliza o mesmo algoritmo de análise lexical que o ALCESTE (*Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte*) para análises lexicais e estatísticas de textos. A análise de material verbal transcrito, ou análise lexical, descreve o *corpus* textual com base em análises estatísticas, seja ele proveniente de um grupo ou de apenas um indivíduo. Para realizar tais análises, o *Iramuteq* ancora-se no *software* R<sup>61</sup> e na linguagem *Python*<sup>62</sup> (CAMARGO; JUSTO, 2013; 2018).

Neste *software* podem ser realizadas diferentes tipos de análises textuais, desde a lematização (processo que utiliza os radicais das palavras) até a lexicografia (que engloba cálculos de frequência e estatística dessas palavras no *corpus*) bem como sua coocorrência e similaridade (CAMARGO; JUSTO, 2016; 2018). A análise textual nasce da contribuição interdisciplinar entre a linguística, a análise do discurso, a estatística e a computação na tentativa de associar o método estatístico ao estudo dos textos e considerando o uso do computador como ferramenta para o processamento de grandes quantidades de texto. (LEBART; SALEM, 1994).

Frente ao desafio de que cada vez mais têm sido produzidos um volume massivo de dados (Big Data) em pesquisas qualitativas e quantitativas, *softwares* como o *Iramuteq* têm sido alternativas para elaborar análises em diversas áreas, como no âmbito da saúde e das ciências humanas. Entretanto, é importante realçar a necessidade de compreender que essas ferramentas, quando incorporadas às pesquisas, devem servir como auxílio e suporte ao tratamento dos dados e não suprimir o papel central da relação entre sujeito e objeto no delinear do trabalho (SANTOS, 2017).<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> *Iramuteq: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. Un logiciel libre construit avec des logiciels libres.* Disponível em <<http://iramuteq.org/>> Acesso em 20/11/2019.

<sup>61</sup> O *software* R é uma linguagem e um ambiente de programação para análises estatísticas que vem sendo utilizadas em várias formas de projetos de pesquisa e estudos, como o *Iramuteq*, que utiliza para analisar discursos, questionários e vocabulários textuais. Disponível em <<https://www.r-project.org/about.html>> Acesso em 20/11/2019.

<sup>62</sup> *Python* é uma linguagem de programação utilizada para desenvolvimento de *softwares*. Disponível em <<https://wiki.python.org/moin/BeginnersGuide/Overview>> Acesso em 20/11/2019.

<sup>63</sup> Na pesquisa elaborada por Santos (2017), que objetivou analisar o uso do *Iramuteq* em pesquisas na área da pós-graduação em saúde no Brasil, a Psicologia aparece com 5,6% das publicações avaliadas que usaram o

As análises apresentadas no próximo capítulo foram realizadas a partir de um grupo de comentários sobre as publicações já mencionadas e reunidas em um único arquivo de texto, inicialmente organizadas por variáveis (número do comentário; grupo; e número da publicação de 1 a 8) inspiradas em bancos de dados construídos no referencial teórico (CAMARGO; JUSTO, 2013). Ao todo foram analisados aqui três *corpora* textuais diferentes no *Iramuteq*: o *corpus* da página “Eu era Direita e não sabia”; o *corpus* da página “Jovens de Esquerda” e o *corpus* que englobou os comentários de ambas as páginas, intitulado *corpus* Misto. Para cada um destes *corpus*, foram utilizadas duas análises, descritas a seguir:

- **Análise de Similitude:** é baseada na teoria dos grafos e tem como objetivo analisar a proximidade e as relações entre os elementos de um determinado *corpus*. Essa análise possibilita a identificação das coocorrências entre as palavras presentes no *corpus* textual. Assim, resulta na imagem de uma árvore composta pela coocorrência de vocábulos que são apresentadas em comunidades coloridas nas quais suas conexões são caracterizadas por cores e espessura dos grafos (MARCHAND; RATINAUD, 2012).
- **Classificação Hierárquica Descendente (CHD):** é baseada na construção de classes de Segmentos de Texto (ST) que, ao mesmo tempo, apresentam verbetes semelhantes entre si e diferentes do vocabulário de outras classes. Esta análise advém do conjunto de ST repartidos em função da frequência das suas palavras. O *Iramuteq* organiza cada classe com base nos ST mais característicos de cada uma (da palavra com maior frequência na classe para a que tem menor frequência na classe). A representação dessa análise ocorre via dendrogramas, os quais mostram as palavras que mais se correlacionam em cada classe e as subdivisões de cada *corpus* textual. (CAMARGO; JUSTO, 2018).

A fim de discutir a forma do pensamento autoritário através do discurso de perfis em redes sociais online, foram analisados por meio do *software Iramuteq* os comentários de usuários do *Facebook* na página “Eu era Direita e não sabia” e “Jovens de Esquerda” no período de agosto a novembro de 2018, período das eleições à presidência no Brasil.



### 3.3.5 Construção do corpus textual

Para construir o *corpus* textual desta análise foram selecionados os primeiros 100 comentários mais relevantes<sup>64</sup> e as respostas incluídas neles a respeito das oito publicações apresentadas a seguir. Dito isto, é necessário mencionar as escolhas metodológicas tomadas para chegar até aqui. Alguns critérios de inclusão e exclusão de comentários foram necessários, tais como:

- Critérios de inclusão: Comentários com texto; assim, palavras, frases curtas e textos com maior número de linhas foram considerados sem maiores ressalvas;
- Critérios de exclusão: Comentários com vídeos, *gifs*, imagens (*memes* e montagens) foram desconsiderados, bem como comentários apenas com “hahaha” ou “kkk”.

A fim de atender aos objetivos que norteiam este trabalho, como o de analisar traços de uma mentalidade potencialmente autoritária por meio do discurso de usuários do *Facebook* vinculados a páginas abertamente de posicionamento político de esquerda e direita no Brasil, destacamos a organização dos dados mediante algumas variáveis.

### 3.3.6 Variáveis utilizadas para análise no Iramuteq

As variáveis utilizadas na construção deste *corpus* auxiliam na organização e catalogação dos dados, processo que ocorreu durante coleta e leitura de um total de 3489 comentários. A partir da leitura e crivo que delimitou quais comentários seriam incluídos ou não, foram construídos três grandes grupos para tabulação e organização do *corpus* textual para análise no *Iramuteq*, são eles:

- Grupo 1: Aqui foram incluídos comentários em apoio a candidatos autointitulados de direita, como Jair Bolsonaro, Cabo Daciolo e João Amoêdo (os únicos candidatos de direita que apareceram nos comentários selecionados). Além destes, comentários relacionados ao antipetismo também estão neste grupo. Justifica-se a inclusão por essas duas características devido à consonância que emergiu na maioria dos comentários ao criticar o Partido dos Trabalhadores (PT) ou seus representantes e apoiar os candidatos citados anteriormente.
- Grupo 2: Aqui foram incluídos comentários feitos em defesa de candidatos autointitulados de esquerda, como Fernando Haddad, Manuela D’Ávila e Guilherme Boulos, bem como os que aparecem em defesa do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que é uma das

---

<sup>64</sup> O filtro de comentários mais relevantes foi utilizado pois este é o que inicialmente aparece para os usuários que acessam as postagens no Facebook.

maiores menções nos comentários. Justifica-se a inclusão por meio dessas duas características diante da consonância que emergiu na maioria dos comentários, ou seja, ao criticar candidatos do Grupo 1 também ocorre a defesa dos candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Comunista do Brasil (PC do B), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) ou do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva.

- Grupo 3: Aqui foram alocados comentários que não apresentaram as características mencionadas para inserção nos grupos anteriores. Ou seja, não defendem diretamente os candidatos já mencionados<sup>65</sup> ou uma discussão diretamente relacionada ao ex-presidente. Foram inseridos ainda comentários vinculados ao candidato do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Ciro Gomes, autodeclarado como centro esquerda e o único mencionado com relevância além dos citados anteriormente, mas com visibilidade consideravelmente menor. Aqui foram inseridos ainda os comentários que não estavam ligados à temática do antipetismo, uma das maiores forças nesse contexto, bem como comentários que não deixam claro se têm relação com posicionamentos políticos de direita, esquerda ou outros.

Além de identificar os comentários em grupos, também foram utilizadas variáveis de 1 a 8, que correspondem a ordem cronológica das postagens da página “Eu era Direita e não sabia” (1, 3, 5 e 7) e “Jovens de Esquerda” (2, 4, 6 e 8) no período de agosto a novembro de 2018.

---

<sup>65</sup> Os candidatos mencionados são apenas os que surgiram nos comentários. Ou seja, comentários no grupo 1 centraram seu debate em torno do candidato eleito Jair Bolsonaro e os demais citados; do mesmo modo ocorreu no grupo 2 com o ex-candidato Fernando Haddad. Entretanto o outro ponto comum entre os dois primeiros grupos é a discussão acirrada e antitética a respeito do ex-presidente Lula.

#### **4 RADICALIZANDO O OBJETO: ANÁLISES DOS COMENTÁRIOS DE PÁGINAS BRASILEIRAS DE DIREITA E DE ESQUERDA NO *FACEBOOK***

Este trabalho delinea-se enquanto pesquisa de cunho qualitativo que teve postagens do *Facebook* como material de análise. Ao fim da tabulação das informações coletadas, obtivemos, como já colocado, ao todo 3489 comentários, que correspondem ao número total dos dados, ou seja, a sua população. Dado o número vasto de comentários para análise, optamos por trabalhar com amostras de ambas as páginas.

Para criar uma amostragem dessa população, calculamos uma porcentagem com nível de confiança de 95%, que corresponde à probabilidade de sua amostra representar com precisão as posturas da população em questão e margem de erro de 5%, correspondendo à variação das respostas da população com relação à sua amostra. Tal cálculo de amostragem foi aplicado separadamente ao conjunto de comentários coletados de cada página e, assim, chegamos ao número de 222 comentários para a página “Eu era Direita e não sabia” e de 340 comentários para a página “Jovens de Esquerda”. A seleção de quais comentários fariam parte de cada amostra (doravante denominadas *corpus* “Eu era Direita e não sabia” e *corpus* “Jovens de Esquerda”) ocorreu de forma aleatória, por meio de sorteio.

##### **4.1 Publicações selecionadas da página “Eu era Direita e não sabia”**

Os comentários utilizados para a construção do *corpus* textual para as análises no *software Iramuteq* foram selecionados nas publicações da página “Eu era Direita e não sabia” que serão apresentadas abaixo. Foram coletados os 100 primeiros comentários, bem como respostas a eles, dentro do filtro “mais relevantes” em cada publicação. As postagens estão identificadas pelo mês no qual foram recolhidas.

**Figura 7 – Publicação de Agosto selecionada na página “Eu era Direita e não sabia”**



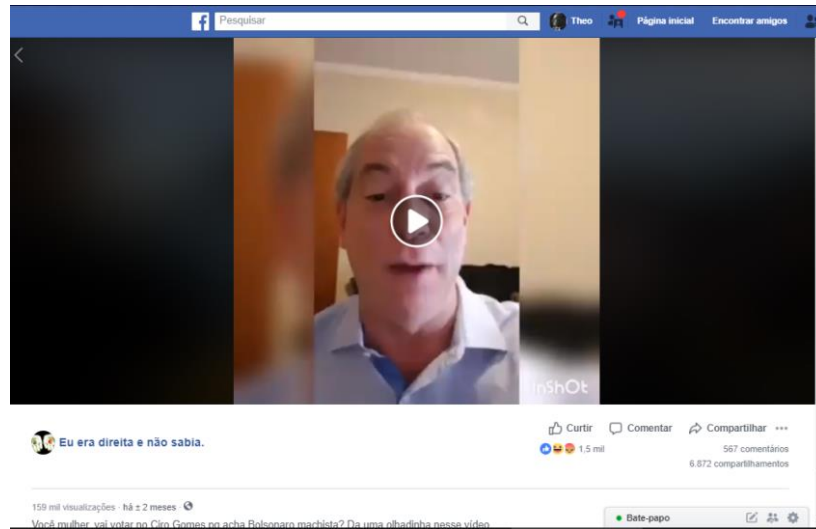
Fonte: Facebook, 2018.

**Figura 8 – Publicação de setembro selecionada na página “Eu era Direita e não sabia”**



Fonte: Facebook, 2018.

Figura 9 – Publicação de outubro selecionada na página “Eu era Direita e não sabia”



Fonte: Facebook, 2018.

Figura 10 – Publicação de novembro selecionada na página “Eu era Direita e não sabia”



Fonte: Facebook, 2018.

## 4.2 Análises do *corpus* “Eu era Direita e não sabia”

Ao todo foram coletados 527 comentários nas quatro publicações retiradas da página “Eu era Direita e não sabia” entre agosto e novembro de 2018. Entretanto, após o cálculo para construção da amostra da página, foram retirados 222 comentários, por meio de sorteio aleatório, para a construção do *corpus* textual.

Os 222 comentários foram analisados em 225 segmentos de texto (ST), com 2589 ocorrências, 752 formas e 481 *hapax* (as palavras que aparecem só uma vez no *corpus* todo), gerando uma média de 11.66 ocorrências por texto. Para a realização das análises foi utilizada a parametragem<sup>66</sup> recomendada por Camargo e Justo (2016). Após análise mais básica quanto à frequência de palavras e ao número de segmentos de texto, o *corpus* “Eu era Direita e não sabia” foi submetido à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) a fim de encontrar similaridades e coocorrências entre os textos dos comentários analisados. Para tanto, o *corpus* foi dividido em 222 segmentos de texto com 752 palavras lematizadas, ou seja, que foram reduzidas ao seu radical; 611 formas ativas e 17 formas suplementares, com média de 11,5 formas por segmento de texto e considerando 63,56% (143) dos segmentos de texto. O valor não satisfaz o critério mínimo de retenção sugerido por Camargo e Justo (2016)<sup>67</sup>, o que vale ser destacado, mas não foi levado como empecilho por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo e que se utiliza de outras ferramentas analíticas, como os aportes da Teoria Crítica e a análise de similitude.

A representação das divisões e interações realizadas na CHD se dá por meio de dendrogramas (*dendro* = árvore), um tipo específico de diagrama, que organizam determinados fatores e variáveis para classificação dos segmentos de texto no *corpus*; cada uma das divisões correspondem a cada classe (CAMARGO; JUSTO, 2018). O primeiro dendrograma (Gráfico 2) mostra graficamente a proporção entre os segmentos de texto em cada uma das classes. A CHD realizou divisões no *corpus* até se originarem 4 classes. A primeira divisão deu origem a dois *subcorpora*, que respectivamente se separaram entre as classes 1 e 2 ao mesmo tempo que em 3 e 4.

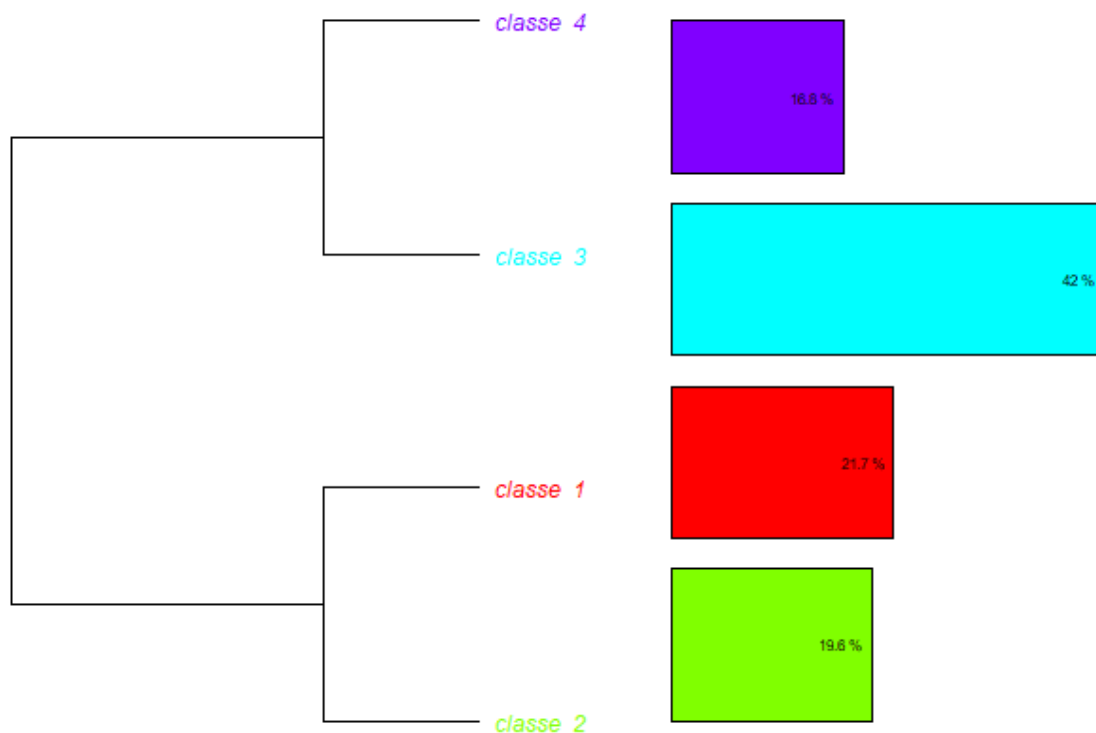
---

<sup>66</sup> A parametragem aconselhada por Camargo e Justo (2016) para estudos na área da Psicologia sugere uma adaptação dos valores atribuídos previamente no *Iramuteq* para análises, priorizando o conteúdo do texto por meio de palavras atribuídas como ativas (substantivos, adjetivos, verbos e formas não reconhecidas); seguidas daquelas atribuídas como formas suplementares (substantivos complementares e verbos complementares); e então aquelas eliminadas da análise (adjetivos demonstrativos, adjetivos indefinidos, adjetivos interrogativos, adjetivos possessivos, advérbios, onomatopeias, artigos, conjunções e preposições).

<sup>67</sup> Para Camargo e Justo (2016), as análises do tipo CHD requerem uma retenção mínima de 75% dos segmentos de texto para serem úteis à classificação de qualquer material textual. Nesses casos, os autores afirmam que é fornecida apenas uma classificação parcial e sugerem que a análise do material seja feita com outros recursos.

Assim, percebemos que a classe 1 (denominada pela autora como “Coroné Cirão da massa”) reteve 21,67% dos segmentos de texto (ST) do *corpus* e a classe 2 (“Vota no Ciro”) reteve menos textos que a anterior (19,58%). Já a classe 3 (“Vá pra Cuba que pariu”) foi a que reteve o maior número de segmentos de texto (41,96%) e, por fim, a classe 4 (“#Bolsonaro2018”) reteve o menor número de segmentos de texto (16,78%).

**Gráfico 2 – Dendrograma da divisão na CHD do *corpus* “Eu era Direita e não sabia”**

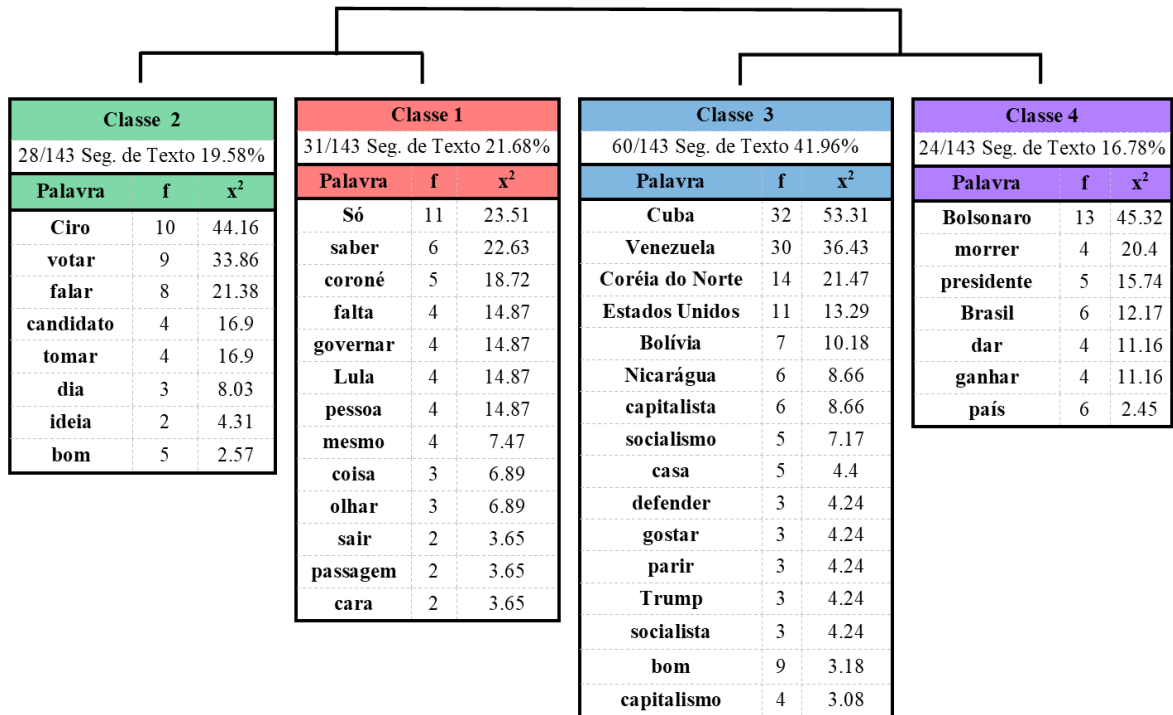


Fonte: IRAMUTEQ, 2019.

O segundo dendrograma (Gráfico 3) corresponde à representação dos resultados que possibilita a identificação do conteúdo lexical presente nos segmentos de texto retidos em cada classe. Dado o tamanho do *corpus* “Eu era Direita e não sabia” foram retidas todas as palavras com associação significativa mais forte para cada classe, mensurada pelo número de associações dos segmentos de texto que contém a palavra dentro da classe – o que o *software* denomina como seu pelo qui-quadrado ( $\chi^2$ )<sup>68</sup>.

<sup>68</sup> Nas análises de cada *corpus* serão apresentados os dendrogramas dos resultados de cada análise. Nos dendrogramas de conteúdo lexical, serão apresentados: o número da classe, a quantidade de segmentos de texto (%) e as palavras que se correlacionaram em cada classe. Os dados apresentados para cada palavra são o qui-quadrado ( $\chi^2$ ), correspondente ao número de associações dos segmentos de texto que contem a palavra dentro da classe, e (f), que corresponde ao número de segmentos de textos que contém a palavra em cada classe.

**Gráfico 3 – Dendrograma da CHD do *corpus* “Eu era Direita e não sabia”**



Fonte: IRAMUTEQ, 2019.

Além dos dendrogramas que representam as classes construídas na CHD com os segmentos de textos dos três *corpora* analisados aqui, por meio da apresentação das palavras com maior correlação dentro de cada classe ( $x^2$ ), são apresentados quais os segmentos típicos mais característicos e as Análises de Similitude realizadas de forma individual da classe. Nota-se que os segmentos de texto característicos são o ambiente das palavras que ilustram cada classe, ou seja, os segmentos de textos associados a elas (CAMARGO; JUSTO, 2018).

Tais segmentos típicos serão apresentados no corpo do texto como recurso de análise, mas também estão anexos ao fim do trabalho (ver Apêndice B), sendo considerados os seis segmentos de texto mais representativos em cada classe. Como mais um recurso ao aparato construtivo da discussão dos dados analisados, opto por nomear cada uma das classes, tecendo análises melhor tematizadas a partir dos dados fornecidos pela CHD e pela Análise de Similitude em cada um dos *corpora*. Estas análises de cada classe nomeada estão apresentadas a seguir.



#### 4.2.1 Classe 1: “Coroné Cirão da massa”

Como pode ser observado no segundo dendrograma, as Classes 1 e 2 são parte de uma mesma subdivisão e versam sobre uma temática semelhante, a candidatura de Ciro Gomes (PDT) nas eleições à presidência do Brasil em 2018. Entretanto, as diferenças que ocasionam essa divisão são importantes à compreensão deste *corpus*.

Ciro Ferreira Gomes é paulista, mas tem vivido sua extensa carreira política no Ceará, onde formou-se em Direito e ocupou cargos públicos que vão de prefeito a governador, ministro e candidato à presidência do Brasil<sup>69</sup>. O pedetista de falas polêmicas foi o terceiro político mais citado entre os comentários coletados para esta pesquisa, atrás de Jair Bolsonaro (então do PSL) e Luís Inácio Lula da Silva (PT). Este último aparece mais de uma vez dentre os segmentos de textos típicos da classe<sup>70</sup>, junto aos que mencionam o “coroné”.

da série vamos soltar o **lula** e venezuela é uma democracia agora **coroné** salvador do brasil kkkkkk.<sup>71</sup>

vai que o **lula** melhorou as coisas por lá só que não.

Sua ligação com Lula (PT) e com o Nordeste aparece, principalmente na visão dos comentários que criticam a percepção de ambos como “salvadores do país”. Algo curioso dentre os segmentos de texto típicos dessa classe é que, embora a temática principal seja Ciro Gomes, seu nome não é diretamente citado, sendo substituído na maior parte das vezes pela menção ao verbete “coroné”, que aparece em terceiro na lista das palavras da CHD, e em menor medida pela expressão “Cirão da Massa”.

**coroné cirão da massa** de manobra é o pior tipo de **peessoa** e tem gente que ainda apoia não **sei** se é desespero pra **sai** do spc no dia 8 ele vai dizer **a mesma coisa** quando foi acusado de ter falado merda nunca disse isso kkkkkk.

olha o **coroné** salvador do país.

O chamado coronelismo deve sua alcunha à denominação atribuída aos já extintos

---

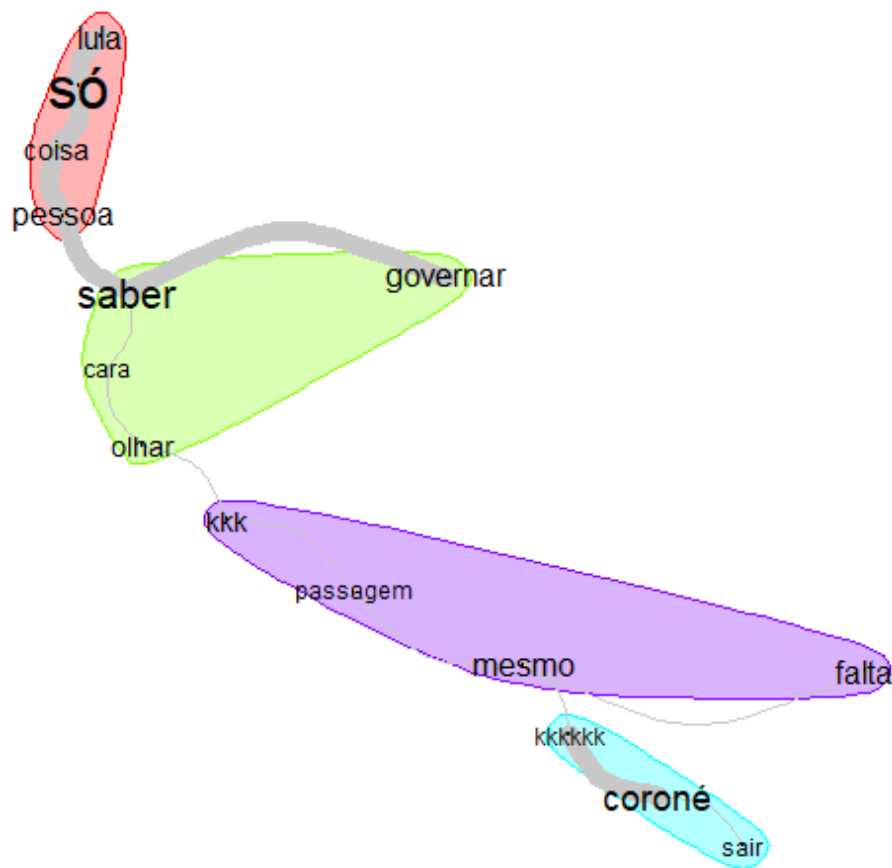
<sup>69</sup> **Ciro Gomes: Pré-candidato às eleições de 2018, ex-ministro é conhecido pela “língua afiada” e declarações polêmicas.** Disponível em: < <https://epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2017/09/ciro-gomes.html>> Acesso em 12/12/2019.

<sup>70</sup> A partir desse ponto serão apresentados trechos nos quais alguns vocábulos aparecerão destacados, o *Iramuteq* seleciona as formas mais recorrentes no seu relatório de análise do corpus textual, mesmo das palavras que mediante a parametragem são menos significativos para o programa (artigos definidos, indefinidos e demais elementos textuais complementares).

<sup>71</sup> Os segmentos de texto típicos de cada uma das classes analisadas serão apresentados conforme o original. Ou seja, conforme foram coletados nos comentários e tratados para inserção nas análises do *Iramuteq*.

coronéis da Guarda Nacional. Entretanto o termo não caiu em desuso com o fim do cargo, mas transmutou-se na história corrente enquanto posto concedido a chefes políticos da comunidade, que mantêm posses consideráveis em terras menos abastadas. Dentre as características atribuídas aos novos significados do posto, entram o uso do poder local por trocas de favores junto ao Estado, bem como o domínio político familiar em determinada região (CARONE, 1971).

**Gráfico 4 – Análise de Similitude da Classe 1**



Fonte: IRAMUTEQ, 2019.

No Gráfico 4, no qual pode ser visualizada a Análise de Similitude da primeira classe, são representadas as ligações entre suas formas. O verbete “saber” se conecta por meio de um grafo mais forte aos verbetes “governar” e “pessoa” dentro de uma comunidade em que se conecta a “lula”. Isso ocorre porque dentre os comentários que aparecem nessa classe e entre as justificativas para não votar em Ciro Gomes (PDT) está a ligação ao ex-presidente Lula (PT), como mencionado anteriormente. Nas comunidades do setor inferior, “coroné” é o vocábulo mais evidente.

Assim, o nome atribuído a esta classe corresponde às denominações atribuídas a Ciro

Gomes quanto a características referentes à personalidade do político. Menciona-se principalemnete falta de educação, grosseria, compostura ou desequilíbrio emocional, afirmando que, por seu temperamento, o candidato não poderia governar o país de modo satisfatório, como nos comentários apresentados abaixo:

desequilibrado esse **coroné**.

**olha** aí o presidente do povo super inteligente nem respeito esse **cara** tem.

nossa que exemplo de **pessoa** equilibrada que pretende exercer a democracia por favor.

como um descontrolado pode **governar** o país.

Assim, grande parte dos comentários que emergem na classe advém de usuários que atribuem como justificativa para não votar em Ciro Gomes características pessoais como fatores que implicariam uma má gestão. Entretanto, esse julgamento aparece em sua maioria nos discursos de indivíduos que, além de não votarem no candidato, apoiam Jair Bolsonaro, que construiu sua imagem sobre o marketing de um político fora do meio, aproveitando o discurso anticorrupção e apresentando-se como alguém que não corrobora com a imagem tradicional da política no Brasil. Tal retórica permanece nas estratégias em que, proximando-se do seu público nas redes *sociais* online (que é também seu eleitorado), a partir de *lives* (transmissões ao vivo no Facebook) corriqueiramente apresenta falas polêmicas, notícias falsas e declarações intempestivas as quais incitam discussões ideológicas e movimentam seus eleitores na internet<sup>72</sup>.

Assim, pode-se questionar a argumentação caricata e superficial inferida ao candidato pedetista. Nos parâmetros atribuídos para crítica a Ciro Gomes (despreparo, desequilíbrio, deseducação), o governo eleito desliza em falas controversas, inverdades e, segundo pesquisa do Datafolha, causa desconfiança em pelo menos 80% dos brasileiros sobre suas declarações, contribuindo ao descrédito dos brasileiros com a política no país<sup>73</sup>.

#### 4.2.2 Classe 2: “Vota no Ciro”

A segunda classe se correlaciona com a primeira, entretanto aqui o nome de Ciro

---

<sup>72</sup> FOLHA de São Paulo. **Relembre frases polêmicas de Jair Bolsonaro**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/relembre-frases-polemicas-de-jair-bolsonaro.shtml>> Acesso em 16/01/2020.

<sup>73</sup> **80% dizem ao menos desconfiar de declarações de Bolsonaro, diz Datafolha**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/80-dizem-ao-menos-desconfiar-de-declaracoes-de-bolsonaro-diz-datafolha.shtml>> Acesso em 16/01/2020.

Gomes é explicitado. Dentro da argumentação exposta na classe, aparecem justificativas em resposta a declarações comumente atribuídas nas críticas a Jair Bolsonaro, tais como:

contraditório **falar** que bolsonaro é machista e **votar** em **ciro** vota no daciolo pelo menos

vamos **falar** de um **candidato** machista que faz apologia a violência que não respeita ninguém homofóbico **ciro**

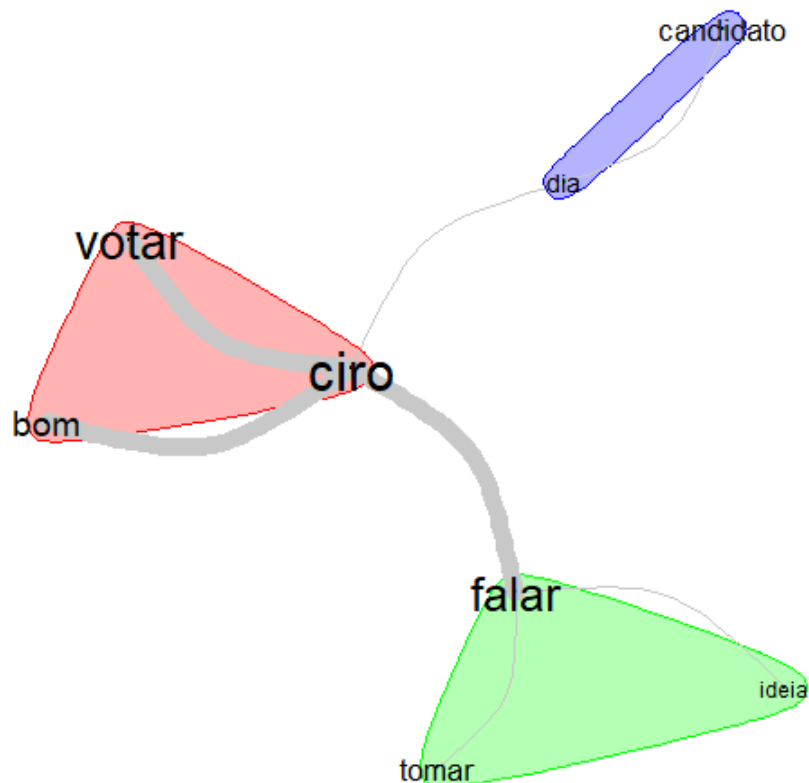
É possível afirmar ainda que argumentação expressa nos textos da classe é menos robusta que na classe anterior, mas com maior variedade de formas e menor repetição das mesmas, resultando em segmentos de texto típicos sucintos, como:

**vota** no ciro

canga **ciro** aplicando a cirocracia

“Ciro” aparece como elemento central entre as comunidades apresentadas na árvore da Análise de Similitude (ver Gráfico 5), se conectando por meio de um grafo mais evidente aos vocábulos “votar”, “falar” e “bom”, que também são as formas com maior correlação dentro da classe.

**Gráfico 5 – Análise de Similitude da Classe 2**



As três comunidades que aparecem na imagem se interligam por meio da mesma forma, “Ciro”, e a comunidade que está na parte inferior contém as formas “tomar” e “ideia” ligadas à “falar”, aparecendo em segmentos típicos como:

arrepende como se ele nem assumiu ainda o povo tá numa ansiedade pelo fracasso tão grande que quando bolsonaro fizer um **bom** governo vão precisar **tomar** rivotril pra se controlarem.

deixa ele petista não tem moral pra **falar**.

No quadrante superior os vocábulos “dia” e “candidato”, ligadas a forma “Ciro”, aparecem nos segmentos típicos como:

amanhã é **dia** de **votar** vá e **vote** no seu **candidato** é simples.

eu **candidato** prima ideologia por ideologia machismo truculento despreparado nesse caso seria melhor anular o voto.

Dentre os comentários típicos, estão menções como as apresentadas acima, as quais, embora que não sejam recorrentes e assim mais correlacionadas no *corpus*, fomentam aspectos diferentes dos já pautados na classe anterior, a exemplo da caracretização do pedetista como candidato “machista” e “homofóbico”. Na expressão “canga ciro” se reforça o aspecto delineado na primeira classe, remontando que expressões caricatas acerca de Ciro Gomes tem relação com sua atuação política no Nordeste.

#### 4.2.3 Classe 3: *Vai pra Cuba que pariu*

A terceira classe retém o maior número de segmentos de texto no *corpus* (41,96%) e nela estão agrupados os vocábulos mais característicos à ideia de “antisocialismo” presente no discurso dos comentários que defendem políticos ligados à direita ou dentro do mesmo espectro ideológico. Tais aspectos são evidentes em trechos como os a seguir:

vai para um país **capitalista** oxente vá pra **coréia do norte cuba venezuela china** ou pra pqp

vai pra **cuba coréia do norte venezuela nicarágua** vai para o berço do **capitalismo** e imperialismo

No Gráfico 6, que corresponde à análise de similitude desta terceira classe, fica mais evidente a relação entre os nomes de países e a polarização entre socialismo e capitalismo, fomentada em maior parte por questões ideológicas do que por questões políticas de fato. Tal afirmação é apresentada mediante a argumentação rasa apresentada nos segmentos

típicos expostos acima, bem como no Apêndice C

Conforme a representação da árvore gráfica, o elemento central é a forma “Venezuela”, que aparece na comunidade central da figura e se liga por meio de um grafo espesso com o verbete “Cuba”, denotando a correlação entre os dois Estados-nação. Cuba é o verbete com maior qui-quadrado ( $x^2$ ) na classe 3, seguido dos demais verbetes referentes a países, como “Coréia do Norte” e “Estados Unidos”, e a regimes sociopolíticos, como “capitalista” e “socialismo”.

como assim se os **estados\_unidos** é um país **capitalista** e ele um **comunista** radical me poupe colonistas de iphone.

tá na hora de **trump** barrar a entrada desses **comunistas** de outros países na entrada nos **estados\_unidos**.

não tem nada nos **estados\_unidos** nem licença maternidade remunerada nem férias remuneradas só em algumas empresas e com algum tempo de **casa** nem recebe os feriados não trabalhados nem nada disso e está cem por cento correto.

De acordo com a representação da análise de similitude da referida classe, no quadrante superior está a comunidade com as formas “Coréia do Norte”, “Nicarágua” e “casa”, tal como outras menções à países considerados ideologicamente comunistas pelo discurso daqueles usuários que alinham-se à direita política, como nos segmentos típicos:

**Coréia do Norte** lá você vai se sentir em **casa**

**Coréia do norte Venezuela Bolívia** congo Iraque puta que **pariu**.

por que não ir pra um país **socialista** que ele tanto **gosta** que tal **Cuba** ou **Venezuela**

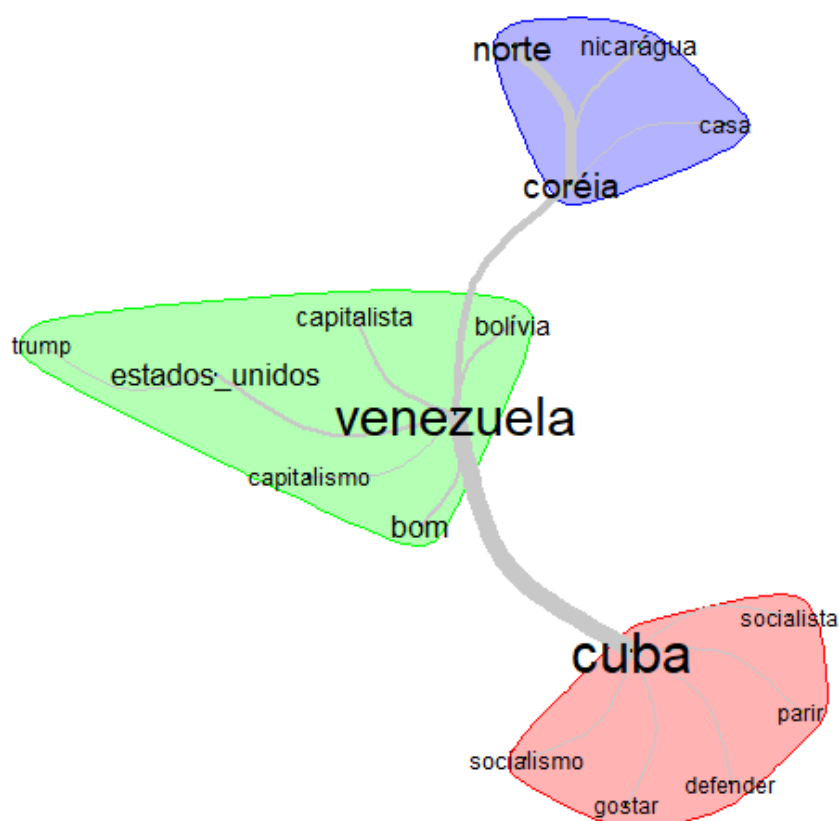
Junto aos vocábulos que remetem aos países que aparecem de modo frequente, na comunidade localizada no quadrante inferior a qual “Cuba” pertence estão os verbetes “socialismo” e “socialista”. Assim, conforme os segmentos típicos da classe, a argumentação dos usuários para justificar a menção dos países correlata a regimes socialistas é superficial, operando em um campo discursivo no qual a oposição entre a ideia de socialismo e a de capitalismo funciona de modo rasteiro e sem crítica consistente, como nos exemplos abaixo:

não entendi **defender** o **socialismo** e morar em um país **capitalista** esse povo nunca escolhe **cuba** ou **venezuela** pensei que não convivesse no mesmo país de um ditador **trump** já que tá saindo por causa do bolsonaro kkkkk.

ué por que não **venezuela** ou **cuba** por que ir para o país mais **capitalista** do mundo por que ele não vai para o império do **socialismo** já que ele **defende** dizendo que é tão **bom**.

Retomando a comunidade central da análise de similitude, as formas “capitalista” e “capitalismo” aparecem de modo concomitante aos vocábulos “Venezuela”, “Bolívia”, “Estados Unidos” e “Trump”. Assim, pode-se inferir que as palavras mais recorrentes na classe 3 circundam a polarização entre “socialismo” e “capitalismo”, fomentando a necessidade de conceituação dos polos que circundam esse espectro ideológico.

**Gráfico 6 – Análise de Similitude da Classe 3**



Fonte: IRAMUTEQ, 2019.

As diferentes acepções do termo Capitalismo corroboram ao seu desenvolvimento histórico e aqui serão considerados dois aspectos da sua construção. O primeiro diz do modo de produção dentro do sistema econômico, que caracteriza um complexo sistema sociopolítico. O segundo aspecto designa uma relação social estabelecida por meio do capital, definida por seu modo de produção, que interfere no processo de racionalização técnico-produtiva, a racionalização dos modos de vida dentro de um sistema político liberal (RUSCONI, 1992).

Em sua crítica materialista dialética ao capital, Marx (1996) aponta a mercadoria enquanto objeto do capital e traço característico pertencente ao modo de produção capitalista que, observado enquanto aspecto histórico, acende os pressupostos de um objeto produzido

em uma sociedade de classes. A ótica atribuída por Marx (1996) à mercadoria apresenta os objetos como “suporte” ao valor incumbido no seu modo de produção e a crítica dialética à essa perspectiva fomenta discussões sobre os modos de vida produzidos em sociedades capitalistas (BENOIT, 1996; HARVEY, 2015).

Do outro lado da dicotomia apresentada nessa classe está o Socialismo, que tem sido definido historicamente como sistema político regido pelas classes trabalhadoras. A gênese desse programa político advém da Revolução Industrial e é regimentado em uma organização social na qual o direito à propriedade privada seria limitado, os principais recursos econômicos estariam sob controle da classe proletária e o gerenciamento teria como objetivo a promoção igualitária de direitos por meio de intervenção política, jurídica e econômicas fundadas no poder público. Colocados e vividos como tão diametralmente opostos no século XIX e ainda agora, principalmente no ideário da década de 1840, “Comunismo” e “Socialismo” indicavam a variabilidade de ideias dentro do mesmo movimento crítico à condição operária na sociedade industrializada (PIANCIOLA, 1992).

As definições conceituais apresentadas aqui oferecem uma perspectiva possível acerca dos sistemas políticos citados, entretanto, conforme os relatórios das análises e dos segmentos de texto típicos apresentados, a argumentação dos usuários é muito mais ligada a concepções ideológicas, nas quais o socialismo aparece correlato à esquerda política e o capitalismo à direita política. Nesta e em outras classes da análise, torna-se perceptível que a agremiação política tem menos a ver com propostas e organizações voltadas ao bem-estar social e mais com convicções, princípios e valores que reverberam em diferentes temáticas, como as que serão aprofundadas adiante.

#### **4.2.4 Classe 4: #Bolsonaro2018**

A quarta e última classe apresentada pela CHD no *corpus* da página “Eu era Direita e não sabia” é a que reteve menor número de segmentos de texto no *corpus* (16,78%) e majoritariamente é pautada pelos comentários de usuários que torceram para a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições em 2018. O verbete “Bolsonaro” é o que possui maior qui-quadrado ( $\chi^2$ ) dentro da classe, seguido por “morrer”, “presidente” e “Brasil”.

A classe apresenta o menor número de segmentos de texto e a menor variabilidade, isso expõe o quão repetitivos foram os comentários elencados na classe, reforçando o uso de *hashtags* pelos usuários, em especial com o sobrenome “Bolsonaro” e o número 17 correspondente a sua legenda. Os segmentos a seguir são representativos:

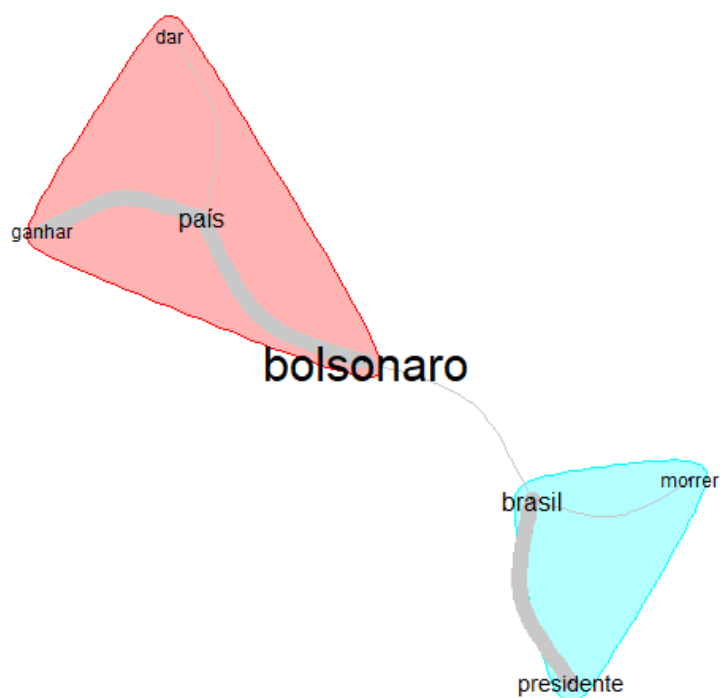


vá pra venezuela **morrer** de fome lá **bolsonaro presidente** do **brasil** já

eu fiz caixa 2 pro bolsonaro hehehe

meu voto é **#bolsonaro\_17** neles

### Gráfico 7 – Análise de Similitude da Classe 4



Fonte: IRAMUTEQ, 2019.

O verbete central na análise de similitude também é “Bolsonaro”(vide Gráfico 7), que se conecta por um grafo mais forte aos verbetes “país” e “ganhar”, no quadrante superior. Os segmentos típicos da classe mostram o otimismo dos usuários quanto às mudanças provenientes da vitória de Jair Bolsonaro, ao mesmo tempo que, em quantidade ínfima, aparecem críticas ao então candidato.

quando o **#bolsonaro\_17** **ganhar** vai rolar uma limpa natural do **país**  
 kkkkkkkkkkkkkkk

**bolsonaro** nem **ganhou** ainda é já está fazendo melhorias no **país**

está certinho é um retrocesso o **Bolsonaro** na presidência lembrando que nenhum governo militar **deu** certo no mundo vide Hitler na Alemanha enfim um **país** sem educação vota no **Bolsonaro**.

Já no quadrante inferior, o vocábulo “Bolsonaro” se conecta por um grafo que perde força até o verbete “Brasil” e se fortalece em sua conexão com “presidente”, denotando-

se o que foi exposto anteriormente sobre o número de comentários que mencionaram Bolsonaro na campanha eleitoral entre os textos analisados. Curiosamente, o fim do grafo ligado à forma “Brasil” é o verbete “morrer”.

vá pra Venezuela **morrer** de fome lá **Bolsonaro presidente** do **Brasil** já.

rapaz é tanto peão fresco indo embora do **país** que **dá** alívio mais um para nossa alegria força, capitão.

nem o capeta os quer do contrário **morriam** logo mas não **morrem** esses imprestáveis vermes vermelhos.

Diante do exposto, é possível depreender que classe 4 engloba a manifestação recorrente de eleitores de Jair Bolsonaro acreditando que junto a sua vitória haveria uma “limpeza” no país: a daqueles que são odiados por representar um grupo antagônico ao candidato e seu espectro político. Reitera-se assim a ideia já expressa na percepção polarizada e alinhada ideologicamente em outras classes analisadas, a ideia segundo a qual quem se situa no polo contrário à perspectiva dos sujeitos imersos na totalidade deve ser eliminado. A menção aos “vermes vermelhos” remete ao regime político do comunismo/socialismo, por vezes situado em diferentes discussões no decorrer das análises.

#### 4.3 Publicações selecionadas da página “Jovens de Esquerda”

Os comentários utilizados para a construção do *corpus* textual para as análises no *software Iramuteq* foram selecionados nas publicações da página “Jovens de Esquerda” que serão apresentadas abaixo. Coletamos os 100 primeiros comentários, bem como respostas a eles dentro do filtro “mais relevantes” em cada publicação. As postagens estão identificadas pelo mês no qual foram recolhidas.

**Figura 11 – Publicação de agosto selecionada na página “Jovens de Esquerda”**



Fonte: Reprodução Facebook, 2018.

**Figura 12 – Publicação de setembro selecionada na página “Jovens de Esquerda”**



Fonte: Reprodução Facebook, 2018.

**Figura 13 – Publicação de outubro selecionada na página “Jovens de Esquerda”**



Fonte: Reprodução Facebook, 2018

**Figura 14 – Publicação de outubro selecionada na página “Jovens de Esquerda”**



Fonte: Reprodução Facebook, 2018

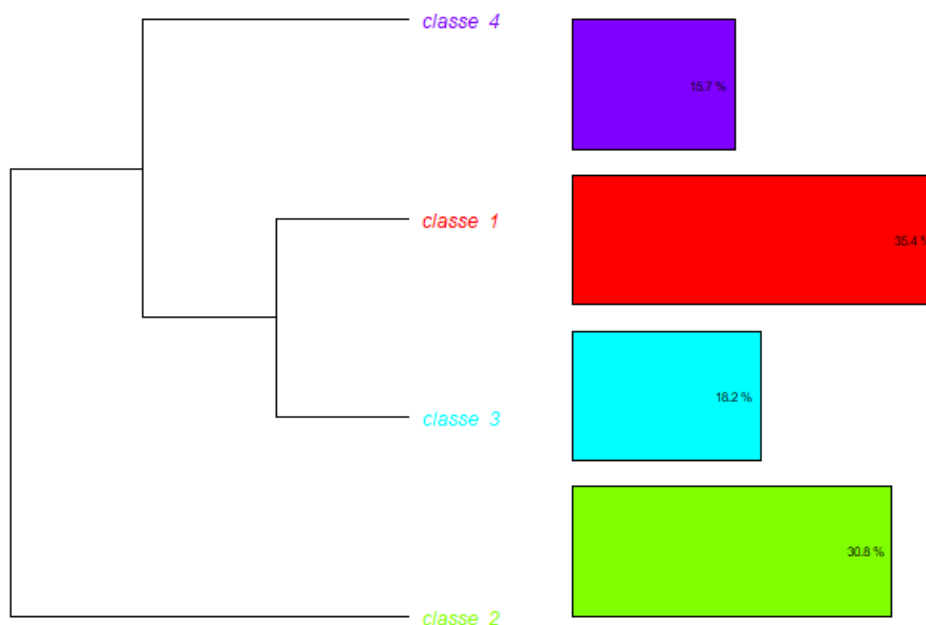
#### 4.4 Análises do *corpus* “Jovens de Esquerda”

Ao todo foram coletados 2962 comentários nas quatro publicações retiradas da página “Jovens de Esquerda” entre agosto a novembro de 2018. Entretanto, após o cálculo para a construção da amostra da página, foram selecionados 340 comentários, por meio de sorteio aleatório, para a construção do *corpus* textual.

Os 340 comentários foram analisados em 456 segmentos de texto, com 11.013 ocorrências, 1938 formas e 1074 *hapax* (as palavras que aparecem só uma vez no *corpus* todo), gerando uma média de 32.39 ocorrências por texto. Para a realização das análises foi utilizada a parametrização recomendada por Camargo e Justo (2018). Após análise mais básica quanto a frequência de palavras e número de segmentos de texto, o *corpus* “Jovens de Esquerda” foi submetido à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) a fim de encontrar similaridades e coocorrências entre os textos dos comentários analisados. Para tanto, o *corpus* foi dividido em 456 segmentos de texto com 1.938 palavras lematizadas, 1.700 formas ativas e 24 formas suplementares, com média de 24,15 formas por segmento de texto e considerando 86,84% (396) dos segmentos de texto, satisfazendo o critério mínimo apontado por Camargo e Justo (2016).

A CHD realizou subdivisões no *corpus* as quais geraram 4 classes. Conforme a representação no primeiro dendrograma relativo ao *corpus* “Jovens de Esquerda” (ver Gráfico 8), este passa por uma série de divisões sequenciais. A primeira delas origina a classe 2 e um *subcorpus* que gerou ao mesmo tempo a classe 4 e um segundo *subcorpus* que se subdividiu entre as classes 1 e 3.

**Gráfico 8 – Dendrograma da divisão na CHD do *corpus* “Jovens de Esquerda”**



Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

O gráfico mostra ainda que a classe 1, denominada pela autora como “O Brasil não é a casa da “mãe Joana”” reteve a maior parte dos segmentos de texto (ST) do *corpus* (35,4%) seguida da classe 2, “Não tomarás o nome de Deus no *Facebook*”, com 30,81% dos ST; da classe 3, “Legaliza quem pode, obedece quem tem útero”, com 18,18%; e da classe 4, “Já viu o kit gay?” Quem pode falar de educação sexual com crianças e adolescentes”, com 15,76%.

O segundo dendrograma (Gráfico 9), apresenta o conteúdo lexical retido dos segmentos de texto de cada uma das classes. Dado o tamanho do *corpus* “Jovens de Esquerda”, foram retidas as 20 palavras com maior associação significativa mais forte para cada classe, mensurada por seu qui-quadrado ( $x^2$ ).

**Gráfico 9 – Dendrograma da CHD do *corpus* da página “Jovens de Esquerda”**

Classe 2			Classe 3			Classe 1			Classe 4		
122/396 Seg. de Texto 30.81%			72/396 Seg. de Texto 18.18%			140/396 Seg. de Texto 35.35%			62/396 Seg. de Texto 15.76%		
Palavra	f	x <sup>2</sup>	Palavra	f	x <sup>2</sup>	Palavra	f	x <sup>2</sup>	Palavra	f	x <sup>2</sup>
Jesus	22	52.32	mulher	17	39.06	Brasil	33	45.93	criança	26	118.51
Deus	21	45.67	homem	8	36.74	país	28	38.59	escola	11	60.95
Cristo	19	44.82	legalizar	6	27.42	venezuelano	18	30.79	pai	11	39.27
bíblia	17	35.82	forma	9	23.55	casa	15	21.73	idade	6	32.82
amor	10	23.04	concordar	5	22.79	brasileiro	12	19.08	levar	6	32.82
cristão	15	21.07	medo	5	22.79	Estados Unidos	8	14.93	continuar	7	31.91
palavra	8	18.34	arma	5	22.79	Venezuela	8	14.93	abuso	5	27.28
aprender	6	13.68	acontecer	12	20.71	ver	26	14.49	descobrir	5	27.28
amar	6	13.68	ouvir	4	18.18	entrar	8	11.55	medida	4	21.77
favor	11	13.23	público	4	18.18	ditadura	8	11.55	monstro	4	21.77
escrever	7	12.31	ganhar	4	18.18	imigrante	6	11.14	professor	4	21.77
b_17	5	11.37	postagem	5	17.38	refugiado	6	11.14	aula	4	21.77
votar	6	10.08	pensar	5	13.58	governo	11	9.84	abusar	5	21.13
conhecer	7	9.53	falta	4	13.01	Europa	5	9.26	acreditar	5	21.13
belo	4	9.08	ponto	4	13.01	expulsar	5	9.26	sociedade	5	21.13
besta	4	9.08	social	4	13.01	olhar	5	9.26	conteúdo	3	16.28
erro	4	9.08	melhor	6	12.06	emprego	5	9.26	educação sexual	3	16.28
fonte	4	9.08	aborto	7	11.49	socialista	5	9.26	menor	3	16.28
liberar	4	9.08	vida	8	11.35	saber	21	9.15	adolescente	4	15.88
número	4	9.08	assunto	5	10.78	população	8	8.95	sexual	4	15.88

Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

Como já mencionado na apresentação das análises do *corpus* “Eu era Direita e não sabia”, além dos dendrogramas que representam as classes construídas na CHD com os segmentos de textos do *corpus* por meio da apresentação das palavras com maior correlação dentro de cada classe ( $x^2$ ), são apresentados quais os segmentos típicos mais característicos e as Análises de Similitude realizadas de forma individual da classe. Tais segmentos típicos serão apresentados nos subtópicos seguintes como recurso de análise, mas também estão anexos ao fim do trabalho (ver Apêndice C), sendo considerados os seis segmentos de texto mais representativos em cada classe.

Como mais um recurso ao aparato construtivo da discussão dos dados analisados, opto por nomear cada uma das classes, tecendo análises mais bem tematizadas a partir dos dados fornecidos pela CHD e pela Análise de Similitude em cada um dos *corpora*. Estas análises de cada classe nomeada estão apresentadas a seguir.

#### **4.4.1 Classe 1: O Brasil não é a casa da “mãe Joana”**

Diferentes motivações e experiências vividas impulsionam movimentos migratórios pelo mundo. Dada a dissonância entre particularidades que direcionam grupos de estrangeiros à sair de seus países, são imprecisos os termos para sua denominação. Entretanto, uma das diferenciações possíveis é a que ocorre entre ‘imigrante’ e ‘refugiado’. O primeiro tem a perspectiva de retorno, mesmo que imaginada, enquanto o segundo dificilmente consegue ser reinserido em seu local de origem (JARDIM; ZANONI, 2011). Conforme relatório da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), em 2019 mais de 70,8 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a deixar suas casas e metade desse contingente é formado por menores de 18 anos<sup>74</sup>.

A Convenção das Nações Unidas em 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados foi adotada para regulamentar a situação de milhões de pessoas em situações insalubres na Europa após a Segunda Guerra Mundial. Esse tratado define diretrizes legais internacionais relativas aos padrões básicos de tratamento para com os refugiados. Entretanto, dadas as reconfigurações políticas, sociais e econômicas, em 1966 um novo protocolo relativo ao Estatuto dos Refugiados foi formulado em Assembleia da ONU, aferindo as definições para todos os refugiados sem limite de datas e espaço geográfico<sup>75</sup>. No Brasil, o trabalho da ACNUR é pautado em tais princípios, visando promover soluções efetivas e duradouras como as esboçadas em outros países, sob a disposição de proteção e legalização dos refugiados para obtenção de documentos, trabalhar, estudar e exercer os mesmos direitos que qualquer cidadão estrangeiro regulamentado no país.

A América do Sul vive uma crise humanitária gigantesca, tendo como núcleo a questão política na Venezuela. Embora essa seja a região diretamente afetada, os efeitos desse problema não atingem apenas os venezuelanos e, em 2018, milhares de pessoas atravessaram a fronteira entre a Venezuela e o estado brasileiro de Roraima em direção ao Brasil. A situação resultou no embate da população da cidade de Pacaraima com os refugiados<sup>76</sup> venezuelanos que esperavam atendimento em acampamentos próximos à cidade.<sup>77</sup> Desse modo, nos corpus

---

<sup>74</sup> **Dados sobre refúgio em 2019 pelo Relatório de tendências globais da ACNUR.** Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/> > Acesso em 20/01/2020.

<sup>75</sup> **Convenção de 1951.** Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/> > Acesso em 20/01/2020.

<sup>76</sup> De um modo geral, a condição de pessoa refugiada é atribuída a todo aquele que cruza fronteiras de seu país de origem fugindo de conflitos e vulnerabilidades por violações dos direitos humanos. Conforme informações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), pelo menos 34 mil pessoas são obrigadas a migrar todos os dias ao redor do mundo (LIMA, et. al. 2017).

<sup>77</sup> **Venezuelanos atravessam a fronteira após ataques em RR; veja vídeo.** Disponível em:



‘Eu era Direita e não sabia’ e ‘Jovens de Esquerda’, a menção à países como Venezuela é recorrente, mas a principal diferença localizada entre eles é que a discussão sobre os refugiados venezuelanos no país ocorre em maior medida apenas no segundo corpus. Tal discussão incorre mediante discursos hostis, xenofóbicos e carregados de preconceito, conforme a análise a seguir.

No *corpus* “Jovens de Esquerda”, a primeira classe foi a que reteve a maior quantidade de segmentos de texto (35.35%) e versou em maior parte sobre a imigração de refugiados venezuelanos para o Brasil. Dentre os verbetes com maior qui-quadrado ( $\chi^2$ ) na classe, dado que corresponde à correlação de cada palavra dentro da classe, “Brasil” é seguido por “país”, “venezuelano”, “casa” e “brasileiro”. A sequência de verbetes que aparecem com maior correlação expressa o quão relacionados esses termos apareceram no *corpus*, evidenciando ainda a concepção dicotômica em torno de brasileiros e venezuelanos.

É possível observar que a situação dos refugiados gera insatisfação nos comentários analisados e os argumentos para reforçar esse posicionamento aparentemente têm como principal motivação as supostas preocupações com trabalho, segurança, saúde e moradia. Então, é estabelecida uma lógica de que, se o Brasil está em crise, não é possível receber essas pessoas. O discurso xenofóbico aparece de diversas formas, inclusive na suposta vontade de ajudar os colegas venezuelanos; porém, logo depois, a ajuda é embotada por supostos empecilhos gerados pela conjuntura social, econômica e política brasileira, voltando às reclamações e às insatisfações com o governo brasileiro.

o **Brasil** não deve abrir suas **fronteiras pro mundo** como se isso aqui fosse a **casa** da mãe joana é matemática simples não **existem recursos** suficientes para os **brasileiros** que dirá para **metade da Venezuela**.

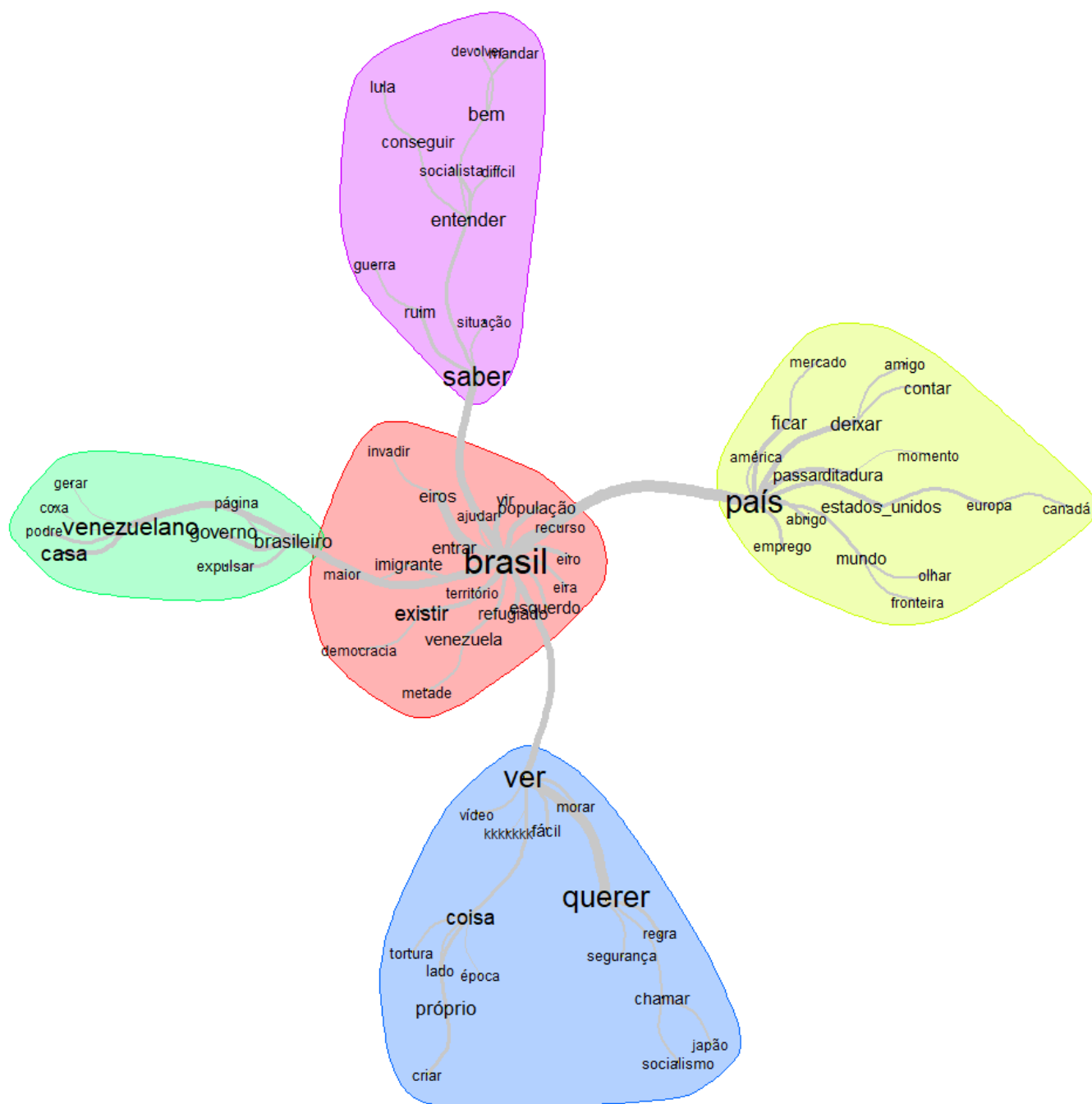
mas esse assunto não deve se tratar apenas de religião nosso **país** está com a economia muito ruim como todos nós sabemos não tem emprego nem para os brasileiros você acha que vai ter para os **venezuelanos**.

dentre os crimes acima citados há um caso onde um grupo de **venezuelanos** assalta e espanca um comerciante **brasileiro**. **brasileiros** se revoltam contra os venezuelanos e tentam **expulsar** eles de sua cidade que como toda cidade **brasileira** não presta os serviços básicos nem a sua **população** natal.

falou bobagem são 60 mil **refugiados** no **brasil** a colômbia já recebeu 800 mil **refugiados** como o **brasil** tem muito mais **recursos** naturais e **território** não comportaria vamos nos informar ao invés de se vitimizar.

O teor xenofóbico de alguns comentários da classe aparece repetidas vezes e por vários perfis. Majoritariamente esse tipo de agressividade nos comentários manifesta-se especialmente relacionada a países como Venezuela e Cuba, ou seja, preconceitos associados à ideia de governo socialista/comunista são ancorados a uma maior resistência a imigrantes dessas nacionalidades. Há o reforço recorrente para que os venezuelanos enfrentem sua realidade e voltem ao seu país. Em menor medida, como no último comentário acima, há a defesa pela entrada dos refugiados no país, considerando o contexto de vulnerabilidade social pelo qual estão passando.

Gráfico 10 – Análise de Similitude da Classe 1



Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

A partir da análise de similitude da classe 1, é possível perceber a forma “Brasil” enquanto verbete central, ligado por grafos mais espessos à “país”, “saber”, “ver” e “brasileiro”. Na comunidade na qual está imersa, “Brasil” é cercada de outras palavras, como “imigrante”, “maior”, “território”, “existir”, “invadir”, “democracia”, “entrar”, “ajudar”, “esquerda” e “refugiado”. Dentre os segmentos típicos nos quais as palavras aparecem, emerge uma variabilidade de comentários que vão desde discursos hostis à presença dos

venezuelanos até os que vão em defesa desses refugiados no país.

tem os prós e os contras é triste **saber da situação** deles **país** nenhum merece **passar** pelo o que estão **passando**, mas ao mesmo tempo estão **vindo** para o **brasil** sem generalizar para cometer crimes.

não se **invade território** alheio sem que os donos desse **território** permitam e os donos aqui são os **brasileiros** e pelo **visto** parece que mais de 80 por cento disseram não qual problema mesmo.

as opções não são **fáceis** e os **governos** não **ajudam** nem um pouco, mas **brasileiro expulsando** gringo do **brasil** e fazendo piadinhas depois quando é esculhambado nos **Estados Unidos** ou até aqui na **Europa** como somos acha **ruim**.

Partindo para o quadrante direito da análise de similitude, “Brasil” se conecta de modo mais forte à comunidade do vocábulo “país”, que engloba formas como “américa”, “ficar”, “mercado”, “ditadura”, “abrigo”, “mundo”, “emprego”, “olhar” e “fronteira”. É significativo observar que dentro da classe a menção que se refere ao vocábulo ditadura aparece de diferentes maneiras, desde a crítica à ditadura no Brasil e na Venezuela até a ideia equivocada de que houve um regime ditatorial “comunista” e liderado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos em que foi representado na presidência do Brasil.

não **existe** essa de **ver o lado** não **existe lado** bom em **ditadura** nem no **brasil** nem na **Venezuela ditadura** comunista nem na puta que pariu extremismo não é salutar e é por isso que não voto no PT nem no salnorabo.

a sociedade não pode correr o risco por **conta** do conservadorismo **querem** impor um modelo de educação que **deixou o país** atrasado em relação ao **mundo** 20 anos de **ditadura criou** uma sociedade muito desigual estávamos nos recuperando.

**venezuelanos** fogem de seus **país** uma **ditadura** de **esquerda** dentre os **refugiados** há inúmeros bons **venezuelanos**, mas há também muitos que cometem diversos crimes em solo **brasileiro**.

a única coisa que esse povo está buscando é um refúgio da dor pela fome que os atinge neste **momento** tão **difícil** pelo qual seu **país** está **passando ditadura** amarga e cruel com o povo.

No quadrante localizado à esquerda da comunidade central, “Brasil” se conecta à forma “brasileiro”, que por sua vez é ligado a vocábulos como “página”, “governo”, “venezuelano”, “casa”, “podre” e “gerar”. Aqui a alegação contrária à presença dos venezuelanos no país aparece por meio de provocações, incitando a ideia de que quem se compadece da situação dos refugiados deveria tomar medidas particulares a respeito do fato, levando para a própria casa e não esperando medidas governamentais. Esse discurso é correlato a uma argumentação recorrente a respeito da problemática da violência e dos crimes no Brasil (PETRY; NASCIMENTO, 2016). O discurso xenofóbico aparece sob a justificativa

do desrespeito à lei, atribuindo o jargão “maçãs podres” no contexto da recepção de refugiados no país. Estes, além de estrangeiros, teriam cometido crimes, o que dentro da análise impacta a problematização desses pressupostos na estigmatização dos refugiados.

apesar de que nesse caso o **governo** federal é o culpado era função deles **devolver** as maçãs **podres** para **Venezuela** para que as pessoas de **bem venezuelanos e brasileiros** não sofressem.

tenho certeza que os que pensam o contrário não estão dispostos a pagar pra **ver** nem mesmo convidarão uma família **venezuelana** pra **morar** em sua **casa** não generalizo, mas é difícil **saber** quem é o bom e quem é o **ruim**.

prove para nós **amigo** vá em Roraima e pegue 20 **venezuelanos** e coloque eles para **morarem** com você na sua **casa**.

No quadrante superior à comunidade central, o verbete “saber” aparece de forma mais significativa na classe, ligado a “situação”, “ruim”, “guerra”, “entender”, “socialista”, “difícil”, “conseguir” e “luta”. Aqui, os textos típicos sugerem comentários nos quais ocorre certa crítica à postura xenofóbica de outros usuários, seja via constituição histórica, seja discutindo brevemente as condições de bem-estar social em países socialistas.

estou em **países** que elegeram e elegem **governos socialistas** há décadas e digo aqui é o paraíso **segurança** competência e acolhimento aos que buscam **abrigo**

lembrem se que 95 por cento da **população brasileira** é descendente de **refugiados** na segunda **guerra** mundial ou vocês tiravam notas **ruins** em história

Por fim, no quadrante inferior, os verbetes “ver” e “querer”, interligados por “morar”, aparecem de modo mais significativo. Dentro da comunidade aparecem ainda as formas “regra”, “segurança”, “tortura”, “Japão” e “socialismo”.

isso é porque o **brasil** possui a segunda **maior população** japonesa do **mundo** e por isso **brasileiros** entram no **Japão** são descendentes de japoneses e não **chamei venezuelanos** de maçãs podres estou falando das maçãs **podres** escondidas no meio dos **imigrantes**.

**querendo** comparar a **época** que os **imigrantes vieram** para o **brasil** para substituir a mão de obra escrava com este período de caos é muita ignorância mesmo.

Ainda em correlação com a história de imigração no Brasil, comentários divergem ao mencionar os imigrantes que vieram ao país como mão de obra escrava. Retomando à concepção de que “parte dos venezuelanos são maçãs podres”, exemplos como o da imigração japonesa aparecem em discursos superficiais para exemplificar o que seria um perfil ideal para imigrantes que são “bons frutos” na sociedade brasileira. O perfil ideal de imigração não

aparece junto aos refugiados de países subdesenvolvidos, mas sim àqueles imigrantes que, ainda que em condições de busca por refúgio, vieram de países tidos como desenvolvidos.

Cabe notar que a herança da diversidade cultural e racial no Brasil advém de processos genocidas e exploratórios, os quais desde a colonização são perpetuados no seu âmbito social (CHAUÍ, 1995). Modelos econômicos mercantilistas que calcaram seus aspectos no uso da mão-de-obra escrava e produção voltada ao mercado externo subjugarão nações em todo o mundo. Assim, a história da escravidão no Brasil compreende uma trajetória na qual milhões de pessoas negras foram traficadas por europeus à colônia portuguesa para que, junto aos povos originários brasileiros, fossem escravizados no trabalho em plantações e minas no país. Após a proposta abolicionista, outras formas de exploração do trabalho emergiram na estrutura social brasileira, configurando um período de substituição dos escravos pelo “trabalho livre” de imigrantes brancos e em sua maioria europeus, substituindo não apenas o caráter de exploração do trabalho, mas a substituição do trabalhador (LARA, 1998). Marquese (2006) examina as relações escravocratas estabelecidas no Brasil enquanto fator que incide diretamente nas raízes sociais que constituem o país, marcando profundamente a historiografia brasileira.

A palavra xenofobia tem sua etimologia proveniente do grego a partir da articulação entre *xénos* (estranho, estrangeiro) e *phobos* (medo). Assim, corresponde à aversão, rejeição, temor ou antipatia pelo que é incomum ou estranho ao seu ambiente<sup>78</sup>. A xenofobia se manifesta de diferentes formas, nas quais os indivíduos impõem seu medo ao estrangeiro. O estranho tende a ser visto com suspeita, pois seus comportamentos supostamente não obedecem às mesmas regras que definem a cultura que o recebe (ALBUQUERQUE JR, 2016). Nos últimos anos a intensificação dos debates sobre migrações têm tomado a cena pública e o movimento dos atores relacionados nesse contexto têm evidenciado o discurso xenofóbico. A análise da primeira classe do corpus “Jovens de Esquerda” evidencia a atualidade da discussão sobre xenofobia no Brasil e assim reitera em mais um aspecto a percepção do outro como inimigo no discurso dos comentários analisados aqui. Tal discussão retornará no ponto “4.6 O outro como inimigo: o uso da polarização política a serviço da ideologia conservadora no Brasil”, em articulação com os demais aspectos do discurso preconceituoso apresentado nas práticas discursivas expostas nesse trabalho.

---

<sup>78</sup> Significado da palavra xenofobia no dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=8a00d>> Acesso em 12/01/2020.

#### 4.4.2 Classe 2: Não tomarás o nome de Deus no Facebook

A classe 2, que reteve 30,81% dos segmentos de texto do *corpus* “Jovens de Esquerda”, é primeira a se separar do *subcorpus* e tem comentários relacionados à religião cristã. Entretanto, embora o aspecto religioso nessa classe apareça por meio de formulações de valores demarcados a partir dadas as palavras com maior frequência (“Jesus”, “Deus”, “Cristo”, “bíblia”, “amor”, “cristão”, dentre outras), a análise de segmentos de texto típicos da classe sugere diferentes apropriações das diretrizes religiosas, como os transcritos abaixo:

sou **cristão** **amo** meu próximo **libero** o **perdão** faço caridade na minha comunidade, mas assim como **jesus** não passo a mão na cabeça de ninguém **cometeu** seus **erros** que pague afinal temos que **respeitar** as autoridades e as leis aqui estabelecidas.

ah entendi então o **Jesus Cristo** que você **conhece** incentivava as crianças a serem gays e a se masturbarem a defender **estuprador** defender **bandido**, hum legal já que **citam** a **bíblia** nela diz também que é olho por olho e dente por dente.

certíssimo o post **Jesus Cristo** não é a **favor** do aborto, mas também não é a favor da **violência** da intolerância e da morte **Jesus Cristo** é **amor, vida e paz** ele não.

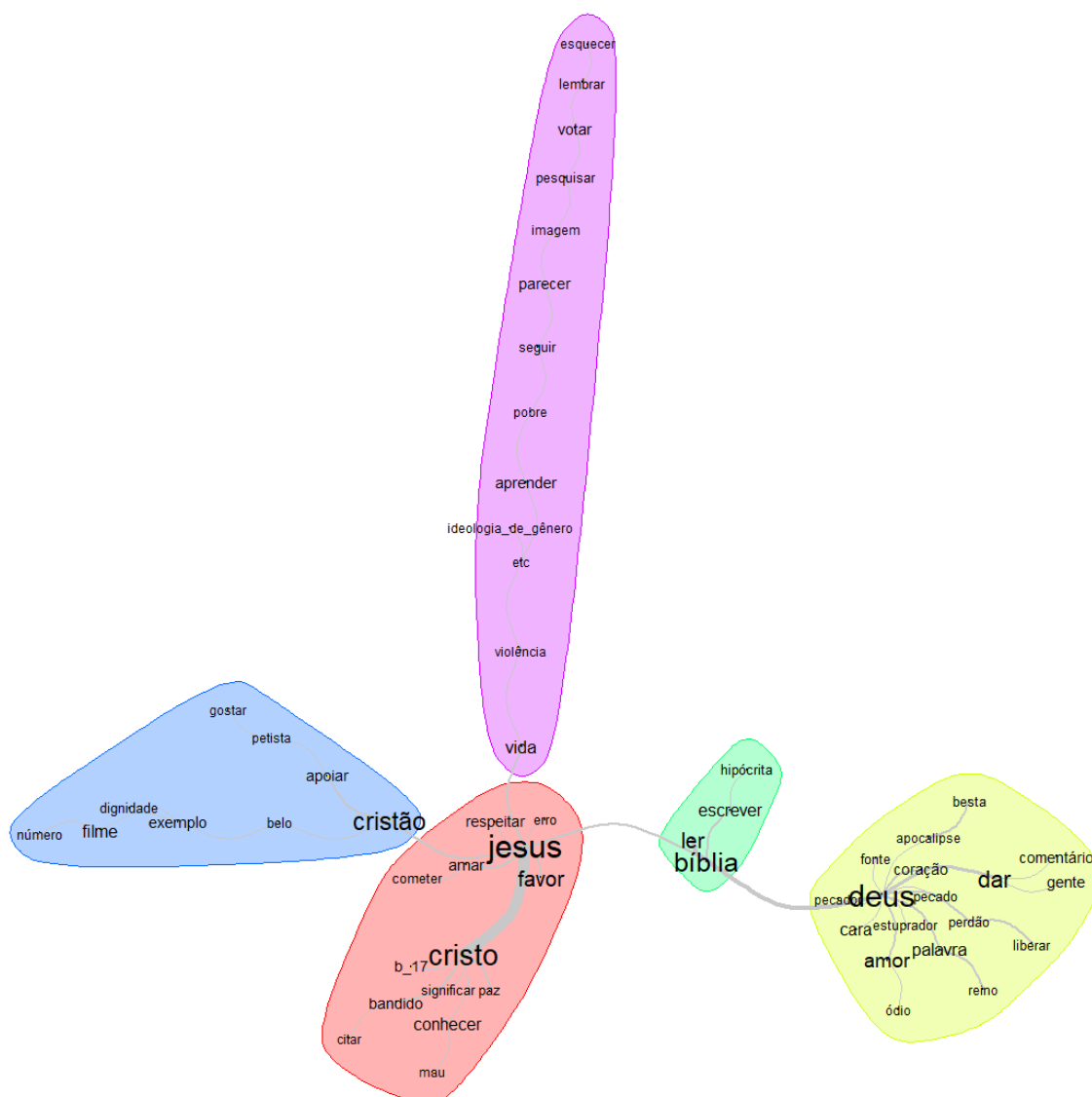
pois é né **Jesus Cristo** agora é a **favor** de tudo que é do inferno o que eles estão querendo então a **bíblia** está errada.

O verbete central na análise de similitude também é “Jesus” que, imerso na comunidade central, se conecta por meio de um grafo mais espesso à forma “Cristo” (por vezes as palavras aparecem juntas, mas também separadamente, ex: Jesus/ Cristo e Jesus Cristo). De modo menos significativo, mas na mesma comunidade, a ramificação oriunda dessa primeira conexão liga palavras como “bandido”, “significar paz”, “conhecer”, “mau” e ainda a *hashtag* “#b\_17”, menção utilizada pelos usuários da rede social para falar do candidato Jair Bolsonaro e seu número de legenda partidária. Em outras ramificações periféricas estão “respeitar”, “amar”, “cometer”, “erro” e “favor”. Os segmentos a seguir são exemplificativos destas relações:

é melhor vocês rever a suas **fontes** de pesquisa antes de sair falando merda **b\_17** para um país sem impunidade e a **favor** da família de bem com crianças **aprendendo** português matemática história ciências **etc** no colégio e não sexo e **ideologia\_de\_gênero**

**jesus cristo** manda a **gente** perdoar e **amar** para que possamos ter **paz** com todos, mas sua **palavra** tbm diz que nos últimos dias o **amor** de muitos esfriaria por aumentar a iniquidade.

Gráfico 11 – Análise de Similitude Classe 2



Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

Na ligação com outras comunidades, começando pelo quadrante esquerdo, a forma “Jesus” se conecta com “cristão”, que remete à diversos textos nos quais a conduta cristã é questionada pelos usuários, seja em relação a outros perfis que comentam sobre o tema, seja se referindo a candidatos ao pleito político. Estas relações podem ser vistas em:

eles **gostam** de usar o nome de **jesus cristo** em vão ao meu ver ninguém é verdadeiro **cristão** então porque todos os candidatos estão errados de algum modo vocês têm que parar de ver **erro** nos candidatos dos outros e falar mais a respeito do de vocês.

ser **cristão** é sim necessariamente **seguir jesus cristo cristo** o termo significa pequeno **cristo** e foi aplicado àqueles que se pareciam com ele antes chamados de os do caminho eu diria que você se refere a religiosidade ou falso cristianismo.



Jás nas formas ligadas a “cristão” aparecem duas ramificações: na primeira estão as formas “apoiar”, “petista” e “gostar”; na segunda ramificação aparecem “belo”, “exemplo”, “dignidade”, “filme”, “número”. Aqui novamente se apresenta a exigência de uma conduta cristã, que deve seguir não apenas os valores religiosos, mas uma ideologia alinhada à direita em oposição ao governo “petista”.

se não **segue** não use **exemplo** da **bíblia** eu sou **hipócrito** e **sigó** só essa parte pra poder te mandar calar a boca e parar de **escrever** asneiras kkk.

ou você é **cristão** ou é **petista** e de esquerda pois todo modelo político de esquerda vem da ideologia iniciada por Karl Marx uma ideologia que vai contra todos os princípios instruídos por **Cristo** sem contar que continuam **apoiando** políticos que roubaram e usurparam o Brasil.

Localizada no quadrante superior emerge a comunidade que se liga à forma “Jesus” por meio do vocábulo “respeitar”, de forma que o vocábulo “vida” delinea a única ramificação da comunidade. Iniciada por “vida”, seguem as formas “violência”, “ideologia de gênero”, “aprender”, “pobre”, “seguir” e “votar”, dentre outras menos expressivas conforme a análise. De acordo com os segmentos típicos relacionados, a mesma ideia de retidão cristã e alinhamento político se interligam e, para além, a ênfase da expressão ideologia de gênero aparece pela primeira vez, denotando sob quais aspectos ideológicos têm se estabelecidos os valores cristãos.

**conhecer** a bíblia até satanas **conhece** quero ver viver a bíblia aí complica, mas uma coisa eu garanto aborto não tá lá **ideologia\_de\_gênero** não tá lá liberação de drogas não tá lá protestar nua não tá lá que **jesus cristo** e gay não tá lá e assim vai.

**jesus** não foi morto na cruz do calvário e sim **deu** a **vida** na cruz do calvário **ler** mais a **bíblia** é bom **jesus** ninguém tira a minha **vida** eu a **dou**.

**Deus escreveu** os 10 mandamentos que dizem não roubarás então não seja **hipócrito votando** no PT né colega.

No quadrante direito, “bíblia” aparece como a forma mais evidente na classe, destacando sua relevância na comunidade e na representação do *corpus*, visto que o tamanho da palavra é proporcional às palavras “Jesus”, “cristão” e “Deus”, as maiores palavras apresentadas graficamente. Aqui aparece também uma única ramificação, formada por “ler”, “escrever” e “hipócrito”

a **bíblia** também fala de **amor** ao próximo de **perdão** de honrar pai e mãe e eu só vejo fulaninho usando o nome de **deus** e os ensinamentos da **bíblia** para se eleger mas **deus** não quer **palavras** bonitas.

se não **segue** não use **exemplo** da **bíblia** eu sou **hipócrita** e **sig** só essa parte pra poder te mandar calar a boca e parar de **escrever** asneiras kkk.

Dessa forma, a classe 2 relembra a discussão da publicação recolhida em setembro, na qual a página Jovens de Esquerda afirmava “Cristão não apoia tortura, cristão defende os pobres e oprimidos, cristão não aceita intolerância nem preconceito. Ou você é cristão ou apoia Bolsonaro. As duas coisas não dão!” seguido de imagem com a frase “Se Bolsonaro estiver certo, Jesus estava errado”.

É controversa a atual relação entre religião e política no Brasil, entretanto o desenvolvimento da política andou lado a lado com o debate religioso que historicamente contribuiu ao fomento do debate sobre direitos humanos pela ação política e à reflexão intelectual realizada pelos protestantes franceses na origem da democracia moderna. Somente após a Segunda Guerra Mundial certos pensadores protestantes intentaram a re colocação do fundamento teológico para aplicação justa dos direitos humanos na modernidade (ZUBER, 2019).

A reconfiguração de uma nova direita no Brasil emergiu a partir de 2013 com forte atenção pública nas redes sociais e alavancando uma frente de parlamentares com ideais conservadores, cuja agenda intenta promover impactos negativos à legislação de direitos humanos. O destaque do protagonismo parlamentar que atua em favor de uma ideologia conservadora é reservado principalmente à bancada evangélica neopentecostal, que utiliza suas crenças religiosas para justificar suas condutas legislativas, ferindo a laicidade do Estado brasileiro. O avanço conservador no âmbito político vem com mais força em reação a políticas de movimentos sociais e sindicais que conquistaram maior espaço no governo Lula (ABREU; MELO, 2017).

O extremismo, não necessariamente vinculado à religião, tem seu significado ligado a tomada de medidas radicais para alcançar objetivos políticos. O comportamento extremista evangélico expresso no Brasil atualmente se caracteriza pela manipulação da perspectiva fundamentalista. O fundamentalismo religioso se manifesta na defesa do criacionismo bíblico em oposição ao evolucionismo darwinista. Ou seja, em teoria a incitação à violência não é uma característica atrelada ao fundamentalismo cristão, mas aparece no discurso conservador como parte da justificativa da conduta cristã (CUNHA; LOPES; LUI, 2017). Extremistas em diversas causas, fés e ideologias há muito têm atuado em episódios violentos sob a motivação de grupos e organizações reacionárias (ALVES, 2010).

Frente às transformações culturais arduamente conquistadas junto aos movimentos sociais na esfera pública, um movimento reacionário e de cunho religioso tem se manifestado

em maior medida no Brasil. Dentro da classe analisada neste tópico, vocábulos relacionados ao cristianismo são usados de modo a defender determinados tipos de postura, em evidência às que se relacionam às condutas “morais” sobre sexualidade, pautadas mediante preconceitos que aparecem de modo frequente no *corpus*. Pautas como ideologia de gênero, aborto e homossexualidade surgem no embate que questiona a postura dos candidatos que se utilizam do discurso religioso como palanque eleitoral, como o caso de Jair Bolsonaro. Desse modo, os usuários retomam o argumento da cristandade ou do que é certo ou errado perante a bíblia para validar ou não determinada postura. Alguns comentários aparecem no *corpus* em crítica ao preconceito justificado pela religião, conforme os textos abaixo:

**deus** quer o **coração** de pessoas de bom **coração** e alguém que não **respeita** gays negros e mulheres não pode ter muita coisa boa no **coração** ele não #ele nunca.

**deus** abranda o **coração** de vcs que se dizem mulheres e **apoiam** este **cara**.

Dentro de um estado governamental supostamente laico, o uso de trechos bíblicos aparece como justificativa para críticas a diversos candidatos. Ainda que apareçam como denúncia de “hipocrisia” em relação a posturas julgadas como errôneas ou divergentes de um determinado discurso, até mesmo nos comentários críticos ao uso da religião no discurso político, a argumentação rasteira não consegue se desligar ou se aprofundar no cerne da questão. Ou seja, mesmo no discurso progressista ainda é ausente uma análise crítica que fundamente a oposição ao discurso antidemocrático e preconceituoso.

#### ***4.4.3 Classe 3: Legaliza quem pode, obedece quem tem útero***

Enquanto iniciei este texto, às 11h35 da manhã no 16 de dezembro de 2019, foram realizadas 100 buscas pela palavra “aborto” no *Google*. Às 11h36 foram 34 buscas, às 11h37 foram 27 e assim sucessivamente, em oscilação constante são apresentados os dados sobre pesquisas realizadas sobre aborto no Brasil na última hora, ou no intervalo de busca que você preferir. As informações são disponibilizadas via relatórios do *Google Trends*, ferramenta que mostra os termos mais buscados no site e a caracterização dessa busca. Além de dados sobre a frequência de pesquisa, são disponibilizados os assuntos correlacionados, como “aborto espontâneo”, “gravidez”, “pílula do dia seguinte”, “chá de canela”, “misoprostol”. Ainda é possível saber que o Tocantins, Acre, Maranhão, Bahia e Ceará, lideraram as buscas pelo

assunto dentre os demais estados brasileiros durante o tempo que termino este parágrafo<sup>79</sup>.

Por meio dessa descrição inicial busco demonstrar como o acesso a informações acessadas via plataformas digitais deixam rastros, dados que são utilizadas por grandes empresas de tecnologia de forma antidemocrática e, na maioria das vezes, imperceptível. Isso ocorre, por exemplo, quando aplicativos para controle do ciclo menstrual disponibilizam informações pessoais sobre vida sexual, conforme pesquisas divulgadas pela *Privacy Internacional*, organização não governamental (ONG) que investiga o controle e vigilância de dados na internet<sup>80</sup>.

Em outra investigação pela *Privacy Internacional*, foi descoberto que provedores de internet brasileiros têm bloqueado o acesso a sites que reúnem informações sobre o aborto<sup>81</sup>. O site em questão se chama *Women on Waves*<sup>82</sup> e trata sobre o aborto, fornecendo dados sobre sua ilegalidade em países como o Brasil e inclusive instruindo sobre meios para abortar de modo seguro. Ao passo que organizações antiaborto percebem as possibilidades do uso de dados pessoais, utilizam dessa tecnologia para direcionar a produção de publicidade em sites enganosos ou para restringir acesso a informações, como no caso do *Women on Waves* no Brasil.

Em pesquisa divulgada pelo Datafolha no início de 2019, pelo menos 41% dos brasileiros entrevistados afirmam ser contrários a qualquer tipo de aborto<sup>83</sup>. Com esse mote, retorno à discussão da terceira classe do *corpus* “Jovens de Esquerda”, intitulada “Legaliza quem pode, obedece quem tem útero” e que reteve 18,18% dos segmentos de textos do *corpus*. A classe apresenta entre as formas com maior qui-quadrado ( $x^2$ ) os termos “mulher”, “homem” e “legalizar”, evidenciando a problemática acerca da legalização do aborto no Brasil.

---

<sup>79</sup> **Dados disponibilizados pelo Google Trends no dia 16/12/2019 com o filtro: Brasil e durante 11h35 e 12h12.** Disponível em: <<https://trends.google.com/trends/explore?date=now%201-H&geo=BR&q=aborto>> Acesso em 16/12/2019.

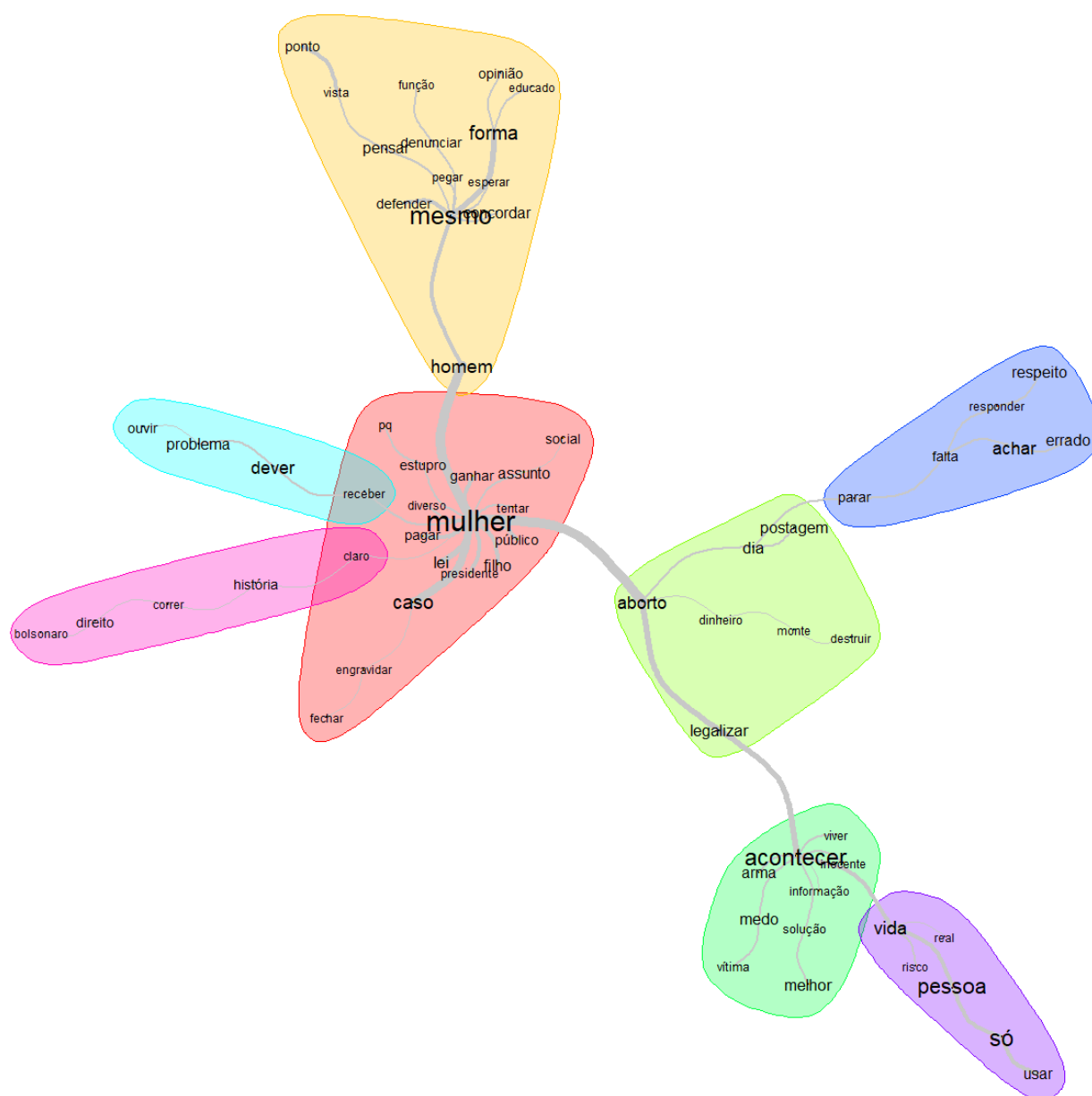
<sup>80</sup> **Apps de ciclo menstrual enviam dados íntimos para o Facebook, diz pesquisa.** Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/09/apps-de-ciclo-menstrual-enviam-dados-intimos-para-facebook-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em 17/12/2019.

<sup>81</sup> **Net, Claro e Vivo bloqueiam acesso a site com informações com aborto seguro.** Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/12/12/net-claro-e-vivo-bloqueiam-site-aborto-seguro/>> Acesso em 16/12/2019.

<sup>82</sup> **Women on Waves.** Disponível em: <<https://www.womenonwaves.org/pt/>> Acesso em 16/12/2019.

<sup>83</sup> **41% dos brasileiros são contra qualquer tipo de aborto, diz Datafolha.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/01/11/41-dos-brasileiros-sao-contra-qualquer-tipo-de-aborto-diz-datafolha.ghtml>> Acesso em 11/12/2019.

Gráfico 12 – Análise de Similitude Classe 3



Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

O Gráfico 12, que corresponde à análise de similitude da classe 3 do *corpus* “Jovens de Esquerda”, fornece mais detalhes sobre a correlação entre as palavras. O verbo “mulher” aparece de forma central, conectado por grafos mais espessos às formas “homem” e “aborto”, o que denota a frequência com que a pauta, que diz do corpo de pessoas que desejam ou não engravidar, é discutida massivamente por homens que em sua maioria afirmam ser contrários à legalização do aborto.

Portanto, começo a interpretação da representação gráfica da análise de similitude pelo quadrante localizado à direita da comunidade central. Aqui, a forma “aborto” é o

conector central, que intermedia a ligação de quatro outras comunidades, junto das formas “dinheiro”, “monte”, “destruir” e “dia”. Além destas, o vocábulo “legalizar” direciona a ramificação de outras duas comunidades, na qual a primeira circunda o vocábulo “acontecer”, com as formas “arma”, “medo”, “vítima”, “informação”, “solução”, “melhor”, “inocente” e “viver”. A última comunidade no eixo é formada pelas formas “vida”, “risco”, “pessoa”, “real”.

Mesmo diante da complexidade da problemática do aborto no Brasil, a argumentação é superficial e em diversos momentos na análise dos comentários é evidente o fato de que, embora as decisões sobre o corpo feminino digam respeito às mulheres, elas são tomadas e amplamente cerceadas por homens. Isso é refletido de modo expressivo na classe 3, como nos textos abaixo:

fiz a **postagem** há **dias** e vi que ainda tá rendendo **assunto** os **homens** estão fazendo analogia ao assassinato **estupro** primeira coisa **homem** não tem que ficar palpitando sobre o corpo e as decisões da **mulher**.

o único **homem** no post **tenta** tirar a legitimidade da fala de uma **mulher** abusada sem saber do **assunto** a fundo primeiro se situe.

Ligada à comunidade central e à forma “mulher”, a comunidade do quadrante superior tem o verbete “homem” como palavra mais significativa, seguido pelas formas “mesmo”, “concordar”, “defender”, “denunciar”, “opinião”, “pegar”, “esperar” e “educado”. Além de serem muitos homens nas discussões sobre o aborto dentro do *corpus* textual, o argumento destes é pautado em maior parte nas suas próprias opiniões e nas falas do candidato Jair Bolsonaro. Isto pode ser percebido nos comentários em que o texto remete a “ele” em entrevista ao Jornal Nacional durante à campanha eleitoral, na qual o político foi criticado por declarações anteriores em que minimizou a importância da discussão sobre desigualdade salarial entre homens e mulheres<sup>84</sup>.

essas coisas n ao s ao ofensas e é uma **forma** de **pensar** minha tenho o **direito** de poder também está **errado mesmo** porque não sou dono da verdade mas segundo meu **ponto de vista bolsonaro** não é o **melhor** mas é o menos pior.

e como ele **mesmo** disse no jornal nacional uma das **leis** ele disse o artigo mas não me recordo é que **deve denunciar** se a **mulher** na **mesma função** e **mesmo** tempo de serviço que um **homem receber** inferiormente.

Ainda na comunidade central, em torno do verbete “mulher”, aparecem grafos

---

<sup>84</sup> **Bolsonaro tem embate tenso com Renata Vasconcellos no Jornal Nacional.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-o-entrevistado-desta-terca-feira-no-jornal-nacional/>> Acesso em 15/01/2020.

capilarizados que o ligam às formas “público”, “lei”, “filho”, “presidente”, “pagar”, “estupro”, “assunto”, “social” e “engravidar”. Os comentários massivamente advêm de homens que criticam a medida contraceptiva por meio de achismos e informações infundadas, o que está exemplificado nos seguimentos abaixo:

**acho** que isso **fecha** meu pensamento lá em cima e eu sendo **homem só** estou palpitando nesse **caso pq** uma parente próxima **engravidou** de um **estupro** e acompanhei de perto todo transtorno físico e psicológico que ela passou.

enfim já está previsto em **lei** que **mulher** e **homem** exercendo a **mesma função** tem que **ganhar** o **mesmo** valor **caso** contrário **denuncie** isso não cabe ao **presidente** da república fiscalizar e sim ao ministério **público** do trabalho.

na boa não tem nem argumentos válidos pra justificar o **aborto** primeiro se a **mulher** não quer **engravidar** existem **diversos** métodos contraceptivos segundo se a **mulher engravidou** e não quer ficar com o **filho** o que não faltam são instituições pra adoções.

No quadrante esquerdo da análise de similitude, aparecem duas comunidades, ambas ligadas ao verbete “mulher” interseccionando a comunidade central. As formas “receber”, “dever”, “problema” e “ouvir” formam a que está localizada na parte superior à esquerda. Os verbetes “claro”, “história”, “correr”, “direito” e “Bolsonaro” formam a que está localizada na parte inferior à esquerda.

reclamam quando **homem** fala sobre feminismo, mas se **acham** no **direito** de falar sobre cristianismo.

O comentário acima estabelece uma relação controversa sobre a crítica de mulheres que “reclamam” que homens falam sobre questões relacionadas ao feminismo e que estas se “acham no direito” de falar sobre cristianismo. Podemos entender que na opinião deste usuário mulheres não devem discutir o cristianismo, evidenciando o caráter patriarcal no qual é fundamentada. Essa perspectiva é complementar às discussões da segunda classe desse *corpus* e permeia a ideologia conservadora que cresce exponencialmente no Brasil, além de denotar uma leitura rasteira sobre o movimento feminista, aqui em especial, sobre a impossibilidade de que alguém possa ser, simultaneamente, feminista e cristã.

Por fim, pode-se inferir que, nos comentários analisados na classe, os discursos que aparecem majoritariamente advêm de perfis que se declaram homens e contra o aborto. O fato de que o verbete “homem” aparece exponencialmente e quase se equiparando ao vocábulo “mulher” é mais uma agravante a esse tema, visto que, de modo recorrente, os comentários sobre o assunto são dicotômicos no que se refere a gênero e aparecem de modo a impedir que mulheres possam abortar legalmente no país.

#### 4.4.4 Classe 4: “Já viu o kit gay?” Educação sexual com crianças e adolescentes

Em 2011, sob pressão parlamentar, em especial da bancada religiosa que têm crescido exponencialmente no poder legislativo, a ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) suspendeu a produção e a distribuição de material anti-homofóbico que seria entregue na rede pública de ensino no país. Com elaboração sob a responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), seriam distribuídos “Kits de Combate a Homofobia” compostos por um caderno destinado aos professores, com atividades para trabalhar o tema em sala e vídeos sobre a temática. O conteúdo era destinado a escolas públicas do ensino médio (GRESPLAN; GOELLNER, 2011).

O projeto do material elaborado foi desenvolvido pelas organizações não-governamentais *Global Alliance for LGBT Education* (GALE), Reprolatina, ECOS – Comunicação em Sexualidade e Pathfinder do Brasil e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais (ABGLT) (BRASIL, 2007). A importância de um material com esse tipo de conteúdo sendo distribuído no âmbito escolar se justifica porque nele a homofobia se expressa por agressões, verbais ou não verbais, contra aqueles sujeitos à norma heterossexual. O *bullying* homofóbico na escola incide na evasão escolar de estudantes que expressam outras orientações sexuais ou identidades de gênero e sofrem discriminação e preconceito no espaço escolar. (DINIS, 2011). A intolerância que cerca o tema, junto da concepção de que o âmbito escolar não é lugar para fomentar tais discussões, têm acirrado discussões que perpassam essa temática.

Ao mesmo tempo, devemos lembrar que a reação conservadora ao “kit gay” e à ideologia de gênero está entre os marcadores mais fortes das eleições brasileiras de 2018. Os temas se tornaram polêmicas que figuraram o debate político, em especial nas redes sociais online, como pode ser observada na análise da quarta classe do *corpus*. Os debates foram representativos de tal modo que alçaram Jair Bolsonaro à vitória no processo eleitoral<sup>85</sup>.

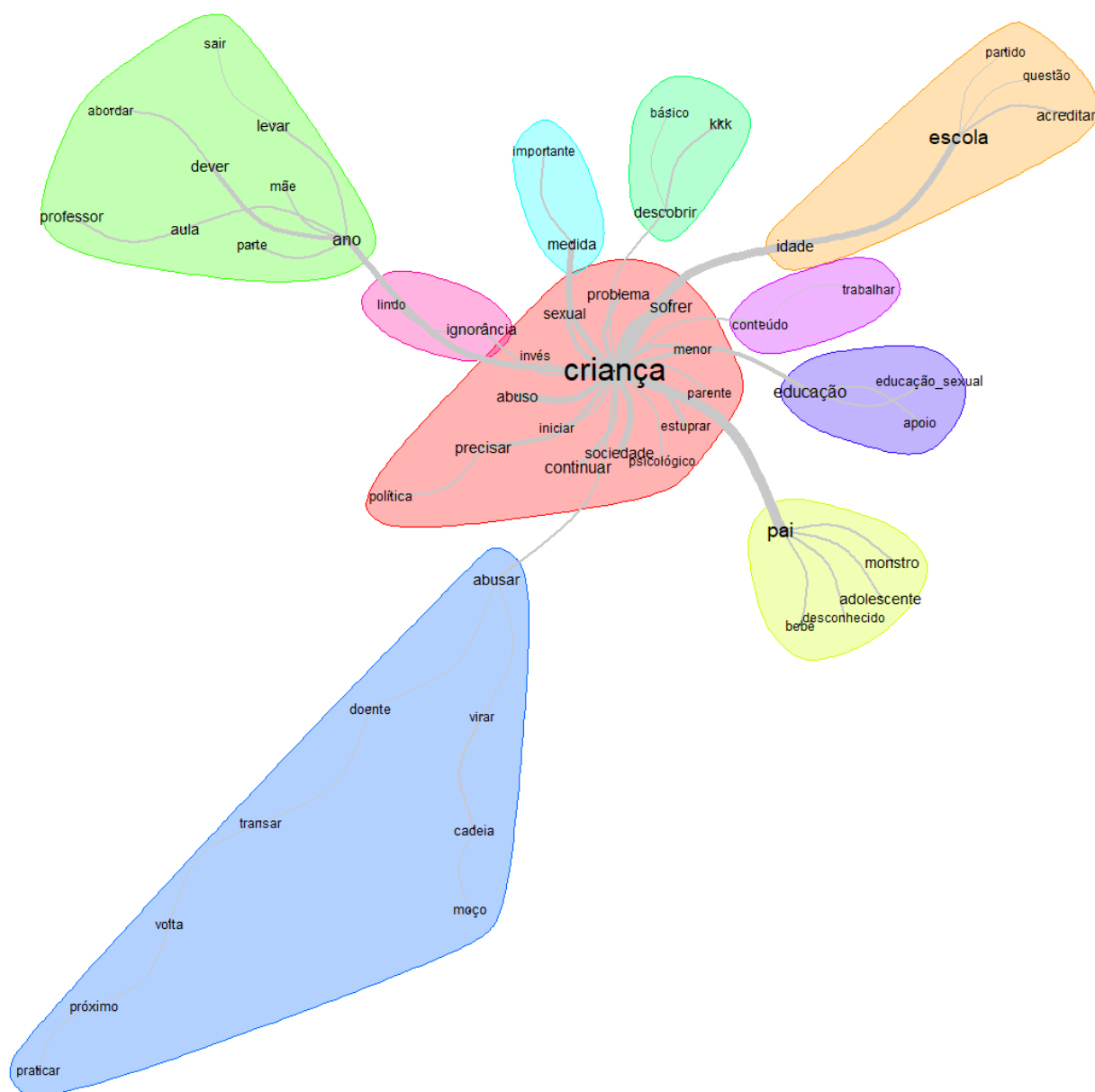
É diante desse cenário que podemos começar a compreender a classe 4 “Já viu o kit gay?” Educação sexual com crianças e adolescentes” que conta com 15,76% dos segmentos de textos retidos no *corpus*. A classe é tomada em maior medida pela discussão sobre abuso sexual infantil, bem como pelo debate sobre quem deve ou não falar sobre educação sexual com crianças e adolescentes. As formas com maior qui-quadrado ( $\chi^2$ ) são os termos “criança”, “escola” e “pai”.

---

<sup>85</sup> **‘Kit gay’: A verdade sobre o programa alvo de críticas e fake news de Bolsonaro.** Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/24/kit-gay-a-verdade-sobre-o-programa-alvo-de-criticas-e-fake-news-de-bolsonaro\\_a\\_23565210/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/24/kit-gay-a-verdade-sobre-o-programa-alvo-de-criticas-e-fake-news-de-bolsonaro_a_23565210/)> Acesso em 15/12/2019.



Gráfico 13 – Análise de Similitude Classe 4



Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

Conforme a análise de similitude expressa no Gráfico 13, a forma mais significativa na Classe 4 é “criança”, que é também elemento da comunidade central. A análise relembra a última publicação da página “Jovens de Esquerda”, na qual é veiculada a notícia de um pai que abusava da filha de três anos e fomentou o debate sobre o kit gay e educação sexual para crianças e adolescentes, justificando a denominação da classe. Dentro da comunidade central e ligadas ao verbete “criança” estão as formas “abuso”, “iniciar”, “precisar”, “política”, “sociedade”, “psicológico”, “estuprar”, “parente”, “menor”, “sofrer”, “problema” e “sexual”. Dentre os segmentos típicos relacionados, aparecem comentários como:

infelizmente é difícil encontrar uma solução pra esse **problema**, mas falando em estatística do total de **crianças** que existem no brasil cerca de 7% por cento **sofreram abuso** 3 % de casos denunciados.

será que é jogo **iniciar** a sexualidade precocemente de 100 por cento das **crianças** tendo como base o salvamento de 7% de **abusos** sendo que na maioria dos casos essa **medida** não vai resolver.

Os discursos aparecem principalmente em duas vias, a favor e contrário ao ensino de educação sexual nas escolas, como nos textos acima. Diversas comunidades emergem em toda a análise de similitude a partir da ligação com o verbete “criança”. No quadrante esquerdo aparecem duas comunidades, a primeira com as formas “ignorância” e “lindo”, este último liga com a comunidade que possui “ano” como forma mais evidente, seguida por “mãe”, “levar”, “dever” “abordar”, “professor” e “aula”. A figura do professor e da mãe aparecem na discussão sobre quem deve educar as crianças, reiterando a relação entre o papel da família e da escola na educação e proteção das crianças. Entretanto, a idade aparece em diversos comentários como fator a ser problematizado sobre o que é ou não é adequado para crianças e adolescentes.

acho que algumas **crianças** com 2, 3 e 4 **anos** sempre serão presas fáceis primeiro porque estão fora ou entrando na chamada **idade** da razão e por isso não conseguem distinguir um toque malicioso de um carinho normal ainda mais vindo de um **pai** ou **mãe** que **deveriam** protege-los.

santa **ignorância** sendo bem educada já viu o kit gay **moça linda** não tem pra que ou por que **criança** receber orientação **sexual**.

pensando nisso a proposta seria de ao **invés** de tomar tempo da **aula** de **crianças** de 5 e 6 **anos** de **idade** com essa conversa contratasse uma psicóloga para cada **escola levando** em consideração o custo da hora **aula** de todos os **professores** dando esse tipo de **aula sai** mais barato.

No quadrante superior da análise de similitude aparecem comunidades com uma menor variabilidade de formas, mas ainda ligadas à palavra “criança”. Assim, as formas “medida” e “importante” constituem uma comunidade, do mesmo modo que “descobrir” e “básico”. A primeira se refere à importância de medidas serem tomadas para prevenção e punição do abuso infantil como podemos perceber no segmento abaixo:

com **crianças** muito **menores** que infelizmente também **sofrem** com esse tipo de barbárie é **importante** ressaltar que essa **medida** também combate outros tipos de **problemas** como o bullying que é um grande **problema** atual também.

Ainda no quadrante superior, mas à direita, situa-se a comunidade intermediada pela palavra “sofrer”, que possui um grafo mais espesso e liga as formas “idade”, “escola”,

“partido”, “questão” e “acreditar”. Em seguida, vem a comunidade formada por “conteúdo” e “trabalhar”. Os textos a seguir são representativos dessas ligações:

**educação sexual** pode ser dada na **escola** sim na **idade** certa e com **conteúdo** próprio antes disso cabe aos **pais** orientar a **criança** eu fui orientada desde cedo.

nas minhas **aulas** de história todos os **conteúdos** são recheados de **política** todo ato humano é político e em toda **sociedade** estratificada a formação de **partidos** políticos faz **parte** da democracia nas minhas **aulas** tem debate e análise partidária sim.

**educação sexual** pode ser dada na **escola** sim na **idade** certa e com **conteúdo** próprio antes disso cabe aos **pais** orientar a **criança** eu fui orientada desde cedo.

A comunidade seguinte é formada pela ligação que advém da palavra “menor”, seguido pelas formas “educação”, “educação sexual” e “apoio”. A relação entre as palavras denota a percepção sobre quem sofre o abuso (criança) e a idade, na qual a questão deve (ou não) ser debatida na escola. No quadrante inferior, aparecem duas comunidades. Por meio de um grafo mais forte o vocábulo “pai” se conecta às formas “bebê”, “desconhecido”, “adolescente” e “monstro”. A última comunidade aparece pela conexão entre “criança” e “abusar”, onde seguidas deste advém as formas “doente”, “virar”, “cadeia”, “moço”, “transar”, “volta”, “próximo” e “praticar”. Tais comunidades são exemplificadas por segmentos como

**educação sexual** pode ser dada na **escola** sim na **idade** certa e com **conteúdo** próprio antes disso cabe aos **pais** orientar a **criança** eu fui orientada desde cedo.

não **apoio educação sexual** que eram defendidas pelo governo do pt acho imprópria **educação sexual** na **escola** tem que ser muito bem orientado no caso acima descrito não é mencionado a **idade** da **criança**.

Podemos apontar ainda que problemática da educação sexual causa tensão e que paira a ideia de que o Partido dos Trabalhadores (PT) estabeleceu pautas “imorais”. Em diversos momento na análise, a menção a expressões como “kit gay” e “ideologia de gênero” emergem em justificativa para o avanço de uma política conservadora no país, que se estabelece em consonância com ideais e valores que corroboraram com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência do país. A melhoria de educação, pauta que já elegeu e elege diversos políticos dos mais variados partidos, também aparece nesta classe e deve ser notada:

em todos os rankings de **educação** o brasil sempre está entre os piores a cada 10 **professores** já **sofreram** algum tipo de agressão física ou verbal será que pra

melhorar essa situação só com **educação sexual** isso se arrumava ou você **acredita** que isso não irá fazer nenhuma diferença para o real **problema** da **educação**.

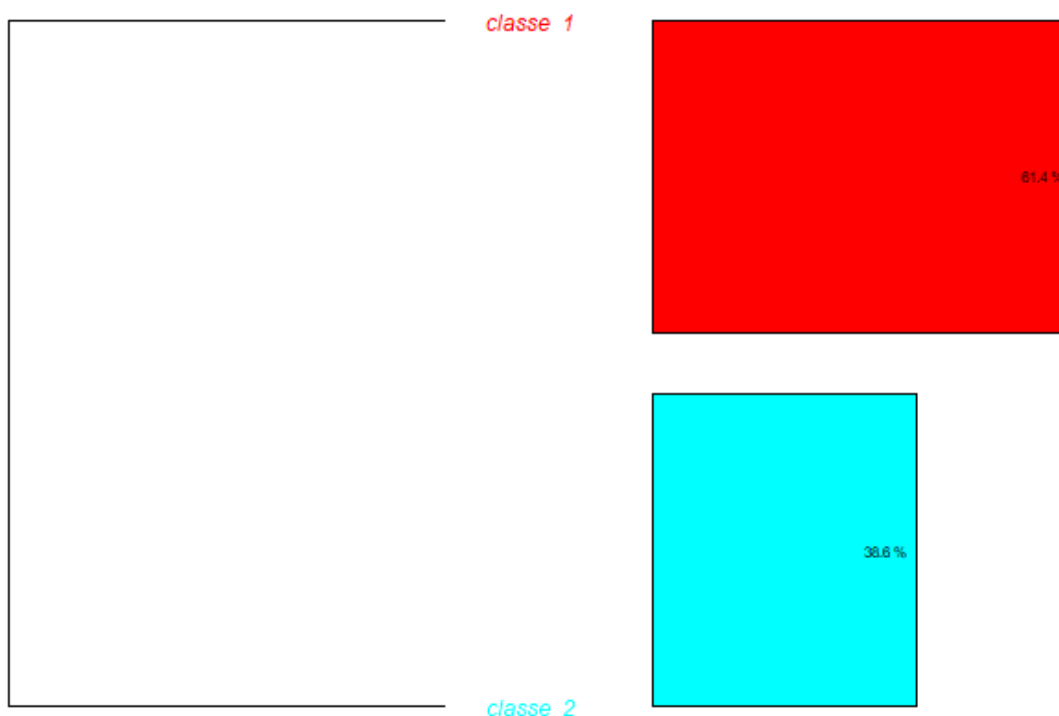
#### **4.5 Análises do *corpus* Misto: para além da polarização entre esquerda e direita no Brasil**

Ao fim das análises dos *corpora* das páginas em separado, algumas inquietações permaneceram e optamos por constituir um terceiro *corpus*, composto pelos comentários constituintes dos dois primeiros. Ao todo foram coletados 3489 comentários nas oito publicações retiradas entre agosto a novembro de 2018. Após o cálculo para construção das amostras, foram selecionados 562 comentários, somando os dois primeiros *corpora* de ambas as páginas, e são estes os utilizados para a construção deste terceiro *corpus* textual.

Os 562 comentários foram analisados em 681 segmentos de texto (ST), com 13.602 ocorrências, 2.246 formas e 1.250 *hapax* (as palavras que aparecem só uma vez no *corpus* todo), gerando uma média de 25.96 ocorrências por texto. Para a realização das análises foram utilizadas a parametragem recomendada por Camargo e Justo (2018).

Após análise mais básica quanto à frequência de palavras e número de segmentos de texto, o *corpus* Misto foi submetido à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) a fim de encontrar similaridades e coocorrências entre os textos trazidos dos comentários analisados. Para tanto, o *corpus* foi dividido em 681 segmentos de texto com 2.246 palavras lematizadas, 1.191 formas ativas e 27 formas suplementares, com média de 19,87 formas por segmento de texto e considerando 70,78% (482) dos segmentos de texto, satisfazendo o critério mínimo apontado por Camargo e Justo (2016).

**Gráfico 14 – Dendrograma da divisão na CHD do *corpus* Misto**



Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

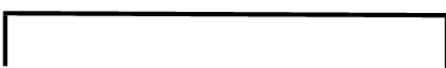
A CHD realizou apenas uma divisão no *corpus*, que não produziu *subcorpus* e deu origem a 2 classes. Essa configuração torna-se ainda mais interessante quando se leva em conta que, nas duas análises anteriores, os *corpora* “Eu era Direita e não sabia” e “Jovens de Esquerda” se dividiram em quatro classes cada um. O fato de *corpora* que se apresentam tão diversos quando analisados separadamente gerarem uma única divisão quando em análise conjunta nos traz indícios de que há muito mais em comum entre os comentários colhidos em cada página do que poderíamos supor de início.

Conforme a representação do dendrograma 5, a classe 1, denominada pela autora como “Brasil acima de tudo”, reteve maior parte do número de segmentos de texto (61,41%) que a classe 2, “Deus acima de todos”, com 38,59% dos ST. A escolha por esses nomes para as classes visa caracterizar a polarização ideológica que se apresenta em todas as análises até aqui, seja por questões de gênero, como na temática da educação sexual na escola ou legalização do aborto no Brasil; seja por questões ligadas a problemáticas imigratórias, que desvelam o teor xenofóbico da vinda de refugiados venezuelanos ao Brasil; ou ainda pela ascensão do discurso cristão enquanto braço forte de discussões democráticas importantes. O *slogan* midiático usado nas eleições por Jair Bolsonaro, qual seja “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, alçou-o à presidência do Brasil em 2018, visto que condensa de modo

rasteiro temas que têm ocupado o debate público brasileiro nos últimos anos.

Dado o tamanho do *corpus* Misto, que engloba os dois *corpora* anteriormente analisados, foram retidas as 25 formas com associação significativa mais forte para cada classe, mensurada por seu pelo qui-quadrado ( $x^2$ ), que podem ser consultadas no Gráfico 15.

**Gráfico 15 – Dendrograma da CHD do *corpus* Misto**



The dendrogram shows two main clusters, Classe 1 and Classe 2, connected by a horizontal line at the top. Classe 1 is on the left and Classe 2 is on the right.

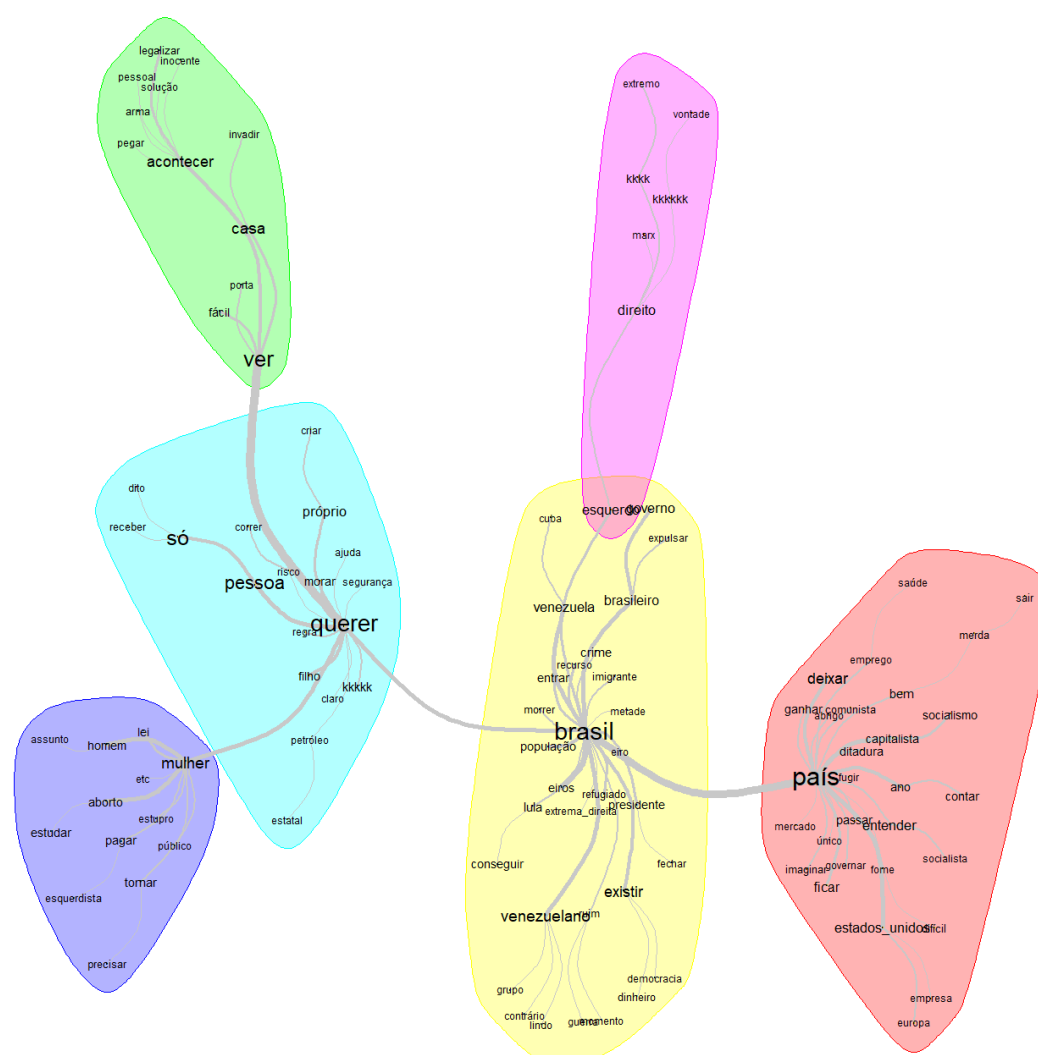
Classe 1			Classe 2		
296/482 Seg. de Texto 61.41%			186/482 Seg. de Texto 38.59%		
Palavra	f	$x^2$	Palavra	f	$x^2$
país	48	28.16	Jesus	23	38.44
brasil	45	25.91	Deus	22	33.19
acontecer	18	11.75	Cristo	19	28.02
casa	21	11.27	votar	16	22.93
venezuelano	20	10.6	bíblia	16	19.96
Estados Unidos	16	10.4	amor	11	17.91
Venezuela	16	10.4	Ciro	10	16.25
deixar	19	9.93	cara	12	13.51
querer	44	9.05	respeito	10	13.0
brasileiro	13	8.4	palavra	8	12.95
existir	19	7.83	coração	8	12.95
ano	12	7.73	candidato	10	10.4
crime	11	7.07	escrever	8	9.79
entender	17	6.57	voto	8	9.79
estudar	10	6.42	conhecer	8	9.79
passar	10	6.42	opinião	8	9.79
socialismo	10	6.42	mudar	7	8.21
entrar	10	6.42	respeitar	7	8.21
ditadura	9	5.76	amar	7	8.21
fácil	9	5.76	paz	5	8.04
homem	9	5.76	mau	5	8.04
contar	9	5.76	Bolsonaro	14	7.3
ganhar	9	5.61	besta	4	6.42
só	35	5.61	erro	4	6.42
pessoa	28	5.5	Haddad	4	6.42

Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

#### 4.5.1 Classe 1: “Brasil acima de tudo”

A primeira classe do *corpus* Misto retve a maior parte dos segmentos de texto (61,41%). Dentre as palavras com maior associação significativa ( $\chi^2$ ) na classe, estão as formas “país” e “Brasil”, que introduzem a problemática do nacionalismo nos comentários. A associação dos verbetes é representada em segmentos característicos da classe como pode ser observado no Apêndice D.

Gráfico 16 – Análise de Similitude da Classe 1



Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

Conforme o Gráfico 16, que corresponde à análise de similitude da primeira classe analisada no *corpus* Misto, o verbete mais significativo na comunidade central é “Brasil”, que engloba ramificações com formas internas e comunidades periféricas. Ainda na comunidade central, ligados a “Brasil”, aparecem os vocábulos “morrer”, “entrar”, “recurso”, “Venezuela”, “Cuba”, “governo”, “expulsar”, “brasileiro”, “crime”, “imigrante”, “metade”,

“refugiado”, “presidente”, “Lula”, “conseguir”, “extrema direita”, “venezuelano”, “grupo”, “contrário”, “ruim”, “existir”, “guerra”, “dinheiro”, “democracia” e “fechar”.

Conectado por um grafo mais consistente a “Brasil”, o vocábulo “país” forma uma comunidade no quadrante direito da análise, constituído pelos vocábulos “ganhar”, “deixar”, “abrigo”, “comunista”, “emprego”, “saúde”, “bem”, “ditadura”, “capitalista”, “socialismo”, “fugir”, “mercado”, “único”, “passar”, “governar”, “ficar”, “passar”, “fome”, “Estados Unidos”, “empresa”, “Europa”, “entender” e “socialista”.

O grafo mais forte que conecta “Brasil” e “país” apresenta a coocorrência significativa entre os termos dentro do *corpus* textual. Entretanto, as diferenças entre os verbetes geram duas comunidades. A partir da interpretação da análise de similitude da classe, bem como dos seus textos típicos, pode-se dizer que a principal diferença na temática de ambos é que a primeira comunidade trata de modo mais particular a discussão sobre os refugiados/imigrantes venezuelanos e menciona países como Cuba e Venezuela como destino àqueles que discordam com questões atreladas à ideologia conservadora no Brasil, que é o campo no qual a candidatura de Jair Bolsonaro se desenvolve. Ou seja, tudo aquilo que não é Brasil deve ser eliminado/ expulso.

o mimimi é teu homem não vês o povo já disse e em voz alta  
 não **queremos** essas **pessoas** aqui **saiam** do **brasil** fim da mensagem  
 kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk.

não podia ter **deixado** nem **entrar** no **país** eles que se resolvam  
 com **presidente** eleito democraticamente.

**lei** dos **Estados Unidos** refugiado ou visitante não pode de maneira alguma ter  
 um **emprego** no **país** pois estará roubando o lugar de um cidadão americano  
 no **Vrasil** já é um lixo em **emprego, saúde**.

Na segunda comunidade descrita, representada em maior medida pelo verbe “país”, as formas coocorrentes denotam parte da ideologia que utiliza a perspectiva nacionalista no embate entre socialismo/comunismo (aparecem como sinônimos da suposta ameaça à democracia nos comentários, por vezes acrescidos de menções à Lula e ao Partido dos Trabalhadores) e o capitalismo. Aqui, os comentários em sua maioria atribuem ao comunismo a existência de regimes ditatoriais, em oposição à ideia do capitalismo enquanto aporte à democracia e a liberdade, citando diversas vezes o exemplo dos Estados Unidos como modelo socioeconômico e político.

Outra dicotomia aparece nessa análise, no quadrante superior a comunidade ramificada a partir da forma “esquerdo”, reúne os verbetes “direito”, “Marx”, “extremo” e “vontade”. Em número significativo de comentários as expressões esquerda e direita



condensam ideologias imediatamente antagônicas, lembrando a perspectiva de uma discussão sobre polarização política no Brasil.

o **governo** não dá **conta** nem dos daqui **imagina** o **brasileiro** dar **conta** dos de fora não que sejamos indiferentes **esquerda direita** insensíveis mas cada **pessoa** que se sentir sensibilizada pode acolher um em **casa**.

não **existe** essa de **ver** o lado não **existe** lado bom em **ditadura** nem no **brasil** nem na **venezuela ditadura comunista** nem na puta que pariu extremismo não é salutar e é por isso que não voto no pt nem no salnorabo.

No quadrante esquerdo se localizam três comunidades, a mais central nesse polo constitui-se a partir do verbete “querer”, apresentando ramificação com as formas “segurança”, “ajuda”, “morar”, “próprio”, “risco”, “correr”, “filho”, “regra”, “pessoa”, “receber”, “petróleo” e “estatal”. Aqui integram-se diversas demandas relacionadas aos comentários nos quais os perfis discutem o porquê de o Brasil poder ou não poder receber imigrantes, pautando seu discurso na ideia de que não há infraestrutura de saúde, segurança e moradia para todos, como sugerem os textos típicos a seguir:

sim podem ser os **brasileiros** pedindo **abrigo** em outro **país** só que os outros países ajudam sua **própria** nação e ainda ajudam os imigrantes, mas o **brasil** não tá dando **conta** e nem **ajuda** sua **própria** nação **imagina** a **população** e outro **país**.

o que vocês não **querem entender** é isso que os **recursos** são ínfimos até para os **brasileiros** que dirá se vier **metade** da **Venezuela** pra cá.

Na comunidade do quadrante superior esquerdo, com maior destaque para o vocábulo “ver”, aparecem formas como “fácil”, “porta”, “casa”, “invadir”, “acontecer”, “pegar”, “arma”, “pessoal”, “solução”, “legalizar”, “inocente”. Lembra-se nesse ponto a discussão recorrente com o uso do jargão “Então leva pra casa”, mencionado como sugestão àqueles que defendiam a entrada dos venezuelanos no país. A coocorrência das palavras “invadir” e “legalizar” lembra a ideia de ilegalidade remetida aos refugiados, tratados como abjetos em quantidade considerável de textos analisados, como os apresentados abaixo:

não eles foram atacados porque assaltam inclusive jogando ácido no rosto de **brasileiros invadem** e **tomam casas** assediam **mulheres etc**.

**queria ver** se você tivesse lá no pampeiro sendo assaltado e tendo sua **casa invadida** eu também **fico** com dó dos **venezuelanos**, mas também não dá pra dizer que os **brasileiros** não tem razão de estarem zangados.

A última comunidade analisada na classe é localizada no quadrante esquerdo inferior e lembra a discussão acerca do verbete “mulher” em relação à problemática do

aborto, já discutida anteriormente. Aqui as formas “lei”, “homem”, “estupro”, “público”, “aborto”, “pagar”, “tomar”, “assunto”, “estudar”, “esquerdista” e “precisar” constituem as ramificações na comunidade. O discurso de perfis que se identificam como homens prevalece nos comentários, principalmente em contrapartida aos comentários nos quais perfis que se identificam como mulheres rebatem declarações preconceituosas proferidas a fim de legitimar suas crenças que defendem a ilegalidade do aborto.

se porque a **mulher quer** trabalhar e não tem como cuidar do **filho** oferecem creches **públicas** e **etc** para cada caso eles oferecem uma **solução** e **acontece** que desde que o **aborto** foi **legalizado** a quantidade de **abortos** realizados por **ano** vem decrescendo consideravelmente.

As análises dessa classe abarcam diferentes temas que compõe a cena pública brasileira no período eleitoral em 2018. Retomando pautas como a entrada de refugiados no Brasil, as díades Comunismo Vs. Capitalismo, Esquerda Vs. Direita, constitui-se parte do terreno fértil à construção ideológica da polarização política no Brasil

#### 4.5.2 Classe 2: “Deus acima de todos”

A segunda classe apresentada na CHD do *corpus* Misto reteve 38,59% dos segmentos de texto do *corpus* Misto. Dentre as formas com maior associação significativa na estão, em ordem de maior para menor presença, os termos “Jesus”, “Deus”, “Cristo”, “votar”, “bíblia”, “amor”, “Ciro”, “respeito”, “candidato”, “voto”, “opinião”, “paz”, “Bolsonaro” e “Haddad”, entre outras. Dentre os segmentos de texto típicos da classe, estão:

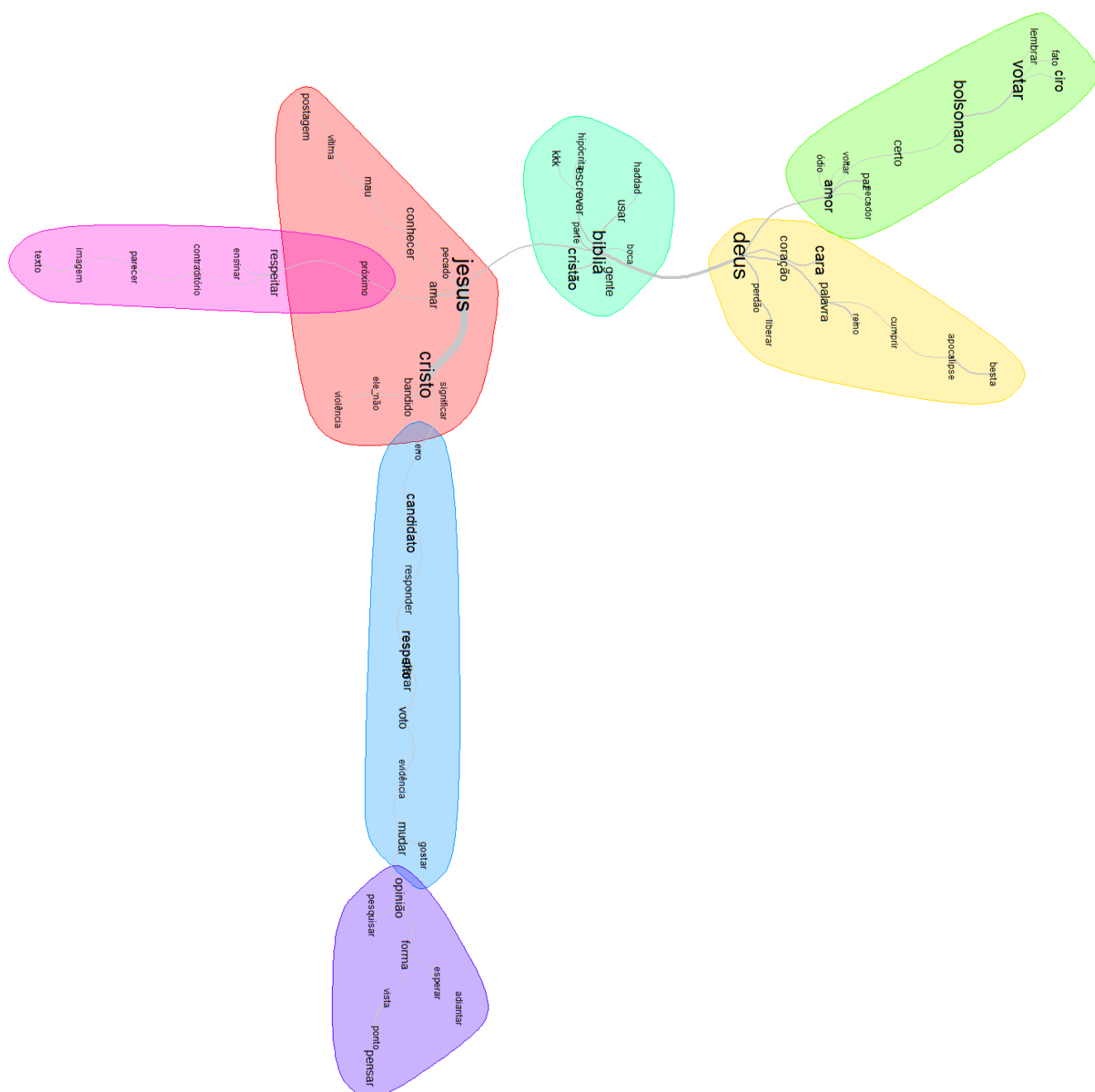
o **amor** de **deus** é ágape ama o **pecador** capaz de dar a vida pelo seu inimigo e assim **jesus cristo** fez você daria a vida pelo o assassino de sua mãe esposa filha ou algo parecido

eles **gostam** de **usar** o nome de **jesus cristo** em vão ao meu ver ninguém é verdadeiro **cristão** então porque todos os candidatos estão errados de algum modo vocês têm que parar de ver erro nos **candidatos** dos outros e falar mais a **respeito** do de vocês.

No Gráfico 17 a coocorrência entre os verbetes e sua similaridade dentro do *corpus* apresentam as formas “Jesus” e “Cristo” como centro da comunidade que as envolve. Destaca-se ainda no grafo interno à comunidade a presença das formas “pecado”, “conhecer”, “mau”, “vítima”, “postagem”, “amar”, “próximo”, “significar”, “bandido”, “ele não”, “violência”. Ainda por meio do verbete “Jesus”, comentários como o inserido abaixo, que correlacionam Jesus Cristo com amor também são representativos da classe:

**jesus cristo** manda a gente perdoar e **amar** para que possamos ter **paz** com todos mas sua palavra tbm diz que nos últimos dias o **amor** de muitos esfriaria por aumentar a iniquidade.

**Gráfico 17 – Análise de Similitude Classe 2**



Fonte: Análises do IRAMUTEQ, 2019.

Interseccionadas à comunidade central, aparecem duas outras, a primeira localizada no quadrante inferior e conectada por meio da forma “próximo”, segue em uma única ramificação pelas palavras “respeitar”, “ensinar”, “contraditório”, “parecer”, “imagem” e “texto”. No quadrante direito situam-se duas comunidades, a primeira é conectada pela

palavra “erro”, seguida de “candidato”, “responder”, “respeito”, “voto”, “evidência”, “gostar” e “mudar”. O verbete “mudar” é a conexão com “opinião”, forma envolta pelos vocábulos “pesquisar”, “forma”, “esperar”, “adiantar”, “vista”, “ponto”, “pensar”.

Finalmente, no quadrante superior, posicionam-se as últimas comunidades. Por um grafo menor a forma “bíblia” conecta-se a “Jesus” e ao seu redor situam-se as ramificações “cristão”, “gente”, “usar”, “boca”, “Haddad”, “parte”, “escrever” e “hipócrito”. Cabe mencionar que essas conexões provavelmente se dão porque durante a campanha eleitoral de 2018 Fernando Haddad (PT) ganhou uma Bíblia durante um comício e o livro foi encontrado jogado no lixo.<sup>86</sup>

Ainda no quadrante superior, aparecem mais duas comunidades a serem analisadas na classe. A primeira tem como forma mais significativa “Deus”, seguida das formas “coração”, “cara”, “perdão”, “liberar”, “palavra”, “reino”, “cumprir”, “apocalipse” e “besta”. A última comunidade é a que se forma pela conexão entre “bíblia”, “deus” e “amor”. Nela o vocábulo “amor” a representa em maior medida e constam ainda palavras como “pecador”, “voltar”, “paz”, “ódio”, “votar”, “certo”, “Bolsonaro”, “lembrar”, “fato” e “Ciro”. Elementos presentes nas duas comunidades aparecem de modo concomitante, algo que pode ser notado nos segmentos típicos abaixo:

contraditório falar que **bolsonaro** é machista e votar em **ciro** vota no daciolo pelo menos.

porque **deus** tem posto em seus **corações** que **cumpram** o seu intento e tenham uma mesma idéia e que dêem à **besta** o seu reino até que se **cumpram** as **palavras** de **deus apocalipse** cap. 17 vers. 17 e essa daqui faz muitos tremerem.

A menção de Jair Bolsonaro junto ao espectro ideológico composto por menções a religião cristã chama atenção, principalmente, pelo último segmento típico da classe apresentado acima. Embora que o debate religioso englobe formas como amor e paz dentro da mesma comunidade na qual “Bolsonaro” está inserido, pelo referido segmento de texto alguns usuários correlacionaram o candidato com a “besta”. Esta relação se dá pela menção a um trecho do livro bíblico do Apocalipse que diz: “17:17 Porque Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento e tenham uma mesma ideia, e que deem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.” Para além disso, tal correlação foi utilizada enquanto argumento para o voto em Bolsonaro.

---

<sup>86</sup> WETERMAN, D. Haddad nega que tenha jogado Bíblia fora e diz que ela foi furtada. **UOL**. 22 out. 2018. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/10/22/haddad-nega-que-tenha-jogado-biblia-fora-e-diz-que-ela-foi-furtada.htm>>

#### 4.6 O outro como inimigo: o uso da polarização política a serviço da ideologia conservadora no Brasil

Dentre as possíveis elaborações sobre os resultados das análises dos *corpora* textuais apresentados aqui, alguns pontos podem e devem ser considerados na sua discussão. O *corpus* da página “Eu era Direita e não sabia” chegou a um número consideravelmente pequeno de segmentos de texto retidos na classe, somando 63,56% (143) do total de 225 segmentos de textos submetidos ao *Iramuteq*, o qual dividiu o *corpus* em quatro classes. Essas informações elucidam a reflexão de que o debate dos usuários que comentaram nas publicações da página apresenta uma ínfima variabilidade de argumentos acerca das temáticas incitadas pelas postagens. Aqui os comentários giram principalmente em torno da defesa ou do ataque a candidatos políticos que concorriam (ou não) à presidência. De modo mais ou menos evidente, as duas primeiras classes tratam de argumentações contra o voto no pedetista Ciro Gomes – embora este não seja o único citado, estão ao lado dos petistas Lula e Haddad, é o que possui maior impacto nas análises. Já a terceira classe trata de uma correlação entre países e regimes comunistas/socialistas, recorrentes nos três *corpus*, e a quarta e última circunda comentários em favor da candidatura de Jair Bolsonaro (então coligado ao PSL).

Já no caso do *corpus* “Jovens de Esquerda”, que reteve 86,84 % (396) do total de 456 segmentos de texto e também foi dividido em quatro classes, a variabilidade de debates nos comentários das publicações selecionadas na página foi elencada em classes que agruparam a representação de uma ideologia que têm protagonizado o cenário político brasileiro. Assim, a primeira classe trata do discurso hostil direcionado aos refugiados venezuelanos que chegam ao Brasil, novamente mencionando países que supostamente seriam de regime socialista/comunista e evidenciando um discurso xenofóbico direcionado a estes. Na segunda classe foram agrupadas análises sobre o discurso de cunho religioso como justificativa a determinados padrões de conduta e preconceito. Nas duas últimas classes emergem discussões relacionadas a questões de gênero. Em uma, a terceira, as discussões direcionadas à problemática do aborto no Brasil, em que novamente o argumento religioso, por vezes misógino, é amplamente utilizado para a ilegalidade do método anticoncepção. Já na quarta classe são discutidas temáticas recorrentes no período eleitoral, tais como a *fake news* relacionada ao “kit gay” e a “ideologia de gênero”, que fomentaram o debate acerca do ensino de educação sexual para crianças e adolescentes. Novamente os comentários apresentaram a incidência de uma ideologia conservadora, cristã e que combate de modo hostil pautas relacionadas ao âmbito progressista da política brasileira.

Na terceira e última análise, diferente do que ocorreu nas anteriores, o *corpus* Misto, reteve 70,78% do total de 482 segmentos de texto classificados e se dividiu em apenas duas classes. Com o agrupamento apresentado, evidencia-se que a polarização não gira em torno do espectro político de fato, mas sim da apropriação de pautas ideológicas sob os *tickets* polarizados atribuídos a “esquerda” e “direita” no Brasil.

Desta forma, neste trabalho foram analisadas dez classes provenientes da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e da Análise de Similitude no *software* *Iramuteq* aplicadas aos três *corpora* textuais que apresentaram em seu conteúdo as temáticas centrais apresentadas na tabela a seguir:

**Tabela 2 – Temas centrais das classes analisadas nos três *corpora* textuais**

CLASSE	TEMÁTICA CENTRAL	
<b><i>Corpus Eu era Direita e não sabia</i></b>		
<b>Classe 1: “Coroné Cirão da massa”</b>	Críticas direcionadas a Ciro Gomes (PDT)	
<b>Classe 2: “Vota no Ciro”</b>		
<b>Classe 3: Vai pra Cuba que pariu</b>		Países ‘socialistas/comunistas’
<b>Classe 4: #Bolsonaro2018</b>		Propaganda política em favor de Jair Bolsonaro
<b><i>Corpus Jovens de Esquerda</i></b>		
<b>Classe 1: O Brasil não é a casa da “mãe Joana”</b>	Discurso xenofóbico direcionado aos refugiados venezuelanos que chegam ao Brasil	
<b>Classe 2: Não tomarás o nome de Deus no Facebook</b>	Uso da doutrina cristã como justificativa para o pensamento preconceituoso	
<b>Classe 3: Legaliza quem pode, obedece quem tem útero</b>	Problemática do aborto	
<b>Classe 4: “Já viu o kit gay?” Educação sexual com crianças e adolescentes</b>	Problemática da ideologia de gênero	
<b><i>Corpus Misto</i></b>		
<b>Classe 1: “Brasil acima de tudo”</b>	Ideologia nacionalista	
<b>Classe 2: “Deus acima de todos”</b>	Ideologia neopentecostal	

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

A tabela acima intenta representar as discussões mais evidentes no conteúdo das práticas discursivas analisadas com auxílio do *software* *Iramuteq*. Assim, frente a percepção sobre os temas que surgiram durante as análises, o terceiro e último *corpus* se divide em apenas duas classes, que englobam as ideias anteriores, mas denotam que a variabilidade dos temas se organiza em dois eixos principais, sob a alcunha “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”. O *slogan* político articulado na campanha de Jair Bolsonaro em 2018, em minha análise, condensa de modo oportuno os temas que alçaram a ideologia reacionária à

presidência do país. Entretanto, pode-se questionar se o próprio slogan não foi o mote responsável por incitar que os “polos” aderissem a tais tickets ideológicos. Assim, talvez não seja o caso de pensar em uma relação de causa e consequência, mas da percepção de que nas eleições na Idade Mídia há uma simultaneidade entre assumir determinado ticket como uma bandeira política e reforçar uma personalidade política a partir de discussões inflamadas a respeito do tema.

Acerca deste aspecto, as análises sobre as tendências regressivas da sociedade frente ao esclarecimento da razão são uma das maiores contribuições da Teoria Crítica da Sociedade. A discussão da sociedade que tende ao autoritarismo, mesmo frente ao avanço civilizatório, interessa para a compreensão do porquê sociedades democráticas historicamente desembocam na barbárie. Adorno e Horkheimer (1985) explicam a falsa projeção paranoica enquanto comportamento regressivo que expulsa tudo aquilo que possa ameaçar a autopreservação, ou seja, o que lhe pertence é projetado para o “outro”, transformando-o em vítima da sua agressão. Tudo é convertido em alucinação, na tentativa de dar conta do que a sua experiência não alcança; o pensamento do indivíduo envolto na semicultura é limitado ao pensamento ideologicamente programado.

A perspectiva analítica proposta aqui inicialmente buscou evidenciar as práticas discursivas de usuários identificados em dois extremos de uma suposta polarização política. Entretanto, o decorrer do trabalho mostrou que, ao me aprofundar na percepção desse objeto, existem estruturas que propõem não apenas uma reestruturação democrática em torno do digital, mas uma organização social no qual o digital não seja aparato para mediação entre sujeitos, mas protagonista das tendências sociais. Conforme o andamento da pesquisa, a construção ideológica do pensamento polarizado apresentou-se na adesão a um dos *tickets* que opõem os indivíduos simultaneamente àquilo que supostamente é “outro”. Dentre as dicotomias que se exibem, são recorrentes as argumentações insípidas fomentadas por postagens que são estopim para a radicalização do discurso em extremos, os quais orbitam na disputa por maior engajamento em cada uma das páginas.

No livro *Minima Moralia*, Adorno (1951, p. 137) afirma que “o gosto é o mais fiel sismógrafo da experiência histórica”. Assim, o autor se refere à correlação entre os elementos que correspondem às condições objetivas de produção e reprodução da vida em determinado momento histórico. A contemporaneidade demarcada pelo desenvolvimento tecnológico que cada vez mais busca formas de algoritmizar a vida, tentando calcular, prever e controlar aquilo que é inacessível, subsidia a mediatização da vida. Assim, a perda da experiência condicionada à expansão dos mecanismos de escolha nas cada vez mais sociedades

complexas, globais e informatizadas demarcam, há muito, que a atualidade da discussão do pensamento do *ticket* é necessária (COHN, 1998), assim, “continua-se a escolher, mas apenas entre totalidades” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.164). Tal proposição não é novidade à compreensão da infraestrutura e da superestrutura constitutivas do capitalismo tardio, mas incita reflexões sobre as mudanças na reinvenção que o capital propõe para manutenção da sua própria existência. Sob o véu da (falsa) liberdade, a ubiquidade da internet tem reconfigurado a própria existência humana.

O modo positivista de conhecimento da realidade que interpela a assimilação do pensamento em ideias/blocos tende ao ódio narcísico. O objeto da construção do amor narcísico é o semelhante, dada a escolha baseada em si mesmo. Já o ódio narcísico diz daquilo que é “outro”, o “diferente” de nós (BENTO, 2002). A acepção de narcisismo das pequenas diferenças elaborada por Freud (2010) é apresentada enquanto uma construção antitética. Entretanto, não se trata de uma oposição entre clichês (REINO; ENDO, 2011), como anteriormente citado sobre as discussões recorrentes na análise lexical apontada aqui.

A reação conservadora no Brasil é lucrativa ao ponto de eleger à presidência do país um candidato que pauta seu discurso em ameaças às minorias e aos direitos humanos. Entretanto, tal lógica atravessa práticas discursivas no meio online e a cena democrática. Elementos como a religião, o machismo, a homofobia, o racismo e a própria moral agem como disparadores de cliques, comentários e compartilhamentos, os quais visibilizam cada vez mais a ascensão de discursos que se constroem contra pautas progressistas por meio de “pânicos morais” (ROMANCINI, 2018).



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Adorno (1995b), a existência efetiva da democracia demanda que exista uma sociedade verdadeiramente emancipada. Para alcançar a emancipação em seu caráter libertário, é preciso sua concepção idealista e individualista. Assim, frente a essa reflexão, a discussão do pensamento antidemocrático no meio online subverte o fato de que vivemos em uma sociedade democrática. Desse modo, entre as discussões fundamentais que delineiam este trabalho, está a crítica do suposto caráter democrático e neutro tecnologia, visto que a forma do aparato tecnológico perpetua a dominação humana sobre si própria e sobre a natureza.

A inquietação que orientou este trabalho foi questionar em que medida o autoritarismo se manifestava no discurso de usuários do *Facebook* identificados com a direita e com a esquerda política no Brasil. Com esse mote, foi construído um caminho no qual essa pergunta pudesse ser respondida, buscando atender ao objetivo de analisar traços de uma mentalidade potencialmente autoritária a partir das práticas discursivas de usuários do *Facebook* vinculados às páginas brasileiras de cunho político “Jovens de Esquerda” e “Eu era Direita e não sabia”.

Inicialmente acreditei que o objeto no qual trabalharia seria o de uma acirrada polarização política, que, no entanto, mostrou-se enquanto arranjo ideológico a serviço de uma premissa maior que agremiações políticas e dentro da continuidade de um sistema político-econômico que subverteu a própria democracia. Desse modo, o objeto na verdade trata dos novos moldes que fomentam a produção de subjetividades na Idade Mídia. E, além disso, trata da conservação de elementos ideológicos que contribuem à manutenção do *status quo*, embotando qualquer tentativa de superação da realidade.

Para tanto, foi necessário elaborar vias que, a partir do primado do objeto, oferecessem novas perspectivas ao aparato tecnológico das plataformas digitais. Por meio da análise lexical do *Iramuteq* são apresentadas as formas textuais mais coocorrentes dentro de um *corpus* textual e a ênfase dada é para o que matematicamente aparece de modo significativo. O *corpus* textual é formado por um conjunto de textos, que por sua vez é constituído por segmentos de textos que podem ser organizados em classes. O *software* executa cálculos e os resultados fornecem subsídios à interpretação das suas classificações, com base naquilo que corresponde a presença ou a ausência de um dado vocabulário.

A contribuição de programas informáticos como o *Iramuteq* é importante frente ao volume massivo de dados que têm sido cada vez mais utilizados em diferentes campos de

estudo, como as Ciências Humanas e Sociais na contemporaneidade. O processamento de dados textuais viabilizado por ele auxilia à construção de análises, mas é necessário reiterar a ressalva apontada por Chartier e Meunier (2011), bem como por Lahlou (2012): os relatórios gerados por meio do *software* não em si as análises dos dados ou o método, mas são um aparato para que a construção de análises críticas sobre as informações fornecidas. Para tanto, é preciso que o manejo do *software* não substitua a relação entre sujeito e objeto na análise dos dados, evitando que sejam realizadas descrições estritamente operacionalizadas ou topológicas do trabalho e que o material apresentado pelos relatórios se esvazie do contexto no qual está inserido (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Assim, foram empregados diferentes recursos técnicos como as ferramentas *Facebook Audience Insights* (FAI), disponibilizada pela empresa *Facebook* e utilizada principalmente na área de *marketing* e publicidade para delimitação de propagandas a um determinado público; a *Netvizz*<sup>87</sup>, uma ferramenta que extraía dados de diferentes seções do *Facebook* para fins acadêmicos; e por fim o *software Iramuteq*<sup>88</sup>. Portanto, a contribuição pretendida com este trabalho atravessa a crítica ao caráter totalitário da tecnologia, bem como do seu papel no crescimento exponencial da forma do pensamento autoritário na contemporaneidade. Desse modo são propostas possibilidades de uso de aparatos tecnológicos do próprio objeto estudado como modo de acessar suas contradições e aceder os traços que caracterizam as transformações que instrumentalizam os mecanismos de dominação e alienação social.

O discurso característico à Esquerda brasileira, embora se apresente como progressista, ainda possui sérios problemas quanto a uma crítica contundente da realidade na qual se insere. A variabilidade de pautas elencadas pelas publicações e comentários na página “Jovens de Esquerda” provoca um engajamento de perfis vinculados à direita maior que na página “Eu era Direita e não sabia”. Isto orienta a reflexão de que existe uma possibilidade menor de debate social dentro do discurso atrelado à direita ou, posto de outra forma, um enrijecimento progressivo do que se pode ou não pode discutir no âmbito conservador. Deve ser considerado ainda que, objetivando engajamento, as páginas publicam conteúdos que, como gatilhos, acionam um grande número de curtidas, comentários e compartilhamentos sem que necessariamente haja compromisso político com o que é debatido.

---

<sup>87</sup> Devido a alterações na interface de programação (API) do Facebook foi removido o acesso aos dados para a *Netvizz* em 4 de setembro de 2019, impedindo o seu funcionamento. Disponível em: <<http://labs.polsys.net/>> Acesso em 01/01/2019.

<sup>88</sup> Os softwares utilizados são de iniciativa gratuita com exceção do FAI, que pode ser utilizado também de modo pago para que propagandas sejam direcionadas a um público requerido.

Entretanto, o objetivo dessa discussão não é invalidar o discurso daqueles que intentam combater o preconceito, mas sim evidenciar que a problemática não é apenas o posicionamento polarizado ideologicamente, é também a forma de organização do pensamento em blocos estagnados que incitam a “raiva feroz pela indiferença”. Em sua análise do antissemitismo, Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que a mentalidade do *ticket* é em geral antissemita, mesmo quando os sujeitos aderem ao *ticket* progressista, porque o cerne infesto do problema é a perda progressiva da experiência.

A caracterização desse pensamento de *ticket* é pertinente à maioria das classes apresentadas, todavia, nesta análise, o discurso religioso aparece como elemento que justifica, em ambos os pólos, a argumentação inimiga da diferença. Assim, fundamentados na superficialidade de trechos apocalípticos da Bíblia, são pautados os discursos de ódio preconceituosos contra mulheres, negros, povos originários, pessoas LGBTQIA+ e, ao mesmo tempo, a crítica ao conservadorismo político, em ascensão no Brasil. O pensamento polarizado, alocado em blocos de ideias que respondem automaticamente com embate odioso serve de modo oportuno às estratégias de quantificação de dados massivos. Nos capítulos anteriores o gerenciamento de discursos de ódio em plataformas online pôde ser discutido com base na estrutura algorítmica de quem desenha as tecnologias digitais da informação e comunicação. Desse modo, desvela-se o quanto os discursos são calculadamente controlados, incitados e permissivos nesse espaço mesmo quando antidemocráticos.

Não se pode dissociar o âmbito social e político do uso cada vez maior das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e, do mesmo modo, não é possível criticar a constituição do capitalismo tardio na contemporaneidade sem analisar as transformações objetivas que condicionam a formação subjetiva à novas formas de dominação da humanidade. “Uma não-liberdade confortável, muito agradável, racional e democrática prevalece na civilização industrial avançada, um sinal do progresso técnico.” (MARCUSE, 2015, p.41). É assim que Marcuse inicia o primeiro capítulo da obra *O homem unidimensional* para analisar as tendências regressivas que se transmutam há muito em novas formas de controle. A crítica marcuseana vai de encontro ao cerceamento de direitos e liberdades, que anteriormente fez parte do ideário da sociedade burguesa.

O empobrecimento da experiência acrescido da racionalização algorítmica crescente no cotidiano na sociedade contemporânea age em consonância com o paradoxo no qual cada vez mais nossos direitos e liberdades estão à mercê da *Big Tech*. O Estado de bem-estar social é transmutado em Estado de bem-estar digital, cooptando serviços adquiridos como direitos em mercadorias controladas por grandes empresas digitais (MOROZOV, 2018).

Assim, evidencia-se a crise da democracia burguesa, calcada em uma representatividade manipulada pré-moldada, lembrando a proposição na qual se estabelece a Indústria Cultural, na qual Adorno e Horkheimer (1985) analisam que o consumidor “não é rei”, ou sequer o sujeito, mas sim o objeto da própria produção na Indústria Cultural.

Desse modo, pode-se entender que a identificação com um dos lados na polarização política é mais um componente desse sistema, que não é particular, mas padronizado de acordo com o que é objetivo teleológico do capitalismo tardio. Por meio da obtenção de informações sobre o que gostamos, pensamos e desejamos, torna-se cada vez mais fácil delinear perfis supostamente representativos daqueles que gerenciam o poder público. Assim, retomando a crítica de Marcuse (2015), a racionalidade tecnológica protege a legitimidade da dominação, fundamentando a constituição de uma sociedade totalitária, na qual o progresso técnico é transformado na instrumentalização da humanidade, dos seus direitos e de sua liberdade.

A discussão da produção do pensamento na sociedade hodierna inclui novas perspectivas aos temas que movem a flexibilidade social, enquanto proposta diagnóstica do contemporâneo. Analisar as tendências objetivas e subjetivas de uma sociabilidade mediada por computadores confere perspectivas críticas ao crescimento exponencial dos limites de uma racionalização, que via atualização cada vez mais extensiva em formas de dominação, intenta transformar os sujeitos e a vida em objetos calculáveis.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, K. C. K. História e usos da internet. **BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 2009, p. 01-09, 2009.
- ABREU, J. M.; MELO, D. P. SILVA, L. A. Redes sociais e comportamento político violento: Uma síntese das ameaças aos direitos humanos no Brasil. **JURIS - Revista da Faculdade de Direito**, v. 27, n. 2, p. 139-154, 2017.
- ADORNO, T. W. **Mínima Moralía: Arte e comunicação**. Lisboa-Portugal: Edições, v. 70, 1951.
- ADORNO, T. W. et al. **The authoritarian personality**. 1969. (Original publicado em 1950)
- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W. **Liderança democrática e manipulação de massas**. 1986a. Reproduzido de *Gesammelte Schriften* Vol. 20, T. I [Soziologische Schriften] Frankfurt: Surhkamp Verlag, p. 267-286, 1986a. Traduzido por Francisco Rüdiger.
- ADORNO, T. W. **Sobre música popular**. In: COHN, G. Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, p. 7-30, 1986b.
- ADORNO, T. W. **Sociedade industrial ou capitalismo tardio**. In: COHN, G. Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, p. 62-75, 1986c.
- ADORNO, T. W. Progresso. **Lua Nova**, n. 27, p. 217-236, 1992.
- ADORNO, T.W. Analytical study of the NBC music appreciation hour. **The Musical Quarterly**, Oxford, v. 78, n. 2, p. 326-377, 1994.
- ADORNO, T. W. Experiências científicas nos Estados Unidos. In: ADORNO, T.W. **Palavras e sinais: modelos críticos**, v. 2, p. 137-178, 1995a.
- ADORNO, T.W. Educação e Emancipação. Trad. Wolfgang Leo Maar. In: ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.
- ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. **Educação e sociedade**, v. 56, n. 10, p. 388-411, 1996.
- ADORNO, T. W. **The psychological technique of Martin Luther Thomas" radio addresses**. Stanford: Stanford University Press, 2000. (Original publicado em 1943)
- ADORNO, T. W. O ensaio como forma. **Notas de Literatura I**, v. 2, p. 15-45, 2003.
- ALBUQUERQUE J, D.M. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. Cortez Editora, 2016.
- ALLEN, A. O Fim do Progresso. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, v. 2, p. 14-42, 2018.

ALVES, J. A. L. Coexistência cultural e " guerras de religião". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 21-35, 2010.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Cadernos da Escola de Comunicação**, v. 1, n. 6, p. 34-40, 2017.

AMINE, A.; SITZ, L. **How does a virtual brand community emerge? Some implications for marketing research** (Research Paper). University Paris, 2004.

ANTUNES, D. C. **Por um conhecimento sincero no mundo falso: Teoria Crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4791?show=full>> Acesso em 22 ago. 2018.

ANTUNES, D. C. Tolerância e democracia hoje: o discurso de deputados em defesa da posição conservadora. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 3-13, 2016.

ANTUNES, R.; BRAGA, R. Os dias que abalaram o Brasil: as rebeliões de junho, julho de 2013. **Revista Políticas Públicas**, v. 18, p. 41-47, 2014.

ARAÚJO, R. P. A.; PENTEADO, C. L. C.; SANTOS, M. B. P. Democracia digital e experiências de e-participação: Webativismo e políticas públicas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 22, n. supl, p. 1597-1619, 2015.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad.: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

AZEVEDO, F.; RUBIM, A. Mídia e política no Brasil: Textos e agenda de pesquisa. **Lua Nova**, v. 43, p. 189-216, 1998.

AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: Relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, v. 12, n. 1, p. 88-113, 2006.

BANKS, J. Regulating hate speech online. **International Review of Law, Computers & Technology**, v. 24, n. 3, p. 233-239, 2010.

BANNON, D. 'Marketing segmentation and political marketing', paper presented to the UK Political Studies Association conference, University of Lincoln, Lincoln, UK, 2004.

BARTHES, R. A antiga retórica. In.: BARTHES, R. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BECKER, C. CESAR, C. GALLAS, D. WEBER, M. Manifestações e votos sobre impeachment de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 13, n. 24, 2017.

BEN-DAVID, A.; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, A. Hate speech and covert discrimination on social media: Monitoring the Facebook pages of extreme-right political parties in Spain. **International Journal of Communication**, v. 10, p. 1167-1193, 2016.

BENJAMIN, W. Sobre o Conceito de História. In.: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: Obras escolhidas. Brasiliense, p. 222-232, 1985.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. **Revista Crítica Marxista**, n. 3, p. 14-44, 1996.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In.: CARONE, I. **Psicologia social do racismo**: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, p. 5-58, 2002.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. Unesp, 2001.

BRAGA, S. S.; CARLOMAGNO, M. C. Eleições como de costume? Uma análise longitudinal das mudanças provocadas nas campanhas eleitorais brasileiras pelas tecnologias digitais (1998-2016). **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 26. Brasília, p. 7-62, mai.-ago. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Gênero e Diversidade sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília: MEC/SECADI, 2007.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Zahar, 2016.

BUCHER, T. Want to be on the top? Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook. **New Media & Society**, v. 14, n. 7, p. 1164-1180, 2012.

CÁDIMA, F. Media, Cidadania e Big data. **Media & Jornalismo**, p. 63-72, 2015.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software IRAMUTEQ. **Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição**, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 32, 2016.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software IRAMUTEQ** (Tutorial for Using the IRAMUTEQ Software). 2018.

CARONE, E. **Coronelismo**: Definição histórica bibliografia. Revista de administração de empresas, v. 11, n. 3, p. 85-92, 1971.

CARONE, I. Adorno e a educação musical pelo rádio. **Educação & Sociedade**, v. 24, n. 83, p. 477-493, 2003.

CARONE, I. A Personalidade Autoritária: Estudos Frankfurtianos sobre o Fascismo. **Revista Sociologia em Rede**, v. 2, n. 2, p. 14-21, 2012.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 2002.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: Do conhecimento à política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (orgs.). **A sociedade em rede: Do conhecimento à ação política**. Conferência. Belém: Imprensa Nacional, p. 17-30, 2005.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Zahar, 2017.

CASTELLS, M. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASTRO, F. C. L. Os riscos de degeneração da democracia contemporânea—a atomização social e o discurso totalitário. **CONJECTURA: Filosofia e Educação**, v. 23, n. Especial, p. 366-385, 2018.

CHARTIER, J.-F.; MEUNIER, J.-G. Text mining methods for social representation analysis in Large Corpora. **Papers on Social Representations**, v. 20, n. 37, p.1-47, 2011.

CHAUÍ, M. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHAUÍ, M. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do Conservadorismo. In: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (org.). **Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

COBRA, M. **Administração de marketing no Brasil**. Elsevier Brasil, 2009.

CODATO, A. N. Uma história política da transição brasileira: Da ditadura militar à democracia. **Revista de Sociologia e Política**, n. 25, 2005.

COHN, G. Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 43, p. 5-24, 1998.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE - CNS. Resolução nº 510/2016 – Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em 20 out. 2018.

COSTA, F. V.; FREITAS, A E. P. A linha tênue entre o exercício do direito de liberdade religiosa em face do discurso de ódio. **Prisma Jurídico**, v. 16, n. 2, p. 479-503, 2017.

COSTA, A. B. F. VICENTIN, D. LARA, P. J. O. M. Espectro livre e vigilância. In: BRUNO, F. et al. (orgs.) **Tecnopolíticas da Vigilância: Perspectivas da Margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.



- CROCCO, F. L. T. Indústria Cultural: Ideologia, consumo e semiformação. **Revista Eptic**, v. 11, n. 1, 2009.
- CUNHA, V.D. C.; LOPES, P. V. L.; LUI, J. **Religião e política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll: Instituto de Estudos da Religião, 2017.
- DAVIDSON, S.; BINSTOCK, R. H. **Political marketing and segmentation in aging democracies**. In: Routledge handbook of political marketing. Routledge, 2012. p. 36-49.
- DEL VICARIO, M.; BESSI, A.; ZOLLO, F.; PETRONI, F.; SCALA, A.; CALDARELLI, G.; QUATTROCIOCCI, W. The spreading of misinformation online. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 113, n. 3, p. 554-559, 2016.
- DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, n. 39, p. 39-50, 2011.
- DREDGE, S. How does Facebook decide what to show in my news feed? **The Guardian**. 30 jun. 2014 Disponível em <<https://www.theguardian.com/technology/2014/jun/30/facebook-news-feedfilters-emotion-study>> Acessado em 17 dez. 2019.
- DUARTE, N. **A ordem privada e a organização política nacional**: Contribuição à sociologia política brasileira. Brasileira, 1939.
- ESTEBAN, M. Sujeitos singulares e tramas complexas – desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In: GARCIA, R. (org.). **Método, Métodos, Contramétodo**. São Paulo: Cortez, p. 125- 146, 2003.
- FAORO, R. **Os donos do poder-formação do patronato político brasileiro**. Globo Livros, 2013.
- FAUSTO, R. Depois do temporal In: ABRANCHES, S. et al. **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FEENBERG, A. **O que é filosofia da tecnologia?** Trad. Agustin Apaza e Daniel Durante P. Alves. Conferência pronunciada para estudantes universitários de Komaba – Japão; junho, 2003.
- FONTANA, F. F.; CORDENONSI, A. Z. TDIC como mediadora do processo de ensino-aprendizagem da arquivologia. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 25, n. 51, p. 101-131, jul./dez. 2015.
- FOURNIER, S.; LEE, L. Getting brand communities right. **Harvard Business Review**, v. 87, n. 4, p. 105-111, 2009.
- FREIDENBERG, F.; LÓPEZ, F. S. Como se escolhe um candidato a presidente? Regras e práticas nos partidos políticos da América Latina. **Opinião Pública**, v. 8, n. 2, p. 158-188, 2002.
- FREITAG, B. **A Teoria Crítica**: Ontem e hoje. Editora Brasiliense, 1988.

FREITAS, F. D.; ALMEIDA, V. M. C. Modelo teórico do engajamento no contexto das comunidades de marca. **Brazilian Business Review**, v. 14, n. 1, p. 87-109, 2017.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização (1930)**. São Paulo: Companhia das Letras. Obras completas, v. 18, 2010.

GAUCHET, M. Right and left. In.: NORA, P. (Org.) **Realms of memory: Rethinking the French past**. New York: Columbia University Press, p. 241-299, 1997.

GEDDES, B. O que sabemos sobre democratização depois de vinte anos? **Opinião Pública**, v. 7, n. 2, p. 221-252, 2001.

GOHN, M. G. M. A sociedade brasileira em movimento: Vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Caderno CRH**, v. 27, n. 71, p. 431-441, 2014.

GOHN, M. G. M. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de junho de 2013: Novíssimos sujeitos em cena. **Revista Diálogo Educacional**, v. 16, n. 47, p. 125-146, 2016.

COFFEY, B. A development and testing framework for simulation-based supervisory control with application to optimal zone temperature ramping demand response using a modified genetic algorithm. Concordia University. 2008.

GOMES, W. et al. "Politics 2.0": A campanha on-line de Barack Obama em 2008. **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, n. 34, p. 29-43, 2009.

GRESPLAN, C. L.; GOELLNER, S. V. "Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual": Sexualidade, educação e a potência do discurso heteronormativo. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, n. 19, 2011.

GUZMÁN, F.; SIERRA, V. A political candidate's brand image scale: Are political candidates brands? **Journal of Brand Management**, v. 17, n. 3, p. 207-217, 2009.

HARVEY, D. **Para entender O Capital**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2015.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

HELBING, D. et al. Will democracy survive Big Data and artificial intelligence? We are in the middle of a technological upheaval that will transform the way society is organized. We must make the right decisions now. **Scientific American**, fev. 2017. Disponível em <<https://www.scientificamerican.com/article/will-democracy-survive-big-data-and-artificial-intelligence/>>.

HELMOND, A. The platformization of the web: Making web data platform ready. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, 2015.

HOLANDA, R. R.; DE LAVOR FILHO, T. L.; ANTUNES, D. C. Indústria cultural e (semi) informação: mídias sociais e fake news nos entornos da política brasileira. **ID online – Revista de Psicologia**, v. 13, n. 46, p. 262-276, 2019.

HORKHEIMER, M. Research project on anti-semitism: Idea of the Project. In:

HORKHEIMER, M. **Zeitschrift für Sozialforschung (Studies in Philosophy and Social Science)**, Vol. IX, New York, 1941.

HORKHEIMER, M.; FLOWERMAN, S. H. Preface. In: ADORNO, T.W. et al. **The Authoritarian personality**. New York: WW Norton, 1969.

HORKHEIMER, M. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

INTRONA, L. D. Algorithms, performativity and governability. In: **Governing Algorithms: A Conference on Computation, Automation, and Control**. New York University, May. 2013. p. 16-17.

JARDIM, D. F.; ZANONI, A. Imigrante ou refugiado: diferentes perspectivas de vida. **IHU on-line**. São Leopoldo, RS, 2011.

JAY, M. **A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950**. Contraponto, 2008.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook**. Editora Intrínseca, 2011.

KLEIN, A. Slipping Racism into the Mainstream: A Theory of Information Laundering. **Communication Theory**, v. 22, n. 4, p. 427-448, 2012.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de marketing: A bíblia do marketing**. 12ª edição. 2006.

KOWALSKI, R. Algorithm = logic + control. **Communications of the ACM**, v. 22, n. 7, p. 424-436, 1979.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Penso Editora, 2014.

LAHLOU, S. L'analyse lexicale. **Variances**, n. 3, p.13-24, 1994.

LANEY, D. **3D data management: Controlling data volume**. Velocity and Variety, 2001.

LARA, S. H. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. **Projeto história: revista do programa de estudos pós-graduados de história**, v. 16, 1998.

LEARMONTH, M. Social media paves way to White House. **Advertising Age**, v. 80, n. 11, p. 16, 2009.

LEBART, L.; SALEM, A. **Statistique textuelle**. Paris: Dunod, 1994.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Zahar, 2018.

LEVY, P. **Cibercultura**. Editora 34, São Paulo, 2010.

LIMA, J. B. B.; MUÑOZ, F. P. F.; NAZARENO, L. A.; AMARAL, NEMO, A. **Refúgio no Brasil**: Caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014). 2017.

LOPES, F. L. Contribuições da Retórica para o campo da comunicação e para os estudos de mídia. **Interin**, v. 14, n. 2, p. 18-30, 2012.

LÖWY, M.; VARIKAS, E. A crítica do progresso em Adorno. **Lua Nova**, n. 27, p. 201-216, 1992.

LUCKERSON, V. Here's how Facebook's news feed actually works. 9 jul. 2015. **Time**. Disponível em <<http://time.com/3950525/facebook-news-feed-algorithm/>>

MAAR, W. L. A produção da sociedade pela indústria cultural. **Revista Olhar**, v. 3, n. 2, p. 2-24, 2000.

MAAR, W. L. Adorno, semiformação e educação. **Educação & Sociedade**, v. 24, n. 83, p. 459-475, 2003.

MAAR, W. L. Luta de classes na socialização capitalista estado privatizado e construção privada da esfera pública. In: SINGER, A.; LOUREIRO, I. **As contradições do Lulismo: A que ponto chegamos?** São Paulo: Boitempo, 2016.

MACHADO, J.; MISKOLCI, R. Das jornadas de junho à cruzada moral: O papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v.09.03: 945-970, set.-dez., 2019

MADEIRA, R. M.; SILVA TAROUÇO, G. Esquerda e direita no Brasil: Uma análise conceitual. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 8, n. 15, 2011.

MADEIRA, R. M.; SILVA TAROUÇO, G. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, v. 21, n. 45, p. 149, 2013.

MANYIKA, J., CHUI, M., BROWN, B., BUGHIN, J., DOBBS, R., OXBURGH, C.; BYERS A. H. **Big data**: The next frontier for innovation, competition, and productivity. Mc-Kinsey Global Institute, mai, 2016.

MANOVICH, L. **Trending: the promises and the challenges of big social data**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

MANOVICH, L. 100 Billion Data Rows per Second: Culture Industry and Media Analytics in the Early 21st Century. **International Journal of Communication**, 2016.

MANOVICH, L. The algorithms of our lives. **The Chronicle of Higher Education**. 16 dez. 2013. Disponível em <<http://chronicle.com/article/The-Algorithms-of-Our-Lives-/143557/>> Acessado em 17 dez. 2019.

MARCHAND, P.; RATINAUD, P. L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française. **Actes des 11<sup>ème</sup> Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles**. JADT, v. 2012, p. 687-699, 2012.

MARCUSE, H. Tolerância repressiva. **Protestantismo em Revista**, v. 12, p. 28-58, 2007.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada (R. Oliveira, DC Antunes, & RC Silva, trads.). São Paulo, SP: Edipro. (Trabalho original publicado em 1964), 2015.

MARCUSE, H. O destino histórico da democracia burguesa. Trad. Fernando Bee. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, Dossiê Herbert Marcuse, Parte 2, v. 2, n. 1.2, p. 42-76, jun. 2018a.

MARCUSE, H. Agressividade em sociedades industriais avançadas. Trad. Inara Luisa Marin e Ricardo Crissúma. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, Dossiê Herbert Marcuse, Parte 2, v. 2, n. 1. 2, p. 20-41, jun. 2018b.

MARQUESE, R. B. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estudos CEBRAP**, n. 74, p. 107-123, 2006.

MARTINS, M. G.; TATEOKI, V. A. Proteção de dados pessoais e democracia: Fake news, manipulação do eleitor e o caso da Cambridge Analytica. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade - REDES**, v. 7, n. 3, p. 135-148, 2019.

MARX, Karl Heinrich. Mercadoria e Dinheiro In: BARBOSA, R.; KOTHE, F. R. (trad.) **O Capital**: Crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, v. 1, p. 163-197, 1996.

MARX, K. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MASSANARI, A. #Gamergate and The Fapping: How Reddit's algorithm, governance, and culture support toxic technocultures. **New Media & Society**, v. 19, n. 3, p. 329-346, 2016.

MIGUEL, L.F. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, n. 55-56, p. 155-184, 2002.

MIGUEL, L.F.; BIROLI, F. MEIOS de comunicação de massa e eleições no Brasil: Da influência simples à interação complexa. **Revista USP**, n. 90, p. 74-83, 2011.

MUNIZ, A. M.; O'GUINN, T. C. Brand community. **Journal of consumer research**, v. 27, n. 4, p. 412-432, 2001.

NEWMAN, N. et al. **Reuters institute digital news report 2019**. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2019. Disponível em <<http://www.digitalnewsreport.org/survey/2019/overview-key-findings-2019/>> Acessado em 17 dez. 2019.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2015.

PARISER, E. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você.** Zahar, 2012.

PASQUALE, Frank. Rankings, reductionism, and responsibility. **Cleveland State Law Review**, 54, p. 115-139, 2006. Disponível em <[https://digitalcommons.law.umaryland.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2355&context=fac\\_pubs](https://digitalcommons.law.umaryland.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2355&context=fac_pubs)>. Acesso em 19 abr. 2018.

PASQUALE, F. A esfera pública automatizada. **Líbero**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 16-35, 2017. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/866/832>>. Acesso em 19 abr. 2018.

PETRY, H.; NASCIMENTO, D. M. “Tá com dó? Leva pra casa!” Análise dos discursos favoráveis à redução da maioridade penal em rede social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 2, p. 426-438, 2016.

PIANCIOLA, C. Socialismo. **Diccionario de Política**, v. 13 p. 1501-1507, 1992.

PINTO, C. R. J. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova**, n. 100, p. 119-155, 2017.

PINTO, M. J. Retórica e análise de discursos. **Fronteiras - Estudos midiáticos**, v. 2, p. 1, 2009.

POWER, N. Sociedade sem oposição: O homem unidimensional de Marcuse encontra o Realismo capitalista de Mark Fisher. Trad. Bárbara Santos. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, Dossiê Herbert Marcuse, Parte 1, v. 2, n. 1.1, p. 22-34, junho de 2018.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

REINO, L. M. G.; ENDO, P. C. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. **Trivium – Estudos Interdisciplinares**, v. 3, n. 2, p. 16-27, 2011.

RIEDER, B. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. **Proceedings of the 5th annual ACM Web Science Conference**. ACM, p. 346-355, 2013.

RODRIGUES, J. H. **História da história do Brasil**. Brasiliense, 1988.

ROEBER, A. S.; OLIVEIRA, C. R. A.; ANDRADE, H. P.; SILVA, T. M. M.; SANTOS, D. T. G. O totalitarismo. **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 4, n. 1, 2017.

ROMANCINI, R. Do “Kit Gay” ao “Monitor da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Revista Contracampo**, v. 37, n. 2, 2018.

ROSEN, J. The deciders: The future of privacy and free speech in the age of Facebook and Google. **Fordham L. Rev.**, v. 80, p. 1525, 2011.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

RUBIM, A. A. C. A contemporaneidade como Idade Mídia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, p. 25-36, 2000.

RUBIM, A. A. C. Novas configurações das eleições na Idade Mídia. **Opinião Pública**, v. 7, n. 2, p. 168-181, 2001.

RUSCONI, G. E. Capitalismo. **Dicionário de Política**, v. 13, p. 141-148, 1992.

SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.

SALEH, K.; AYAT, S. **Otimização de Conversão: A Arte e a Ciência de converter Prospects em Clientes**. Novatec. São Paulo, SP. 2011.

SANTOS JUNIOR, M. A.; ALBUQUERQUE, A. Perda da hegemonia da imprensa: A disputa pela visibilidade na eleição de 2018. **Lumina**, v. 13, n. 3, p. 5-28, 2019.

SANTOS, V. et al. IRAMUTEQ nas pesquisas qualitativas brasileiras da área da saúde: scoping review. **CIAIQ 2017**, v. 2, 2017.

SCHERER-WARREN, I. Redes de movimentos sociais na América Latina: Caminhos para uma política emancipatória? **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, Dez. 2008. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792008000300007>>.

SCHWARTZMAN, Simon. **Bases do autoritarismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

SHEPHERD, T.; HARVEY, A.; JORDAN, T.; SRAUY, S.; MILTNER, K. Histories of Hating. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, 2015.

SILVA, R. L.; NICHEL, A.; MARTINS, A. C. L.; BORCHARDT, C. K. Discursos de ódio em redes sociais: Jurisprudência brasileira. **Rev. Direito GV** [online], v.7, n.2, p. 445-468, 2011.

SILVA, V. B. Marketing digital como ferramenta estratégica e as oportunidades nas redes sociais. **e3**, v. 2, n. 1, p. 42-61, 2016.

SILVA, L. R. L., BOTELHO-FRANCISCO, R. E.; PONTES, V. R. A gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais: um comparativo entre Facebook, Twitter e Youtube. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 470-492, 2019.

SILVA, S. R. Progresso, modernidade e colonialismo na América Latina. **Desenvolvimento e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 105-116, 2019.

SILVEIRA, S. A. Governo dos algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**, v. 21, n. 1, p. 267-281, 2017.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia**. Tradução: Milton Camargo Mota. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.

SINGER, A. **Os sentidos do lulismo: Reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, A. Brasil: junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos**, CEBRAP, n. 97, p. 23-40, 2013.

SOARES, S. J. BUENO, F. F. L. CALEGARI, L. M. LACERDA, M. M. DIAS, R. F. N. C. O Uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no processo de ensino-aprendizagem. **Anais do Congresso Internacional ABED de Educação a distância**, Bento Gonçalves, RS. 2015. Disponível em <<http://www.abed.org.br/hotsite/21-ciaed/pt/anais/>>

TEIXEIRA, J. F. **Mentes e máquinas: Uma introdução à ciência cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TOLE, A. A. et al. Big data challenges. **Database Systems Journal**, v. 4, n. 3, p. 31-40, 2013.

TOQUERO, M.; MORETON, A. El ciberodio, la nueva cara del mensaje de odio: Entre la cibercriminalidad y la libertad de expresión. **Rev. Jurídica Castilla & Leon**, v. 27, p. 18, 2012.

TURKLE, S. How computers change the way we think. **The Chronicle of Higher Education**, v. 50, n. 21, p. B26, 2004.

TURKLE, S. **The second self: Computers and the human spirit**. MIT Press, 2005.

TURKLE, S. Always on. In.: TURKLE, S. **Alone Together: Why we expect more from technology and less from each other**. New York: Basic Books, p. 151-170, 2011.

WIENER, J.; BRONSON, N. Facebook's top open data problems. 22 out. 2014. **Facebook**. Disponível em <<https://research.fb.com/facebook-s-top-open-data-problems/>>

WU, T. **Impérios da comunicação: Do telefone à internet, da AT&T ao Google**. Zahar, 2012.

ZUBER, V. Os direitos humanos têm uma origem religiosa? **SUR 29**, v. 16, n. 29, p. 19-33, ago. 2019

ZUIN, A. A. S. Sobre a atualidade do conceito de Indústria Cultural. **Caderno CEDES**, Centro de Estudos Educação e Sociedade, vol.21, n.54, p. 9-18, 2001.



## APÊNDICE A – RELATÓRIO DA COLETA DE DADOS

Facebook ID Jovens de Esquerda: 665517103649471

Facebook ID Eu era Direita e não sabia: 445300615668959

### Agosto

Data da coleta: 16/08 a 31/08 Retirada em 4/10

- *Post esquerda:*

<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/photos/a.667063926828122/922232807977898/?type=3>

- *Post direita:*

<https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/photos/a.457616457770708/903085926557090/?type=3>

### Setembro

Data da coleta: 01/09 a 30/09 Retirada em 9/10

- *Post esquerda:*

<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/photos/a.667063926828122/943513375849841/?type=3>

- *Post direita:*

<https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/photos/a.446387198893634/909892232543126/?type=3>

### Outubro

Primeira tentativa: Data da coleta: 01/10 a 31/10 Retirada em 14/11

- *Post esquerda:* não foi realizada (página foi derrubada)
- *Post direita:* não foi realizada

Segunda tentativa: Data da coleta: 01/10 a 31/10 Retirada em 21/11

- *Post esquerda:*

<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/photos/a.667063926828122/957886474412531/?type=3>

- *Post direita:*

<https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/videos/330951810996418/>

*Novembro*

Data da coleta: 01/11 a 30/11 Retirada em 01/12

- *Post* esquerda: <https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/posts/979399142261264>
- *Post* direita:  
<https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/posts/944680675730948:0>

**APÊNDICE B – DESCRIÇÃO DOS SEGMENTOS TÍPICOS DA CHD DO *CORPUS***

**“EU ERA DIREITA E NÃO SABIA”**

<b>Classe</b>	<b><math>\chi^2</math></b>	<b>Segmento de texto</b>
1	86,42	Veja o vídeo novamente e depois me responda se ele é uma <b>pessoa</b> que <b>sabe</b> debater e fala <b>coisas</b> coerentes realmente nem isso ele <b>sabe</b> imagina só um <b>cara</b> assim <b>governando</b> o Brasil.
	77,88	<b>coroné</b> cirão da massa de manobra é o pior tipo de <b>pessoa</b> e tem gente que ainda apoia não <b>sei</b> se é desespero pra <b>sai</b> do spc no dia 8 ele vai dizer a <b>mesma coisa</b> quando foi acusado de ter falado merda nunca disse isso <b>kkkkkk</b> .
	61,01	já podia já ter ido com essa carniça vai tarde e primeiro aprende a cantar só sabe berrar só poluição sonora se é falta de tchau e adeus demorou.
	45,27	vai que o <b>lula</b> melhorou as <b>coisas</b> por lá só que não.
	38,38	não só do <b>lula</b> mas de todos os partidos de esquerda.
	37,50	isso é um doido isso não <b>sabe governa</b> nem a casa dele imagine um país.
2	99,40	contraditório <b>falar</b> que o Bolsonaro é machista e <b>votar</b> em <b>Ciro vota</b> no Daciolo pelo menos.
	82,44	vamos <b>falar</b> de um <b>candidato</b> machista que faz apologia a violência que não respeita ninguém homofóbico <b>Ciro</b> .
	78,02	<b>vota</b> no <b>Ciro</b> .
	61,06	trocar o PT pelo <b>Ciro</b> é a mesma coisa que trocar o lado do glúteo pra <b>tomar</b> benzetacil.
	58,79	amanhã é <b>dia</b> de <b>votar</b> vá e vote no seu <b>candidato</b> é simples.
	54,76	o <b>dia</b> hoje tá <b>bom</b> só notícia <b>boa</b> primeiro o <b>ciro</b> e agora este zé ruela.
3	151,52	ué tem vários, <b>Venezuela Cuba Nicarágua Bolívia e Coréia do norte</b> são alguns.
	144,42	vai pra <b>Cuba Coréia do norte Venezuela Nicarágua</b> vai para o berço do <b>capitalismo</b> e imperialismo.
	141,34	<b>Venezuela Cuba Nicarágua</b> se você quiser algo mais longe <b>Coréia do norte</b> .
	141,34	<b>Venezuela Cuba Nicarágua Coréia do norte</b> e fique bem.
	141,34	vai para um país <b>capitalista</b> oxente vá pra <b>Coréia do Norte Cuba Venezuela China</b> ou pra pqp.
	135,86	Rússia também seria uma <b>boa</b> opção além da <b>Venezuela Cuba e Coréia do norte</b> é claro.

---

	93,63	vá pra Venezuela <b>morrer</b> de fome lá <b>Bolsonaro presidente do Brasil</b> já.
	61,06	<b>Bolsonaro presidente</b> 17.
	58,93	<b>Bolsonaro</b> nem <b>ganhou</b> ainda é já está fazendo melhorias no <b>país</b> .
4	58,93	está certinho é um retrocesso o <b>Bolsonaro</b> na presidência lembrando que nenhum governo militar <b>deu</b> certo no mundo vide Hitler na Alemanha enfim um <b>país</b> sem educação vota no <b>Bolsonaro</b> .
	58,93	prepare as malas porque <b>Bolsonaro ganhando</b> você vai por opção <b>Bolsonaro</b> perdendo seremos todos obrigados a buscar refúgio em outros <b>países</b> igual os venezuelanos.
	57,49	tô vendo que o <b>Brasil</b> vai estar limpo antes do <b>Bolsonaro entrar</b> .

---

Fonte: Dados da autora.

**APÊNDICE C – DESCRIÇÃO DOS SEGMENTOS TÍPICOS DA CHD DO *CORPUS***  
**“JOVENS DE ESQUERDA”**

Classe	$\chi^2$	Segmento de texto
1	180,44	uma <b>página</b> de <b>esquerda</b> condena os <b>brasileiros</b> revoltados dizendo que a solução é a união com os <b>venezuelanos</b> a fim de instaurar um <b>governo</b> de <b>esquerda venezuelanos</b> e agora os <b>brasileiros</b> fogem de seus <b>país</b> uma <b>ditadura</b> de <b>esquerda</b> até o infinito.
	156,56	mas esse assunto não deve se tratar apenas de religião nosso <b>país</b> está com a economia muito <b>ruim</b> como todos nós <b>sabemos</b> não tem <b>emprego</b> nem para os <b>brasileiros</b> você acha que vai ter para os <b>venezuelanos</b> não.
	152,29	isso é porque o <b>brasil</b> possui a segunda <b>maior população</b> japonesa do <b>mundo</b> e por isso <b>brasileiros</b> entram no <b>Japão</b> são descendentes de japoneses e não <b>chamei venezuelanos</b> de maçãs <b>podres</b> estou falando das maçãs <b>podres</b> escondidas no meio dos <b>imigrantes</b> .
	150,70	<b>venezuelanos</b> fogem de seus <b>país</b> uma <b>ditadura</b> de <b>esquerda</b> dentre os <b>refugiados</b> há inúmeros bons <b>venezuelanos</b> , mas há também muitos que cometem diversos crimes em solo <b>brasileiro</b> .
	147,61	sim podem ser os <b>brasileiros</b> pedindo abrigo em outro <b>país</b> só que os outros <b>países</b> <b>ajudam</b> sua <b>própria</b> nação e ainda <b>ajudam</b> os <b>imigrantes</b> , mas o <b>brasil</b> não tá dando <b>conta</b> e nem ajuda sua <b>própria</b> nação imagina a <b>população</b> e outro <b>país</b> .
	127,18	o <b>Brasil</b> não deve abrir suas <b>fronteiras</b> pro <b>mundo</b> como se isso aqui fosse a <b>casa</b> da mãe joana é matemática simples não <b>existem recursos</b> suficientes para os <b>brasileiros</b> que dirá para <b>metade da Venezuela</b> .
	193,03	o <b>amor</b> de <b>deus</b> é ágape <b>ama</b> o <b>pecador</b> capaz de <b>dar</b> a <b>vida</b> pelo seu inimigo e assim <b>Jesus Cristo</b> fez você <b>daria</b> a <b>vida</b> pelo o assassino de sua mãe esposa filha ou algo parecido.
	165,38	<b>Jesus Cristo</b> manda a <b>gente</b> perdoar e <b>amar</b> para que possamos ter <b>paz</b> com todos, mas sua <b>palavra</b> também diz que nos últimos dias o <b>amor</b> de muitos esfriaria por aumentar a iniquidade.
	160,55	ah entendi então o <b>Jesus Cristo</b> que você <b>conhece</b> incentivava as crianças a serem gays e a se masturbarem a defender <b>estuprador</b> defender <b>bandido</b> , hum legal já que <b>citam a bíblia</b> nela diz também que é olho por olho e dente por dente.
	2	148,94
147,39		certíssimo o post <b>Jesus Cristo</b> não é a <b>favor</b> do aborto, mas também não é a favor da <b>violência</b> da intolerância e da morte <b>Jesus Cristo</b> é <b>amor, vida</b> e <b>paz</b> ele não.
146,19		pois é né <b>Jesus Cristo</b> agora é a <b>favor</b> de tudo que é do inferno o que eles estão querendo então a <b>bíblia</b> está errada.

	<p>160,20 e o <b>aborto</b> já é previsto por <b>lei</b> se a <b>pessoa</b> ã quer a <b>criança</b> <b>pq</b> ã coloca para a adoção, mas <b>claro</b> que em <b>casos</b> de <b>estupro</b> eu <b>concordo</b> ou em casos de risco de vida para a mulher tirando isso ã tem o <b>pq</b> legalizar bolsonaro_presidente_2018.</p>
	<p>155,03 enfim já está previsto em <b>lei</b> que <b>mulher</b> e <b>homem</b> exercendo a <b>mesma função</b> tem que ganhar o mesmo valor <b>caso</b> contrário <b>denuncie</b> isso não cabe ao <b>presidente</b> da república fiscalizar e sim ao ministério <b>público</b> do trabalho.</p>
	<p>145,38 então <b>parem</b> de tratar <b>aborto</b> como algo que <b>só</b> vai <b>acontecer</b> se for <b>legalizado</b> <b>repito</b> acontece todos os dias eu sou contra a retirada da <b>vida</b>, porém se for <b>acontecer</b> que acontece de <b>forma</b> digna para a <b>mulher</b> pobre assim como <b>acontece</b> com as <b>mulheres</b> ricas.</p>
3	<p>139,97 se porque a <b>mulher</b> quer trabalhar e não tem como cuidar do <b>filho</b> oferecem creches <b>públicas</b> e etc. para cada <b>caso</b> eles oferecem uma <b>solução</b> e <b>acontece</b> que desde que o <b>aborto</b> foi <b>legalizado</b> a quantidade de <b>abortos</b> realizados por ano vem decrescendo consideravelmente.</p>
	<p>120,56 uma das desculpas para <b>usar</b> a ele não é de que ele <b>defende</b> <b>mulher</b> <b>ganhar</b> menos se isso fosse tão verdade porque diabos ainda existem <b>homens</b> no mercado de trabalho eu sendo empresário <b>só</b> contrataria <b>mulher</b> iria <b>pagar</b> menos.</p>
	<p>117,09 fiz a <b>postagem</b> há <b>dias</b> e vi que ainda tá rendendo <b>assunto</b> os <b>homens</b> estão fazendo analogia ao assassinato <b>estupro</b> primeira coisa <b>homem</b> não tem que ficar palpitando sobre o corpo e as decisões da <b>mulher</b>.</p>
	<p>314,56 pensando nisso a proposta seria de ao <b>invés</b> de tomar tempo da <b>aula</b> de <b>crianças</b> de 5 6 <b>anos</b> de <b>idade</b> com essa conversa contratasse uma psicóloga para cada <b>escola</b> <b>levando</b> em consideração o custo da hora <b>aula</b> de todos os <b>professores</b> dando esse tipo de <b>aula</b> <b>sai</b> mais barato.</p>
	<p>298,56 <b>educação</b> <b>sexual</b> pode ser dada na <b>escola</b> sim na <b>idade</b> certa e com <b>conteúdo</b> próprio antes disso cabe aos <b>pais</b> orientar a <b>criança</b> eu fui orientada desde cedo.</p>
	<p>267,60 quanto a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis <b>acredito</b> que esse <b>conteúdo</b> <b>deve</b> sim ser <b>trabalhado</b> nas <b>escolas</b> porem <b>abordado</b> na <b>idade</b> correta a qual as <b>crianças</b> normalmente <b>iniciam</b> esse tipo de atividade infelizmente.</p>
4	<p>264,73 não <b>apoio</b> <b>educação</b>_<b>sexual</b> que eram defendidas pelo governo do pt acho imprópria <b>educação</b>_<b>sexual</b> na <b>escola</b> tem que ser muito bem orientado no caso acima descrito não é mencionado a <b>idade</b> da <b>criança</b>.</p>
	<p>220,86 você leu a matéria tem a informação de que mais de 75 por cento de <b>crianças</b> e adolescentes sofrem abusos por pais ou parentes próximos.</p>
	<p>216,20 aí os <b>professores</b> <b>continuam</b> com suas <b>aulas</b> normalmente e recebem um treinamento <b>básico</b> de percepção psicológica que servirá simplesmente para acompanhar o comportamento das <b>crianças</b> das suas turmas e ao <b>menor</b> sinal de alteração comportamental.</p>

Fonte: Dados da autora.

## APÊNDICE D – DESCRIÇÃO DOS SEGMENTOS TÍPICOS DA CHD DO *CORPUS*

### MISTO

Classe	$\chi^2$	Segmento de texto
1	99,90	uma página de <b>esquerda</b> condena os <b>brasileiros</b> revoltados dizendo que a <b>solução</b> é a união com os <b>venezuelanos</b> a fim de instaurar um <b>governo</b> de <b>esquerda venezuelanos</b> e agora os <b>brasileiros fogem</b> de seus <b>país</b> uma <b>ditadura</b> de <b>esquerda</b> até o infinito.
	93,93	sim podem ser os <b>brasileiros</b> pedindo <b>abrigo</b> em outro <b>país só</b> que os outros <b>países</b> ajudam sua <b>própria</b> nação e ainda ajudam os <b>imigrantes</b> , mas o <b>brasil</b> não tá dando <b>conta</b> e nem <b>ajuda</b> sua <b>própria</b> nação <b>imagina</b> a <b>população</b> e outro <b>país</b> .
	91,28	<b>venezuelanos fogem</b> de seus <b>país</b> uma <b>ditadura</b> de <b>esquerda</b> dentre os <b>refugiados</b> há inúmeros bons <b>venezuelanos</b> , mas há também muitos que cometem diversos <b>crimes</b> em solo <b>brasileiro</b> .
	80,43	eu mesma estou desempregada há 2 <b>anos</b> e fiz uma entrevista no qual tem um venezuelano trabalhando ou não tem para <b>brasileiro</b> , mas para <b>pessoa</b> de outro <b>país</b> pode.
	79,11	mas esse <b>assunto</b> não deve se tratar apenas de religião nosso <b>país</b> está com a economia muito <b>ruim</b> como todos nós sabemos não tem <b>emprego</b> nem para os <b>brasileiros</b> você acha que vai ter para os <b>venezuelanos</b> não.
	75,28	para a <b>Venezuela</b> morrer de <b>fome</b> por lá e reconhecer que um <b>país</b> como o <b>brasil</b> é <b>difícil</b> de encontrar
2	130,57	o <b>amor</b> de <b>Deus</b> é ágape <b>ama</b> o <b>pecador</b> capaz de dar a vida pelo seu inimigo e assim <b>Jesus Cristo</b> fez você daria a vida pelo o assassino de sua mãe esposa filha ou algo parecido.
	115,59	<b>Jesus Cristo</b> manda a <b>gente</b> perdoar e <b>amar</b> para que possamos ter <b>paz</b> com todos, mas sua <b>palavra</b> também diz que nos últimos dias o <b>amor</b> de muitos esfriaria por aumentar a iniquidade.
	112,46	eles <b>gostam</b> de <b>usar</b> o nome de <b>Jesus Cristo</b> em vão ao meu ver ninguém é verdadeiro <b>cristão</b> então porque todos os <b>candidatos</b> estão errados de algum modo vocês têm que <b>parar</b> de ver <b>erro</b> nos <b>candidatos</b> dos outros e falar mais a <b>respeito</b> do de vocês.
	102,87	<b>certíssimo</b> o post <b>Jesus Cristo</b> não é a favor do <b>aborto</b> , mas também não é a favor da <b>violência</b> da intolerância e da morte <b>Jesus Cristo</b> é <b>amor</b> vida e <b>paz</b> , <b>ele não</b> .
	100,76	ah entendi então o <b>Jesus Cristo</b> que você <b>conhece</b> incentivava as crianças a serem gays e a se masturbarem a defender <b>estuprador</b> defender <b>bandido</b> , hum legal já que <b>citam</b> a <b>bíblia</b> nela diz também que é olho por olho e dente por dente.
	98,12	poxa vocês <b>citando</b> a <b>bíblia</b> também <b>lembro</b> de uma citação de <b>Jesus Cristo</b> que dizia perdoe e ore por ele para que ele também possa chegar ao céu nessa parte que ele fala sobre os <b>bandidos</b> ninguém <b>lembra</b> né.

Fonte: Dados da autora.

## ANEXO A – DADOS DAS PÁGINAS SEGUNDO O *FACEBOOK AUDIENCE INSIGHTS*

### *INSIGHTS (FAI)*

Resultado da busca por páginas com declarado alinhamento político de direita

Página	Relevância	Público	Facebook	Afinidade
Eu era direita e não sabia	1	387,1K	404K	557x
Direita Conservadora	2	338,3K	364,9K	538x
Os Honrados	3	790,9K	867K	530x
Canal da Direita	4	323,7K	369,7K	508x
Bolsonaro Opressor 2.0	5	437K	909,9K	279x
Eduardo Bolsonaro	6	670,2K	1,4m	269x
Socialista de iPhone	7	428,4K	1m	248x
Rio Conservador	8	355,4K	917K	225x
Mamaefalei	9	391,9K	1m	217x
Apenas Homens 3.0	10	324,6K	914,6K	206x

Fonte: Facebook Audience Insights

Resultado da busca por páginas com declarado alinhamento político de esquerda

Página	Relevância	Público	Facebook	Afinidade
Jovens de Esquerda	1	715,2K	759,1K	665x
Meu Professor de História	2	328,8K	699,6K	332x
Burguesia fede	3	311,7K	684,2K	321x
Desmascarando	4	274K	635,4K	304x
Jornalistas Livres	5	388,7K	934,6K	293x
Jandira Feghali	6	344,1K	848,1K	286x
Verdade sem manipulação	7	346,3K	887,7K	275x
Lindbergh Farias	8	285,3K	734,3K	274x
Deboas na Revolução	9	422K	1,1m	262x
Conversa Afada Oficial	10	285,2K	773,1K	260x

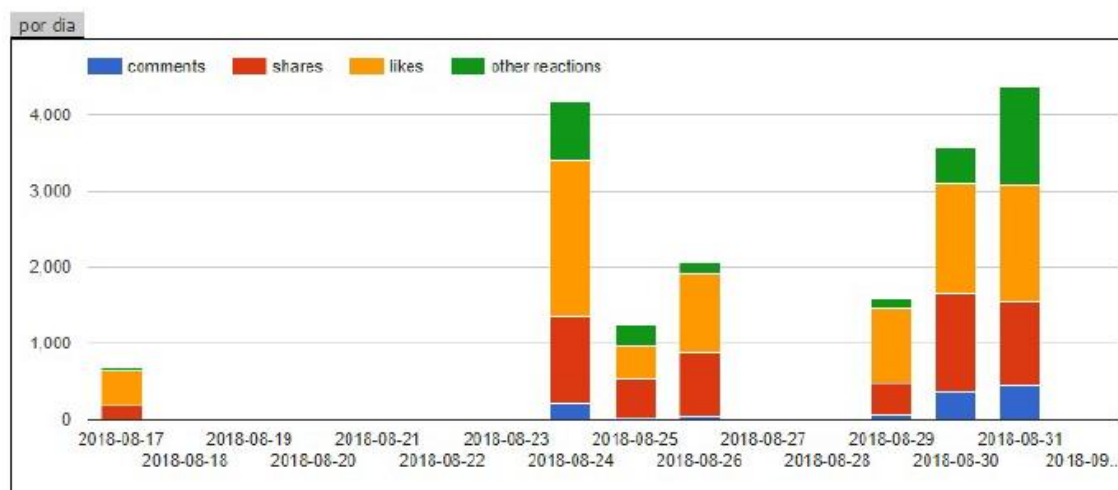
Fonte: Facebook Audience Insights



## ANEXO B – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE DIREITA REFERENTES A AGOSTO

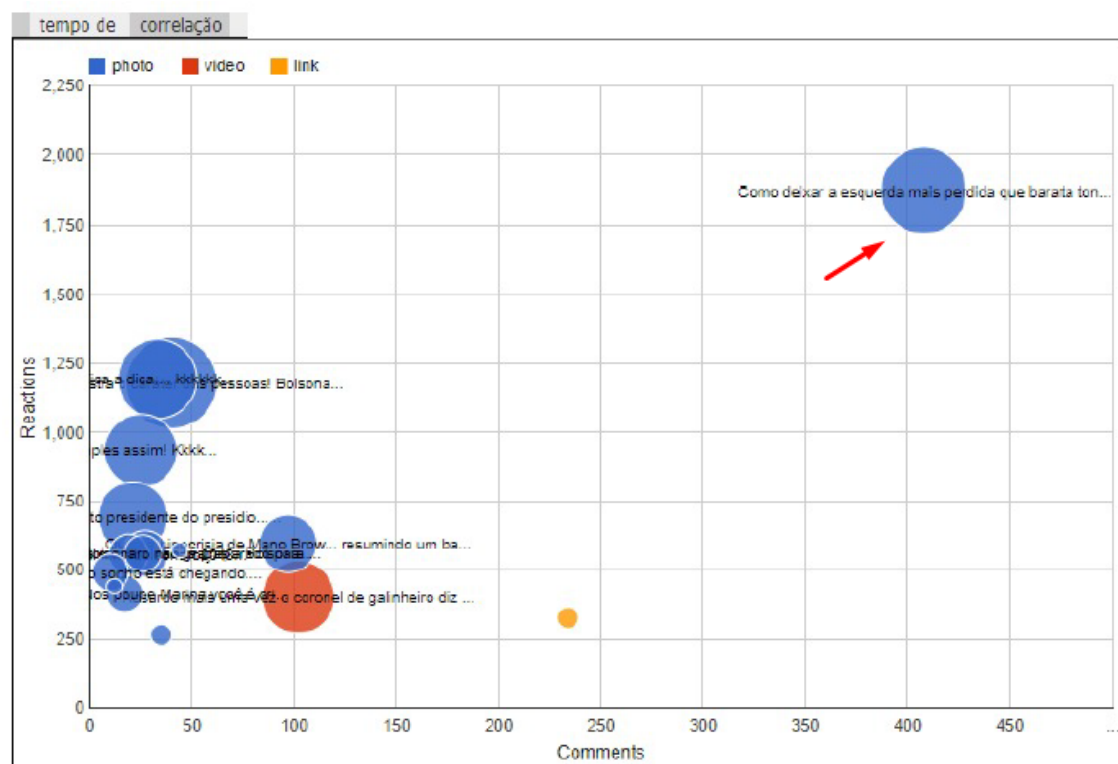
### Número de engajamentos agrupados por categoria

16 posts cobrindo o período de 2018-08-17 21:09:45 para 2018-08-31 21:55:57  
1150 comentários (média 71,875)  
11055 reações (690.9375 média)



Fonte: Netvizz

### Número de engajamentos por publicação

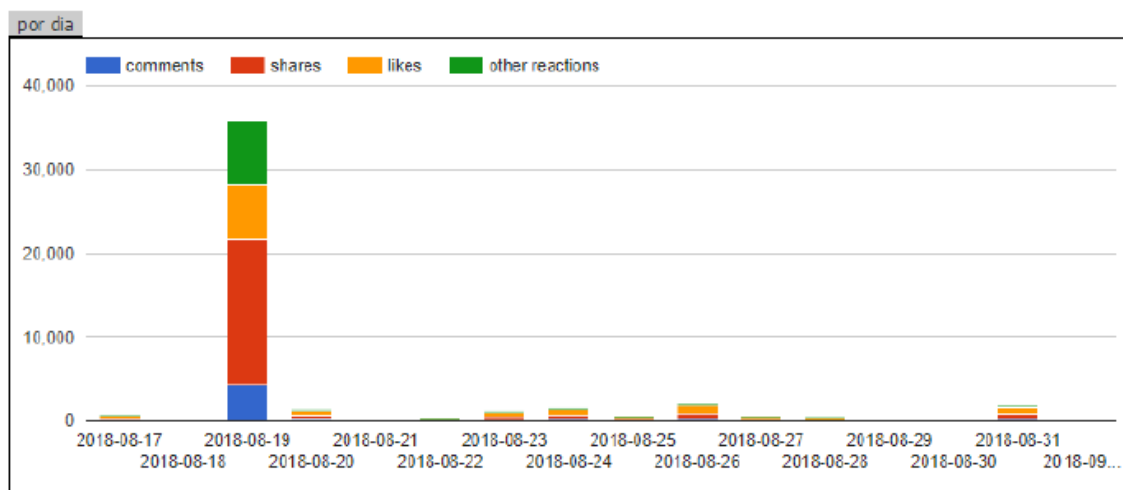


Fonte: Netvizz

## ANEXO C – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE ESQUERDA REFERENTES A AGOSTO

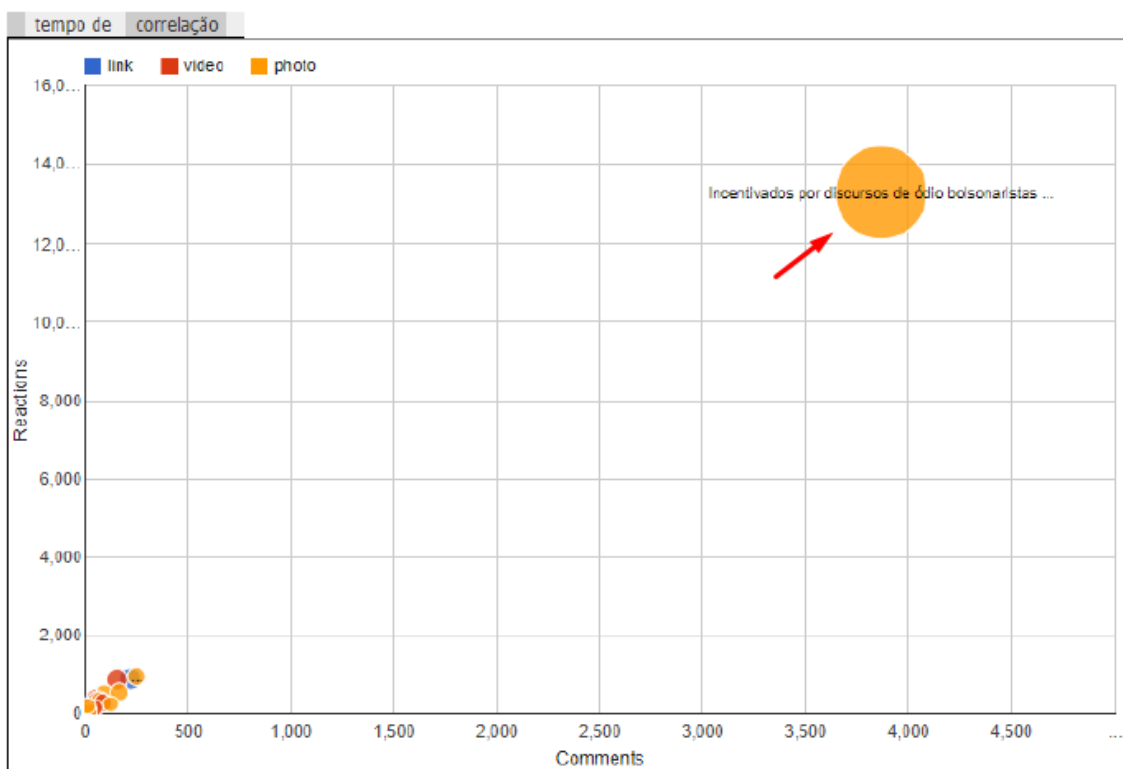
### Número de engajamentos agrupados por categoria

19 posts cobrindo o período de 2018-08-17 20:24:44 a 2018-08-31 20:43:44  
5448 comentários (286.73684210526 média)  
20095 reações (1057.6315789474 média)



Fonte: Netvizz

### Número de engajamentos por publicação

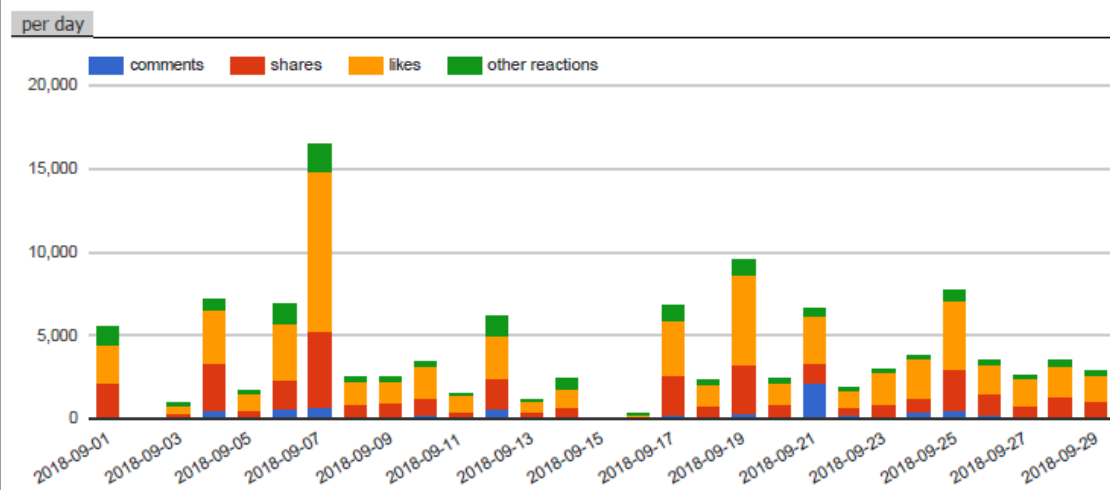


Fonte: Netvizz

## ANEXO D – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE DIREITA REFERENTES A SETEMBRO

### Número de engajamentos agrupados por categoria

230 posts covering the period from 2018-09-01 05:18:42 to 2018-09-29 01:11:06  
7310 comments (31.782608695652 average)  
74622 reactions (324.44347826087 average)

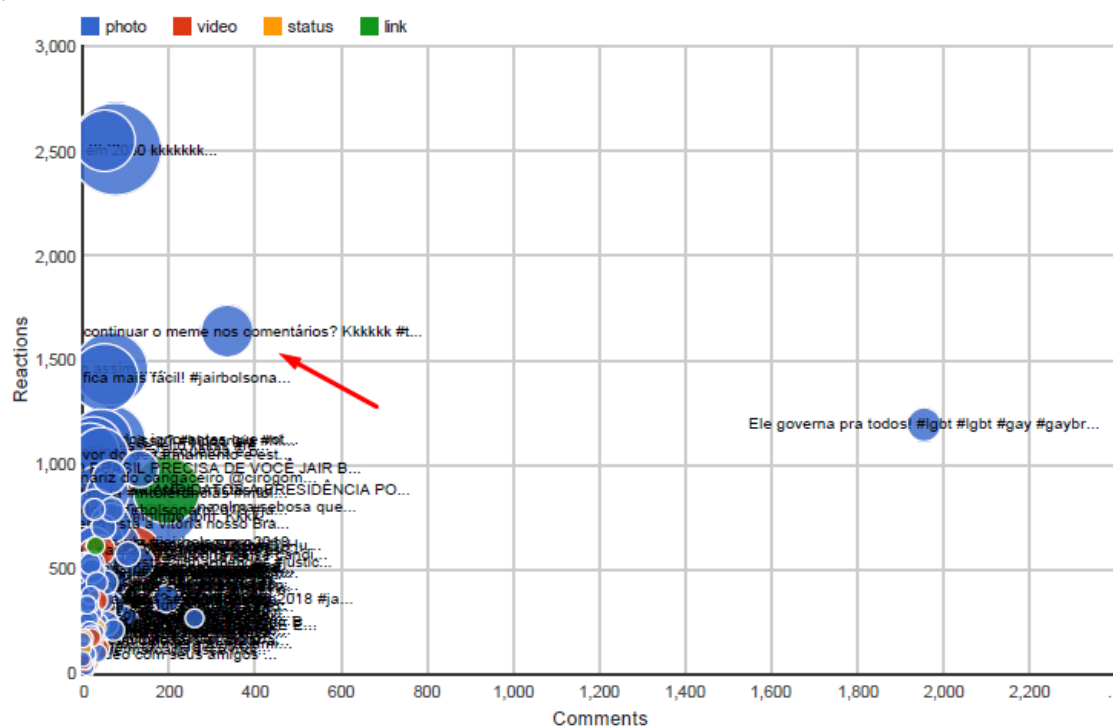


Fonte: Netvizz

### Número de engajamentos por publicação

#### Post Explorer

correlation time

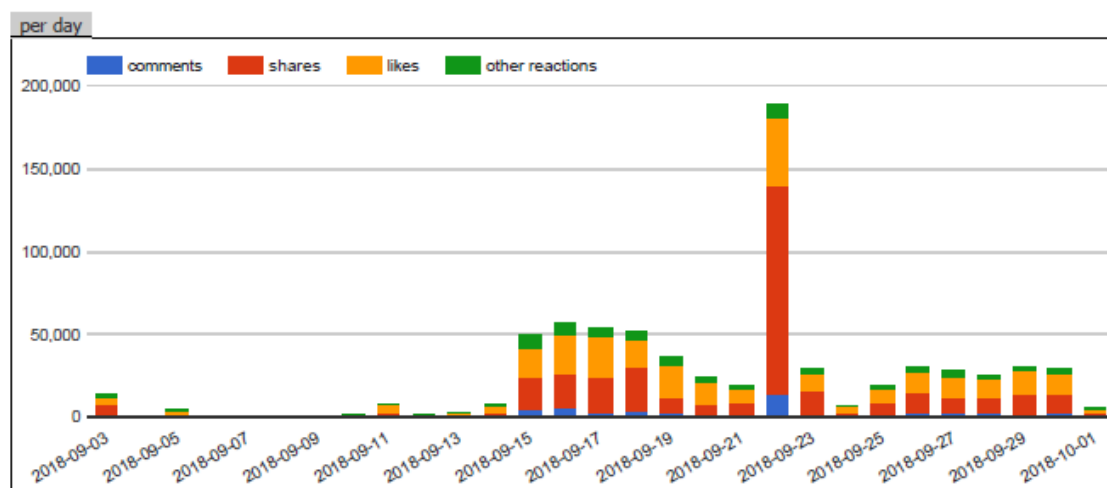


Fonte: Netvizz

## ANEXO E – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE ESQUERDA REFERENTES A SETEMBRO

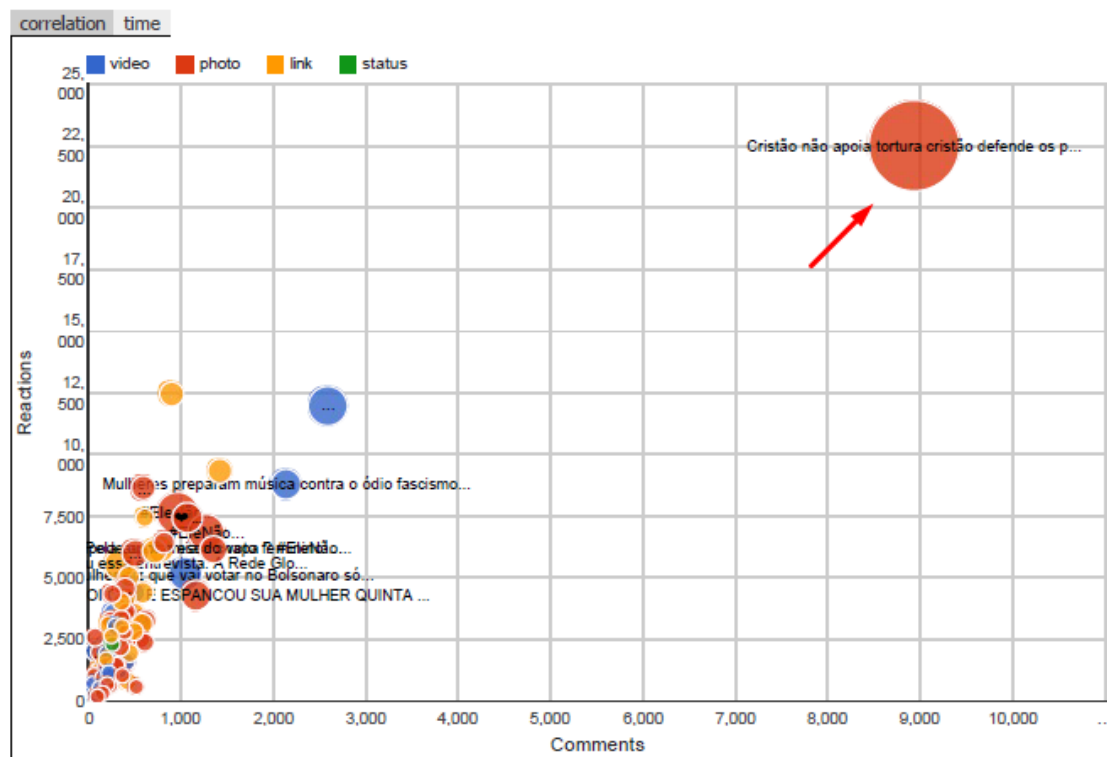
### Número de engajamentos agrupados por categoria

173 posts covering the period from 2018-09-03 04:57:41 to 2018-10-01 01:43:37  
57120 comments (330.17341040462 average)  
353590 reactions (2043.8728323699 average)



Fonte: Netvizz

### Número de engajamentos por publicação



Fonte: Netvizz

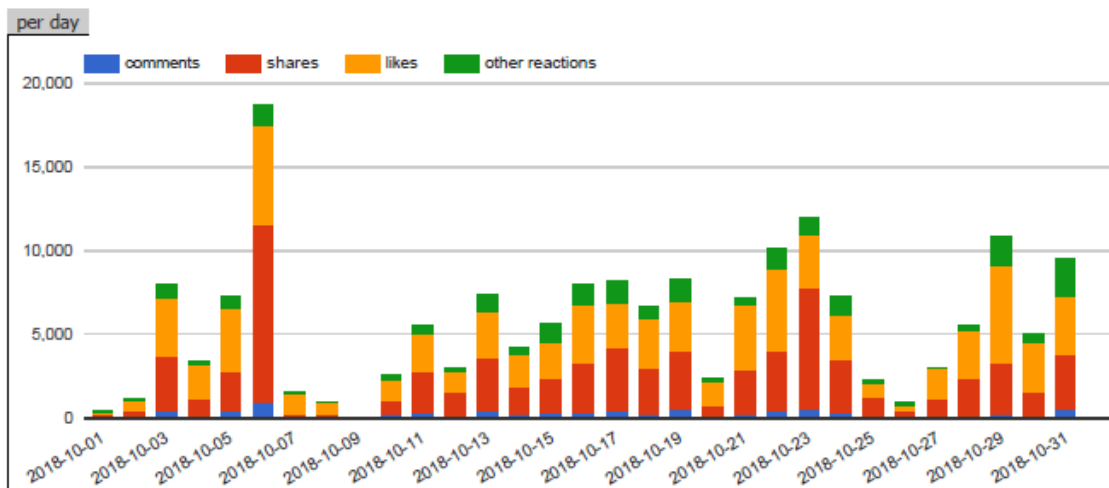
## ANEXO F – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE DIREITA REFERENTES A OUTUBRO

### Número de engajamentos agrupados por categoria

385 posts covering the period from 2018-10-01 20:42:07 to 2018-10-31 21:36:09

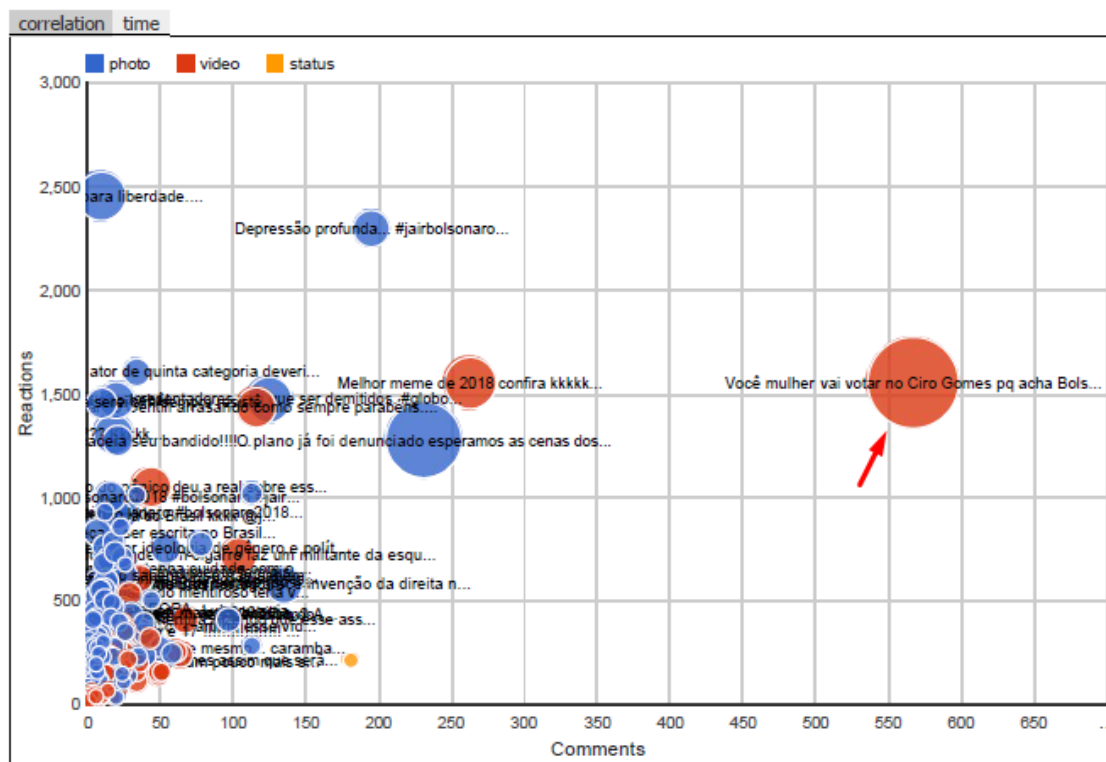
6638 comments (17.241558441558 average)

98490 reactions (255.81818181818 average)



Fonte: Netvizz

### Número de engajamentos por publicação

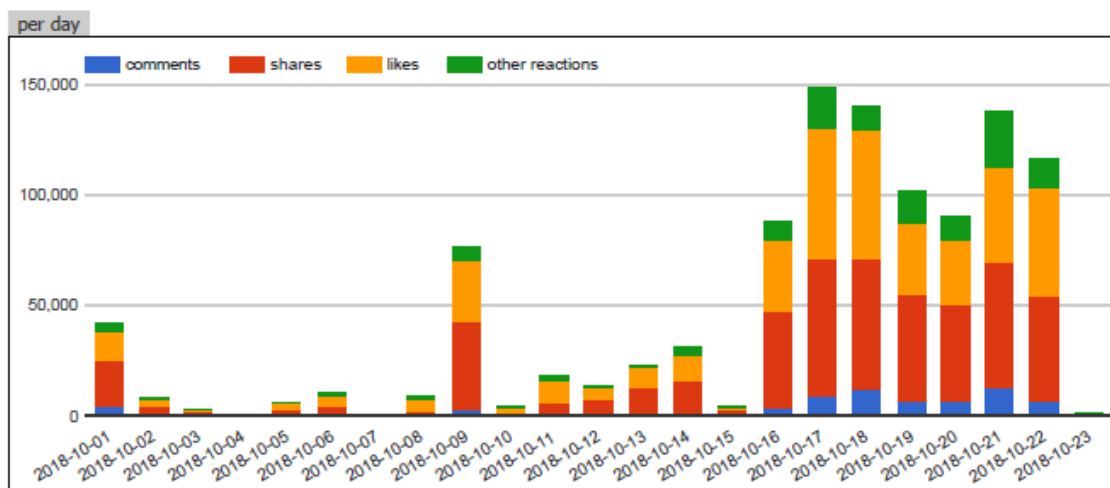


Fonte: Netvizz

## ANEXO G – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE ESQUERDA REFERENTES A OUTUBRO

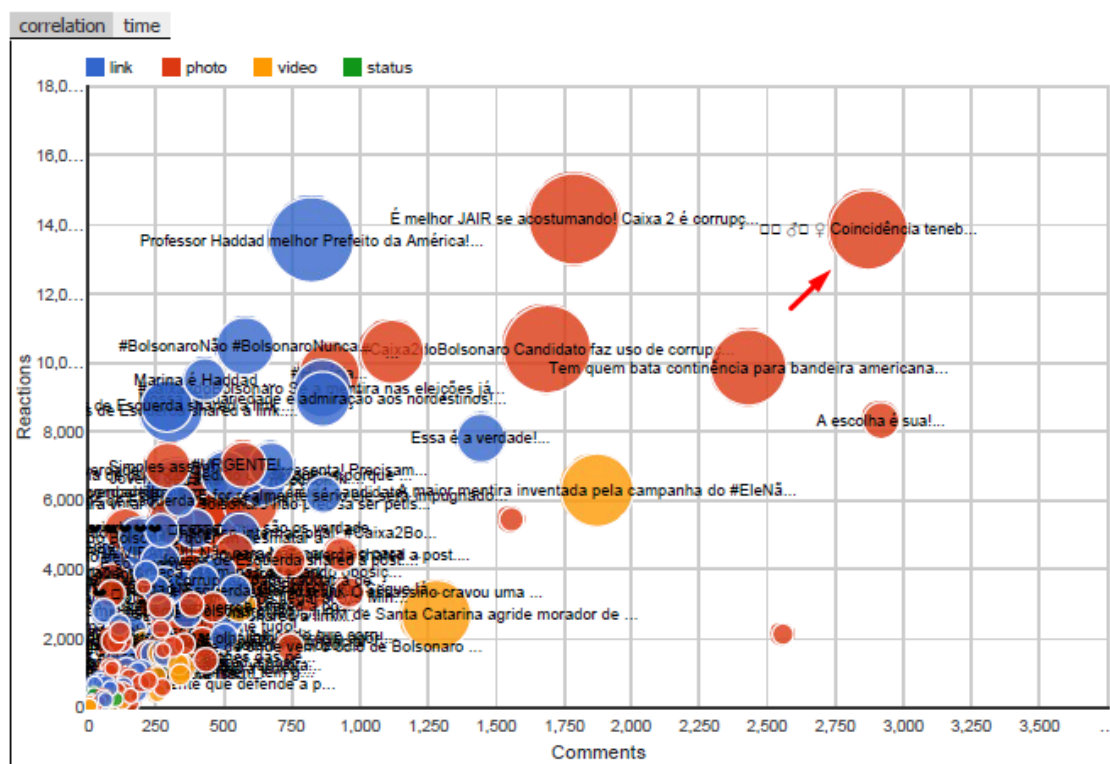
### Número de engajamentos agrupados por categoria

237 posts covering the period from 2018-10-01 02:48:04 to 2018-10-23 01:46:56  
70197 comments (296.18987341772 average)  
536070 reactions (2261.8987341772 average)



Fonte: Netvizz

### Número de engajamentos por publicação

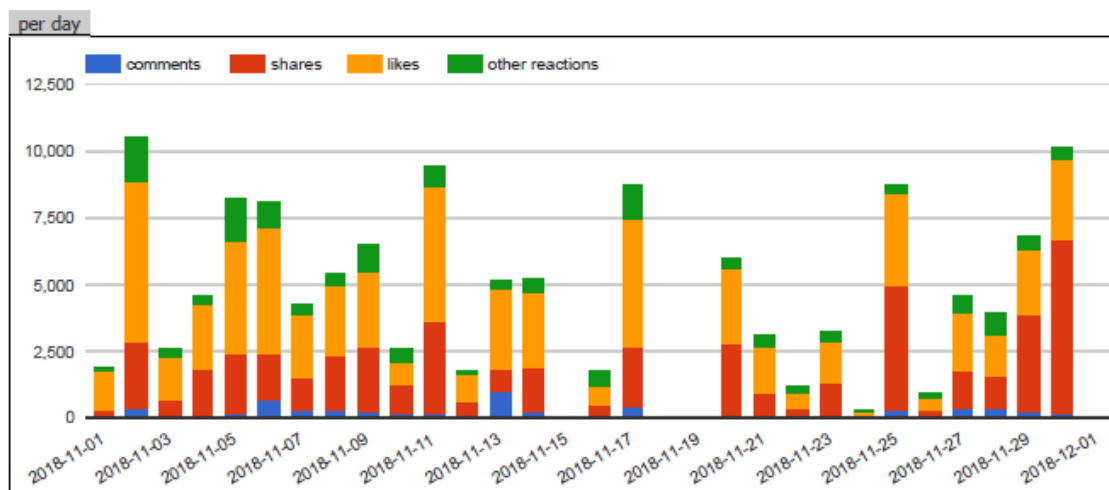


Fonte: Netvizz

## ANEXO H – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE DIREITA REFERENTES A NOVEMBRO

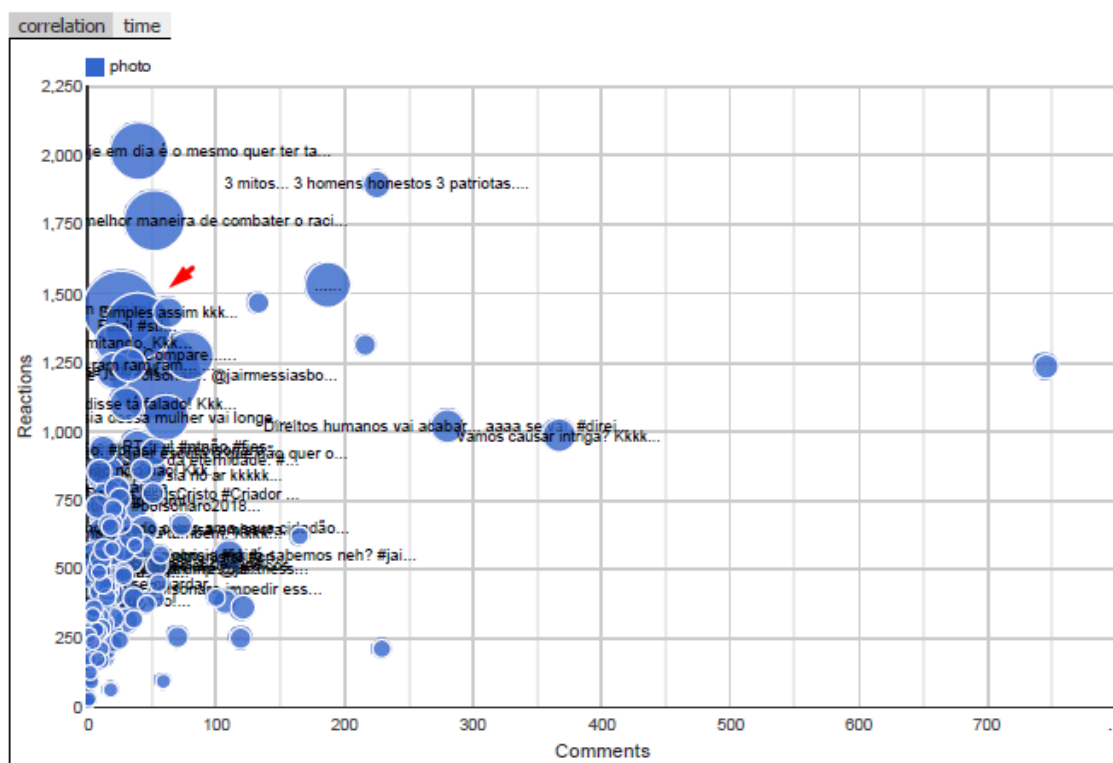
### Número de engajamentos agrupados por categoria

152 posts covering the period from 2018-11-01 19:21:29 to 2018-11-30 23:29:50  
5878 comments (38.671052631579 average)  
82873 reactions (545.21710526316 average)



Fonte: Netvizz

### Número de engajamentos por publicação

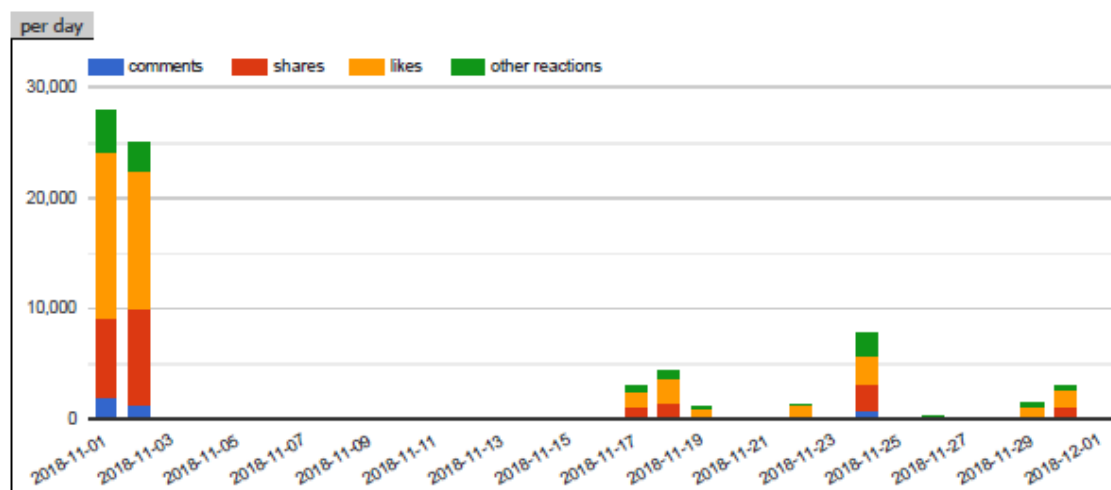


Fonte: Netvizz

## ANEXO I – DADOS DA PUBLICAÇÃO DA PÁGINA DE ESQUERDA REFERENTES A NOVEMBRO

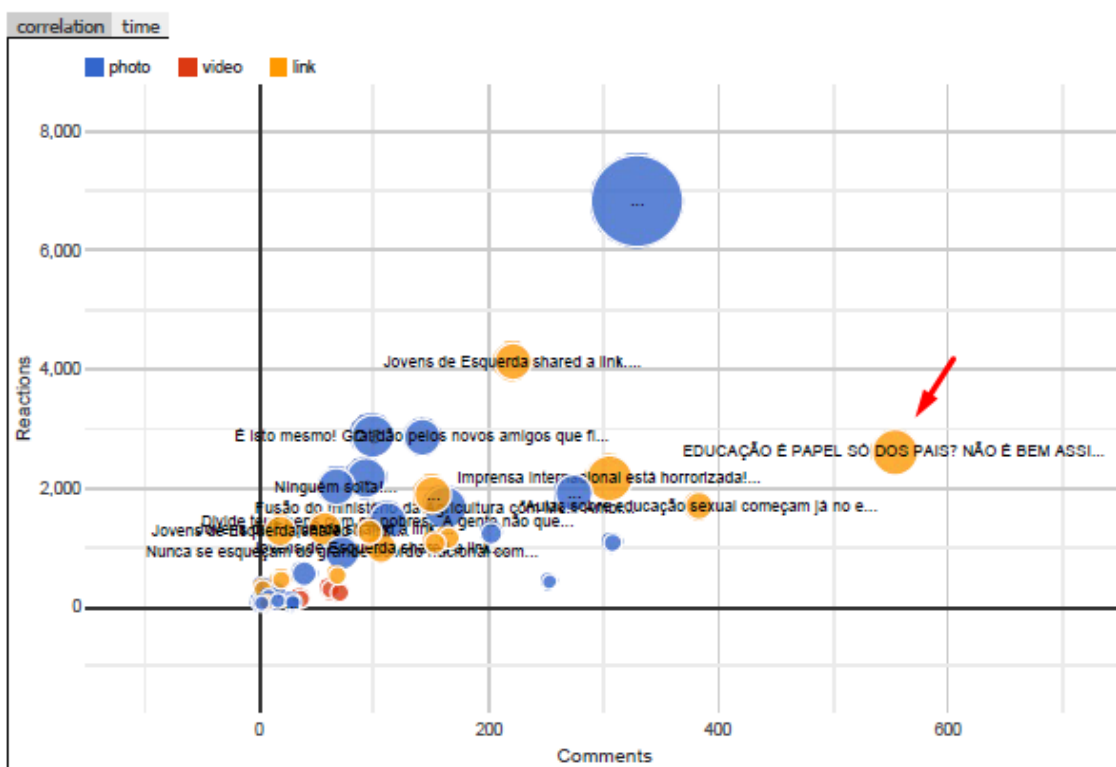
### Número de engajamentos agrupados por categoria

41 posts covering the period from 2018-11-01 02:34:26 to 2018-11-30 18:36:08  
4742 comments (115.65853658537 average)  
48892 reactions (1192.487804878 average)



Fonte: Netvizz

### Número de engajamentos por publicação



Fonte: Netvizz